

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FERNANDA SOFIO

LITERACURA? PSICANÁLISE COMO FORMA LITERÁRIA:
UMA INTERPRETAÇÃO ESTÉTICA VISLUMBRADA

São Paulo

2013

Fernanda Sofio

Literacura? Psicanálise como forma literária:
uma interpretação estética vislumbrada

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo como parte das exigências para
a obtenção do título de Doutor.

Área de concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. livre-docente João Augusto Frayze-Pereira

São Paulo

2013

1

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Sofio, Fernanda

Literacura? Psicanálise como forma literária: uma interpretação estética vislumbrada / Fernanda Sofio Woolcott; orientador João Augusto Frayze-Pereira. São Paulo, 2013.

249 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise. 2. Literatura. 3. Estética. 4. Ficção Literária. 5. Caso Clínico.
I. Título.

RC504

Nome: Sofio, Fernanda

Título: *Literacura?* Psicanálise como forma literária: uma interpretação estética vislumbrada

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutor em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À outra mãe da neta, minha avó, Piti

Ao pequeno Tadeo

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. João A. Frayze-Pereira, que me estendeu a mão em 2008, oferecendo a indiscutível oportunidade de conduzir esta pesquisa e permanecendo presente, assim como à Dudu, que esteve conosco desde o princípio;

A Leda e Fabio Herrmann, que já na adolescência comecei a eleger como “pais psicanalíticos”, que me acolheram e continuam participando generosamente de meu percurso e formação, assim como à Berná, fiel escudeira;

Aos meus professores, em sentido amplo e estrito, Camila Salles Gonçalves, Jaime Ginzburg, Pedro Meira Monteiro, Sylvia Leser de Mello, Iray Carone, Joaquim Aguiar, Judith Butler, Lewis Miller, Caio Gagliardi, Mônica Guimarães Teixeira do Amaral, Munira Mutran, Leandro Karnal, Mara Cristina Souza de Lucia, Maria Lúcia Castilho Romera, Ana Maria Loffredo, Ana Cecília Olmos, Leda Barone, Cecília Orsini e Maria da Penha Zabani Lanzoni – cujos aportes entretecem minha pesquisa, cada um interpondo uma perspectiva singular, alguns provavelmente sem o notar;

Aos primeiros amigos *uspianos*, Ricardo Gomide, Luciana Godoy e Gustavo Dionísio, assim como Renato Tardivo, Alessandra Parente, Deborah Haisch, Abraham Rubin, Vanessa Passarelli, Luiz Moreno, Camila Pavanelli e Graziela Marcheti – cujas contribuições, questões e participação ao longo da pesquisa, direta ou indiretamente foram sempre importantes;

Às caras colegas de grupo de estudos sobre *A infância de Adão e outras ficções freudianas*, em 2006, Luciana Saddi, Iliana Warchavchik e Alice Arruda, que estiveram comigo quando foram indelevelmente plantadas a curiosidade e a inquietação que floresceram nesta tese;

Aos Marcio Giovannetti, Magda Khouri, Claudio Rossi, Guilherme Medina e Myrna Favilli, que em algum sentido foram “coautores” dessa trajetória;

Aos vários colegas e amigos que tiveram participações outras no período de elaboração da tese, como Guillermo Parra-Bernal, Flávio Carrança, Ana Maria Rosenzvaig, Rejane Cutrim, Plínio Montagna, Sonia Carvalho, Sandra Moreira de Souza Freitas, Marilisa Taffarel, Marina Melsohn Lisbona, Raquel Furgeri, Eliana Caligiuri, Silvana Rea, Marina Miranda, Pedro Coelho, Rafael Rodrigues, Mariana Bento, Marcia Wada, Carla Regino, Ricardo Portolano, Gabriela Giacomo, Andrea Peruzzolo, Engrácia Perez, Berta Azevedo, Marcia Stroebel, Thelma Bertussi, Carolina Toledo-Piza, Camila Toledo-Piza, Ana Elisa Rocco, Marcos Maldaun, Addressa Freire del Rey, Andrea Adas, Patrícia Banheti, Cris Machado, Adriana Roitman, José Carlos Mohallem, Jessica Morgan, Richard Oliveira;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e às instituições que me ofereceram lugares de enunciação – USP (IP, FFLCH, HC-FMUSP e IEB), Columbia, Harvard, CETEC, CCG Psicologia, ISS, SBPSP, APsaA, FEPAL e FEBRAPSI – de onde, pela atenção e eficiência, destaque Nalva e Marcos, do IPUSP, Adele e Fabiana, da SBPSP;

Aos pacientes citados, cujas histórias foram no mínimo duplamente interpretadas, primeiro no momento do trabalho clínico, um exercício conjunto, e depois na escrita da clínica, a interpretação da interpretação;

Por fim, últimos e primeiros, à minha família, que me inspira, oferece apoio incondicional e participa de cada conquista, Piti, mamá, papá, Luigi, Chiara, Paquico, Rochi, Nacho, Chiarita, Carla, Karin, Luise, Lucho, Sandra, Alexia, Ludovico, Federico, Giorgio, e os avós – não mais conosco – Fernanda, John e Lucho.

RESUMO

Sofio, F. (2013) “*Literacura*”? *Psicanálise como forma literária: uma interpretação estética vislumbrada*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Parte-se da *teoria do análogo* de Herrmann (2006b) para considerar a possibilidade de identificar Psicanálise (e psicanálises) como forma literária. Segundo esta teoria, todo homem de ciência retira-se para um campo do pensar *análogo* ao de seu conhecimento. Os físicos retiraram-se para as matemáticas e os cientistas humanos e sociais para a literatura de ficção, assim criando teoria. A meu ver, a *teoria do análogo* torna possível a afirmação de constituir a literatura de ficção “matéria prima” da Psicanálise; por assim dizer, seus “tijolos”. Entretanto é com Candido (1957/2009) que se torna possível elencar psicanálises mais definitivamente no campo da estética, a partir dos conceitos de *função*, *estrutura* e *unidade estética*. Considerando-se uma possível harmonia entre *função* e *estrutura* das psicanálises relatadas, estariam definidas nesse campo. Note-se: se a estrutura de quaisquer psicanálises funciona bem ou mal é menos a pergunta desta investigação, que pensar se é possível considerá-las nesses termos. Minha pesquisa levanta estas hipóteses a partir de dois casos clínicos meus e quatro denominadas *ficções freudianas* de Herrmann (2002a) (que aliás é possível que engendrem um gênero literário, transformado a partir daquele inaugurado nos casos clínicos de Freud). As *ficções freudianas* de Herrmann e os meus casos clínicos estão estruturadas pelo método psicanalítico, descrito por Herrmann (1979), buscado em Freud (1893-1895). Adicionalmente, aquelas consideram a produção da Teoria dos Campos e engendram, definitivamente, *unidade estética*. Meus casos clínicos – sendo psicanálises – podem ser considerados como forma literária, no sentido desta investigação, mas não é claro que engendrem unidade estética. Esta é uma distinção entre esses dois, digamos “tipos” de psicanálises estudados, entre outras vislumbradas.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Estética. Ficção Literária. Caso Clínico.

ABSTRACT

Sofio, F. (2013) “*Literacure*”? *Psychoanalysis as literary form: an aesthetic interpretation surmised*. Doctoral dissertation, Institute of Psychology, University of Sao Paulo, Sao Paulo.

I begin describing the *theory of the analogous reign* (Herrmann, 2006b), in order to consider Psychoanalysis, and psychoanalyses, as literary form. According to this theory, every man of science removes himself to a field of knowledge *analogous* to his own to produce knowledge in a particular field. Physicists, for example, remove themselves to the realm of mathematics, and human and social scientists to that of literary fiction, as they produce theory creatively. In my view, it is by the *theory of the analogous reign* that it has become possible to propose literary fiction as the “raw material” of psychoanalyses, its “building blocks”. Nevertheless, it is with Brazilian literary critic Candido (1957/2009) that psychoanalyses may most definitively be contemplated as pertaining to the field of aesthetics, by application of his literary concepts: *function*, *structure* and *aesthetic unit*. In other words, it becomes conceivable that psychoanalyses be aesthetically defined in the realm of Literature, when harmonious relationship between their *function* and *structure* is encountered. It must be added: whether the structure of a particular psychoanalysis functions well or poorly is less the question of this dissertation, than to determine whether it is possible to consider this matter in these terms. My research analyses these hypotheses in four of Herrmann’s denominated *Freudian fictions* (2002a) and two case studies of my own. (The former may offer elements to consider the *Freudian fiction* as a literary genre, as created by Freud and transformed by Herrmann, which is a proposition hinted at by my investigation.) In conclusion, I have found that Herrmann’s *Freudian fictions*, like my case studies, are *structured* by the psychoanalytic method – described by Herrmann (1979) but created by Freud (1893-1895) – although additionally they have a function to consider the theories of the Multiple Fields Theory, and they engender *aesthetic unity*. My case studies may also be considered as literary form – as may psychoanalyses in general, in the sense encountered by this investigation – but it is not clear that they engender *aesthetic unity*. This is one distinction between these two “types” of psychoanalyses studied, among others surmised.

Keywords: Psychoanalysis. Literature. Aesthetics. Literary Fiction. Case Study.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. Da tese explicitada, uma introdução..... | 10 |
| 2. Alicerces teóricos | 31 |
| 3. Interpretações possíveis..... | 56 |
| 3.i. <i>Bondade</i> como andaime para a clínica | 57 |
| 3.ii. <i>Uqbar</i> e <i>Tlön</i> justapostos a <i>Límbia</i> – ensaiando uma aproximação | 71 |
| 3.iii. <i>O escorpião e a tartaruga</i> como ficção literária epistemológica – o quadrado da investigação..... | 86 |
| 3.iv. Ficção joyceana, kafkiana, pessoana (...) – meandros de <i>A infância de Adão</i> | 101 |
| 3.v. Ressonâncias no campo da crítica literária..... | 190 |
| 4. Clínica extensa pela narrativa..... | 196 |
| 4.i. Encontros, desencontros e reencontros com a histeria, via <i>literacura</i> | 200 |
| 4.ii. Um paciente que são dois (ou mais) – os bilhetes..... | 209 |
| 4.iii. Um paciente que são dois – clínica extensa no consultório | 217 |
| 5. Apanhado final | 233 |
| 6. Referências bibliográficas | 237 |

1. Da tese explicitada, uma introdução

A relação entre Psicanálise¹ e Literatura tem sido largamente explorada, tanto da perspectiva literária e crítico literária como da própria Psicanálise.² Entretanto, minha pesquisa se contrapõe à forma que parece-me comum de se explorar essa relação, ao considerar especificamente o imbricamento dos campos da Literatura e da Psicanálise, a partir da *teoria do análogo* do psicanalista brasileiro Fabio Herrmann (2002a: 27, 2006b³ e texto não publicado d⁴). A peculiaridade desta perspectiva, conforme a considero, será destacada ao longo de meu estudo.

De acordo com essa teoria, a literatura de ficção constitui o chamado *reino análogo* da Psicanálise, estando necessariamente implicada no fazer e no teorizar psicanalíticos. A ideia é que todo homem de ciência, ao organizar seus conhecimentos ou descobertas, retire-se para um reino outro do pensar, análogo a seu campo científico. Por exemplo, o físico teoriza a partir do *reino análogo* da matemática, e o cientista humano ou social a partir da literatura de ficção. O historiador, por exemplo, (re)cria histórias, produzindo interpretações do mundo e da história do mundo pela via ficcional literária, analogamente ao fazer do literato.

O *análogo* da Psicanálise, segundo esta hipótese, é o mesmo das ciências humanas e sociais, ou seja, a literatura de ficção: é a ela que o psicanalista recorre para produzir clínica e teoria. A meu ver, é com a *teoria do análogo* que se torna possível pensar a literatura de ficção como “matéria-prima” da Psicanálise. E foi a partir dela que pude formular a

¹ A Teoria dos Campos considera Psicanálise com *p* maiúsculo a ciência ou disciplina da Psicanálise e, com *p* minúsculo, os exemplos de clínica psicanalítica (psicanálise da vida contemporânea, por exemplo), ou seja, suas formas adjetivadas. Na minha pesquisa, aproprio-me desta diferenciação.

² Exemplos nesse sentido podem ser encontrados em Passos (1995), Rosenbaum (2012) e Sampaio (2005).

³ Publicações de Herrmann de 2006 em diante são póstumas.

⁴ As referências a “texto não publicado” (c & d) indicam o *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas* (188 p.), que está dividido em quatro meditações clínicas, que compuseram as aulas expositivas do autor entre 2002 e 2006 na PUC-SP e SBPSP. Como Herrmann adoeceu repentinamente em 2005, o texto em seu conjunto – que ainda seria editado pelo autor – permaneceu inédito. Me pareceu necessário citá-lo como inédito porque, embora alguns itens tenham sido publicados postumamente como artigo, outros – que contêm ideias originais – permanecem não publicados.

hipótese desta investigação – de psicanálises se constituírem como forma literária, eventualmente engendrando unidade estética – a ser explicitada a seguir.

Identifico um parentesco entre a *teoria do análogo* e outra discussão empreendida pela Teoria dos Campos: de o saber psicanalítico construir-se por *interpretação*⁵, não por acumulação. A Psicanálise não estaria ao lado da Literatura, mas implicada nela.⁶

Essa vinculação é contemplada, por exemplo, por Leda⁷ (2006):

“(...) tudo o que pode ser acumulado são os mecanismos ou procedimentos interpretativos, tal como se acumulam e se desenvolvem os procedimentos narrativos na literatura, e não os resultados de cada procedimento interpretativo — que seria como dizer que cada romance deve continuar o anterior —, sendo o método da Psicanálise válido pela sua dimensão heurística de desvelamento, des/cobrimento.” (p. 86)⁸

Semelhantemente, é descrita por Herrmann (2000b):

“Os romances não se acumulam, o que se acumula é um certo saber sobre a literatura. Agora, se juntarmos três bons romances, não teremos um romance melhor que qualquer um dos três. Acho que a forma de ensinar psicanálise é tentar produzir conhecimento. Não porque se vai produzir um conhecimento melhor que o de Freud, mas sim porque vai-se entender como é que uma teoria é construída.” (p. 88)

Isto é, as consequências epistemológicas da *teoria do análogo* para o fazer psicanalítico e o ponto de inflexão desse pensamento, em relação a outras articulações entre Psicanálise e Literatura, destacam justamente esse imbricamento: método⁹ psicanalítico (que permite

⁵ O conceito será considerado no segundo capítulo.

⁶ Há aqui um parentesco com Frayze-Pereira (2004, 2006/2010 e 2007a). O autor contrapõe o que chama de *psicanálise aplicada* (sobreposição de informações externas a um material clínico sendo observado) ao que chama de *psicanálise implicada* (“processo tal que *enquanto faz* nega o feito, o instituído, e inventa o *por fazer* e o modo de fazer, o instituinte.”) (2007a:140)

⁷ Optei por usar o primeiro nome da autora, mantendo o sobrenome, Herrmann, nas referências a Fabio Herrmann.

⁸ Nesta como em todas as citações da pesquisa, optei por atualizar a ortografia de acordo com a nova revisão bibliográfica, embora mantendo as citações em quaisquer outros termos inalteradas.

⁹ *Método* na concepção da Teoria dos Campos não é entendido na acepção cartesiana, mas na sua etimologia, do grego, *meta* (caminho) e *hodós* (para além de). Nesta acepção não há a divisão típica, cartesiana, entre sujeito e objeto.

identificar o que as psicanálises têm de comum, de invariante¹⁰), sendo apresentado por e na *forma* literária (identificando um pertencimento ao campo literário¹¹). Assim, tomar a literatura de ficção como lugar de refúgio do psicanalista para sua produção clínica ou teórica configura-se, a meu ver, original.

Seguindo essa linha de pensamento, embora a Psicanálise não possa ser separada da literatura de ficção – na perspectiva das construções clínico-teóricas da Psicanálise implicarem literatura de ficção – vale observar que a recíproca não é verdadeira: a Psicanálise não está necessariamente implicada na literatura de ficção, pois certamente se pode pensar literaturas de ficção desvincilhadas de Psicanálise.

A afirmação foi questionada por colegas e talvez mereça algum esclarecimento. Nessa perspectiva, um exemplo – não o único – pode ser pinçado a partir de Candido (1988/2004), que descreve a ideia de *literatura empenhada*: “(...) produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas.” Candido destaca, por exemplo, intenções autorais de: “propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc.” (p. 180) A *literatura empenhada* diferencia-se essencialmente da escrita em Psicanálise, porque tem uma intenção que não necessariamente *deixa surgir* algum sentido, para então *tomá-lo em consideração* (Herrmann, 1979: 104-105)¹², o que seria necessário às psicanálises.

Assim, embora as psicanálises possam sempre ser pensadas a partir de sua origem de produção de sentidos literária, a literatura de ficção não caracteriza-se necessariamente como psicanalítica; ou seja, a literatura de ficção é *o análogo* da Psicanálise, mas não o é

¹⁰ Encontro uma analogia para a ideia de método como invariante em Herrmann (1988/1989) no conceito de unidade estética de Candido, que contempla uma harmonização entre função e estrutura na escrita literária. Reporto-me a ambas ao longo de minhas considerações.

¹¹ Este aproxima-se do campo das literaturas, mas conforme qualifica Viala (2004) – em sua resenha do livro *Le littéraire, qu'est-ce que c'est* de Alain Goulet (2002) – a ideia de literatura “chama para si”, atrai nalguma medida, definições acerca do que seria sua “essência”. Já o adjetivo *literário* aponta mais amplamente para um ponto de vista pragmático, empírico, embora traga consigo um eco da primeira, isto é, de uma arte verbal cuja definição modifica-se com o tempo.

¹² Isto é, deixar-se tomar pelo método da Psicanálise, permitindo emergirem os sentidos do paciente (ou do mundo, ao se fazer análises de aspectos do mundo em que vivemos) e considerando-os ativamente.

esta daquela. A Literatura, em geral, e a ficção literária, em particular, não se constroem necessariamente pelo método interpretativo psicanalítico, como é o caso das psicanálises, nem seria a Psicanálise “matéria-prima” necessária da Literatura.

Segue-se a consideração: a partir da *teoria do análogo*, a literatura de ficção não é mais pensada na Psicanálise meramente como simulacro, ilustração, auxiliar, ou seu *outro*, conforme vêm articulando diversos autores.¹³ Está também, mas não só e apenas secundariamente. Tomando-se em consideração esta visada, torna-se peculiar o papel da ficção literária no engendramento das construções teórico-clínicas psicanalíticas, pois ela passa a ser pensada como constitutiva da clínica e da teoria psicanalíticas.¹⁴ É dessa perspectiva que apreendo, por exemplo, a conclusão de Arrigucci (1998): “A psicanálise é totalmente literária, por todos os lados.” (p. 43)

Minha já citada hipótese – ser possível considerar psicanálises como *forma literária*, possivelmente engendrando *unidade estética* – implica, portanto, tão-somente dar um passo em relação à interpretação de Herrmann (2006). A ideia é que, sendo a ficção literária necessária para a interpretação psicanalítica, esta pode ser adicionalmente considerada em sua *forma*, sempre literária, embora nem sempre idêntica. Isto é, seria possível pensar psicanálises como partilhando das formas das literaturas – a forma literária – e que, ao atingirem certa harmonia entre *função e estrutura*¹⁵, no sentido dado por Candido (1957/2009, 1961/2006, 1972/2002 e 1988/2004), cuja raiz é aristotélica (330 A.C./1961), passariam inclusive a partilhar dos domínios da estética literária, entretanto permanecendo no campo da Psicanálise. Eis o resultado: unidades estéticas literárias em Psicanálise.

¹³ Como por exemplo, de diferentes perspectiva, Sampaio (2005), Kon (2001/2003a) e Rosenbaum (2012).

¹⁴ Aliás, é na esteira de Perrone-Moisés (2008) que o concluo. Para ela: interpretar o objeto literário “à luz da psicanálise é uma tarefa (...) tão fácil, que nem vale a pena empreendê-la.” (p. 59) (A citação será retomada na apresentação de meu primeiro caso clínico.)

¹⁵ A ideia de *estrutura* é discutida inclusive por Lévi-Strauss (1963/1968), considerando a antropologia e a linguística. Por outro lado, há diversas definições para a ideia de estrutura (Bastide, coord., 1971), mesmo nos diferentes campos de saber. Algumas tomam-na como aquilo que constrói alguma coisa, sem o qual aquela coisa não seria o que é (como a ideia de método psicanalítico, que permeia as psicanálises aqui contempladas); outras pensam a *estrutura* como os elementos pelos quais se analisa um determinado objeto (ideia não contemplada nesta investigação).

Faz-se necessário explicitar esses conceitos elencados principalmente a partir de Candido, embora também seja importante descrevê-los um tanto quanto a pinceladas, de maneira ampla e não fixa, visando evitar exageros na aproximação. Por exemplo, Candido (1957/2009) descreve seu método de interpretação da literatura brasileira como “histórico e estético” (p. 18). Centro-me na perspectiva estética para pensar o caso das psicanálises.

Parece-me a perspectiva justificável, pois o caráter estético no estudo da obra literária é considerado como supremo – em relação ao histórico ou, por exemplo, às *funções* do texto – inclusive por Candido, que destaca: “[As da má literatura] São posições falhas e prejudiciais à verdadeira produção literária, porque têm como pressuposto que ela se justifica por meio de finalidades alheias ao plano estético, que é o decisivo.” (1988/2004: 181)

Os conceitos de *estrutura e função*, considerados interpretativamente a partir de Candido, permitem-me destacar a ideia de uma *forma* literária das psicanálises, assim como distingi-las das literaturas não psicanalíticas, isto é, apontando para sua singularidade. É que as psicanálises são sempre construídas pelo método interpretativo psicanalítico, o que a meu ver caracteriza uma *estrutura* comum das psicanálises, tanto dos textos psicanalíticos, como de seu próprio fazer, que é reproduzido nesses textos. Quanto às *funções* específicas que elas desempenham, frequentemente transmitem experiências singulares. O fazem por estilos e técnicas diversas, como é próprio do campo literário, constituindo leituras do homem e do mundo, abrangentes e diversas.

Na explicação de Candido (1972/2002):

“há no estudo da obra literária um *momento analítico*, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como *objeto de conhecimento*; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua *função* como síntese e projeção da experiência humana.” (p. 80, itálicos meus)

O momento analítico no estudo das psicanálises por escrito implicaria identificá-las como tal, isto é, constatar sua construção pelo método interpretativo psicanalítico; elas estariam

estruturadas pelo método interpretativo, por *ruptura de campo*. A ideia é que a ruptura de campo é a marca característica da Psicanálise, embora as consequências desse invariante sejam singulares. Ou seja, é sempre pelo desencontro produtivo de sentidos que se cria o novo, anteriormente desconhecido, mas especificamente o que é criado em cada caso diverge. (Os conceitos de método psicanalítico e ruptura de campo serão retomados e explorados mais a fundo no segundo capítulo.)

O momento indicado por Candido como sendo *crítico* – embora não me pareça que se trate de momento cronológico – seria o de considerar a discussão singular empreendida por cada psicanálise, que no caso destas sempre diz respeito à *experiência* humana (entendida ao longo da pesquisa a partir de Benjamin, 1933/2008). Seria também o momento de pensar a *forma* específica de cada psicanálise, dentro do campo literário, contemplando a eventualidade de se encontrar uma *unidade estética*.

Candido (1988/2004) explicita seu conceito de *função*, definindo-o relativamente à das literaturas em geral:

“A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). (...) Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (pp. 176 e 180)

A *função* dos textos psicanalíticos, como das literaturas, é variável, discutindo aspectos diversos da experiência humana, embora sua *estrutura* implique uma construção comum. Já a ideia de *forma*, requerida na de *forma literária*, pode ser compreendida no seu sentido mais amplo, indicando – como se vem considerando – a participação das psicanálises no campo literário. A forma da *forma*, por assim dizer, é definida nos dicionários de filosofia:

“[Para Aristóteles] A matéria é aquilo *com o qual* se faz algo; a forma é aquilo que determina a matéria para ser algo, isto é, aquilo *pele qual* alguma coisa é o que é.

Assim, numa mesa de madeira, a madeira é a matéria com a qual é feita a mesa, e o modelo que o carpinteiro adotou é a sua forma.” (Mora, 1994/2001: 302-303)

De uma perspectiva estética, acrescente-se:

“Na estética, é costume distinguir entre a forma e o conteúdo. Esta distinção é semelhante à que se estabeleceu em metafísica entre a forma e matéria, mas enquanto metafisicamente a forma é não-sensível (é ‘intelectual’, ‘conceitual’, etc.), esteticamente é sensível. Além disso, enquanto do ponto de vista metafísico a matéria é aquilo com que se faz alguma coisa que acabará tendo esta ou aquela forma, algo que está determinado por tal ou qual forma, na estética o conteúdo é o que se faz, ou o que se apresenta dentro de uma forma.” (Mora, 1994/2001: 305-306)

Minha ideia é que *aquilo pelo qual a Psicanálise é o que é* é literatura de ficção, indicando ser sua *forma* literária, embora aquilo que ela produz seja o método psicanalítico. Essa possibilidade justifica considerar psicanálises como forma literária, isto é, como partilhando de uma *forma* mais ampla, caracterizada como *literária*, à que pertenceriam todos os escritos literários.

Nesta investigação, trabalharei minha hipótese a partir de exemplos específicos. Serão tomadas quatro *ficções freudianas* de Herrmann (2002a), considerando-se inclusive o sentido de *ficção freudiana*, e dois relatos clínicos meus. Vale um preâmbulo – que não deixa de ser uma espécie de *mea culpa* – pois se a *estrutura*, particularmente dos relatos clínicos, *funciona* bem ou mal, se os relatos atingem de fato *unidade estética* pela harmonia de *função* e *estrutura*, é menos a preocupação desta investigação que pensar se seria possível atingi-la, se é cabível pensar nesses termos. Assim, minha questão é: será possível contemplar, da perspectiva de uma estrutura estética, seja os exemplares psicanalíticos analisados¹⁶ na pesquisa (as *ficções freudianas*), seja os construídos (os relatos clínicos)?

Valerá uma apreciação dos achado dessa pesquisa ao final dessa investigação. Introdutoriamente, apenas cito mais uma vez Arrigucci (1998), que aproxima Literatura e Psicanálise ao destacar os *casos* de ambos: “Posso fazer o seguinte: discutir mais a fundo as implicações e entrar em estudos de caso – não nos seus, mas nos meus!” (p. 25) Referia-se

¹⁶ Note-se que as análises evidenciaram aspectos literários e psicanalíticos das narrativas em questão, embora seja provável que eu privilegie os psicanalíticos, considerando minha formação primordialmente psicanalítica.

a estudos de casos psicanalíticos (seus) e literários (meus). Parecem-me estar aparentados uns aos outros pelo que concerne a sua *forma*: trata-se de “exemplares” de cada, como que “ensaios” literários e psicanalíticos.

Nota de um percurso

O escrito final da tese, também um resultado da pesquisa, comporta: esta introdução, um breve capítulo mapeando o campo teórico em que minha pesquisa se desenvolve, quatro análises de *ficções freudianas*, dois relatos clínicos e um apanhado final.

Cheguei a essa organização primeiramente como resultado de um estudo bibliográfico que conduzi, paralelamente ao estudo sistemático, desde 2006, de *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (Herrmann, 2002a). Este último desdobrou-se noutro estudo, menos sistemático, das obras dos autores literários que claramente influíram no livro de Herrmann, conforme ele próprio cita. (p. 18-20) Trata-se de Joyce (particularmente *Ulisses*), Kafka (particularmente as parábolas, as histórias curtas e *O processo*) e Fernando Pessoa (particularmente a “gênese” dos heterônimos e a ideia de *ortônimo*).

Do livro de Herrmann em si tem-se pouco estudo crítico. Algumas páginas foram-lhe dedicadas por Leda (2004/2007: 50-52 e 375-376), dentro do contexto da tese da autora, nas quais uma análise mais detida de cada narrativa parecer-me-ia impossível. E Kon (2003b) faz uma resenha, mas que não se propõe como estudo crítico. Há, isto sim, uma espécie de resenha-testemunho do próprio autor acerca de seu livro, publicada em 2007, a ser discutida adiante.

Na leitura inicial das ficções freudianas, despontaram muitas questões que propulsionaram minha investigação adiante, como: seriam exemplos de Literatura ou de Psicanálise? Como e de qual perspectiva seria possível fazer uma análise desse livro, uma resenha ou outro comentário? Seria melhor discutir o livro todo ou cada uma das *ficções freudianas* que o compõem? Nessa perspectiva, o narrador é um ou são vários? Foi se tornando possível penetrar no livro com o estudo também paralelo da *teoria do análogo* e, concomitantemente, considerar a hipótese de ele ser composto por psicanálises, porém

construídas literariamente como unidades estéticas (cada uma das *ficções freudianas*) e unidade estética (o livro).

Houve um achado interessante: na escrita final da pesquisa, em fins de 2012, surpreendi-me ao retomar a leitura do *IV Encontro da Teoria dos Campos por escrito*, tendo o evento ocorrido em 2005, sendo transformado em livro em 2008. Encontrei formulações *en passant*, inexplicadas, de Herrmann, como que dando um recado final da trajetória de sua obra – pois ele já estava doente – talvez indicando para onde ela se dirigiria. Eis que me deparo com ideias semelhantes à de minha investigação! A mais surpreendente delas – porém não retomada nas magras páginas que constituem os comentários de Herrmann nesse livro, também publicado postumamente – é: “Abrindo completamente a questão, *como forma literária a Psicanálise* é um caso de intimidade extrema com os atos que perfazem a análise, não apenas com o contato com o paciente” (p. 255, *italico meu*).

A formulação de minha hipótese percorreu um caminho diferente, já descrito, mas vale acrescentar uma explicitação acerca da sequência dos acontecimentos. Em 2008, à época em que redigia minha proposta inicial para a FAPESP, pedindo bolsa de estudos, me sentia quase desanimada por achar que minha investigação não constituiria uma tese. Meu orientador me contestou: “É claro que constitui. Sua tese é que a Psicanálise é um gênero literário.” E foi possível enviar a proposta para a FAPESP.

O próximo passo seria aprofundar o estudo de autores de Literatura e crítica literária, começando a apreender melhor a ideia de gênero literário. Foi depois de alguns cursos na FFLCH-USP que pude desenvolver a hipótese final da pesquisa, de tratar-se, de fato, da possibilidade de uma *forma literária*, ao me deparar com a frequente conotação de gênero literário fixo, hegeliana. Nesse sentido, a ideia de *forma literária* nasceu da possibilidade de uma formulação mais precisa e maleável.

Outro aspecto parece-me fundamental para a formulação de minha hipótese: a possibilidade de minhas associações livres – e nossas, incluindo-se Frayze-Pereira – terem contribuído para sua construção. Não vejo tal aspecto, difícil de qualificar, como problemático. Com

Freud, de fato o considero como ferramenta imprescindível da pesquisa. O percurso da transformação da ideia de *gênero literário* para *forma literária* é um exemplo, nesse sentido.

Das escolhas

A formulação de minha hipótese – constituírem-se psicanálises como forma literária – resultou de um estudo inicial, anterior ao até aqui apresentado. Compôs-se, como já foi brevemente mencionado: do estudo das ficções freudianas de Herrmann (2002a), enquanto unidade, da consideração da *teoria do análogo* na Psicanálise e das relações entre estas e a bibliografia consultada de outros autores. Foi a partir dessa pesquisa inicial que pude restringir meu objeto de estudo nesta tese especificamente às quatro ficções freudianas analisadas e aos dois relatos clínicos meus. A pesquisa inicial, portanto, teve uma função importante no meu trabalho. Retomo-a aqui parcialmente¹⁷, começando com alguns comentários a partir de Freud, criador da Psicanálise, que inaugurou o caráter intrínseco da relação com a Literatura.

Nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), vê-se como que impor-se a Freud a construção da Psicanálise. Na “epicrisis” do caso de Elisabeth Von R. (1895), o quinto e último estudo, ele assinala desconforto e explica que, na ausência do que chama de “selo de seriedade” próprio aos “textos científicos”, há de se consolar, pois a natureza do material é tal a exigir dele relatos semelhantes a breves novelas. Sendo assim, os resultados obtidos por Freud são fiéis ao que surge na relação com suas pacientes; eles têm, por assim dizer, a cara das pacientes, não das teorias científicas vigentes à época, nem das que vai criando. Nas palavras de Freud:

“(…) resulta-me singular que os historiais por mim escritos sejam lidos como breves novelas, e que deles esteja ausente, por assim dizer, o selo de seriedade que leva estampado o científico. Por isso tenho que me consolar dizendo que a responsável por esse resultado é a natureza do assunto, mais do que alguma predileção minha; é que o diagnóstico local e as reações elétricas não cumprem maior papel no estudo da

¹⁷ Parte desta foi publicada, com o mesmo título da tese mas sem o subtítulo, na *Revista brasileira de Psicanálise*, 44, em 2010.

histeria, enquanto que uma exposição em profundidade dos processos anímicos como a que estamos habituados a receber do poeta me permite, mediando a aplicação de umas poucas fórmulas psicológicas, obter uma sorte de intelecção sobre o desenrolar de uma histeria.” (p. 174)

Já nos primórdios dessa disciplina, o depoimento freudiano testemunha a favor de uma relação intrínseca entre Psicanálise e Literatura, não por imposição ou artifício externos, mas por revelar-se assim no âmago da clínica. De fato, não se submetendo ao que seria o *selo da ciência clássica*, tão prezada por seus contemporâneos, nem buscando alguma teoria que o justificasse externamente, Freud vai permitindo que sua interpretação clínica vá se desenvolvendo nesse sentido, literariamente.

Esta apreensão dos históricos clínicos freudianos não é a-histórica, nem nasce espontaneamente em minha pesquisa. Por exemplo, encontro em Maud Mannoni (1979/1982) um reforço para minha posição, quando ela afirma: “Para Freud, a teoria analítica aponta ao delírio ou à ficção”. (p. 17). Sampaio (2000), para dar mais um exemplo, também considera essa perspectiva, ao trabalhar as “margens da palavra” na obra de Guimarães Rosa, especificamente no conto *A terceira margem do rio*: “Dirigimo-las (criações de histórias de homem) a uma terceira margem da existência, margem insólita, assombrada, imaginária e ao mesmo tempo simbólica e referente. Talvez nisto encontre-se a possibilidade da experiência analítica.” (p. 90)

A fidelidade de Freud ao método psicanalítico, que persegue a interpretação e permitindo a emersão do novo, parece-me evidente. Nesse sentido, é certo que Freud construiu teorias. E também que muitas vezes as reencontrou em seus pacientes. Mas, quando não as encontrou, como por exemplo no caso Schreber (1911), não se recolheu: construiu uma nova teoria por *interpretação* (definida no capítulo 2).¹⁸ Vendo não sustentar-se a teoria construída para o histórico, tornou-se necessário para Freud criar algo novo, e ele criou, o que resultou em suas construções sobre a teoria do narcisismo. Assim, é possível contemplar a qualidade interpretativa da Psicanálise, desde seus primórdios, pela pena e experiência de ninguém

¹⁸ Isso implicaria, no dizer da Teoria dos Campos, ser o método anterior à formulação teórica em Psicanálise, logicamente precedendo-a. (Leda, 2004/2007: 376)

menos que o próprio Freud. Indiscutivelmente, sendo criador da Psicanálise, ser-lhe-ia impossível encontrar suas teorias prontas.

Ao longo de sua vida transformada em obra, Freud continuou a percorrer o estudo na fronteira, no espaço entre literatura de ficção e Psicanálise. Em 1909, publicou *O romance familiar dos neuróticos*, relacionando logo no título o material clínico psicanalítico à forma literária romance. Abandonada a teoria da sedução, Freud investiga o que chama de “novela” ou “romance” familiar dos neuróticos, que considera ser criada/o pelo sujeito para dar conta de seu mundo psíquico, de seus sintomas e suas angústias. Nesse sentido, pode pensar-se o caso clínico como um tipo particular de ficção literária, tornada objeto de investigação da Psicanálise e constitutiva desta.

Por outro lado, textos também freudianos como as interpretações da *Gradiva* de Jensen (1909), dos contos de Hoffmann (1919) e de Hamlet (1900), assim como o próprio estudo das memórias de Schreber (1911) foram produzidos a partir de obras literárias, com finalidades não idênticas. Em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (1909) investiga propositadamente a relação entre a Literatura e a Psicanálise, ao indagar, assombrado: “Como chegou o poeta ao mesmo saber que o médico (...)?” Isto é, o que produz o saber literário e psicanalítico, e porque se assemelham?

Um século mais tarde, torna-se possível afirmar que se os fazeres de poeta e de médico (Freud) usam da interpretação, não tomam a verdade como fato, e a pergunta de 1909 deixa de causar espanto. Nem é retórica a pergunta de Freud, porque tem como suposto ambos chegarem ao conhecimento pela interpretação, como é próprio tanto à Literatura quanto à Psicanálise.

Há que se destacar, consideradas essas pinceladas acerca de aspectos da obra freudiana, por assim dizer “dois Freud” presentes na sua obra: aquele, interpretativo, que persegue o método psicanalítico em seus textos e o que descreve conhecimentos já obtidos anteriormente, não produzindo novas interpretações ou mesmo “aplicando” conhecimentos

externos a uma dada experiência. É ao primeiro que a teoria do análogo se reporta e que concerne a esta tese.

Se a teoria do análogo se pretende universal e relevante para a Psicanálise, sua pertinência deve ser encontrada para além das obras de Herrmann e Freud, na interpretação psicanalítica em geral, isto é, nos escritos psicanalíticos de modo geral. Eis alguns exemplos contemporâneos de publicações brasileiras que contemplam essa generalização, embora sempre indiretamente e a partir do que se depreende de seus textos, não do que explicitam. Por exemplo, a já citada tese de doutoramento de Sampaio (2000) em princípio se opõe à teoria do análogo. A autora escreve, em referência à *Gradiva* de Freud:

“O que se propõe é uma perspectiva pela qual a psicanálise e o psicanalista aceitem o convite que lhes é feito pelas constelações imaginárias e, deixando-se tocar pela força de fascínio da arte e das produções imaginárias, aceitem esta *colaboração* no trabalho de interpretação, destinado não a negar, não a varrer, mas a despetrificar a condição destas constelações. Que se aceite que a metáfora poética chega muitas vezes antes e com nobres armas, *com luzes de que não dispomos*, ao terreno que nós mesmos gostaríamos de explorar. Este é talvez o mais lúcido ensinamento que se poderia tirar dos encontros de Freud com as criações poéticas e artísticas” (p. 51, realces meus).

Vê-se que o objetivo de Sampaio é tomar a literatura de ficção como instrumento da Psicanálise, ao qual o psicanalista não se deveria negar, por estar a literatura de ficção frequentemente a serviço da interpretação psicanalítica. No texto “Conjugações entre Psicanálise e Literatura”, Sampaio (2005) elucida um pouco mais a forma que toma a literatura de ficção na clínica psicanalítica. Descreve, nos escritos de Freud, o lugar da literatura de ficção como de: 1. outro (quando Freud recorre a uma atitude similar à do ficcionista narrando um caso clínico); 2. modelo (ao afirmar que seus históricos clínicos de 1893-1895, particularmente o de Fraulein Elisabeth Von R., de 1895, parecem-se mais romances do que obras médicas descritivas); 3. objeto (ao tomar a “*Gradiva*” de Jensen, em 1907, o “O homem da Areia” de Hoffmann, em 1919, e a personagem Rebeca de Ibsen como objetos de estudo, em 1916); 4. auxiliar (ao evocar obras literárias, como quando, ao longo da obra, se refere a Goethe ou Dante para falar de um caso clínico); e 5. rival (quando

a literatura parece falar mais da natureza humana do que a própria Psicanálise). (pp. 166-171)

Não é essa a proposta da teoria do análogo, para a qual a interpretação psicanalítica nasce sempre e exclusivamente pelo reino da literatura de ficção. No entanto, vale revisitar mais cuidadosamente o trabalho de Sampaio. Não parece forçado argumentar que seu trabalho analítico ultrapassa a teoria que ela propõe, aproximando-se da teoria do análogo nesse sentido. Isto por que pode-se considerar que, em seu texto, não só a literatura aparece como um auxiliar da Psicanálise, mas também que seu trabalho analítico como que brota da literatura, “nascendo” literariamente. Ora, Sampaio inicia sua investigação dizendo: “Em minha família de origem, somos todos grandes ou pequenos contadores de estórias” (2005: 1), o que facilitaria relatar suas experiências. Isto é, não é a Literatura que se presta como auxiliar da Psicanálise, mas a psicanalista produz interpretação abrigando-se num fazer literário. Afinal, de que serviria a Sampaio (2000: 163-191) trabalhar Guimarães Rosa em seu fazer clínico, se não estivesse colada à construção interpretativa? É a construção interpretativa que tem valor numa psicanálise, nas psicanálises de Sampaio, não a obra literária em si. É o evocar do paralelo, não o paralelo evocado, por assim dizer. A meu ver, é assim que o trabalho interpretativo de Sampaio ultrapassa sua teorização a respeito, o que fala em favor da teoria do análogo, não o contrário.

Outro autor, psicanalista e escritor, que pode se considerar a partir desta perspectiva é Pontalis (1994). Ele inicia seu ensaio falando sobre o *tempo*, identificando nas psicanálises a “recusa de qualquer temporalidade” (p. 97); elas não seriam devedoras de qualquer ordenamento cronológico, como é também próprio do campo da Literatura. De fato, ele descreve, apoiado em sua clínica para fazê-lo, o tempo dos pacientes que não passa quando são tomados por alguma questão, que os leva à análise.

Pontalis qualifica a psicanálise como não sendo de seu tempo, não por ser de outro século, mas por ser “de um tempo outro”, que não passa. (p. 95) Está em questão, descreve ele, o anacronismo do(s) inconsciente(s), já discutido ao longo desta minha tese. O tempo das psicanálises, qualifica Pontalis, é um “tempo sem medida”. (p. 96) Desenvolve: às

psicanálises não concernem as alucinações, mas o alucinatório. (p. 96) Identifico uma aproximação com os discutidos Cortázar, que descreve o conto fantástico, e os comentários sobre *Le Horla* de Maupassant, embora as associações de Pontalis sejam outras: com Proust e Beckett.

Na perspectiva de descrever esse tempo sem medida – como ao longo de seu artigo – o autor mescla poesia à clínica psicanalítica, ao dizer: “o sonho desliga o tempo” (p. 97). Esse tempo desligado é objeto das psicanálises. Complemente-se com sua perspectiva de ficcionalização nas psicanálises, como na História: “Realizo um enredo (como psicanalista) do qual não sou o autor.” (p. 104)

Pontalis finaliza seu ensaio recomendando, provocativamente, que o psicanalista não confie na psicanálise, isto é, explicita, em suas teorias, mas no horizonte por delinear-se. E cita Charcot, precursor freudiano, em francês: “La théorie c’est bon; ça n’empêche pas d’exister” (a teoria é algo de bom; o que não impede de existir). Como se disse ao longo da tese, a ideia é compartilhada por Herrmann, para quem o método, a forma da interpretação, precede as teorias.

São dois os trechos que parecem-me assimilar fortemente a teoria do análogo, sem conhecê-la, nem propor uma semelhante aproximação acerca do imbricamento entre Literatura e Psicanálise. Pontalis diz:

“Freud aprecia os termos da língua que qualquer um pode empregar e que é nosso bem comum. Ele ignora seus recursos, e *‘rememoração’* e *‘repetição’* dela fazem parte. Mas Freud lhes desvia o sentido, *como, aliás, fazem todos aqueles a quem se pode atribuir a criação de uma obra de pensamento ou de uma obra literária.*” (p. 99, o itálico da frase, não dos termos, é meu)

Evidencia-se um parentesco entre interpretação psicanalítica e obra literária, e isto para além de um paralelo. Ou seja, algo relaciona as áreas do conhecimento mais intimamente. Pouco adiante, Pontalis aproxima o trabalho do psicanalista ao do historiador:

“Descobrir que o paciente se inventa romances sucessivos, romance familiar e muito pessoal, sustentar com Serge Viderman, que o analista ‘*constrói*’ uma história na qual no final das contas o analisando se reconhecerá, não há aí de que, me parece, diferenciar nosso trabalho do trabalho dos historiadores, que, eles, sabem há muito tempo que, mesmo a se ater estritamente aos *factos* estabelecidos, a escolha deles e seu encadeamento são uma questão de interpretação, que não existe história sem construção e até que, para os mais ousados, ficção e verdade caminham juntas.” (p. 101, grifo de Pontalis)

Ora, de acordo com a teoria do análogo, o reino ao qual o psicanalista, o historiador e todo cientista social se retira ao produzir conhecimento interpretativo é o da literatura de ficção, como foi dito. Assim, seriam todos como que ficcionistas ao produzir seus escritos, seus ensaios, suas *prototeorias*. O trabalho de Pontalis pode ser considerado paralelamente à perspectiva de Herrmann (2006), porque ele constata semelhanças da natureza dos fazeres das ciências humanas.

Em outro ensaio, Pontalis (1998) faz a analogia entre as entrevistas iniciais para uma análise e uma peça teatral. Nas entrevistas, a peça se mostraria sempre igual, o enredo – mesmo quando alterados detalhes de sua composição – repetitivo, no sentido destacado por Freud, mostra-se o destino do paciente. Com a análise, e o que Pontalis chama “os variantes da transferência” (p. 274), essa história vai se modificando. O analista, ao ser tomado como “objeto suscetível de manter todos os lugares, de preencher toda as funções” (p. 273), se oferece para o paciente como um outro necessário, com quem transformar sua tragédia.

Considerando estas pinceladas feitas a partir dos escritos de Freud, Sampaio e Pontalis, sou levada a observar que tanto a Psicanálise como o fazer literário produzem conhecimentos sobre o homem e a sociedade. Não quer dizer que seja preciso escrever literatura para descobrir coisas na Psicanálise, mas, tal como a teoria do análogo propõe, há uma relação de natureza entre essas duas áreas. Tendo sido o objetivo maior deste intertítulo apontar para o contexto de minha investigação em particular, não parece necessário me alongar nos achados teórico-interpretativos de mais outros autores além destes, embora essa lista seja infundável.

O escopo da minha investigação

As quatro *ficções freudianas* escolhidas, um tanto quanto intuitivamente – mas também a partir do estudo inicial já descrito – mostraram-se intimamente relacionadas: uma oferecendo a perspectiva, sempre literária, do “paciente”, entre aspas porque literário, e em “análise” (seria o processo associativo da personagem “Adão”); outra a perspectiva do analista que interage com um material clínico de maneira franca (o narrador de *Bondade*); a terceira com uma discussão em *alta teoria*, ou seja, de teoria da teoria, sobre o método psicanalítico enquanto *episteme* (*O escorpião e a tartaruga*); e a última nesta enumeração, do *locus* metafórico da interpretação (*Notícia de Límbia*). Tomadas conjuntamente, as narrativas oferecem uma perspectiva ampla da Psicanálise, da Teoria dos Campos, assim como do narrador do livro, *desdobrado* (Herrmann, 2002a: 8) de seu autor.

Dos relatos clínicos, o primeiro foi narrado duas vezes: uma de maneira bastante clássica, intercalando *tempo longo*, *tempo médio* e *tempo curto*, ou seja, privilegiando ora a narrativa da história da análise, ora os diálogos trocados com o paciente (que nesse caso são dois), ora as interações e toques estratégicos, e suas motivações, necessariamente de minha perspectiva. (Trata-se do capítulo 5.ii.)

É clássica a narrativa, mas a situação clínica criada é bastante inusitada: fez-se necessário atender, simultaneamente, dois irmãozinhos, pois a continuidade do trabalho com o mais velho exigiu a presença do mais novo, transformando-se em análise da dupla. Esse trabalho – publicado (2011) e discutido diversas vezes em grupos diferentes (2009, 2010, 2010, 2012) – foi transformado em narrativa ficcional inédita, a partir de minha interpretação dos *não ditos* da família e dos anos da análise desse “paciente” posteriores ao primeiro relato. A transformação (*estética?*) da narrativa constitui o subitem 4.ii., a que denominei *Um paciente que são dois (ou mais) – os bilhetes*.

O segundo relato clínico nesta enumeração, que não é a mesma da formatação da tese, narra a história de duas pacientes mergulhadas no campo da neurose tão trabalhada pela Psicanálise, a histórica clássica, também observando a forma do relato. Primeiro, narro um atendimento de maneira “tradicional” (entre aspas, pois não há *uma* maneira tradicional) e,

depois, transformo um segundo atendimento, de uma segunda paciente histérica, numa espécie de curtíssima peça teatral, fiel à ideia de encenação histérica e – principalmente – aos sentidos que foram surgindo nessa análise.

Assim, são as ideias: pensar a comunicação do material clínico tendo em vista a transfiguração da forma narrativa, e considerar o relato clínico como criativo de uma ficção acerca de cada atendimento psicanalítico, o que fica evidente pela forma literária escolhida. Os relatos falam de uma perspectiva que, em si, é a criação dessa ficção; a transformação da forma narrativa, portanto, implica meramente considerar – de outro ângulo – o mencionado *passo*, aqui em relação a Herrmann e outras teorias em Psicanálise, isto é, apresentar a clínica mais claramente aparentada a seu potencial *estético*.

Literacura, a estranha resenha e seu objeto

O título de minha pesquisa também é digno de nota explicativa. O neologismo *literacura* condensa, muito precisamente, o núcleo da discussão que empreendo. Por um lado, implica *forma literária*, ou seja, literatura no seu sentido amplo, cujo potencial é *estético*. Por outro, implica *cura*¹⁹, a finalidade do método da Psicanálise, identificando as psicanálises como tal. Não fosse assim – conforme é frequentemente objetado – para que se fazem as análises?

O termo surge numa psicanálise particular, uma espécie de *monólogo interior* analítico da personagem Adão, que protagoniza *A infância de Adão* (Herrmann, 2002a), e é nesse contexto que o autor o introduz. (p. 112) Trata-se, portanto, de uma *associação livre* no sentido freudiano, da perspectiva da Psicanálise, mas de um *paciente literário*. Da perspectiva literária, resulta do *fluxo de consciência*²⁰ da personagem, semelhante à técnica literária de Joyce (1934/1990)²¹, conforme termo cunhado por William James (1889/2007).

¹⁹ Nos sentidos dados pela Teoria dos Campos, de cuidar de si e do outro e de maturar, tomar ponto, como na cura do queijo. (Vide: Herrmann, 2000a).

²⁰ Esta tradução do inglês, assim como as outras traduções do inglês, espanhol e francês – que não referidas a outro tradutor – são traduções livres minhas.

²¹ Claro que a técnica é utilizada por diversos autores. Cito Joyce, além de por ser mestre no uso da técnica, porque irei me ater, ao longo da tese, principalmente a aproximações do narrador de Herrmann com Kafka, Joyce e Pessoa, e eventualmente Borges, sendo os três primeiros citados por Herrmann em *A ficção freudiana*, texto literário que define a *ficção freudiana*, e os paralelos com o último, muito encontrados no livro de

Por assim dizer, *literacura* nasce de uma psicanálise *em* ficção literária: é livre associação e é fluxo de consciência. Portanto, no título de minha pesquisa estão amalgamados, literária e metaforicamente, tanto Psicanálise – enquanto método psicanalítico – como forma literária e potencial estético. A articulação guarda parentesco com expressões como: *cura pela palavra* (Breuer e Freud, 1893/2003), *arte da interpretação* (Herrmann, 1991b e 2008d²²) e *ciência poética* (Frayze-Pereira, 2010b).

Literacura não é um termo explorado na obra de Herrmann. É uma dentre as inúmeras construções poéticas que compõem o léxico do protagonista Adão, referido por Herrmann (2007) como *língua adâmica* (p. 21), tendo sido mencionada essa única vez. A ideia de uma *língua adâmica*, por sua vez, não deve ser tomada à risca, pois não constitui uma escolha fixa. Apenas serve para descrever a produção da personagem Adão, elencado nessa espécie de auto-resenha/testemunho de Herrmann.

Quanto à resenha de Herrmann (2007), não se sabe se o autor tinha a intenção de a publicar. De fato, o texto serviu de roteiro para uma discussão em um pequeno grupo na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tendo sido batizado e publicado postumamente por Leda. Cabe questionar, portanto, a confiabilidade do enunciador dessa resenha, que não nasceu resenha, como do livro *A infância de Adão e outras ficções freudianas* em seu todo, cujo complexo objeto são *ficções freudianas*.

Lê-se na resenha/testemunho: “a escrita de alguns dos contos que compõem o livro por vezes representou certo empecilho emocional: era difícil parar de rir e voltar a escrever” (2007: 11). Em mesma esteira, numa entrevista concedida a Leda (2007), Herrmann – perguntado se “quer ou não quer ser entendido” (p. 20) – teria respondido: “Não sei bem. Só sei que não quero ser desentendido. (...) Eu cito até demais pelo avesso, ou mesmo

Herrmann (2002a), inclusive no título: *A infância de Adão e outras ficções freudianas*, que remete-me ao *Ficções* de Borges (1944/2009).

²² As publicações de 2008 (a, b, c & d) são os capítulos curtos do livro que registra o IV Encontro da Teoria dos Campos, ocorrido em 2005. Os capítulos são recados breves dados por Herrmann na ocasião, quando, debilitado pela doença, não podia falar longamente.

plágio. Plágios críticos.” (pp. 20-21)²³ Nesse sentido, o autor objeto de meu estudo é um que, confessadamente, cita (a) o avesso. As *ficções freudianas* caracterizam-se adicionalmente por serem construídas abertamente no campo da literatura de ficção, enfatizando a ideia de um narrador que não deve ser tomado à risca.

Feita a ressalva, retomemos a resenha/testemunho, a ser referida ao longo desta pesquisa, aqui sobre a *língua adâmica*:

“(...) a língua adâmica está ainda a ser criada²⁴, tropeça a todo momento em sua origem arcaica etimológica, equivoca-se de idioma, não se consegue fixar na denotação dicionarizada, escorregando em paronomásias, aliteraões, neologismos bárbaros, e mais toda sorte de agônicas figuras de linguagem, atos falhos, citações obscuras ou equivocadas, plágios ignóbeis cometidos por antecipação e anacronismo.” (p. 21)

Trata-se de uma língua como que brotada de Adão, particular à sua comunicação em “análise”. Tal processo – que será discutido no capítulo 3.iv., dedicado a essa *ficção freudiana* central – ocorre junto a um *senhor*, metafórico e/ou literal, que não emite palavra – semelhantemente ao *senhor* de Riobaldo²⁵ – mas a quem Adão se dirige. A *língua*

²³ A ideia de *plágio* na obra de Herrmann, que terá particular interesse para a análise da *A infância de Adão*, remete-me à descrição de Haroldo de Campos (1981/2008) sobre a chamada *plagiotropia*, segundo ele característica do processo literário, sendo: “produto de revezamento contínuo de interpretantes, de uma ‘semiose ilimitada’ ou ‘infinita’ (Peirce; Eco), que se desenrola no espaço cultural.” Haveria um “*movimento plagiotrópico da literatura* (também no sentido etimológico, do gr. *plágios*)”, diz Campos. Isto é, a Literatura desenvolver-se-ia por: “derivação por ramificação ‘oblíqua’(...)” (p. 75) A ideia de plágio – assim como, se verá, a de paródia – é intrínseca à obra de Herrmann em geral, como se vê particularmente presente em *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002a) e, ainda mais especificamente, em *A infância de Adão* (pp. 77-113).

²⁴ Em Psicanálise, é no diálogo analítico que o sentido se cria, nos tropeços desse diálogo, pelo que Herrmann chama *ato falho a dois*. Embora o *senhor* a quem Adão se dirige não se manifeste diretamente, as consequências de suas falas vêm a conhecer-se pelos sentidos que delas emergem. É que o sentido no diálogo analítico não está determinado, nem pode ser conhecido *a priori*. Nessa esteira, ao discutir a clínica psicanalítica e sua forma de construção de conhecimentos, Leda (2012) usa a expressão *dialeto próprio de comunicação*, que seria construído individualmente e em cada processo analítico.

²⁵ O *senhor* a quem Adão se dirige remete-me ao *senhor* que *organiza* Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, conforme se lê na interpretação roseana de Meneses (2005). Na expressão da autora, narrativas, ou seja, obras literárias, implicam *função* “terapêutica” (p. 123) por acarretarem a organização de experiências. Nas suas palavras: “A criação através da palavra – como na narrativa mítica do *Gênesis* – é sempre uma conquista ao Caos.” (p. 135) A ideia de uma função organizadora da literatura tem raiz em Candido (1988/2004: 177, 180 e 186), conforme cita a autora (p. 122); já a de *função terapêutica* – num sentido se não idêntico, muito semelhante, ao de Meneses – foi definida por Herrmann (1986b).

adâmica, discutir-se-á, constitui a *literacura* da personagem, isto é, sua psicanálise como *unidade estética*.

2. Alicerces teóricos

A ideia é dar contorno a um assunto infinito, tomando um punhado de areia, também infinita, sem incluir a vasta praia que abriga o desenvolvimento teórico da Psicanálise a partir da Teoria dos Campos. Isto é: resenhar alguns conceitos e discussões clínicas desenvolvidos psicanaliticamente. Considerando o caráter infindável de qualquer tentativa mais efetiva nesse sentido – que seria tragicômico ou abarcaria outra tese – escolhi restringir-me a algumas ideias e conceitos, mais frequentemente usados em meu estudo, pois considero-os pertinentes à investigação e a tarefa possível. Espero que o exercício seja produtivo, visando um outro: proceder às análises nos capítulos seguintes.

Abrangência da pesquisa e o papel de Freud

Em sua tese transformada livro, *Leda* (2004/2007), a quem Frayze-Pereira (2007b) classifica como “a leitora que mais sabe da obra desse autor em nosso meio” (p. 32) – portanto, em qualquer meio – identifica ter o pensamento de Herrmann nascido *inteiro*, estando presente em cada parte de sua obra e que, embora se desenvolva, não altera seu rumo inicial. Minha apreensão da concepção de *Leda* é de ser possível a entrada no pensamento de Herrmann por qualquer parte da obra, considerando que cada “parte” se reporta ao todo, não independente das outras, mas constituindo um aspecto, uma perspectiva. Vale a consideração que a pesquisa de *Leda* (2004/2007) considera a produção de Herrmann desde seu surgimento até 2002, excluindo publicações posteriores.

É nessa esteira, alinhando-me com essa interpretação, que busco uma aproximação das psicanálises produzidas por Herrmann (2002a) – por ele chamadas *ficções freudianas* – com o escopo de seu pensamento, portanto entendidas como constituindo uma perspectiva maior. É que as *ficções freudianas*, nesse sentido, reportam-se ao pensamento de Herrmann – são um exemplo dele – e este à Psicanálise.

Nesse sentido, inicialmente o subtítulo de minha pesquisa seria: *uma interpretação dentro da Teoria dos Campos*. Mostrou-se, entretanto, improdutivamente controverso, mesmo contraditório, pois a Teoria dos Campos é considerada por Herrmann (2008a) – ninguém

menos que seu autor primário – como sinônimo de Psicanálise, não como parcela sua ou produção paralela, pois penetra seus fundamentos, refinando sua definição.

De fato, não é por acaso que as *ficções freudianas* de Herrmann são assim qualificadas e nomeadas. A produção freudiana é aquela que inaugura a Psicanálise, que a cria, que não repete.

A ideia de Leda guarda relação não só com a crítica do próprio Herrmann (1986a), com relação às escolas surgidas na geração de analistas imediatamente posterior a Freud, mas com minha ideia de *estrutura* literária das psicanálises, no sentido retirado de Candido, isto é, das psicanálises pensadas da perspectiva literária: estariam construídas literariamente e pelo método da Psicanálise, de maneira a conferir-lhes, com mais ou menos eficácia, alguma *unidade estética*.

A perspectiva contrapõe-se a ocorrências ao longo da breve história da Psicanálise depois de Freud. Por exemplo, Herrmann (1979/1991) cunhou o termo *assassinato metonímico da Psicanálise* (pp. 15-16) para explicar o que ocorreu com a compreensão da obra freudiana à época da, por ele chamada, *segunda geração*, a das escolas. Estas se caracterizaram segundo ele (1986a) pelo surgimento de *mestres* de escolas, que tomaram partes da obra freudiana pelo todo de sua produção. O que cada escola deixou de lado teria sido por ela esquecido. Por exemplo, a partir do artigo freudiano de 1920²⁶, Klein e os kleinianos trabalharam a ideia de agressividade em conexão com a de instinto de morte, de destrutividade. Já Lacan tomou a questão formal do inconsciente, pensando o inconsciente como linguagem, que se tornou primordial entre os lacanianos. De acordo com o argumento de Herrmann, cada uma dessas ideias – cuja raiz é freudiana – teria sido magnificada pelos seguidores e formadores de escolas psicanalíticas, como se fosse a Psicanálise *inteira*. Além disso, podemos lembrar a ideia de Herrmann (2002b) da história da psicanálise como resistência à Psicanálise, isto é, a seu método interpretativo, que teria resultado na escassez da sua produção criativa.

²⁶ *Além do princípio do prazer*. (Freud, 1920/2003)

Assim, o que seria uma *ficção freudiana* por excelência não partilha do chamado *assassinato metonímico* e é, por isso, caracterizável como *freudiana*. Ainda que controversamente, talvez se possa pensar a Teoria dos Campos em seu todo, a obra de Herrmann, como sua maior *ficção freudiana*. Isto é, embora seja possível identificar diversas perspectivas, aspectos, mesmo *funções* dela, sua *estrutura* não é variável: todos os escritos de seu autor foram produzidos pelo método interpretativo, por ruptura de campo, e é nesse sentido, não em outro, que são freudianas.

A ideia pode ser levada, a partir de Herrmann (1986a), um passo adiante: o que *todas* as psicanálises têm em comum – sejam freudianas, lacanianas, kleinianas ou, por exemplo, as de um aprendiz em Psicanálise – é serem conduzidas, necessariamente, pelo *método psicanalítico*; uma condição para vencer a incomensurabilidade entre as escolas, possibilitando uma “conversa” entre elas.

Já, digamos, o “subgênero” de psicanálises denominado *ficções freudianas* – considerando as publicadas por Herrmann (2002a) – implica um desdobramento: psicanálises escritas + *unidade estética* (em que se exprime o *autor implícito* – *noturnamente* – na voz de um narrador). A certa altura, esse narrador – que será o mesmo ao longo do livro (Herrmann, 2002a: 8) – explicita: “Superá-lo (Freud) (...) não faz o menor sentido” (p. 9). A perspectiva é que, no movimento histórico da Psicanálise de “superar Freud”, o que se fez – conforme anteriormente delineado – foi transformar conhecimento em doutrina, impedindo a produção de novos conhecimentos. Entretanto, repetir teorias – achados interpretativos – é fácil. Difícil é trabalhar na mesma esteira de Freud, ou seja, sempre criando.

O narrador de Herrmann (2002a) elucida, tomando como exemplo os autodenominados *marxistas*, que foi feito algo semelhante com a obra de Marx (p. 10): longe de haverem se apropriado do método dialético por ele criado, o que seria o esperado na perspectiva desse narrador, passaram a repetir as análises de Marx como dogmas, aplicando-as diretamente a outros contextos que analisavam.

De fato, é possível considerar a entrevista a Candido (1997) como complementar ao argumento desse narrador (*diurno* e *noturno*), que semelhantemente questiona a legitimidade do uso que se faz do termo *marxismo*:

“Nós nunca nos declaramos propriamente marxistas porque o marxismo é uma filosofia abrangente, muito grande, que exige quase que uma adesão para explicar todos os setores da vida. Agora, se nós concebermos o marxismo como um método, ele se torna de uma flexibilidade e de uma riqueza que, ao meu ver, continua tendo muito futuro. Acho que o marxismo é uma força explicativa ainda muito viva no setor político; acho que no setor filosófico ele nunca teve a abrangência que quis ter e acho que no setor estético ele teve ainda menos abrangência do que pretende ter. Mas acho que, como filosofia política ele tem uma grande vitalidade, uma grande vivacidade, e ainda poderá dar muito conta de si, contanto que seja considerado um método, e não um dogma.” (pp. 8-9)

Assim, Psicanálise implica Freud. Não a teoria freudiana, mas o seu fazer. O desafio para esta investigação, e para qualquer em Psicanálise, será perseguir esse rastro. Fica a dúvida: apesar do estudo detido de aspectos da obra de Herrmann que minha investigação contempla, justifica-se a distinção Teoria dos Campos/Psicanálise, necessária para a afirmação de que meu estudo se restringe ao âmbito da primeira? O nome Teoria dos Campos, vale aclarar, foi cunhado por colegas de Herrmann para referir sua produção. Entre as outras questões suscitadas, esta caberá ser novamente levantada no *Apanhado final...*, tomando-se o resultado do estudo em sua abrangência.

Herrmann diurno, Herrmann noturno

Pode-se afirmar, por um lado, que a maioria dos escritos de Herrmann impulsiona o campo de pesquisa da Psicanálise da perspectiva da depuração do método psicanalítico. Isto desde a primeira versão do seu livro sobre o método, intitulado: *Andaimos do real: uma revisão crítica do método da Psicanálise* (1979). De fato, Taffarel (2005) investiga o percurso tomado pelo estudo do método psicanalítico na história da Psicanálise, tornando evidente o lugar particular da obra de Herrmann com relação a seus precursores. Seria Herrmann, depreendo eu, o primeiro autor a descrever amplamente o funcionamento do método da Psicanálise, criando conceitos metodológicos para esse exercício.

Entretanto, para além dessa investigação metodológica, as publicadas *ficções freudianas* (Herrmann, 2002a) constituem-se plenamente como literatura de ficção, não apenas enquanto metáforas teóricas, tendo em vista sua já discutidas forma e estrutura. Além de constituírem psicanálises, as *ficções freudianas* adentrariam mais propriamente o campo da ficção literária, como se disse.

É a partir dessas observações e do estudo mais amplo da obra de Herrmann, que possivelmente apontem-se duas direções possíveis para este estudo, não opostas, mas complementares e consideradas ao longo da pesquisa. Seriam o *Herrmann diurno*, constituído particularmente pelos escritos que trabalham no âmbito de uma epistemologia interna da Psicanálise, fazendo avanços nesse sentido, e o *Herrmann noturno*, implicado nos textos que extrapolam o estudo teórico e transbordam mais efetivamente para o âmbito da narrativa de ficção, propondo-se como tal. Estes introduzem a figura do narrador, as personagens, as tramas literárias, assim como a poesia propriamente dita.

A metáfora de *diurno* em oposição ao *noturno* fora sugerida oralmente em 2007²⁷ por Frayze-Pereira, inspirado na crítica ao pensamento de Gastón Bachelard (1977 e 1970/1985). Nasce da crítica da obra desse autor. De acordo com Japiassú (1976), pode-se falar numa *clivagem* na obra de Bachelard (p. 33). A ideia dele é: “Bachelard propõe duas filosofias: uma científica, outra poética” (Japiassú, 1976: 86). Tais categorias não foram explicitadas pelo próprio Bachelard. No entanto, para Japiassú, ele utiliza o método fenomenológico na sua poética, ou seja, no estudo do devaneio, do sonho, da poesia; e por outro lado: “a vertente científica é constituída por uma análise eminentemente epistemológica. Trata-se, mais precisamente, de uma filosofia das ciências ou de uma filosofia da *descoberta científica*. Ou, em outros termos, desta atividade reflexiva própria ao que Bachelard chama de *homem diurno*.” (Japiassú, 1976: 33)²⁸

²⁷ A ideia foi lançada *en passant*, num grupo de estudos.

²⁸ Deleuze (1986/1988), entre outros, como que “corrobora” esta interpretação, conforme se vê nesta sua menção, *en passant*, em relação a Foucault: “O essencial não é haver superado uma dualidade ciência-poesia que ainda perturbava a obra de Bachelard.” (pp. 30-31)

No âmbito de minha pesquisa, não considero apropriado falar numa paralela *clivagem*. Os metafóricos *Herrmann diurno* e *Herrmann noturno* estariam intimamente entrelaçados, imbricados na obra, em sua forma e estrutura, assim constituindo-se como inseparáveis. Entretanto, parece-me possível antecipar uma preponderância de *Herrmann diurno* em muitos textos, como principalmente na depuração do método da Psicanálise (1979, 1991 e 2001), e de *Herrmann noturno* noutros, sendo *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002a) emblemático, por introduzir deliberadamente estrutura estética, ficcional literária, pelo método interpretativo psicanalítico, assim como *Anotando a China (viagem psicanalítica ao oriente)* (texto não publicado a), por eventualmente introduzir uma poesia psicanalítica.

Portanto, antecipo ser possível afirmar que *Herrmann diurno* e *Herrmann noturno* habitam todos os textos do autor, sendo estes ao mesmo tempo poéticos, geralmente estéticos e sempre construídos pelo método da Psicanálise, partilhando de sua estrutura, ou seja, toda a obra de Herrmann se constrói por ruptura de campo. Assim, essa separação de *Herrmann diurno* e *Herrmann noturno* implica uma problemática: seriam os textos classificáveis unicamente como *noturnos* ou *diurnos*, ou seriam todos os textos *noturnos*, num sentido, e *diurnos*, noutro? Ou ainda, seria possível dizer que uns são *mais noturnos* e outros *mais diurnos*? Tendo a responder que sim a ambas as perguntas o que também poderá ser considerado ao longo da pesquisa. Os únicos textos que me parecem claramente classificáveis como *diurnos* ou *noturnos* são os supracitados, respectivamente *Andaimes do real: uma revisão crítica do método da Psicanálise* (1979) e *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002a), além do livro de poesia psicanalítica, nascido de numa viagem ao oriente em 2005, *Anotando a China (viagem psicanalítica ao oriente)* (texto não publicado a).

Já, por exemplo, *O divã a passeio: à procura da Psicanálise onde ela não parece estar* é claramente *mais noturno* que *diurno*, mas *menos noturno* que *A infância de Adão e outras ficções freudianas*, porque escrito na forma de ensaios, não de ficções literárias.

Não obstante, é a explicação de Cortázar sobre os contos fantásticos que parece-me melhor elucidar a ideia do *Herrmann noturno*, como a compreendo, caracterizando principalmente as ficções freudianas de Herrmann (2002a) que mais se aproximam do movimento latino-americano de literatura fantástica, como *Notícia de Límbia*. Segundo Cortázar (1969/2006):

“a gênese do conto e do poema é, contudo, a mesma, nasce de um repentino estranhamento, de um *deslocar-se* que altera o regime “normal” da consciência; (...) o poeta e o narrador urdem criaturas autônomas, objetos de conduta imprevisível, e suas consequências ocasionais nos leitores não se diferenciam essencialmente das que têm para o autor, o primeiro a se surpreender com a sua criação, leitor sobressaltado de si mesmo.” (pp. 234 e 235)

Entretanto, imagino que tal elemento noturno propulsione à criação, de alguma maneira tornada coerente, e assim implicando elementos diurnos.

Interpretação

Uma pergunta fundamental em Psicanálise, como também nas ciências humanas e nas letras: o que é interpretação psicanalítica e de onde surge? Nesse sentido, é Arrigucci (2005/2008) quem admite: “A teoria da interpretação é tão complexa e extensa que vai além das minhas forças, restritas ao terreno literário propriamente dito. Não tenho uma formação tão ampla e poderosa para responder em todos os campos em que a interpretação tem um papel decisivo (...)” (p. 312)

Sem a pretensão de esgotar o assunto, inesgotável, ou qualquer sua fração, ofereço-me a pensar a ideia de interpretação de Foucault em dois de seus textos por mim considerados cruciais (1969/1994 e 1975/1997), para então pensar o *método psicanalítico* – conforme descoberto-inventado por Freud, quando da fundação da Psicanálise – como interpretativo, porém conceitualizado metodologicamente, de maneira a oferecer uma explicação possível para sua ação, pela Teoria dos Campos.

Para Michel Foucault (1969/1994), Marx e Freud são autores cujos legados ultrapassam o valor de suas obras, porque instituíram a “regra de formação para outras obras” (p. 804), eles instauraram “formas de discurso originais”, e isto implica novas formas de pensar e de interpretar o mundo. Nessa conferência publicada, Foucault explica que as obras desses

“instauradores de discurso” não se situam em relação a fundadores outros de alguma ciência a que se reportem. Pelo contrário, eles são os pioneiros de suas ciências, seu discurso; os pensadores futuros, posteriores a Marx e Freud, é que retornarão às suas obras. Sucessores de Freud, como Klein ou Abraham, no exemplo dado por Foucault, reportam-se a Freud, mas este não se reporta a fundador algum anterior, porque ele é o fundador primeiro. Unicamente, por assim dizer, Freud reporta-se à empiria de sua clínica²⁹, apesar de citar fontes inspiradoras, como Charcot e Breuer, mas o discurso que instaura é inédito. (Veremos que Herrmann [2002a: 9-11] cita os mesmos autores, Marx e Freud, para explorar o que analisa serem os respectivos métodos de pesquisa criados por eles.)

A conferência de Foucault (1975/1997), publicada como capítulo homônimo do livro *Marx, Nietzsche e Freud*, é uma investigação da função da interpretação, demonstrando sua dramática transformação no século XIX, em relação ao XVI. Isto porque, no dizer de Foucault, teriam sido transformadas as *técnicas de interpretação* ocidentais. (p. 14) No século XVI, a interpretação trabalhava com a *semelhança*. Esta podia ser *decifrada* (p. 20), quando comparados dois objetos, o que foi muito importante para a cosmologia, a botânica e a filosofia, por exemplo. Jaime Ginzburg, reportando-se em sala de aula (FFLCH-USP, 2010) a essa conferência, discutiu que até o advento do pensamento de Foucault acreditava-se ser possível encontrar uma verdade última da interpretação, que seria seu produtor de sentidos, original e originário.

É nas obras de Marx, Nietzsche e Freud que Foucault encontra evidências de uma transformação no sentido próprio da interpretação: essas obras engendram e são resultado dessa transformação. Nelas, a interpretação “vira-se para si própria” e os símbolos passam a “encadear-se numa rede inesgotável”: a interpretação se torna uma “tarefa infinita” e surge a ideia do *inacabado* da interpretação (p. 20); ela se torna “interpretação da interpretação”. (p. 26) Foucault cita, entre outros, os sonhos de Freud e seu trabalho com a paciente Dora. Seriam exemplos da não finitude da interpretação, a partir de Freud. Nesses exemplos,

²⁹ Tomo emprestada de Herrmann (2004: 49) a formulação de que a empiria da Psicanálise é a clínica.

considera Foucault, “já tudo é interpretação” (p. 22); cada símbolo passa a ser “em si mesmo”, não mais referente a uma outra coisa.

A interpretação, com Marx, Nietzsche e Freud, teria passado a ser sempre a interpretação de outros símbolos, que sucessivamente seriam ainda a interpretação de outros símbolos, tendo como resultado constituir, tudo, interpretação de interpretação(ões). É nesse sentido que, para Foucault, a partir do século XIX: “a interpretação precede o símbolo” (p. 24); não mais o contrário, como acontecia no século XVI. A implicação é que no século XIX foram desbancados os absolutos, inclusive ideias como a de Deus (p. 25); pois a interpretação encontra-se diante da obrigação de interpretar a si mesma, e isto até o infinito, sobretudo em Freud, Nietzsche e, em menor escala, diz Foucault, em Marx. (p. 20) De acordo com esse argumento, esses pensadores não multiplicaram os símbolos, como ocorria no século XVI; eles modificaram a natureza e, assim, a *forma* da interpretação, reinventando-a. (pp. 14-15)

É possível considerar, novamente a partir das aulas de Ginzburg (FFLCH-USP, 2010), que ao reinterpretar a influência dos três autores, Foucault acabou com o autoritarismo da interpretação. Assim, cada interpretação passa a ser interpretação *possível*, não definitiva, nem correta ou intransponível: não mais se pode falar em interpretação certa, o que passa a implicar uma contradição dos termos.

A interpretação a favor do método psicanalítico

Apesar de o método psicanalítico ter sido descoberto por Freud – constituindo-se no ato inaugural da Psicanálise – sua operação não foi descrita por ele. Freud criou o método, usou-o na sua clínica, inaugurou-o; mas vai priorizar, em sua obra, as construções teóricas que o método propicia. Foram estas transmitidas por ele, e também por seus sucessores, mas ele mesmo nunca se debruçou para explicar *como opera* o método.

Tampouco o fizeram os continuadores da Psicanálise, seus pensadores e escritores, embora, muitos tenham proposto tentativas. A ideia é que, até o advento da Teoria dos Campos, os

psicanalistas não haviam apresentado uma solução, uma possibilidade para se pensar a questão do método na Psicanálise. Permanecia a pergunta: como a Psicanálise funciona? É nesse sentido que a Teoria dos Campos inaugura um exercício inédito: por meio do conceito de *ruptura de campo*, ela apresenta uma possibilidade para se pensar como se dá a interpretação. Recorramos a essa discussão.

Na sua construção teórica, interpretativa, a Teoria dos Campos denomina o exercício de depuração do método da Psicanálise de *alta teoria*. Trata-se do estudo da produção da clínica e teoria psicanalíticas, imbricadas uma na outra, ou seja, o estudo do funcionamento da forma da interpretação em Psicanálise, constituindo, nesse sentido, a teoria do teorizar psicanalítico. É desse lugar, da *alta teoria*, que Herrmann constrói alguns conceitos – sempre em risco de se perderem – denominados por ele *metodológicos*. São conceitos que descrevem o processo interpretativo da Psicanálise; entre outros *campo*, o já referido *ruptura de campo*, *vórtice*, *expectativa de trânsito*.

Herrmann (1991a) descreve o conceito de *campo*: “Todo analista apreende seu paciente num campo distinto daquele da intenção consciente.” (p. 28) Ou seja, escuta o que o paciente diz ou, no caso de fazer uma análise de algum recorte do mundo em que vivemos, apreende o que está sendo transmitido, para além do sentido literal. Uma simples frase como “tenho sono”, por exemplo, e num determinado contexto, tem seu sentido ampliado para além do fisiológico. Herrmann (1991a) define: “(...) por campo havemos de entender o conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana, da qual a comunicação verbal é tão-só o paradigma.” (p. 28) Ou seja, há determinações, sentidos inaparentes, implicados na fala ou ação do paciente, para além dos literais.

Ruptura de campo é o conceito central desta investigação, pois ele é o cerne da interpretação na Psicanálise, definindo, no meu entendimento, a *estrutura* das psicanálises. Um conceito metafórico, é claro, e que poderia ser substituído por outra metáfora, mas não por isso menos importante: é o conceito que temos.

Ruptura de campo é a ação que define a interpretação e que, ao mesmo tempo, resulta dela.

Ela implica uma ruptura na rede de sentidos que vigora na comunicação humana, e acontece pelo desencontro de escutas, ou seja, pela escuta num campo diferente daquele proposto de início. Isto provoca uma mexida nas relações vigentes em um dado momento, frequentemente deixando o paciente estranhado, impactado, às vezes irritado. Tal irritação ou outra reação é efeito da ruptura de campo, que não é reversível. Nesse sentido, Herrmann chama de ruptura de campo o efeito da interpretação psicanalítica e, por causa disso, é “a forma mesma de todo conhecimento legítimo.” (2001b: 59)

Rompido um campo, no dizer da Teoria dos Campos, o paciente encontra-se em *vórtice*, processo que pode ser muito angustiante, visto que implica uma impossibilidade de representação naquele instante lógico. Decorre certo vazio representacional, pois as representações conhecidas do sujeito como que não funcionam mais, embora ainda não tenham sido substituídas por novas. Este vazio representacional faz apelo a um movimento de *vórtice* de representações mais periféricas da superfície representacional, como que chamando uma(s) delas a se fixar(em).

O paciente fica, nesse instante lógico, em suspensão de autorrepresentações, e isto pode se prolongar por mais ou menos tempo, dependendo de cada situação e paciente. É com a reestruturação de representações em outro campo, constituindo-se autorrepresentações outras, que esse processo pode temporariamente se assentar, possibilitando ao paciente apropriar-se do efeito desse processo de construção de uma nova representação, até que se rompa o novo campo, novamente. No processo analítico, as autorrepresentações do paciente estão sempre na iminência de serem rompidas. Ao vazio representacional, descrito anteriormente, Herrmann denominou *expectativa de trânsito*, que acontece quando uma autorrepresentação se perde e outra ainda está para ser adquirida. (Herrmann, 1991a: 29)

Já no território da escrita a ruptura de campo não implica – logicamente – uma alteração nas autorrepresentações de um paciente, mas a ruptura de uma perspectiva compartilhada, que é o que a *escrita por ruptura de campo* persegue continuamente. Por exemplo, a ideia de Foucault, de pensar interpretação não mais como desencobrimento de uma verdade, mas como ato criativo seria uma ruptura de campo, profundamente transformadora, no campo

da Filosofia. No da Psicanálise, os históricos clínicos de Freud são, em sua maioria, escritos por ruptura de campo, pois o sentido está sempre a ser criado em sua escrita, como – imagina-se – em seu trabalho analítico.

Assim, o *método psicanalítico* se constitui por e na *interpretação*, por e na *ruptura de campo*, ou seja, ele é ao ser criado, pois é pela criação interpretativa de si que ele se constitui. Não se pode separar *método* de resultado *clínico*, pois o *método psicanalítico* é tanto o caminho para o conhecimento, o objeto da Psicanálise, como a própria condição desse objeto. É assim que na Psicanálise o sentido se faz por ruptura de campo ou, dito de outro modo, se pensa por ruptura de campo, pela crise das representações vigentes – no paciente ou no sujeito que pensa – que resulta na criação de um novo campo; por esse processo que requer tanta implicação e diz respeito a possibilidades de sentido.

A ideia de arbitrariedade dos termos

Vale ressaltar que os conceitos metodológicos da Teoria dos Campos – como se disse da ruptura de campo – não foram concebidos como definitivos, últimos ou mesmo indispensáveis. Meramente, foram pensados como instrumentos linguísticos para se descrever a forma e o efeito da interpretação psicanalítica, tendo em vista o exercício de Herrmann de desvelar o método da Psicanálise. Nesse sentido, poderiam ser construídos conceitos metodológicos psicanalíticos outros. Receberiam nomes diferentes, construindo outras metáforas, e o processo interpretativo seria descrito de maneira diversa. Os conceitos formulados por Herrmann propõem-se, portanto, meramente como descritivos, não como prescritivos ou definitivos.

Assim, em sua apresentação intitulada “Freud e o pensamento por ruptura de campo”, no Encontro em que Herrmann fez sua última aparição em eventos de Psicanálise, afirmou: “A *Teoria dos Campos* tem sido um termo precioso para indicar nossa prática e concepção psicanalíticas. Entretanto poderíamos haver ficado com *psicanálise*, simplesmente, caso esse termo não tivesse sido abocanhado pela clínica, e por uma clínica não de todo progressiva, uma clínica que acredita que interpretar é só completar um conhecimento da psique já meio completo.” (2008a: 13-14) Os conceitos empregados pela Teoria dos

Campos foram inventados por Herrmann, considerando certo desgaste e mau uso que, de sua perspectiva, foi feito deles ao longo da breve história da Psicanálise.

Ainda da perspectiva da Teoria dos Campos, interpretação é arte. Não obra de arte, esta específica e delimitada, imóvel e intransponível – a obra no museu – mas o *ato artístico*, criativo: a arte como ato. (Herrmann, 2008d: 255-257) Não o nome fixado, por exemplo, ou o resultado da interpretação, conhecido na Teoria dos Campos como *sentença interpretativa* – num trocadilho com *sentença de morte* – mas do processo interpretativo, a função viva da ruptura de campo, acima descrita. Tal vivacidade, que se opõe à ideia de inércia ou improdutividade, não é diferente da que se encontra nas psicanálises freudianas, mudando apenas os resultados obtidos, não a forma de obtê-los.

Clínica extensa

De acordo com a Teoria dos Campos, não há por que a Psicanálise restringir-se à clínica de consultório ou, mais propriamente, ao que Herrmann chama de *clínica padrão*; que seria quase robótica e onde o analista estaria como que programado para responder de uma maneira específica, como se só soubesse trabalhar de uma determinada maneira, na contramão da ruptura de campo e da produção criativa. A denúncia de Herrmann é que, na *clínica padrão*, ocorre um deslocamento da atribuição do efeito terapêutico da Psicanálise para as regras do *setting*, por se haver deixado de lado a consideração da clínica e a forma da interpretação. Prevalece, nesse sentido, uma preocupação sobre “o que interpretar”, ao invés de “o que é interpretar”. (Herrmann, 1991b: 9-11)

Mais especificamente, a receita nas Sociedades de Psicanálise tem sido: atenda seu paciente quatro vezes por semana, durante quarenta e cinco ou cinquenta minutos cada vez, no consultório, durante muitos anos – algumas Sociedades inclusive firmaram esse tempo em cinco anos, embora não todas – faça-o numa sala, com divã, deitando-se o paciente de

costas para o analista, devendo ter sala de espera, com tais e quais requisitos, e por aí vai. Com o tempo, se não houver uma quebra, a tendência atual parece ser a lista crescer-se.³⁰

O mais grave que este pensamento denuncia é que a *clínica padrão*, e esta de consultório, pode não se limitar a prescrever comportamentos ligados à moldura analítica, à disposição da sala de análise. Aprisionando-se à moldura – mais conhecida por seu nome em inglês, o *setting* – como explicação para a eficácia terapêutica da Psicanálise, é mais fácil incorrer no perigo de usar teorias consagradas para compreender o paciente, ao invés de partir da escuta dos sentidos que emergem dele para descobrir o que ocorre. Seria, em última instância, o sepultamento da ruptura de campo, da interpretação em Psicanálise como aqui compreendida.

Clínica extensa propõe-se o contrário disto. Para além do padrão – ou dos padrões – *clínica extensa* é “deixar que surja” e é “tomar em consideração”. (Herrmann, 1979: 104-105) É permitir a ação do método da Psicanálise, em qualquer situação ou contexto clínico, libertando o analista da prescrição de teorias consagradas – quiçá aprendendo com elas – mas, em primeiro lugar, não interferindo e escutando o que surge de cada paciente. *Clínica extensa* é favorecer o método psicanalítico, em direção à ruptura de campo, quando a *clínica padrão* poderia emperrá-lo.³¹

Interpretante

Trata-se de hipóteses interpretativas as mais diversas, produzidas a partir de algum contexto. Interpretantes vão possibilitar o passo posterior de produzir-se uma consideração teórica sobre algo do paciente ou de um recorte do mundo em que vivemos. O interpretante medeia a escuta analítica e o pensamento sobre essa escuta. Essa mediação implica eleger-se algum aspecto da escuta, sendo a escolha necessária para a ação interpretativa. Nesse sentido, ele tem uma função teorizante.

³⁰ Nesse sentido, talvez se possa comparar essa tendência da Psicanálise à de algumas religiões: o analista aceita preceitos sem os questionar. Como uma religião que se considera melhor que outra e, inclusive, melhor que todas as outras: Por que? Porque sim.

³¹ Alguns estudos sobre *clínica extensa*, dentro e fora do consultório, estão em: Barone et. al. (2005), Camargo, A.C.C. (2004b), Herrmann (2003a) e Sofio (2007 e 2012a). No entanto, a lista completa sobre o assunto é mais extensa.

Interpretantes não são factuais, portanto, mas conjecturais, hipotéticos, interpretativos, sem base para além do até então surgido numa relação, num contato com algum paciente específico. Estão sempre em crise, no sentido de estarem o tempo todo em risco de serem transformados, absorvidos ou mesmo descartados, conforme o andar de um diálogo analítico ou a leitura de mundo vigente. Eles se formam no movimento técnico de tomar em consideração o que surge do paciente, de sua maneira de *presentar-se*, e não se desligam do fazer, da técnica. São o que torna a teoria psicanalítica impossível de ser aplicada: exercem função produtiva, criativa, isto é, *interpretante*, nesse sentido.

O interpretante é aquilo que se presentifica e que depois pode ser entendido como representação ou *presentação*³² do paciente. É importante e necessário que os interpretantes sejam plurais para não se tornarem previsíveis para pacientes ou pensadores, o que tornaria improdutivos. Sua função não é dada por si mesmos, mas pelo resultado a que podem levar.

Trata-se de um conceito que será particularmente importante para a interpretação da *ficção freudiana* intitulada *A infância de Adão*, considerando-se a construção do conto como intercalando “sessões” analíticas literárias e seus respectivos interpretantes. Mais amplamente, o conceito de interpretante contribui para esta pesquisa justamente porque evoca hipóteses, não fatos ou verdades categóricas. A discutida metáfora *Herrmann diurno/Herrmann noturno* permeia minha pesquisa, por exemplo, e o faz enquanto interpretante: imprimir-lhe alguma perspectiva de universalidade implicaria dogmatizá-la, o que se opõe às ideias discutidas.³³

Cura

A ideia de *cura*, já referida anteriormente, não se confunde com a de *sarar*. Requerida em *literacura*, ela compreende a emersão das possíveis representações do sujeito, dentro dos

³² A forma de apresentar-se.

³³ Para uma discussão mais aprofundada, vide Herrmann (1979/1991a: 196-202), capítulo cujo título é *Do interpretante*.

limites delimitados pelo *desejo*³⁴.

A respeito da particularidade da *cura* analítica, em contraposição à medicação, novamente cito Herrmann: “a psicanálise cura” (2000a: 426). Isto é, a medicação sara (opera sobre o sintoma) e a Psicanálise cura. A partir de sua própria experiência, no sentido benjaminiano do termo, Herrmann declara, no mesmo artigo: “o que sara sem curar, volta pior ...” (p. 426) *Cura* implica cuidar do desejo até, digamos, ele *tomar ponto*, como a cura do queijo, isto é, até maturar atingindo seu potencial. Sem esse cuidado, o paciente repete, persiste no comportamento e no sintoma, não se desenvolve em sua potencialidade. O artigo de Herrmann detalha as diferentes conotações e implicações da palavra *cura*.

Chega-se à cura em Psicanálise pelo trabalho com o sofrimento do paciente. Tratar do sofrimento implica uma participação ativa do sujeito que sofre. É diferente do campo da medicina em que aumentar ou diminuir a dose do medicamento é função exclusiva do médico, relacionada a seu diagnóstico. Na Psicanálise, depende do paciente o “quantum de *função terapêutica*” a ser apreendida na relação com o analista (Herrmann, citado por Camargo, 2004a: 41, *italico meu*)³⁵, pois o processo analítico, que leva à cura psíquica, dá-se, no dizer da Teoria dos Campos, pelo método interpretativo por ruptura de campo, como se viu. E esse fazer embute sua raiz no fazer literário, pelo uso da interpretação. Assim, a cura resulta da interpretação psicanalítica, de seu ato criativo, o que requer uma clínica que não permaneça estagnada, cenário criticado inclusive pela ideia de *clínica padrão*.

Verdade

A aula escrita por Herrmann (2012a), *Sobre a verdade como tensão entre invenção e descoberta (I//V//D)*, faz parte do conjunto de suas aulas intitulado *Da Clínica Extensa à Alta Teoria: Meditações Clínicas* (texto não publicado b). Nela é definido o regime de verdade da interpretação psicanalítica, conforme desvelado pela Teoria dos Campos. Essa aula foi escrita e ministrada em 2002 e publicada em 2012.

³⁴ Herrmann (1979/1991a) define sua concepção de desejo: “É o estado aberto do inconsciente, a força de determinação do inconsciente sobre as relações emocionais, que as cria e lhes dá forma. O inconsciente, como tal, esconde-se; o desejo manifesta-se, posto que veladamente, por isso pode ser desvelado.” (p. 127)

³⁵ Trata-se de uma entrevista concedida por Herrmann a Camargo.

A partir do texto, observa-se que para Herrmann verdade opõe-se ao dogmatismo. Isto no sentido que o dogmatismo – conforme ele especifica – “afirma a verdade, sem perguntar qual seu estatuto peculiar em cada caso.” (p. 75) Ou seja, é autoritário – é isto e pronto – como a já descrita *clínica padrão*, considerando seus preceitos. A meu ver, esse artigo discute essa perspectiva de diferentes ângulos.³⁶

No início do texto, Herrmann faz uma analogia a partir da qual se pode compreender o que seriam estatutos ou planos de verdades, de acordo com esse pensamento. A metáfora é de um índio que, na mata, se depararia pela primeira vez com um laptop. Ele poderia concluir: “1) *Ctrl + B serve para gravar.* 2) *C\:\ dir fornece a lista dos arquivos de um diretório.* 3) *Ctrl + Alt + Del dá um boot seco e perde as informações.* 4) *Os circuitos digitais funcionam no sistema binário.* Por fim: 5) *a bateria esgota-se com o uso.*” (p. 68) Estão implicados diferentes níveis de funcionamento dos aparelhos de computação (Office, DOS, software, linguagem da máquina e hardware, nesse exemplo), sendo preciso discriminá-los, como o fez nosso índio.

Tal como na computação, nas construções teóricas psicanalíticas haveria níveis de compreensão e pensamento que precisariam ser identificados. Não alcançando identificar os níveis de funcionamento, contrariamente ao índio que encontrou o laptop (vige claramente o tom irônico), muitas vezes aproximamo-nos da clínica assim, munidos de teorias psicanalíticas de cujos níveis de construção ignoramos, e não diferenciando, como no caso do computador, o *sistema operacional*, por exemplo, do *software*.

³⁶ É este um exemplo do que se dizia sobre o *pensamento por ruptura de campo*, ou a ideia de *pensar por escrito por ruptura de campo*. Os textos de Herrmann – sendo este exemplar nesse sentido – são muito difíceis de explicar sem retomar passo a passo o pensamento que vão construindo. Retomar o pensamento passo a passo, entretanto, já é uma interpretação, pois envolve escolhas. Em si, não é uma reconstrução, mas uma construção outra, e, portanto, interpretativa. (No limite, chega-se no problema de Pierre Menard, personagem de Borges, 1944/2009, que transcreve o Quixote imaginando que esta seria sua melhor interpretação possível.) Em geral, parece-me que interpretar a obra de Herrmann ou, no mínimo, participar da produção da Teoria dos Campos, é um exercício que se dá entre uma tentativa de explicação de seus textos e uma resposta pessoal a eles, de alguma maneira, autoral ou, ao menos, protoautoral. A interpretação, evidentemente, é sempre parcial e outra da obra.

Isto se torna evidente numa discussão teórica sobre a obra de Freud, por exemplo, que é estudada sem o distanciamento necessário para se compreender o plano de verdade a que cada afirmação ou teoria se reporta. Daí resulta a equivocada apreensão da teoria freudiana que mescla, por exemplo, a teoria das pulsões (equivalente ao *hardware*), processo primário ou secundário (*linguagem de máquina*) teoria da angústia (*software I/O*), mecanismos de defesa (*sistema operacional*) e representação (*aplicativo*). (p. 68-69)

Herrmann dá outro exemplo, desta vez inspirado em Picasso. Sua pintura *Mulher Sentada* é considerada genial, mas não porque reproduza a mulher de fato, afinal trata-se de uma obra cubista em que pode ser identificado na moça retratada, devido à perspectiva da obra, um terceiro olho. Ela é genial porque desafia a visão que se tem do feminino, da beleza e da pintura. É com relação a essas ideias de então (de feminino, beleza e pintura) que a obra se torna genial, não à ideia da mulher de fato. Confundir esses planos implica, necessariamente, generalizações imprecisas.

Para uma eventual definição do que seria verdade, o autor considera o sentido de cada um desses três verbos: *criar*, *inventar* e *descobrir*. Especifica:

“Freud *criou* a Psicanálise. Ao fazê-lo, *inventou* um método geral de investigação interpretativa, do qual a clínica é um caso particular de aplicação, exemplar e, sem margem a dúvidas, o mais decisivo. Valendo-se do método, *descobriu* a psique, pode-se dizer sem exagero, pois a moderna concepção de psique só faz sentido à luz da noção de inconsciente.” (p. 72, *itálicos meus*)

Herrmann pôde concluir que *verdade psíquica*, portanto, é aquilo que se dá a partir da tensão entre uma invenção, o surgir de algo novo, e a descoberta, pelo ato de se descobrir algo antes encoberto, ou seja, por seu desvelamento. Seria esta a condição de verdade da interpretação psicanalítica: nem só invenção, nem só descoberta, mas o que está entre a invenção e a descoberta. Daí a fórmula que cria no título dessa aula: *I//V//D*.

A Tabela Periódica de Mendeleiev é tomada para exemplificar, novamente por analogia, como isso aconteceria. Muitos elementos químicos que estão na Tabela foram descritos, considerados, antes mesmo de haverem sido encontrados na natureza, não se sabendo se

seriam encontrados. Isto porque era concebível a retirada ou inclusão de um elétron ao elemento subjacente, o que os definiria. Assim, *verdade psíquica* é a forma da criação interpretativa para Herrmann, que se dá *entre* a descoberta (do que se observa na natureza) e a invenção (da Tabela).

Herrmann explicita ainda que algumas criações são simplesmente falsas, mas não deixam de ser verdades no sentido de poderem ser tomadas como verdades. Por exemplo, a farsa do Homem de Piltdown vigorou por mais de quarenta anos. Em 1912 um crânio humano, ao qual havia sido acoplada uma mandíbula de orangotango, foi apresentado ao mundo científico como “prova” da teoria da evolução, de Darwin. Era o *elo perdido*, que demonstrava ter o homem evoluído do macaco. (Essa ideia será retomada na análise de *O escorpião e a tartaruga*.) A comprovação da teoria darwiniana tornou-se verdade científica, embora hoje saiba-se que era farsa, pois estimulou investigações que permitiram refutar a própria teoria evolutiva. A verdade, de acordo com esse pensamento, é relativa, como se disse; relativa ao campo a que se reporta, a seu sentido ou descoberta específicos (nesse caso, por exemplo, relativa à farsa que estimulou a pesquisa que para comprovar a teoria da evolução, refuta-a.)

Duplicação sub-reptícia do eu

Herrmann (2001b) constata haverem sempre pelo menos dois *eus* em interação em qualquer ação intrapsíquica. Uma das leis do campo, segundo ele, é que, quando se está num deles, num campo, não se pode suspeitar haverem outros, pois “ele se naturaliza instantaneamente.” (p. 143) Quando deste se passa a outro, no caso de uma ruptura de campo, “somos sempre o mesmo para nós” (p. 143), e toda e qualquer discrepância de que se tenha memória passa a ser considerada como uma exceção, sendo farta a lista destas; não nos apercebemos dessa transição.

A ideia constitui uma virada, no dizer de Herrmann: “nosso panorama da vida psíquica fica bastante modificado a partir dessa simples observação”, pois em vez de um eu viver os conflitos da psique, trata-se de: “uma espécie de circulação de eus ocupando a posição de sujeito psíquico.” Para ele, os conflitos psíquicos se dão *entre* esses eus, os quais disputam

a posição de sujeito. Seria portanto uma das *funções* mais importantes do trabalho analítico: dar voz aos *eus* deslocados, descrevendo o caminhar do trabalho analítico em direção à *cura*.

Já o predomínio prolongado de qualquer dos *eus* equivaleria à instalação de uma ditadura psíquica, pois: “ele próprio se congela depois de certo tempo, é mumificado em vida, enquanto as demandas dos outros agregados psíquicos ficam mais e mais distantes de serem atendidas.” (Herrmann, 2001b: 144) A ideia de Herrmann é de estarem *sempre* em movimento, particularmente no trabalho analítico. Como se observa, por exemplo, no caso da personagem Adão (no capítulo 3.iv.).

Encontro um paralelo particularmente entre essa formulação de Herrmann e a obra poética de Fernando Pessoa, que não só deu voz a *eus* análogos aos de que Herrmann falava, mas deu-lhes nome e atribui-lhes acontecimentos históricos: trouxe-os à vida. As criações de Pessoa falam, embora indiretamente, da forma criativa de seu autor, estando dele desdobradas. A carta a Casais Monteiro (1935/1984) parece-me exemplar, nesse sentido, ao apontar lúdica e parodicamente para a ideia de uma multiplicidade necessária de *eus* nos escritos de Pessoa. (Ou não os escritos seriam de Pessoa?)

Ficção freudiana

Tomo *ficção freudiana* como ramo ficcional da literatura e, até certo ponto, como caso clínico, considerado como psicanálise com *p* minúsculo. É que, como todo caso clínico, as *ficções freudianas* destacam situações clínicas resultadas da disposição a *inclinarse* – conforme a etimologia da palavra *clínica*, do grego *klīno* (Cunha, 1982/2010: 156) – em direção ao mundo e tomá-lo, ou tomar um seu aspecto, em *consideração*, e isto no sentido da Teoria dos Campos. O caso é uma amostra (entre infinitas) de Psicanálise, esta com *p* maiúsculo (que se refere à disciplina psicanalítica).

Uma *ficção freudiana* – conforme os exemplos que temos no livro de Herrmann – é um caso clínico, porque é exemplo de Psicanálise. Adicionalmente, as *ficções freudianas* de Herrmann estão construídas claramente como *unidades estéticas*, reportando-se a sua

estrutura, ao método psicanalítico – como se disse anteriormente e se verá ao longo dessa investigação – entendendo ser uma *função* comum delas apresentar teorias da Teoria dos Campos, cada uma à sua maneira.

Segue-se que, embora as *ficções freudianas* possam ser pensadas como caso clínico, nem todo caso clínico é *ficção freudiana* no sentido aqui contemplado (engendrando unidade estética e apresentando as teorias da Teoria dos Campos). Segue-se também, que há duas acepções de *ficção freudiana* possíveis: a primeira em geral, como ficção psicanalítica que partilha do legado freudiano, tendo sido o gênero literário criado por Freud, ao escrever os históricos clínicos de suas pacientes histéricas, literários e construídos por ruptura de campo. A segunda em particular, no sentido engendrado a partir de Herrmann (2002a), buscado em Freud, mas resinificado nesse livro. Pode se pensar que este permanecia latente. Proponho um estudo no sentido mais restrito, a partir do livro de Herrmann, pois é nesse sentido que *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002a) está composto de *ficções freudianas*.

Algumas considerações acerca delas podem ser feitas de maneira preliminar. Por exemplo, as *ficções freudianas* de Herrmann são plurais, quanto a sua forma narrativa, embora sejam sempre narrativas. Nelas encontra-se uma variedade de perspectivas da obra de Herrmann. Algumas se reportam a situações vividas pelo autor, como por exemplo a narrativa que escolhi analisar acerca do encontro com uma mulher numa barca que rumava à ilha de Itaparica, intitulada *Bondade*.³⁷ *Da inveja envergonhada* é outro exemplo nesse sentido, pois encontra apoio no mundo e nas vivências de seu autor, a partir de uma discussão transcorrida em mesa-redonda de congresso.³⁸ Outras são especulativas, não no sentido de criarem simulacros que espelhem o mundo real, mas de criarem mundos que não são espelhos. Por exemplo, *Notícia de Límbia* designa um lócus metafórico da interpretação psicanalítica que só pode ser pensado por especulação, semelhante às ficções metafísicas de Borges. A própria *A infância de Adão* é também especulativa, pois explora ficcionalmente a

³⁷ Informação conferida por Leda (2009).

³⁸ Herrmann (1999c) *Inveja envergonhada*. *Congresso Internacional de Psicanálise da IPA*, 41º, Santiago, Chile.

ideia de uma psicanálise quando a infância do “paciente”, bíblico e contemporâneo, não houve, porém utilizando-se principalmente da técnica de *monólogo interior*, tão cara a Joyce (1934/1990). Trata-se da *ficção freudiana* central de Herrmann a meu ver, como ele próprio (2007) o declara. (p. 20)

Uma das ficções freudianas, a primeira depois do prefácio, intitula-se *A ficção freudiana*. Não deixa de participar do ramo literário (gênero literário?) homônimo e, ao mesmo tempo, o qualifica, aportando recursos para se apreciá-lo. Trata-se de uma estratégia similar à de Kafka (1935/1961) cuja primeira parábola do livro intitula-se *Sobre parábolas* (pp. 10-11). No caso kafkiano, um tanto quanto enigmaticamente, é oferecido um exemplar de parábola – isto é, apresenta-se um texto cuja *unidade estética* permite identificá-lo como tal – e ao mesmo tempo oferecem-se indícios, embora literariamente, para se pensar criticamente sobre esse “novo” gênero literário, conhecido do leitor, mas conforme foi transfigurado por Kafka.

A ficção freudiana (2002a: 9-20) participa do ramo literário de *ficção freudiana* nomeado por Herrmann, e adicionalmente oferece indícios para se considerá-la, conforme (re)criada por Herrmann, mas buscada em Freud. Alguns pontos dessa narrativa trazem pistas importantes para se considerar as *ficções freudianas* de Herrmann, assim como esse potencial ramo literário em discussão. Primeiramente, assinalo a reflexão do narrador sobre o que define um escritor de ficção: “À força de tanto escrever, desenvolve um pensamento por escrito, que cria certo mundo com regras coerentes. Um mundo ficcional que espelha o mundo real, não porque o autor o ambicione descrever, mas porque, ao contrário, na busca de um simulacro plenamente autossuficiente, tende a mimetizar um dos inúmeros planos de constituição da realidade.” (p. 12) A ideia é que o escritor de ficção cria um mundo literário inspirado em suas experiências (novamente no sentido benjaminiano).

De fato, é a forma de contar que permitiria identificar um autor, estudar sua obra, propondo qualquer ideia de generalização mais ampla sobre ela, identificando por interpretação as *regras coerentes* inauguradas ou transformadas por esse ou aquele autor. Por exemplo, tomando os três autores citados em *A ficção freudiana*, pode-se colocar a questão em

relação às obras de Joyce, Kafka e Fernando Pessoa. Cada uma destas inova as regras a partir das quais se constrói (possivelmente influenciando toda a literatura posterior).

No caso de Joyce, o biógrafo Richard Ellmann (1959/1982) investiga a maneira como sua arte, sua obra literária, espelha sua vida. Ao introduzir o tema, qualifica: “A vida do artista, mas particularmente de Joyce, diferencia-se da de outras pessoas no sentido que os acontecimentos que lhe sucedem tornam-se fontes artísticas, até mesmo enquanto elas exigem sua atenção plena, no presente.” (p. 3) Especificamente, para Ellmann, seria Stephen Dedalus a *persona* imatura de Joyce, enquanto Leopold Bloom, a matura. (p. 359) As referências autobiográficas em *Ulisses* são tantas, refere Ellmann, que: “Joyce tem sido considerado um mímico, mais que um criador, e isto, sendo falso, é o maior elogio possível.” Nesse sentido, numa entrevista à BBC³⁹, teria sido proposto a Joyce: “Afinal, você é uma personagem do *Ulisses*?” que teria respondido: “Eu não sou uma personagem de ficção. Eu sou um ser vivente.” (pp. 363-364) É nesse sentido que vida e obra se misturam na grande literatura.

Tendo *Ulisses* ficado conhecido como “o romance para acabar com todos os romances” – na expressão de Harry Levin citada por Augusto de Campos (2005) – não é de estranhar que tenha a obra de Joyce participado da de Herrmann.⁴⁰ De maneira semelhante, o narrador de Herrmann descreve como Freud mimetizou sua vida em obra: “No fundo, Freud inventou o mundo anímico como quem escreve um grande romance, mas habitou-o

³⁹ *British Broadcasting Company*, o canal de notícias britânico.

⁴⁰ As obras de Kafka e Pessoa (incluindo as dos heterônimos) também são autobiográficas cada uma num sentido. As personagens de Kafka remetem a situações da vida dele. Além disso, nos seus escritos mesclam-se temas de cunho íntimo, familiar, com a obra literária. Por exemplo, as cartas de Kafka frequentemente não foram entregues a seus destinatários originais, como a carta ao pai (1919/2008), que ele entregou à mãe. Já seu diário nunca foi destruído, embora Kafka alimentasse a fantasia de queimar a maioria de seus escritos, que não os publicados, o que faz pensar na possibilidade dele ter pretendido que o diário fosse lido, ou seja, que ele faça parte de sua obra. Se queria que queimassem, porque não queimou? Além disso, histórias de Kafka inspiraram-se em registros de seu diário, como por exemplo, *A sudden walk* [O passeio repentino] (1912) que parece-me haver inspirado *Description of a struggle* [Descrição de uma luta] (1971a) (vide: Sofio, 2012b). Também, é frequente os protagonistas dos romances de Kafka se chamarem *K*, como Josef K., ou K, de *O processo*, ou que tenham outros nomes que remetam a Kafka, à sua vida e a seus protagonistas. Com relação a Pessoa, semelhantemente, eventos vividos por ele inspiraram os de seus heterônimos e, curiosamente, vice-versa. Para dar um exemplo pequeno, em carta à Ophélia, namorada que talvez possa ser descrita como platônica, Pessoa revela que Campos, heterônimo desdobrado dele mesmo, sentiria ciúmes do namoro deles; Ophélia responde dando corda à brincadeira.

como se fora uma de suas personagens.” (p. 13) A ideia é ser a psicanálise freudiana o mundo psicanalítico criado por Freud, como a literatura de Joyce é o mundo literário criado por este. Isto é, nem este circunscreve a Literatura, nem aquele a Psicanálise.

Embora, a psicanálise de Freud não tenha sido superada, esta não equivale à Psicanálise – tomada como ciência futura – assim como a obra literária de Joyce não equivale à Literatura. Elas formam perspectivas possíveis, porém de maneira magistral. O narrador de Herrmann explica que o conceito de inconsciente seria “a psique de Freud desdobrada” (p. 17). Isto é, as teorias freudianas fazem parte do mundo anímico por ele criado, específicas do campo de sua descoberta, que por motivos os mais diversos podem ou não ser constatadas nos achados psicanalíticos de outros analistas.

Para além disso, a afirmação do narrador (Herrmann, 2002a: 9) implica ser Freud um escritor de ficção; Freud seria como um literato. Questão: tal ideia representa um problema para se pensar a Psicanálise enquanto ciência futura, conforme consideram a Teoria dos Campos e o narrador dessa enunciação? A resposta, peremptória, é: não. Pelo contrário, ciência opõe-se a dogmatismo, já contemplara nosso narrador, e ele toma o marxismo como exemplo paralelo:

“ (...) o marxismo permanece como um sistema internamente solidário, tal qual o freudismo, capaz de nutrir qualquer intelectual que a ele se dirija; mas não se abriu numa ciência geral, em que teorias particulares podem, em princípio, contraditar qualquer princípio estabelecido, desde que sigam com rigor o procedimento metodológico.” (p. 10)

Psicanálise não é freudismo, como se tende a confundir, pois freudismo já é dogma. Psicanálise é interpretação por ruptura de campo, ou seja, pelo método psicanalítico – conforme explicitado anteriormente – e isto de maneira criativa. É nesse sentido que as teorias da Psicanálise podem, em princípio, contraditar-se umas às outras, ou a qualquer princípio estabelecido, bastando para isso dar-se um caso que contradiga os anteriores, ou que proponha uma perspectiva alternativa, o que no mundo humano acontece o tempo todo: estão sempre a surgir casos que contradizem pressupostos anteriores ou novas hipóteses interpretativas, que apresentem outras ideias possíveis. Se bem que o freudismo, por

exemplo, rechace incongruências aparentes, observadas clinicamente, o método psicanalítico necessariamente implica serem elas consideradas.

Retomo o prefácio de Herrmann (2002a): “Sendo ficção [as ficções freudianas] do autor se desdobra um narrador e, deste, as personagens.” (p. 8) É também na autobiografia de Herrmann, criativa, que sua ficção literária se engendra. Não primordialmente nos acontecimentos de sua vida, mas na sua interpretação.

3. Interpretações possíveis

Selecionar é inevitável. Implica o ônus de não escolher outra coisa, mas, sendo inevitável, faz-se necessário. Neste capítulo, optei por discutir uma série de *ficções freudianas*, não todas do livro. É possível assinalar particularidades, além das discutidas no segundo capítulo, acerca de todas as *ficções freudianas* de Herrmann (2002a).⁴¹ Nesta série em particular, cada uma oferece uma perspectiva do *método psicanalítico*. Todas elas se constroem a partir dele, mas cada uma centra-se num aspecto alternativo. *Bondade* fala da perspectiva do psicanalista, mais propriamente, do narrador-psicanalista. *O escorpião e a tartaruga* contempla a *episteme* da Psicanálise, tanto ao lado da ruptura de campo (na pesquisa “burocrática” universitária), como dentro dela (pela experiência de Píter e da própria narrativa, onisciente, contada numa espécie de *après-coup*), assim como daquele que observa o processo sem a ele submeter-se (Nigrius). *Notícia de Límbia* considera o lugar metafórico da interpretação psicanalítica, inaugurando uma espécie de *ficção metafísica psicanalítica*, acerca de seu *locus* metafórico. *A infância de Adão* considera o lugar do paciente enquanto *Homem Psicanalítico*⁴², ou seja, exhibe o interior da ruptura de campo – no processo interpretativo de uma psicanálise de consultório metaforizada – da perspectiva do paciente que experimenta esse processo e caminha em direção à *cura*. Minha expectativa é que as análises propostas para esse conjunto selecionado iluminem a ideia de *ficção freudiana*, em sua amplitude, assim como no que tange à questão desta investigação: podem ser consideradas as *ficções freudianas* como psicanálises cuja *forma*, sendo literária, engendra *unidade estética*?

⁴¹ Discutiu-se que cada uma das *ficções freudianas* de Herrmann (2002a) participaria integralmente da Psicanálise e, ao mesmo tempo, do campo da literatura de ficção.

⁴² Em seus escritos diurnos, Herrmann (1979/1991a: 22-23 e 1991b: 21-31) propõe uma ficção para a clínica: ao entrar em análise, o paciente deixaria “brotar de si” o *ser em condição de análise*, que nasceria de uma crise experimental de identidade.

3.i. *Bondade* como andaime para a clínica

Bondade é ficção literária, ao mesmo tempo que constrói uma *prototeoria*⁴³ psicanalítica. Implica teorização em Psicanálise, tanto considerando as teorias da Teoria dos Campos, citadas implicitamente no texto, como visando a realização do projeto freudiano, que de acordo com Herrmann (1999b: 12) é da Psicanálise tornar-se ciência geral da psique. Para tanto, não se restringe aos achados interpretativos de Freud, debruça-se sobre os próprios.

A forma dessa *ficção freudiana*, psicanálise, poderá causar estranhamento, particularmente por ser habitual pensar teoria psicanalítica de maneira engessada ou – talvez menos controversamente – como certa ou errada. Há infindáveis exemplos disso, mas aproximando-nos do contexto de *Bondade*, tomemos o da *inveja primária*. Para o psicanalista kleiniano clássico, ela é, explica Petot (1982/2003): “em 1957, aquilo que vem estragar (*spoil*) o prazer oral primário, impedindo o surgimento da gratidão e suscitando o *ódio pelo bom objeto*” (p. 155). Como se sabe, no sistema de pensamento de Klein, o sentimento invejoso seria característico do que a autora designa *posição esquizoparanóide*⁴⁴; mas não se poderia encontrá-lo na *posição depressiva*⁴⁵. Apenas no sentido definido pela teoria kleiniana é que a inveja primária serviria para explicar o agir da criança ou do adulto.

Bondade de Herrmann – o itálico é fundamental para indicar a *ficção freudiana*, não o sentimento que dela independe – opõe-se a alguma proposta prescritiva de conceito: construída como narrativa, ela apresenta uma interpretação. Delineia um sentimento que, segundo o narrador, seria mais frequentemente encontrado, clinicamente, em *mulheres*

⁴³ Na explicação de Herrmann (2001b), o conhecimento propiciado pelo vórtice, e tomado como interpretante, seria organizado numa *prototeoria* pelo analista, ou seja: “num começo de entendimento recortado sob medida para este paciente” (p. 80).

⁴⁴ Não se trata de uma *fase*, mas de uma *posição*, na expressão da autora. Opõe-se à posição depressiva e caracteriza-se por experiências de extremo medo e insegurança, por haver um (ou mais) *objeto(s) mau(s)* cindidos (*split off*) no ego, causando experiências de dor ou morte. A posição é ocupada tanto pelo recém nascido, no desenvolvimento humano saudável, como pelo esquizofrênico. (Klein, 1946)

⁴⁵ Posição na qual os objetos maus não estão cindidos (*split off*) interna ou externamente dos objetos bons, e é possível sua convivência. (Klein, 1946)

fortes, como por exemplo a da barca de travessia⁴⁶ entre Salvador e Itaparica, na protagonista do *Livro de Rute* e na moça a que alude o Provérbio 31: 10-31 da *Bíblia* (2004). É assim que *Bondade* pode ser considerada *como um caso clínico*, ideia que retiro da citada *resenha-testemunho* de Herrmann (2007: 16): ela narra uma experiência encontrada. Não se trata do caso clínico de uma ou outra mulher contemplada pela história, portanto, mas do sentimento de *bondade forte*, e este a partir da experiência do narrador.

Nesse sentido, pode se dizer que *Bondade* constitui *caso clínico* por ser testemunho de um narrador-psicanalista. A experiência pode ser pensada ao lado de outras narrativas que considerem o sentimento da bondade, ao lado de outras experiências e, portanto, de outros casos clínicos que considerem a bondade, a *bondade forte* ou mesmo as protagonistas da história em questão. Quase certamente – sendo impossível eliminar o “quase” e deixar o “certamente” – outras experiências chegariam a sentidos outros, culminando diferentes interpretações. *Bondade* não prescreve sentidos, nem define o sentimento, como tampouco se propõe como caso clínico último. (Não reconheço caso clínico algum que seria “último”). Ela é, isto sim, uma interpretação possível de um contexto.⁴⁷

Ao mesmo tempo – o que poderia parecer uma contradição, mas não é – Herrmann (1985/2001a) desenvolve em *Andaimos do real: psicanálise do cotidiano* a ideia de que os sentimentos do homem “criam mundos e sujeitos” (p. 41), mundos que podem ser estudados interpretativamente, constituídos por regras. Seria a partir desses mundos que o sujeito vivenciaria suas experiências. Em *Da inveja envergonhada*, Herrmann (2002a) dá o exemplo de alguém que se lembra da casa de infância, podendo recordá-la a partir do ressentimento edipiano, do lugar de quem nela sofreu uma perda irreparável, ou do mundo da saudade⁴⁸. (p. 169) Nessa perspectiva, cada um cria uma casa ligeiramente diferente e

⁴⁶ A imagem de *travessia* como passagem, percurso, transcurso, que intrica conotações literais e metafóricas, a meu ver um tanto quanto kafkiana (1935/1961: 10-11 e 23-24), tem despontado em alguns textos psicanalíticos. Vide, por exemplo, além desta narrativa: Pontalis (1998) e Herrmann (2003a).

⁴⁷ Essa ideia encontra apoio em Herrmann (1991b, 163-93).

⁴⁸ Aliás, este é um sentimento muito particular à cultura e à língua portuguesas, como se sabe, fortemente enraizado na história de Portugal, das grandes navegações, explorado por Fernando Pessoa, por exemplo, e me parece que seria fundamental discuti-lo numa eventual prospecção de *psicanálise brasileira*, ideia aventada por Herrmann, nos anos 80 e 90, sem ser plenamente desenvolvida. Nesse sentido, por exemplo, Mario de Andrade (1943/2008) descreve metaforicamente o que chama de *complexo da dona ausente* (p.

particular, a partir do sentimento com que a apreende, um tanto quanto transformado, tanto pela cultura, como pelo mundo particular de cada ser humano. Nesse sentido, pode se considerar *Bondade* inserida nessa perspectiva maior da Teoria dos Campos, de ser possível se delinearem psicanálises de sentimentos, mas, como se disse, sendo as teorias construídas por psicanálises não definitivas e os sentimentos interpretáveis. Não há motivo objetivo para a Psicanálise ter desenvolvido teorias sobre alguns sentimentos, como inveja, ciúme, ódio, e não sobre outros, como bondade e saudade.

Incluída num livro de *ficções freudianas*, diferentemente dos estudos de sentimentos empreendidos em *Andaimos do real: psicanálise do cotidiano*, além de não compor uma teoria conclusiva, *Bondade* é (mais) *noturna*, relativamente àquele. Nela, o agir da protagonista implica teorização atrelada à *mulher forte* (pp. 35, 37 e 38), à estrutura literária, como se disse. Imbricam-se teoria psicanalítica e *unidade estética* de tal maneira que o fazer da protagonista não poderia ser outro. Como que *agida* pelo ego, sem a intervenção do superego, ou seja, da cultura, ela se faz mãe da neta sem o premeditar. Isto porque sua estrutura psíquica não permite alternativa alguma. É assim, digamos, que ela *funciona*, engendrando sua composição.

O conto-crônica que compõe o miolo da narrativa *Bondade* narra a história de uma travessia por barca, de Salvador a Itaparica. Uma mulher bem mulata vem acompanhada do marido, mais mirrado e mais claro. A descrição confere à mulher o centro da narrativa. Também se encontram na barca o narrador, que é testemunha partícipe da experiência contada, e sua mulher. O marido da mulata quer puxar assunto com o narrador, ostentando certo orgulho de sua chefia da família. Porém, observa aquele, ela pertence nitidamente à mulher. Nem por isso se torna ridículo o marido, nota o narrador. Parece implicar, digamos uma justa medida, para *bondade forte* não opacificar o outro.

276): “(...) se as origens do complexo são incontestavelmente portuguesas para nossa língua [originando-se com as grandes navegações], e portuguesas quase todas as suas derivações, o brasileiro não só conserva muito vivo tudo o que herdou, como deu mil e uma variantes à herança e a acrescentou de umas poucas invenções novas.” (pp. 272-273)

O casal traz uma criança de colo, sendo ela quem chama o narrador a participar ainda mais intimamente da família. De sua perspectiva, não há outra alternativa. A menina agarra seu dedo, balançando-o ao ritmo das marés. A cena armada é convidativa para uma conversa, a que o narrador não se furta. Parece-me ter o narrador, como a mulher, sido *agido*.

A mulata, senhora falante, toma do marido o assunto. Conta que é mãe e avó de Gislane – única nomeada nessa história – explicando que ao mesmo tempo não é nada. Uns dezesseis anos antes, diz ela, pegara para criar uma outra criança, encontrada num chiqueiro ao lado de sua casa, toda suja e gritando de fome. Pergunta o narrador, interessado: “Era ela só de filho?”, mimetizando o linguajar local. A resposta vem prontamente, no ritmo da correção: “Imagine! Tenho mais oito. Fora os que morreram.” (p. 36) O jeito de falar arrastado tipicamente baiano exige do narrador-testemunha – que a meu ver atua como psicanalista – pedir à mulher que repita algumas palavras, denunciando sua estrangeirice.

Teriam uns trinta minutos de diálogo, tempo que levaria a travessia. Pouco para se adentrar uma família, é certo, mas muito, considerando-se os quatorze magros quilômetros do trajeto. A mulher conta que a mãe/menina adotada foi crescendo. Era “bonita e instruída, podia arranjar emprego, mas nunca que quis” (p. 37). Ao invés disso caiu na vida, e depois dos namoros e festas, acabou no árduo trabalho de enxada. Como acontece desde que o mundo é mundo, *embarrigou*, tendo o namorado partido pouco antes do parto da criança. A mãe da recém-nascida não demonstrava intenção de dela ocupar-se, só dizia à mãe adotiva: “sim mãinha, a senhora que sabe mãinha”, e não cumpria com o papel que lhe cabia. Sem pensar muito e por ser prático, foi assim que a mulata tornou-se mãe da *neta*. Registrou a menina como filha e abona: “é um gosto de menina” (p. 37).

O fim da travessia, com a chegada da barca a seu destino, interrompe a conversa. Ao que conclui o narrador: “Nada há para dizer, senão até logo e boa sorte” (p. 37) e observa a mulher que se aparta, marchando firmemente com a menina ao colo, abanando-a por causa do calor. Fim da “sessão”. A experiência clínica termina e, juntamente, a *travessia*. Duração da experiência, o *tempo curto*. Desse ponto em diante, temos o *tempo longo* da

experiência, aquele que não se encerra com os trinta minutos e quatorze quilômetros, mas no qual se pode considerar o sentido de um encontro.

Seguindo-se a estrutura de *Bondade*, é então que o narrador explora o sentimento de *bondade forte*, pinçado nessa mãe/avó, a *mulher forte*. No seu deprender, se a bebê crescesse, e repetisse o caminho da mãe, lá iria nossa protagonista adotar a então bisneta/filha. Suas observações, que implicam uma interpretação psicanalítica, foram feitas a partir de seu lugar de narrador-testemunha, porém não mais dentro da história, mas considerando-a em *après-coup*, na construção da narrativa. Interpretação da interpretação, tendo a primeira se dado, por assim dizer, *in loco* ou no mínimo de dentro da trama.

Se por um lado o narrador foi ouvinte-testemunha, receptor da estória contada, ao mesmo tempo que experimentou da travessia por barca, por outro, foi altamente ativo em sua escuta, produtor dessa prototeoria, durante a *travessia*, no momento da narrativa desta, ou pensando-a em seguida. É o narrador quem pinça naquela mulher o sentimento que ele denomina de *bondade forte*, e o coloca lado a lado com os de Rute, do *Livro de Rute*, e da mulher do Provérbio 31 da *Bíblia* (2004).

A mulata senhora constitui um segundo narrador, indireto, na trama. *Mulher forte*, ela não é psicanalista, não produz *prototeoria* como o narrador. Mas transmite viva e oralmente sua experiência, no sentido dado por Benjamin, e é essa transmissão, essa conversa com o narrador, que serve de matéria prima, de material clínico, para o destinatário psicanalista. Sem a clínica do mundo, não há o psicanalista. Mais que isso, nos dirá o narrador, sem a *bondade forte*, encontrada na mulata senhora, tampouco há psicanalista, nem, de certo, psicanálise.

Um tom de aconselhamento acompanha a narrativa, mas que só se revela ao final da trama. É na última frase dessa *ficção freudiana* que o narrador faz sua recomendação desafiadora, dirigida ao psicanalista interessado em seu método: “Com isso (a *bondade forte*), a análise pode funcionar; sem isso, não.” (p. 38) Outra frase de tom semelhante, entretanto, além da recomendação, entoa certa crítica do produzir psicanalítico, principalmente depois de

Freud: “Cuidado então se a encontrar (a *bondade forte*), pois ela o penetrará de paz feroz e você terá de fazer força extrema para retornar ao cinismo psicanalítico a que se habituou, uma vez que a teoria tradicional omitiu o conceito metapsicológico de bondade e nossa clínica tem desdenhado sua prática generosa.” (p. 38)

A advertência do narrador, de *bondade forte* ser imprescindível às psicanálises, revela uma humildade surpreendente, quando contrastada à postura adotada na Psicanálise e/ou por pesquisadores (conforme retratada, por exemplo, no tom pomposo da conversa no *salão nobre* da *Academia de Ciência de Límbia* [Herrmann, 2002a: 125] de *O escorpião e a tartaruga*⁴⁹). Por um lado, eu diria que o narrador constrói uma sofisticada unidade estética para *Bondade*, que contrasta com o linguajar simples da mulata senhora. Por outro, é no íntimo dessa personagem que o psicanalista narrador vai se apoiar para descobrir o que haveria de essencial à clínica psicanalítica. Toda a pesquisa do narrador encaminha-se para dizer que o sentimento da mulher da barca, a *bondade forte*, é imprescindível ao trabalho analítico.

Assim, apesar das três características da mulher na barca separarem-na do narrador – sua simplicidade, contraposta à sofisticação que atribuo ao psicanalista-narrador (que é narrador mas que funciona como psicanalista), o sexo feminino e o linguajar simples, tipicamente baiano, que revela uma cultura estrangeira à do narrador – é justamente essa personagem quem inspira o psicanalista-narrador, tornando-o quem é: sem a *bondade forte*, as psicanálises – inclusive esta narrativa – não funcionariam. Ser psicanalista requer humildade, portanto, de acordo com essa *ficção freudiana*, e compartilha o sentimento de *bondade forte*.

Vamos a um “*close reading*”⁵⁰ psicanalítico” de *Bondade*, não no sentido dado pelos norte-americanos em meados do século XX, mas ligeiramente perto do texto, que inicia assim: “Começemos pela bondade.” (p. 35) A frase intriga, pois, eu me pergunto, começar o quê?

⁴⁹ Essa *ficção freudiana* será analisada detidamente no capítulo 3.iii.

⁵⁰ Amplamente conhecido na crítica literária, o *close reading* dos anos 1940, 1950 e 1960 culminou no *New Criticism*. Implica leitura formal muito próxima do texto literário, frequentemente considerando a escolha de palavras empreendida pelo autor e a sintaxe do texto.

Quem começa, começa algo, já aprendíamos no ginásio. Num sentido, penso, começar a série de ficções freudianas que compõem o livro, considerando um narrador para o livro todo, o que, por sua vez, justifica-se pelo prefácio, onde o autor destaca: “Sendo ficção, do autor se desdobra um narrador e, deste, as personagens” (p. 8).

Trata-se de um narrador contando a primeira história de seu livro, desdobrando-se dele as personagens, a mulher forte, o marido, entre tantos outros (um tanto quanto analogamente aos heterônimos de Pessoa, eu diria, embora aqueles não se proponham extrapolar os textos em que são produzidos, como por vezes ocorre aos heterônimos pessoanos.) Cada personagem, um *eu* do narrador, que por sua vez é um *eu* ficcional de seu autor. As personagens dão elementos para se considerar o narrador, que porém não se revelam conclusivos. Essa forma de pensar a abertura da narrativa toma os dois capítulos anteriores do livro – *A ficção freudiana* e *Notícia de Límbia* – como ensaios explanatórios do livro como um todo, que oferecem ao leitor elementos para se considerar seja cada um deles individualmente, seja os dois entre si e os capítulos que os seguem.

Noutra interpretação, os dois primeiros capítulos são tomados também como *ficções freudianas*, como todos os outros do livro (e conforme se disse de *A ficção freudiana* no segundo capítulo). Ao entoar: “Começemos pela bondade”, o narrador estaria ordenando sua narrativa, talvez enumerando sua fala, restringindo seu enunciado ao escopo de *Bondade*, pensando-a independentemente do livro como um todo.

Dessa perspectiva, de uma organização da narrativa, *Bondade* parece-me estar estruturada, mas não rigidamente, por três momentos: o primeiro é o parágrafo inicial, breve, que sintetiza uma ideia introdutória sobre o sentimento de *bondade forte*, contraposto à *pieguice*. Ela seria incomum, mais frequentemente encontrada em mulheres e, nos diz o narrador, um *gênero de destino*. Ele ecoa o *Antigo Testamento* (2004), interrogando: “quem encontrará a mulher forte?” (p. 35).

Seguem cinco parágrafos sobre uma experiência do narrador quando a encontrou. Vale comentar que a experiência da conversa ao locomover-se por barca de Salvador a Itaparica,

espelha uma experiência vivida de fato por Fabio e Leda Herrmann, conforme esta contara oralmente (2009). No entanto, ela só pode ser conhecida pelo leitor por sua interpretação; é a partir da narrativa que conhecemos a experiência. Não se sabe ao certo, nem é relevante, se a teorização literária é anterior à experiência na barca, ou fruto dela. Só se conhece a narrativa, a interpretação da experiência.⁵¹

Essa segunda etapa, a descrição do encontro com (um)a mulher forte na barca, é tanto uma descrição literária, como uma psicanálise (enquanto interpretação psicanalítica, ruptura de campo, no sentido de ser produtiva), e constitui-se como unidade estética. A experiência narrada, de que o narrador se torna uma espécie de testemunha ativa e um narrador psicanalista, delinea o que seria um mundo construído por *bondade forte*. É isto que a identifica como psicanálise, com *p* minúsculo, isto é, como prototeoria. O narrador psicanalista, partícipe, receptor e construtor da experiência, é, ao mesmo tempo, seu testemunho. Recebe a história contada, e é altamente ativo em sua escuta, tornada narrativa por escrito. Ele observa a relação do marido com a mulher, da mulher com as filhas adotivas, e assim produz sua psicanálise. O campo de *mulher forte* depreende-se da relação da mulher com o marido, filhas e com o narrador e sua mulher, e não o contrário.

Na conclusão da história, faz-se uma exploração mais detalhada sobre o sentimento de *bondade forte* pinçado dessa mãe/avó, *mulher forte*. No depreender do narrador psicanalista, inclusive, se a bebê crescesse e repetisse o caminho da mãe, nossa personagem adotaria a agora bisneta/filha; é a sua aposta.

Os quatro parágrafos em seguida detalham uma prototeoria da *bondade*, o momento de tomar em consideração o que surgiu, com a vivência na barca sendo transformada em *experiência*. A teorização, nesse sentido, as considerações do narrador, são o que constitui sua prototeoria. Ele a desenvolve, primeiramente, fazendo referência a essa experiência em águas baianas e, em seguida, considerando a *mulher forte* da *Bíblia* (2004), delineada pelo

⁵¹ É nesse sentido que compreendo a afirmação de Arrigucci (1998): “(...) é melhor o impossível crível do que o possível incrível. A regra (...) é: sempre procure o impossível plausível, não o possível incrível.” (p. 37) Ou seja, além de ser uma psicanálise, a narrativa de Herrmann constituir-se-ia como unidade estética, inclusive no que busca, talvez, o impossível plausível, mas não o possível incrível.

narrador de maneira sucinta, trazendo mais elementos para sua prototeoria. Eis a história bíblica, para que se conheça a referência do narrador.

Antigo Testamento

A mulher forte bíblica, que dependendo da tradução é também referida por *mulher virtuosa* ou *mulher de valor*⁵², aparece no provérbio 31:10-31 do *Livro de Provérbios* e no *Livro de Rute*, que conta a estória da mulher que lhe dá o nome.

De acordo com o *Livro de Rute*, esta era moabita, e casada com um efrateu de Belém. Seu cunhado, irmão do marido, que também veio de Belém, era casado com outra moabita. Os quatro viviam em Moab, bem como a mãe dos dois, Noemi, que era viúva. Os dois morrem, e Noemi urge às noras encontrarem novos maridos que possam lhes dar filhos, visto que ela própria não mais poderá ter outros filhos e dar-lhes maridos a tempo de elas terem filhos deles. Sendo noras, é dever de Rute e da cunhada cuidar da sogra, mesmo sendo viúvas. Ser jovem, viúva e não casar-se novamente constitui sua desgraça.

No entanto, Noemi pretende retornar só a Belém, deixando as noras livres para se casarem novamente. As duas ouvem a recomendação de Noemi, choram e prometem não abandoná-la. Por insistência de Noemi, a cunhada de Rute despede-se da sogra com um beijo. Em contrapartida, Rute pede a Noemi para não aferrar-se em partir sozinha, pois irá com ela onde for. As duas vão a Belém, terra natal de Noemi, onde esta, entristecida e desgostosa, pede para ser chamada de Mara (amargura), em vez de Noemi (doçura).

Sendo Rute estrangeira em Belém, não poderá encontrar trabalho ou casar-se com alguém local. Contudo, sai pela manhã sem deliberar, à procura de um senhor a quem servir, perseguindo seu dever até o fim. Coincidentemente, chega à propriedade de Booz, primo de seu defunto marido, sem saber do parentesco. Ele não a reconhece, e fica alarmado ao encontrá-la com as outras servas, apanhando as espigas que ficaram no solo após a colheita. Uma vez informado tratar-se de Rute, e sabendo do cuidado que tivera com a sogra, Booz

⁵² Isto porque na expressão hebraica *eset-hayil*, o adjetivo *eset* que acompanha a palavra *hayil* (mulher) reúne conotações de força, valentia, competência, riqueza, agressividade, entre outras. (Waltke, 2005: 520).

permite que continue na atividade até o fim da estação. Dá a ela o mesmo tratamento que às outras servas, e pede que não trabalhe em outro campo.

Ao fim do dia, Rute conta o episódio a Noemi, que a aconselha a se tornar mulher de Booz. Ela concede, sempre cumprindo com a condição de mulher que faz o que é devido, não se submetendo à tragédia da situação que se lhe impunha. Quando Booz a encontra em seu leito, é tomado de surpresa, mas logo compreende a situação e proclama: “Esta tua última bondade vale mais que a primeira (...) todos em Belém sabem que és uma mulher virtuosa.” (*Livro de Rute*, 2009: 3.10-1)

Então, Booz lembra que outro primo dos falecidos irmãos, de parentesco mais próximo, tem o *direito de resgate*, ou seja, o direito de comprar tudo o que deles fora. No dia seguinte, vai até esse primo para contar-lhe o ocorrido. Este ouve, e abre mão de seu direito de resgate. Booz compra, então, a herança do primo finado, e Rute torna-se sua mulher.⁵³

Paralelamente, o Provérbio 31:10-31 inicia com a pergunta: quem encontrará a mulher forte (ou virtuosa)? A versão reproduzida em *Bondade* é: “Quem encontrará a mulher forte? (...) A mulher forte levanta-se antes do sol, sai ao campo e provê a comida de seus empregados, tece um cinto com suas próprias mãos que cinge aos rins. Ela é a glória de seu marido e a bênção de seu lar.” (p. 37) Há controvérsia acerca deste provérbio entre exegetas e outros estudiosos da Bíblia. Para uns, ele é educativo, descrevendo o que toda mulher deve aspirar e o que todo homem busca encontrar. Para outros, é alegórico, ou seja, não descreve mulher alguma de carne e osso, mas sim o que seria *A Sabedoria*. (Waltke, 2005: 516-9) A mensagem, para ambos, é semelhante.

Considerando-se essa *ficção freudiana* em seu todo, misturam-se a mulata, Rute e a mulher ou figura alegórica descrita no Provérbio 31: todas executam o que há de ser feito sem

⁵³ É possível considerar-se que, neste apólogo, opera o princípio do absurdo desvelado por Herrmann: “que se define como reversão qualitativa pela tensão máxima” (1985/2001a: 73). Rute se deita com Booz, a mando da sogra. Poderia ser vista quase como meretriz, mas é o dever dela. Há, nesse sentido, uma virada qualitativa. O que seria pecado, a dignifica. Assim, Rute tem de volta o marido, o respeito, o reconhecimento como mulher forte. A ideia do princípio do absurdo nos apólogos bíblicos é desenvolvida no capítulo *Uma regra em três histórias* (1985/2001a: 69-92), que trata das estórias de Judite, Tobias e Jó, do *Antigo Testamento*.

duvidar ou oscilar. O narrador cria uma explicação: a bondade forte é “um gênero de destino”, ou seja, não se trata dos quereres ou aspirações dessas mulheres, mas do fato de compartilharem desse sentimento de destino. No dizer da mulata, ela faz o que é *prático* (2002a: 37), e isto sem hesitação: “A bondade não pensa, faz o que tem que ser feito, sem regozijo ou autocomplacência. É um ego que invadiu o superego – não o contrário –, tomando de assalto as instâncias ordenadoras da consciência moral, suplantando a moral e a conveniência em nome do destino.” (p. 37) Não há a função crítica do superego no agir por *bondade forte*. Como a menina que apanha o dedo do narrador. Um gesto incalculado, efetuado sem consideração quanto às consequências, espontâneo. Assim, também, o narrador permite que a criança lhe balance o dedo, incumbido de participar desse sentimento, definindo-se assim, ele, como narrador psicanalista.

Na Teoria dos Campos, o conceito de *destino* é descrito como a dimensão trágica da análise – esta que se delinea ao longo da história de um processo psicanalítico –, e constitui o maior desafio para a ação do método interpretativo de ruptura de campo. (Herrmann, 1991b) Nas palavras do autor: “(o destino) é um rio subterrâneo que corre pelo subsolo da análise (...) Aí não há liberdade nem incerteza, mas destino.” (p. 227) Herrmann (1998/2006a) volta ao tema, metaforizando: o destino seria gerado no útero do real (p. 106). Trata-se de: “um estrato do real que só se ativa pela reciprocidade, (...) o destino é um excedente de desejo que só se diferenciou parcialmente do real.” (pp. 106-107)

A ideia é que – se bem que para a Teoria dos Campos o analista trabalhe com as autorrepresentações do paciente, a partir da escuta analítica – o destino é aquilo que sobra do que já se constituiu como representação, ou inconsciente recíproco – um estrato do real que só se ativa por geração recíproca. (1998/2006a: 106) Por definição, já que o material analítico são as representações do paciente e a maneira como são escutadas pelo analista, o destino é um desafio para a análise e para o analista. Ele age o sujeito no transcorrer da história da análise, com pouco acesso clínico do analista ou analisando. Mas é possível que uma psicanálise transforme o destino de alguém. O conceito implica justamente aquele substrato que não foi transformado, e é o mais difícil de se transformar numa análise, embora seja eventualmente possível transformá-lo. *Bondade forte* é um gênero de destino

no sentido de ela *agir* a mulata, Rute e a personagem do Provérbio 31, como rio subterrâneo, como que não lhes permitindo alguma alternativa. *Agidas*, e portanto *mulheres fortes*, elas cumprem com seu dever, insuspeitadamente, como se fosse fado, sem pensar ou muito menos questionar.

Há uma diferença entre a fortuna da personagem bíblica e a da mulata. No caso de Rute, há uma espécie de recomendação que permeia o apólogo, algo como: cumpra com seu dever e Deus proverá. Não que Rute saiba disso, mas o leitor percebe. Dá-se que os apólogos bíblicos apregoam como o homem deve ser e agir. De certa forma o texto instrui a se fazer o que é devido e *ensina* o leitor que haverá recompensas divinas. Assim, apesar de estrangeira e viúva, Rute encontra trabalho e novo marido em Belém. Já na narrativa da mulher da barca, a recompensa não importa.

As *ficções freudianas*, dissemos, são *como casos clínicos*, sem o serem. Ou melhor, sendo e não sendo ao mesmo tempo. O paciente no consultório participa muito mais ativamente da prototeorização, desamarrado, como não poderia deixar de ser, por exemplo, de qualquer *estrutura estética* ou outra prescrição, ao contrário das personagens de ficção e bíblicas. O destino como bondade forte pôde ser desvelado nas estórias de Rute e no encontro com a mulata. No entanto, não se estando diante das pessoas de Rute ou da mulata, a questão deixa de ser *elas*, de fato, em carne e osso. Inclusive, me parece, nem sabemos se Rute existiu.

Quanto à *bondade forte* ser “um ego que invadiu o superego, não o contrário” (p. 37), trata-se de uma aceção nitidamente audaz, que desmancha a soberania atribuída por pós-freudianos à segunda tópica de Freud. Isto porque, no modelo da segunda tópica, o superego instaura-se com a resolução ou sepultamento do complexo de Édipo. O menino pré-púbere, para nos atermos ao modelo mais simples⁵⁴, compete com o pai pelo amor da

⁵⁴ O modelo feminino é mais complexo visto que o primeiro objeto de amor da menina, como o do menino, é a mãe. Trata-se, portanto, no caso da menina, de um objeto de amor homossexual. Além disso, como a menina não possui pênis, o temor à castração feminino é emocional, mais que concreto, como o do menino, que teme perder uma parte do próprio corpo. Diz-se, portanto, que a resolução edípica feminina seria mais *frouxa* que a masculina.

mãe. Prevendo que o pai é fisicamente mais forte e temendo a castração de seu pênis por esse pai – ou seja, coibido pela perspectiva de uma mutilação corporal – abre mão do amor erótico pela mãe, e identifica-se com o pai, passando assim a buscar um objeto de desejo outro que a própria mãe. Para Freud, é assim engendrado, filogeneticamente, o superego. Com a resolução do complexo de Édipo, não mais a criança se deixa guiar apenas pelo princípio do prazer, que implica o desejo de se relacionar sexualmente com a mãe, mas constitui-se-lhe o superego e ela abre mão desse desejo em favor de sua proteção física. (Freud, 1924/2003: 177-188) Assim, no pensamento freudiano, a renúncia pulsional implicada na resolução do Édipo, instaura o superego como uma instância moral que internaliza as prescrições culturais.

Sendo boa a teoria – uma obra prima psicanalítica – é facilmente aplicada e replicável pela observação clínica, além de ser altamente sofisticada. Construída a partir das observações clínicas de Freud, fala do homem em seu mundo. É valiosa, e revolucionou a compreensão que se tem do humano, mas, sendo *teoria*, é igualmente imprescindível considerar que se trata de uma hipótese ficcional que, conforme a concepção da Teoria dos Campos, está sempre em risco de se perder. Não só está em risco de se perder, como, de fato, tomando a *Bondade* como prototeoria, perde-se a ideia clássica freudiana da resolução do complexo de Édipo, nessa *ficção freudiana*. É que, na *bondade forte*, explicou o narrador, é o ego que invade o superego, não o contrário.

Construído por interpretação, o saber psicanalítico só pode ser compreendido como teórico, ou prototeórico, hipotético, portanto, não como factual, tanto no que diz respeito ao relato clínico como à sua discussão. Como se disse, dá-se o método da Psicanálise por ruptura de campo (vide capítulo 2).⁵⁵

É também nesse sentido que teorias consagradas são, de fato, sempre psicanálises possíveis, nunca únicas; nem soberanas ou excludentes. A prototeoria desvelada por *Bondade*, acerca

⁵⁵ O estudo sobre o método foi publicado por Herrmann em 1979, 1991 e 2001. Sendo estudo psicanalítico, é também ficcional, como já discutido anteriormente. Sua verdade é, portanto, relativa a seu valor interpretativo. O estudo constitui um modelo para se pensar o efeito da cura psicanalítica, a forma da Psicanálise e como ela funciona, mas não se propõe como factual ou irrefutável.

de bondade forte, traz um acréscimo possível ao modelo de aparelho psíquico da segunda tópica freudiana, sem que isto constitua uma incoerência. Em se tratando de *possíveis*, que devem ser interna não externamente coerentes, uma teoria não invalida a outra.⁵⁶ A ideia de que a bondade forte seria um ego que invadiu o superego constitui uma possibilidade não contemplada pela teoria freudiana (1923: 30-40), sendo coerente com a teoria dos sentimentos da Teoria dos Campos. Há um acréscimo nas possibilidades de relação ego/superego, no caso da bondade forte como sentimento, o destino, como um rio subterrâneo, *age o sujeito*, no sentido descrito. Não se trata de um agir sem pensar, mas de um pensar que se faz na ação: assim a mãe postiça tornou-se *mãe-avó*, mais *mãe*, inclusive, que a própria mãe; e Rute seguiu, com Noemi, para Belém, como era seu dever.

Herrmann elucida: “A bondade é egóica, porém se dá quando o ego se diluiu por obra de um acórdão em suprema instância com os fatos da vida. Nem o superego então lhe resiste, porque este só ganha existência no confronto interno de vontades egoístas, num jogo de dois tempos: faço ou não faço, dou ou não dou.” (p. 38) Se não há conflito, explícito ou implícito, não há função de superego. Rute, bem como a mulata desse “conto-crônica”, não questionam seu lugar no mundo, seu fado de *mulher forte*. Elas o *são*.

Utopia alegórica ou realidade? Tomando-se a mulata senhora como protagonista ficcional e Rute como personagem bíblica, paralelamente ao caso clínico de consultório, torna-se impossível afirmar-se ao certo, e nem é esta a questão. A ironia da narrativa está na recomendação de se trabalhar psicanaliticamente na e pela *bondade*. Seria uma recomendação possível? A resposta variará de acordo com o analista leitor. Assim, *Bondade*: andaime para a clínica.

⁵⁶ Aliás, vale lembrar, ainda, que a segunda tópica freudiana contesta a primeira, sem por isto a invalidar. Não cabe neste capítulo, no entanto, explorar esta contestação.

3.ii. *Uqbar* e *Tlön* justapostos a *Límbia* – ensaiando uma aproximação

A perspectiva do presente exercício é colocar lado a lado duas ficções especulativas. A primeira, *Notícia de Límbia* de Herrmann (2002a: 21-34), descreve no campo da ficção freudiana o que seria o lócus da criação artística e científica em Psicanálise, metaforizado como *Límbia*. A ideia é que este “lócus” seria um e o mesmo, sendo discutível a possibilidade dele se generalizar para abranger outras ciências além da Psicanálise. Além disso, algumas teorias da Teoria dos Campos são abordadas muito brevemente ao longo dessa ficção especulativa, em um ou dois parágrafos, oferecendo, de fato, uma espécie de notícia desse pensamento. É possível afirmar-se que *Notícia de Límbia* oferece uma espécie de retrospectiva até o ano de sua publicação, mas não para se percorrer uma história da Teoria dos Campos, e sim explorando algumas consequências possíveis de sua produção de conhecimento artístico-científico, o que equivale a dizer, explorando as condições do método interpretativo por ruptura de campo, descoberto por Freud e desvelado pela Teoria dos Campos. *Notícia de Límbia* não me parece constituir um enredo propriamente dito, mas uma descrição feita por ficção especulativa.

A segunda, *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* de Jorge Luis Borges (1940/2009: 13-40), constitui uma utopia a partir e de dentro de uma transformação do mundo, sempre descrita em forma ficcional, mas que possibilita uma antevisão do mundo nos anos 40. Foi qualificada de *fantasia metafísica* por Bioy Casares (1940/2010: 14), visto que, sendo ficção, constitui também essa antevisão de mundo. Isso coincide com a incerteza que a leitura dessa ficção produz quanto a tratar-se de uma ficção irônica ou – dando um passo a mais – ter seu autor lhe imprimido certa ambição filosófica. Nesse sentido, de dentro da ficção o narrador “Borges”⁵⁷ se pergunta, em referência à busca iniciada por “Bioy” com respeito ao artigo sobre *Uqbar*: seria essa meramente uma *ficção improvisada*? (Borges: 1940/2009: 14) Molloy (1999) destaca a sensação de mal-estar que essa incerteza do valor da ficção especulativa causa no leitor. (pp. 154-155)

⁵⁷ A ideia de colocar entre aspas o nome do narrador e das personagens da ficção para diferenciá-los do autor e seu amigo na vida real foi tomada de Beatriz Sarlo (1993/2007: 130).

Minha análise parte mais plenamente do pensamento em que se constitui a primeira ficção, o que se deve à circunstância de minha formação ser psicanalítica e ter se dado amplamente dentro da Teoria dos Campos, e não do pensamento de Borges. Entretanto, a justaposição das duas ficções necessariamente teve como resultado a produção de uma terceira, e é do lugar desta que faço meus comentários; ou seja, não com algum intuito fútil de chegar a uma espécie de verdade interpretativa, o que, como se viu no segundo capítulo, não teria sentido neste estudo. Observo que, em minha interpretação, a omissão à referência de gêneros literários frequentemente destacados, como o conto ou o ensaio, é propositada, visto que estas ficções constituem narrativas de gêneros literários híbridos, que neste capítulo estão sendo tomadas como *ficções especulativas*, mas cujos autores as definiram simplesmente como ficções (Borges) e ficções freudianas (Herrmann), tendo em vista os títulos de seus livros. Ainda, me parece que a justaposição dessas ficções vai se mostrar possível mas logicamente não absoluta, nem se constituirá esse encaixe de maneira incondicional.

O momento de cada ficção

Escrita décadas após a de Borges, *Notícia de Límbia* leva às últimas consequências o exercício de ficcionalização das próprias teorias do pensamento dentro do qual foi engendrada, e isto em pleno *reino análogo*, mediante o mundo *desubstancializado* descrito por Herrmann em capítulos de livros anteriores (1980, 1985/2001b e 1994). Para o autor, essa desubstancialização teve início em fins do século XIX, como efeito da revolução industrial, e vem se acentuando até os dias de hoje pela virtualização acelerada no mundo em que vivemos.

Embora *Notícia de Límbia* de fato noticie o percurso da Teoria dos Campos, como se disse, o faz interpretativamente, por intermédio da ficção literária, que é necessariamente produtiva, não meramente reprodutiva. Ou seja, ao falar de seu objeto, o conto o recria e – assim – faz um outro, conferindo à narrativa certo caráter duplo, talvez dialético: a um tempo é descritiva e criativa, pois, ao não repetir, produz o outro. Vale também ressaltar que um percurso não implica pensamento concluído, muito menos esgotado, o que iria contrariar a própria Teoria dos Campos enquanto objeto e instrumento de pesquisa. É

percurso no sentido de possibilitar a produção de uma trajetória, de possibilitar essa notícia de seu desenvolvimento, esta que o título qualifica por *notícia* de *Límbia*. Breve a notícia, porém densa, permitindo ser *Límbia* considerada como metáfora da Teoria dos Campos.

Tlön, Uqbar, Orbis Tertius, por sua vez, serve-se de e compõe uma ficção especulativa para constituir uma visão de mundo, como se disse, ou uma utopia, que é a própria perspectiva de dentro dessa transformação. Seria possivelmente o que hoje se compreende como a passagem do mundo moderno ao mundo contemporâneo, esta que não tem substância ou momento cronológico preciso, mas que pode ser considerada como momento lógico.⁵⁸ Esse novo mundo, uma espécie de mundo gerado de sua própria transformação, foi nomeado por um neologismo onomatopéico que a meu ver evoca um surgimento: *tlön*.

No tempo do narrador “Borges” – que é uma versão ficcional de seu autor, visto que se trata de uma ficção literária – ou seja, os anos de 1940, conforme os primeiros dois intertítulos de sua ficção especulativa, e 1947, conforme o terceiro intertítulo, o mundo que virá a ser, em 1947, pode ser especulado pelo narrador, mas não observado. *Tlön* ainda não nasceu, não aconteceu, mas a ficção já se reporta a ele (ou ela), conferindo-lhe o nome *Tlön*. Este remete a alguma língua estrangeira, tendo em vista o trema na vogal *o*, inexistente no português ou espanhol, e convocaria o desconhecido, a incógnita.

Ao que me parece, *Tlön* é a ficcionalização da passagem de um mundo a outro, que implica o momento *entre* mundos necessário à transformação, à sobreposição. *Tlön* é processo e seu produto, nesse momento, indistinguíveis – entre algo que não é mais, mas que ainda não veio a ser, e talvez daí a radicalidade da *desubstancialização* que o caracteriza. Essa ideia vê-se refletida na composição formal dessa ficção – os dois primeiros intertítulos estão datados de 1940 e a pós-data de 1947. O texto foi publicado por primeira vez na íntegra em 1940, constituindo-se a pós-data antecipadamente.⁵⁹

⁵⁸ Para alguns, o início da contemporaneidade deu-se no entorno da Segunda Guerra Mundial. Para outros, nos anos sessenta ou setenta.

⁵⁹ Nesse ponto também fez-se-me necessário encontrar apoio em Sarlo (1993/2007), pois uma conversa com o colega doutorando Guido Herzovich da Universidade de Columbia, que estuda a literatura argentina contemporânea, revelou-se como porta de entrada a *tlön*, ou *Límbia*. O fato é que não sabíamos mais em que

Já a condição do *entre* temporal, da passagem de um mundo a outro, não parece estar tematizada em *Notícia de Límbia*, mas sim o lugar metafórico das possibilidades de construção de conhecimentos em e sobre o mundo que perdeu substancialidade e que, além disso, sofreu um trauma de aniquilação total. É esse o *entre* límbico. Isto porque, nos anos 60, a ameaça de uma guerra atômica teve para o homem o efeito de uma terceira guerra mundial, no sentido que a iminência da reação soviética à tentativa da invasão americana a Cuba pela Baía dos Porcos teria produzido uma “Guerra que não houve” (2002a: 30), instaurando na humanidade um trauma, pela ameaça de seu desaparecimento. De acordo com esse pensamento, é o efeito ético da possibilidade de aniquilação total que instaura o trauma inédito e alienável da humanidade. Nesse sentido, “explodiu uma bomba ética” (p. 27): instaurou-se o trauma do fim do mundo.

Para Herrmann, o homem vive atualmente num mundo de *superrepresentações* (Leda, 2010) um mundo *hiper-humanizado* que, paradoxalmente, expulsou de si o próprio homem. Serve-lhe de exemplo a relação vaca/leite para explicar a dinâmica contemporânea. Para a criança do mundo contemporâneo das grandes cidades, o leite não é mais um produto da vaca, mas da caixa em que é adquirido no supermercado. O sentido que o leite carrega está determinado pela *psique do real*, ou seja, os sentidos impostos ao homem pela rápida veiculação de informações sobre o leite principalmente pela propaganda (a marca, a embalagem, o que é divulgado na mídia, ou seja, as informações sobre sua importância na alimentação, seus nutrientes, etc.)

data fora publicada a ficção, se antes ou depois da pós-data. Consideramos a possibilidade da primeira versão não contar com a pós-data. De fato, pude conferir que há três versões de *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*: a da Revista Sur (1940), a do livro *Ficciones* (1944/2009) e da *Antología de la literatura fantástica* (1965/2010) e que todas têm pós-datas. Nelas, a primeira versão cita a si mesma, a segunda cita a terceira, antes desta haver sido publicada, e a terceira também cita a si própria. Ou seja, na versão de 1940 a pós-data já é datada de 1947, o que a torna de fato de uma pós-data antecipada. Coincidentemente ou não, o recurso de escrever do futuro é retomado por Herrmann em suas ficções freudianas *De nossos antecessores I* e *De nossos antecessores II* (2002a: 115-124 e 147-154) que fala a partir do futuro, contando da Psicanálise uns cento e cinquenta anos após sua descoberta, aproximadamente na década de 50 do século XXI, explicando que essa ciência teria sido *tragada* (p. 123), ou seja, deteriorou-se a ponto de se tornar relíquia. O recurso também é retomado em *Escrituras* (Herrmann, 2002a: 87-91), intertítulo de *No Zôo*. O uso de datas por vir, nesses escritos, é claramente irônico.

A ideia é que no mundo tecnológico contemporâneo, o trabalho foi setorizado, e o trabalhador ficou limitado ao sentido parcial daquele setor da linha de produção em que atua. (Herrmann, 1980 e 1985/2001b) Assim, estabelece-se uma cisão entre a particularidade de uma tarefa realizada e o conjunto de que ela faz parte, intensificando-se a cisão em profissões tais como a de vendedor de telemarketing, que memoriza um texto específico e o repete, sem precisar conhecer o todo da empresa em que trabalha, ou, inclusive, sem conhecer os detalhes relacionados ao texto que memorizou. O trabalho setorizado, diferentemente de um ofício, afasta o trabalhador do sentido de sua participação na *gestalt* do produto final, impondo-lhe uma restrição ao sentido da eficácia de seu ato individual. Assim, a Teoria dos Campos entende que, no mundo em que vivemos, o indivíduo fica expulso desse mundo, e as marcas, empresas, grupos, movimentos políticos passam a impor-lhe sentidos: seria sem mediação que o mundo imprimir-se-ia no sujeito.

As metáforas *Límbia* e *Tlön* aproximam-se, no sentido de ambas lidarem com um mundo que se transformou. Em *Tlön*, o que surgirá é uma incógnita. Borges descreve a “primeira intrusão do mundo fantástico no mundo real” (p. 36), ou seja, de *Tlön*, um mundo pós-guerra, na realidade conhecida. Mais adiante, descreve a transformação de mundos, e a consequente criação:

“(…) quase imediatamente, a realidade cedeu em mais um ponto. O certo é que desejava ceder. Há dez anos bastava qualquer simetria com aparência de ordem – o materialismo dialético, o antissemitismo, o nazismo – para embelezar os homens. Como não submeter-se a *Tlön*, à minuciosa e vasta evidência de um mundo ordenado? Inútil responder que a realidade também está ordenada. Talvez o esteja, mas de acordo com leis divinas – traduzo: leis inumanas – que jamais conseguimos perceber. *Tlön* será um labirinto, mas é um labirinto urdido por homens, um labirinto destinado a que o decifrem os homens.” (p. 39)

Nasce pela oposição ao desejo do homem de ordenar o mundo, mas o resultado ainda não pode ser descrito, pois nele terão sido abolidas a cultura e a linguagem atuais: “(…) Então desaparecerão do planeta o inglês e o francês e o mero espanhol. O mundo será *Tlön*.” (p. 40) *Tlön* será conhecida depois de seu acontecimento, apagando da memória seu passado e origem, e provavelmente essa ficção de Borges.

Na Teoria dos Campos, através de *Límbia*, há uma proposta de como vir a conhecer esse mundo transformado e desubstancializado. Isto por um lado. Por outro lado, como se viu, *Límbia* é também o lócus imaterial da criação artística e científica e, portanto, ela sempre houve, evidenciando-se toda vez que o homem aciona sua potência criativa. *Tlön* é o vir a ser do pós-guerra, mas o narrador, “Borges”, encontra-se impossibilitado de ter dele uma perspectiva, pois esta só será acessível com o decorrer da história.

Límbia difere de *Tlön* no sentido que ela sempre houve, embora possa ou não ser acionada por ruptura de campo, independente do tempo ser de guerra, da passagem da modernidade à contemporaneidade, ou qualquer outro. Sendo ou não acionada, isto sim:

“ (...) se faz notória durante os abalos intelectuais ou sociais. Quando se inventa uma ciência. Quando uma ciência se abre noutra ciência. Quando uma arte se abre em si mesma e já é outra. Muito em especial, quando acaba o mundo. Durante o século XX, por exemplo, o mundo acabou. As guerras tornaram-se mundiais, logo: que haja o mundo. (...) Tendo entrado a completa aniquilação do homem como um dos fatores de equação do poder, a tangência do impensável refutou o mundo conhecido. (...) A própria substância humana cedeu, tornando-se o homem matéria virtual – a partir de então, um tanto hipotético, o homem.... (...) Deste trauma, emergiu novamente *Límbia* para o mundo manifesto.” (pp. 27-28)

Um paralelo entre *orla* e *orilla* nas duas ficções especulativas

A *orla* que cerca a realidade consensual descrita por Herrmann, ou seja, “a margem da realidade, não à margem da realidade” (p. 23), que é *Límbia*, pode ser pensada paralelamente à ideia de *orilla* em Borges (1974 e citado por Sarlo, 1993/2007). *Orla*, *orilla*. Por livre associação, considerando-se como se constroem os diminutivos em espanhol, pode pensar-se *orilla* como orla pequenina, que mescla os sentidos das duas línguas, aproximando-os.

Mas além de *orla* ser composta de letras semelhantes a *orilla*, em ordem semelhante, o sentido que ambas carregam é similar. De ambas, é inapreensível sua substância, e parece possível considerar tanto *orla* como *orilla* enquanto metáforas de não localidade, ou seja, como lugar(es) mais mítico(s) que geográfico(s). (Cariello, 1957) Nesse sentido, está fadada ao fracasso a tentativa de capturar *orla/orilla*.

Na obra de Borges, segundo Sarlo (1993/2007), *orillas* são “espaços imaginários que se contrapõem como espelho infiel à cidade moderna despojada de qualidades estéticas e metafísicas.” (p. 47) Nesse sentido, as *orillas* seriam o objeto da literatura de Borges, e constituem uma metáfora ampla, desde o argentino à margem da sociedade, até sua conotação metafísica. A ideia de Sarlo, em suas palavras, é que “Borges inscreve uma literatura no limite, reconhecendo nisto uma forma cifrada da Argentina.” (p. 50) Para a autora, Borges também teria trabalhado com todas as conotações de *orillas*, como margem, fio, limite, costa, praia. (pp. 47-48)⁶⁰

Não só isso. Haveria uma universalidade embutida nessa ideia, visto que, para Sarlo: “a inferioridade de *as orillas* se desvanece: o escritor periférico tem as mesmas prerrogativas que seus predecessores ou seus contemporâneos europeus.” (p. 74)⁶¹ Para a autora, *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, em particular, revelaria “um mundo utópico (ou melhor, uma utopia negativa)” (p. 129), mostrando-se como “estratégia para estabelecer ordem onde toda ordem é evanescente” (p. 143), constituindo-se como narrativa filosófica.

Uma metáfora terceira: além de orla e *orilla*, haveria também um paralelo com *Le horla* (Maupassant, 1887/1909), citado por Herrmann (2003b), quando, numa resenha do livro de Kon (2001/2003a), faz um paralelo entre *Límbia* e *Le horla*. *Límbia*, *orilla* e *Le horla* se aproximam no sentido de as três constituírem fronteiras metafóricas da criação. Em particular, *Le horla* é o protagonista (ou *deuteragonista*) do célebre conto de horror de Maupassant, que lhe dá seu nome. Espécie de personagem-conceito, *Le horla* implica permanecer na fronteira, neste caso a fronteira da loucura, sem ultrapassá-la, o que indicaria tornar-se *horla* por indiferenciação pois, nesse conto fantástico, um jovem francês, burguês, solteiro, expõe suas angústias num diário, e elas crescem a ponto de criarem um monstro, um *inconsciente demoníaco* (p. 32), que seria *Le horla*. Este (ou esta), cujo nome pode ser traduzido literalmente por borda ou orla, produz alucinações, como em *Límbia* – esta também produz realidades, aliás, como a psicose, pois ela constitui ficcionalmente o lócus

⁶⁰ Embora não haja tradução literal de *orilla* para o Português, que compreenda todas suas conotações, aproxima-se de beira-mar, beira-rio, borda, água rasa de uma costa ou piscina.

⁶¹ De fato, no texto *La duración del infierno*, Borges chega a localizar poética e metaforicamente o inferno como ação diabólica no que ele chama as “*orillas de la Creación*” (1929/1974: 237): orlas da Criação.

de criação artístico-psicanalítica. Enquanto *Tlön* metaforiza um vir a ser, que ainda não houve; *Límbia* sempre existiu – ela é a possibilidade criativa do humano.

As três metáforas, portanto, aproximam-se no sentido de constituir margens criativas da realidade, embora *horla* remeta mais claramente ao campo da loucura, *Tlön* à transformação do mundo pós-guerra, mas falando do interior desse processo de transformação, e *Límbia*, já na contemporaneidade, nos anos 2000, descrevendo o fazer artístico que é a criação humana. Assim sendo, *Le horla*, *Tlön* e *Límbia* denotam o ato criativo humano, mas o primeiro a partir do campo da alucinação, o segundo do criar humano em sua coletividade e o terceiro da interpretação.

Talvez se possa expressar a ideia por analogias – orla está para *Límbia*, como *orilla* está para *Tlön*. Isto no sentido de *Tlön* e *Límbia* se referirem a algo que ainda não veio a ser, que não produziu objeto definitivo, e que tem a própria criação como processo e resultado. Ambos os conceitos implicam serem o método de produção artística e o objeto criado híbridos, de maneira que o objeto se constrói ao ser criado, um inalienável do outro.

A ideia noutras palavras: *Límbia* é filha e mãe da Teoria dos Campos. Nasce como metáfora, uma vez que já se pôde observar a *desubstancialização* do mundo, isto é, a constituição do mundo enquanto *desubstancializado*; como *Tlön*, que como que “*tlön*” e “nasce”, por onomatopeia. Porém, esta que em Borges parece ser uma construção a partir da guerra, em Herrmann seria a criação humana, ou seja, esta que houve desde sempre, constante e recorrente a cada criação humana, contanto que não se atue apenas por repetição.

Vale ainda outra aproximação: o tempo da Psicanálise, no dizer da Teoria dos Campos, é o do *Homem Psicanalítico*, isto é, do homem no movimento de mudanças de autorrepresentações, provocadas por interpretação. É a interpretação que, pela ruptura do campo determinante de uma autorrepresentação, faz emergir outras representações possíveis, antes inacessíveis. O efeito temporal é a própria alteração do passado que, agora, pela emersão de possíveis que deixaram de ser inapreensíveis, passa a ter sido outro. No

presente, um passado alterado que projeta outro futuro. Estamos, no dizer de Herrmann, no tempo do futuro do pretérito, o condicional, tempo do *Homem Psicanalítico*.

Seria o tempo de *Tlön*? Dir-se-ia que tempo de transformação. Mas não de transformação de mundos, e sim de possíveis. Interpretação em Psicanálise é tornar acessíveis ao paciente sentidos que estavam encobertos, o que implica o desvelamento desses sentidos. É esse o vir a ser que a Psicanálise implica, diferentemente da narrativa borgiana.

A moderada existência como tema

Não sendo orla ou *orilla* experimentáveis, entra-se em contato apenas com suas consequências, o que parece guardar relação com a ideia de ser *moderada* a existência de *Límbia*. Moderação esta na qual o narrador de Herrmann insiste por cinco vezes (pp. 21, 22, 27, 28 e 29).

Paralelamente, a ideia de uma existência moderada é evocada ao longo da narrativa de Borges, uma e outra vez, de diferentes maneiras e com propósitos diversos. Por exemplo, o próprio artigo sobre *Uqbar* é ao mesmo tempo existente e inexistente, dependendo dos volumes idênticos consultados (eis o paradoxo), e de enciclopédias idênticas, da *The Anglo-American Cyclopaedia* (1940/2009: 13). O narrador e “Bioy Casares” primeiro buscaram o artigo depois de jantarem juntos na *Calle Gaona*, em *Ramos Mejía*. Não o encontraram, visto que o último artigo do volume XLVI era sobre *Upsala* e o primeiro do XLVII sobre *Ural-Altaic Languages*. O leitor poderia se perguntar: estaria o artigo sobre *Uqbar* metafisicamente situado *entre* os dois, ou seja, nem num, nem noutro?

Muito menos foi o artigo encontrado quando os amigos-personagens buscaram-no por nomes cujo som é idêntico, afastando-se do enigma ficcional em questão. Procuraram por “Ukbar, Ucbar, Ooqbar, Oukbahr ...” (Borges, 1944/2009: 14), busca babélica e infinita, reproduzindo certa *estrutura de abismo* descrita por Ferrari (citado por Sarlo, 1993/2007) como característica da obra de Borges. Imagine-se as infindáveis variantes, por exemplo, ao incluir-se os possíveis *h* mudo na palavra! Também ao indefinir-se o idioma referente, por exemplo, podendo *u*, na série acima que serve de exemplo, ser representado por *oo*, como

no inglês, por *u*, como no espanhol e português, ou por *ou*, como no francês, e isto para da alguns exemplos, mas certamente há muitos outros. Talvez as personagens se tenham colado demasiadamente à execução de sua tarefa, sem considerarem o sentido de sua busca.

No dia seguinte, por telefone, “Bioy” informa ao amigo haver encontrado o artigo sobre *Uqbar* no volume XXVI da Enciclopédia, ou seja, quase uma trintena de volumes antes e inesperadamente fora da ordem alfabética em que se encontravam todos os outros artigos. Além disso, nos é informado que, embora nesse exemplar da enciclopédia o artigo tenha sido encontrado, não o é noutro exemplar, para além desse detalhe idêntico ao primeiro, mas cujas quatro últimas páginas com o artigo faltavam.

Seguindo com o tema da existência moderada, agora considerando-o em Herrmann, o narrador da ficção inicia-a dizendo: “Límbia não é uma metáfora (...) senão no sentido trivial em que todos os nomes são metafóricos. (...) ela existe. Existe moderadamente, conceda-se; porém, mais que a infância de Adão, dimensão negativa de um mito, mais que o inconsciente, que é só lógica produtiva, mais que tudo aquilo que apenas há pelo avesso. É real, embora não se a vá encontrar num atlas de geografia ou num compêndio de história. (...)” (p. 21)

A ideia de uma existência moderada implica, como se vê nesse parágrafo, a mistura de níveis de teoria e ficção. Na obra de Herrmann, vemos que as descrições psicanalíticas sobre a gênese dos conflitos psíquicos na infância só podem ser hipotéticas, nunca factuais. O psicanalista não tem como garantir as formas como o Édipo acontece, por exemplo. Tem, isto sim, a possibilidade de identificar seus efeitos no trabalho com algumas crianças; mas isso não significa que todas as outras crianças necessariamente resolvam ou deixam de resolver o Édipo da mesma maneira. As afirmações psicanalíticas sobre as *formas primitivas da mente* são conjecturas criadas a partir dos efeitos observados no adulto, ou em crianças que já se expressam, como retroprojeções da infância precoce. Não são fatos, mas hipóteses que, no momento, não se tem como comprovar. (Herrmann, L, 2004/2007: 232-233) A condição do inconsciente como lógica produtiva também é considerada pela Teoria dos Campos, tendo em vista a impossibilidade de pesquisá-lo empiricamente. Isto é, pode-

se considerar o momento lógico do inconsciente porque suas consequências são observáveis, mas não se pode estudá-lo *em si* ou diretamente. (Leda, 2010) O tema torna-se narrativa na *ficção freudiana* de Herrmann homônima ao gênero literário que a designa (2002a).

De fato, Herrmann iniciara *Notícia de Límbia* com uma ironia: não se vai encontrá-lo “num atlas de geografia ou num compêndio de história” (p. 21). Pois bem, as fronteiras entre países se modificam com as guerras e seus tratados, o que implica que encontrar Límbia num atlas de geografia não lhe garantiria maior substância. Os compêndios de história também dependem das interpretações de seus autores. (Seria muito diferente o que um descobridor espanhol e um humanista do século XXI diriam sobre a raça indígena, para dar um simples exemplo.)

Hrönir/escorpião (que também é o Homem de Piltown, a infância, *tlön* ...)

Ainda que se venha buscando perseguir o paralelo entre *Notícia de Límbia* e *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, o elo entre as obras dos dois autores é muito maior, como já parece haver se indicado, e permeia suas ficções como um todo ultrapassando a “retrospectiva” da Teoria dos Campos oferecida na ficção freudiana de Herrmann, assim como a construção de mundo oferecida pela ficção borgiana. Por exemplo, a ideia de Borges de *hrönir* encontraria seu paralelo mais direto em *O escorpião e a tartaruga* (Herrmann, 2002a).

Veja-se que a pergunta suscitada por ambas as ficções é ampla: de onde surge o conhecimento? Da mentira, sugere Borges. Para Herrmann, de sua indistinguibilidade com a verdade ... Ou seria o contrário?

Herrmann sugere que o conhecimento surge da mentira (talvez pela *bondade forte* da tartaruga metaforizada, como veremos a seguir), e Borges que ele decorre do fato de não se diferenciar da verdade. Assim, nesse ponto os autores coincidem em larga medida. O conhecimento que cria o mundo é fruto da ficção – nem é mentira, nem é verdade, mas é *interpretação*, podendo inclusive ser produto da farsa.

Os *hrönir* no conto de Borges são objetos que surgem ao serem pensados, reconstituindo a realidade; e os escorpiões, que metaforizam o *erro necessário* de Herrmann, levam o conceito às últimas consequências nesse conto. (Sofio, 2009) São momentos de torção, de desvio e de reconstrução da realidade. Nas palavras de Borges, quanto aos *hrönir*: “Séculos e séculos de idealismo não deixaram de influir na realidade” (p. 31). Erro necessário/escorpiões não necessitam de séculos e séculos para modificarem realidade e cotidiano, mas sua atuação em *tempo curto* (na sessão psicanalítica, por exemplo) ou ao longo de uma vida (como no conto de Herrmann, ao longo das vidas de Estela, Píter e Ricardo) tem o efeito dos *hrönir* de Borges, no sentido de implicarem uma transformação.

Do ponto de vista de sua epistemologia, o conhecimento em Psicanálise é discutido por Herrmann enquanto sua qualidade exclusivamente ficcional, e portanto não-factual, tanto no que diz respeito ao relato clínico como à produção teórica, e isso redimensiona o lugar da literatura de ficção na Psicanálise. O *fato* fica relegado a um segundo plano, raramente relevante à narrativa, do paciente ou do *sujeito* da análise (Sofio, 2007: 12 e 2008: 226)⁶², salvo em casos extremos que requerem algum diagnóstico diferencial. É nesse sentido que “o simples direito a atribuir sentidos que a interpretação concede” (Herrmann, texto não publicado d) implica o estar literário do psicanalista no mundo. Assim, a Psicanálise está aparentada à arte de contar histórias, discutida por Benjamin (1936/2008), ao campo da Literatura em seu sentido mais amplo e à verdade construída na história – ou seja, não se ocupa com o acontecimento.

Nigrius em *O escorpião e a tartaruga* (Herrmann, 2002a), bem como o método da Psicanálise e a estrutura ficcional da narrativa facultam a construção de conhecimento. Trata-se, no dizer de Píter, de construir novas fechaduras e colocá-las na porta, pois confeccionar a chave – como acontece no conhecimento científico tradicional – é relativamente fácil depois. Píter dá o exemplo de pensar-se o modelo de gênero e espécie em biologia (nova fechadura), versus classificar animais específicos em gêneros e espécies

⁶² A ideia é que qualquer sujeito do mundo humano, ou um seu aspecto, são passíveis de interpretação e, portanto, podem se tornar objeto de pesquisa psicanalítica, não apenas, digamos, os tradicionais “pacientes-gente”, mas também outros como “pacientes-aspecto do cotidiano”, “pacientes-texto”, etc.

(confeccionar a chave). (p. 140) O pesquisador que toma como instrumento de trabalho o sentido humano, a interpretação, não exerce controle sobre os resultados de sua pesquisa empírico-clínica.

Para a Teoria dos Campos, o poder criativo e interpretativo da literatura de ficção também lhe confere um poder *curativo*. Ou seja, se por um lado a Literatura, como filha da interpretação, mostra o homem e seu mundo interpretativamente, por outro, Herrmann define a Psicanálise por seu método interpretativo de ruptura de campo, ruptura com a rotina⁶³, com o consensual, dando vez à emergência de sentidos possíveis. Explica o autor:

“Sucessivas rupturas de campo permitem que se produzam generalizações muito parecidas ao procedimento observacional-indutivo, porém não idênticas, assim como conjecturas de vocação dedutiva, sem que de fato o sejam. Mais comumente, desembocam numa singular combinação de conjectura e indução.” (Herrmann, 2006b: 77)

A Psicanálise, como a Literatura, atravessa a rotina, perfura-a, mas conta adicionalmente com a possibilidade de ser operacionalizada metodologicamente. E a Teoria dos Campos, *Límbia*, propõe uma tentativa, vislumbra e até certo ponto alcança o horizonte de vocação da Psicanálise, que é, conforme Freud, na percepção de Herrmann (1999b), tornar-se “ciência geral da psique humana” (p. 12). O narrador de *A ficção freudiana* afirma, nesse sentido, que: “o domínio de direito da Psicanálise é a vida psíquica do ser humano.” (2002a: 16) Ou seja, pelo método interpretativo de ruptura de campo, o homem dá sentidos ao mundo, o que implica construir psicanálises possíveis. Um exemplo é o exercício de prospecção do solo do cotidiano (Herrmann, 1985/2001a), que aciona a função terapêutica do método da Psicanálise.⁶⁴

As realidades, ciências, descobertas e, nesse sentido, o mundo em que vivemos, são criados em *Límbia*, esse lócus utópico que produz resultados, mas que não pode ser observado em

⁶³ Na Teoria dos Campos, *rotina* é a função opacificadora do *absurdo*, que permite aos homens partilharem sentidos comuns no mundo, por exemplo, na calçada se caminha, no leito carroçável trafegam os carros. (Herrmann, 1985/2001a: 23)

⁶⁴ Vale notar que, embora alguns dos textos de Herrmann aqui citados antecedam temporalmente a formulação da *teoria do análogo*, todo o pensamento desse autor se constrói dessa forma. A *teoria do análogo* é, portanto, uma formulação teórica consoante com seu pensamento, não uma reviravolta.

si. Conforme descrito anteriormente nesse ensaio, uma vez criados os sentidos do mundo em *Límbia*, recriam-se o passado e o futuro daquele presente. Isto porque o passado é construído no presente, o que resulta em “anacronismos”. Anacronismos entre aspas porque sentidos não seguem alguma cronologia. É essa ideia que leva o narrador de *Notícia de Límbia* (2002a) – que, como “Borges”, é uma versão ficcional de seu autor (p. 8) – a afirmar que, em “Límbia, o anacronismo é a regra” (p. 30). As palavras de Borges sobre o advir de *Tlön* como mundo substitutivo capturam uma ideia, no mínimo, semelhante: “já um passado fictício ocupa o lugar de outro nas memórias, e deste nada sabemos com certeza – nem sequer que é falso –” (p. 40).

Outras considerações

Ensaiei-se uma justaposição de duas ficções, cujos gêneros literários são híbridos e considerei como ficções especulativas. Ao intitular meus livros, respectivamente, *Ficções* e *Ficções freudianas*, Borges e Herrmann não se comprometeram com categorias clássicas de gênero literário, mas, ao me parece, extrapolaram-nas. Podem ser considerados seus escritos ensaísticos? Diria que sim, sendo o ensaio caracterizado como pouco regrado e implicando o literário, como é o caso nas duas ficções. Inclusive, Casares (1940/2010) assinala que Borges teria criado “um novo gênero literário que participa do ensaio e da ficção”, destinando-o “a leitores intelectuais, estudiosos de filosofia, quase especialistas em literatura.” Para ele: “Aqui o fantástico está, mais que nos fatos, no raciocínio.” (pp. 12-13) Portanto, a ideia de ficção especulativa parece-me qualificar mais especificamente o ato criativo e um tanto quanto inédito dos dois autores, assim como incluir mais efetivamente a ideia de uma escrita ficcional.⁶⁵

Davi Arrigucci (1995) identifica certa *afinidade profunda* entre Borges e Kafka, e qualifica seus escritos no livro *Ficções* como certa “conjunção insólita de arte com pensamento.” Para Arrigucci, o de Borges é um *fazer artístico*. O comentário parece-me não só acertado, como estreitamente aparentado à obra de Herrmann, na qual é frequentemente citada a ideia

⁶⁵ Olmos (2005) descreve outras consequências da escolha por Borges do título *Ficções* para seu livro, como a ideia retirada do próprio Borges de que “um fato falso pode ser essencialmente verdadeiro” (p. 71), e que, como se verá, é também central em *O escorpião e a tartaruga* (Herrmann, 2002a).

de construção de conhecimento psicanalítico como fazer artístico. (De fato, o título de um dos livros de Herrmann (1991b) é *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*.)

Além disso, o narrador de *A ficção freudiana* (2002a: 18-9) identifica três autores aos quais estaria filiado em algum sentido: Kafka, Joyce e Fernando Pessoa, como se disse anteriormente. Isto justifica o paralelo com Borges, a meu ver, no sentido identificado por Davi Arrigucci (1995):

“Ele (Borges), que abomina o romance psicológico, é uma espécie de anti-Proust, um escritor absolutamente não confessional. A todo momento, entretanto, por ilimitados meios de espelhamento, por citações inumeráveis, constrói mil e uma imagens de si mesmo, de uma persona literária interna aos textos, autor multiplicado, demiurgo ou deus do labirinto especular – o “hacedor” recorrente e inapreensível. (...) Na verdade, Borges soube ritmar o próprio pensamento, dando expressão artística a uma constante reflexão sobre a literatura e a certas generalizações abstratas sobre o universo, por vezes mais contundentes que as imagens concretas que deste se pudesse ter. Seu poder de impacto e novidade se deve, em larga medida, a essa junção original de arte com pensamento que soube operar desde o começo de sua produção literária na década de 20.”

A ideia de ficção especulativa implica, por um lado, certa distância do *diurno*, da explicação antimetafórica, mas não da teoria, por outro. É que a teoria está embutida na *clínica* – e clínica é debruçar-se sobre o mundo humano⁶⁶ – nesse caso via ficcionalização, que é própria do terreno literário. *Notícia de Límbia* e *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* são exemplos de fazer artístico *como casos clínicos*; ou seja, são interpretações possíveis, cuja *unidade estética* as torna também literárias. O primeiro, a *ficção freudiana* de Herrmann, foi construído por ruptura de campo e, nesse sentido, é também um caso clínico psicanalítico. Já, para afirmar-se o mesmo do segundo, *ficção metafísica* de Borges, seria necessário um aprofundamento maior, interpretativo. Isto sim: ambos constroem mundos por especulação literária, tornada interpretação.

⁶⁶ A definição, a partir da etimologia da palavra *clínica*, é elaborada por Herrmann (1991b).

3.iii. *O escorpião e a tartaruga* como ficção literária epistemológica – o quadrado da investigação⁶⁷

Essa ficção freudiana começa relatando uma sessão de homenagem no *salão nobre* da *Academia de Ciências de Límbia* (p. 125). Claro que o tom é irônico, pois vimos que *Límbia* (2002a, pp. 21-34) denota o lócus metafórico da criação artístico-científica, indicando o potencial de ruptura interpretativa do homem em seu mundo. *Límbia* seria, por assim dizer, o potencial exímio humano, porque implica sua potencialidade interpretativo-criativa. Já no sentido aqui empregado, como na sessão de homenagem, implica permanência, inércia, da ordem do pomposo. Afinal, qual seria a nobreza de um salão?

Como uma obra no museu, cujo momento produtivo se acabou – em contraposição, por exemplo, à que estaria no ateliê do artista, em vias da criação⁶⁸ – a academia de ciências metaforizaria morte (fim) ou estagnação do pensamento nas ciências. O salão nobre é um lócus físico, não metafórico ou representativo, diferentemente da *Límbia* no capítulo do livro que recebe seu nome. Talvez, aqui, ela espelhe as universidades brasileiras, assim como os institutos de Psicanálise, lugares onde se imaginaria construir o conhecimento, mas nos quais, de fato, comumente se constata a repetição.

É esse salão que receberá o nome, ainda desconhecido do leitor, de um dos luminares do *Projeto P.*, de acordo com a trama. O leitor é apresentado a três deles, os quais – descobrirá, ironicamente – são os únicos candidatos: Dra. Estela de Navas, experiente bióloga, Prof. Píter Ortiz, célebre filósofo, e Prof. Ricardo Monsar, eminente físico. O tom permanece de exaltação institucional-burocrática.

Na festa que se segue, na casa de Píter, o leitor é informado que uns quarenta anos antes, o Prof. Nigrius convidara esses três, jovens e brilhantes cientistas a participarem do *Projeto P.* Nigrius explicara a ideia do projeto, agora retransmitida pela boca de Píter. Ele queria descobrir: “o que é que faz um gênio, um descobridor, alguém que chega àquilo que, à

⁶⁷ Alguns pontos aqui levantados foram discutidos anteriormente em número temático da *Revista Percurso* sobre *o erro*. (Sofio, 2009: 101-106)

⁶⁸ Metáfora ouvida nos seminários de João Frayze-Pereira (ECA-USP, 2011).

frente dos mesmos dados, ninguém mais é capaz de cogitar.” (p. 127) O *Projeto P.* vigorara até então. O tempo da narrativa intercambia o presente e o passado.

Será intrigante a proposta de Nigrius? No contexto dessa trama, o apelo pode ser à vaidade cega do cientista médio. Veremos que ele pode conduzir ao fim da vida, o que parece ser um dos sentidos contidos nessa narrativa. Talvez não um fim literal, mas metafórico, isto é, seria o fim da vida fora do *Projeto*, da criação, da experiência extramuros. A ciência na contemporaneidade? Seria essa, a meu ver, a crítica implícita.

Contudo, não me parece se tratar de um enredo fatalista. É pelo quadrado da investigação, no sentido aritmético do termo, que a trama revela seu absurdo. Desvela-se o sentido da investigação como investigação da investigação, o que talvez parodie a ideia foucaultiana anteriormente citada de *interpretação da interpretação*, oferecendo uma solução possível. Embora os integrantes do *Projeto P.* tenham dedicado suas vidas a suas pesquisas específicas, aquela que de fato interessava a Nigrius, a real eminência do projeto, era a pesquisa da pesquisa: ele buscava encontrar a forma do conhecimento. (Isto é, haveria duas pesquisas, não um número infinito delas, nisto diferindo da perspectiva de Foucault acerca da interpretação.)

Nesse sentido, Nigrius é uma figura alegórica, um quase-psicanalista. De fato, pouco sabemos de sua vida ou trajetória, não temos detalhes sobre ele para além dos absolutamente atinentes ao *Projeto*. Por exemplo, sabemos de palavras que ele declara sobre este, e as metáforas que usa para explicá-lo aos jovens pesquisadores, cada vez menos jovens com o desenrolar do enredo. Destes sim, temos vários detalhes como que “casuais”. Detalhes que seriam supérfluos de uma perspectiva epistemológica, pois não dizem respeito à ideia de investigação da investigação.

Por exemplo, conhecemos a aparência dos três jovens, sua idade, e como vão mudando com os anos. Sabemos também das peripécias que os ocupam, do triângulo amoroso que formam, de detalhes de seus momentos de namoro, da dedicação com que zelam por suas respectivas pesquisas e dos resultados que delas obtêm: sabemos de suas vidas.

Particularmente, conhecemos os diversos momentos em que sentem raiva, ciúme, inveja⁶⁹, temor de serem expulsos do *Projeto P.*, entre outras características suas da ordem do humano. Além disso, somos informados que Estela optou por pesquisar cepas de musaranhos que, por mutação genética, haviam se tornado extremamente agressivos, mas não desenvolviam carcinomas; que Ricardo investigava o Propulsor Referencial em Física, chegando às bases teóricas da física quântica; que Píter deveria chegar a uma descoberta epistemológica. Já a personagem de Nigrius, como se disse, aparenta exercer, antes de mais nada, uma função no texto, não só de investigador, mas de *Investigação*, metaforizando a função interpretativa, personificando-a alegoricamente.

Ao mesmo tempo as normas do *Projeto P.* são ditadas pela personagem, desde o início, como *erro necessário* (a ser discutido adiante)⁷⁰; e nisto – espera-se bem – Nigrius se distingue do psicanalista, considerado como aquele que encarna a função do método psicanalítico. É que os três participantes do *Projeto* tinham como tarefa fazer descobertas fundamentais nas suas respectivas áreas de conhecimento, sem esconder do professor o processo da descoberta. No entanto, o que ele não revelara aos integrantes do *Projeto* era que estava interessado na *forma* de suas descobertas, não quais seriam elas. Trocando em miúdos: no caminho pelo qual se chegasse às descobertas, no que tinha de comum, não pelo fim de cada uma delas.

Pode-se pensar que essa personagem, nesse gênero de ficção freudiana detetivesca, investigava como ocorre a aproximação de uma ruptura de campo, que é nada menos que o cerne do *método psicanalítico*, já discutido anteriormente. Só Nigrius podia ter uma perspectiva ampla do *Projeto*, porque os jovens investigadores participavam dele como pesquisadores-pesquisados; talvez como “ratinho no labirinto” (Herrmann, 2002a, 127), conforme a expressão de Píter. A pesquisa de Nigrius é *sui generis*, justamente por seu interesse não estar posto naquilo a ser descoberto, mas na forma como se chegará à descoberta, o que só se observa, por assim dizer, “de fora” da experiência.

⁶⁹ Seria um sentimento frequente, embora não declaradamente, nos centros de ensino e de pesquisa? Há uma *ficção freudiana* dedicada a ele no livro de Herrmann (2002a), intitulada: *Da inveja envergonhada* (pp. 169-174).

⁷⁰ É dessa perspectiva que penso a *ficção freudiana* em questão no artigo de 2009.

Nesse sentido, a narrativa leva a pensar no conceito de *campo*. Os três cientistas estão imersos num *campo*, o das suas respectivas pesquisas, mas Nigrius está fora dele, como que “supervisionando-os” de outro *campo*, formando assim uma perspectiva global. Seria o *campo* de Nigrius o da *função* da investigação, não do que está sendo investigado. Portanto, para Nigrius o menos importante seriam as contingências da pesquisa e, o mais importante, o que revelassem de maneira mais ampla, sua *lógica de concepção*⁷¹. Há um parentesco entre essa ideia e o que ocorre na relação analista/analizando, da perspectiva do método da Psicanálise, em que o interesse está nos sentidos possíveis que emergem da fala de um paciente, não nos fatos narrados.

Anos depois, revela o narrador, Píter é misteriosamente designado subdiretor do *Projeto P*. Apenas ao final da narrativa o leitor poderá deduzir que isso se deu por causa de seus questionamentos quanto ao próprio lugar no *Projeto*. É que Píter começara – um tanto quanto similarmente a Nigrius – a investigar a função da investigação, de “fora” do *campo* proposto de sua pesquisa inicial, mas disso Estela e Ricardo nem suspeitavam. Assim, paulatinamente Píter começava a *pensar por ruptura*, não permanecendo imerso no âmbito de sua investigação primeira.

Foi pela ação do *campo transferencial* que isto ocorreu. Antes namorado de Estela, Píter fora expulso dessa relação, quando ela e Ricardo se enamoraram. Enciumado, tímido e remoído pela imaginação – que o impulsionava a elucubrar cenários desalentadores acerca do romance dos dois – o filósofo passara a investigá-los, descuidando de seu projeto epistemológico inicial. Justificaria a si mesmo, por raciocínio aparentemente lógico (mas com cara de pretexto): “Era um investigador, logo investigava a felicidade dos amantes” (p. 137). Decidiu acompanhar as pesquisas do par, explicando a Nigrius, numa tentativa desesperada de aproximar-se cada vez mais de seus colegas, que: “estava interessado no processo heurístico, e que campo melhor para o investigar que o de dois pesquisadores brilhantes, em fase de delineamento da própria área de investigação?” (p. 137) Um projeto

⁷¹ Conceito de Herrmann (1979) que implica as regras constituintes do campo, retomado em *Uma regra em três histórias* (1985/2001a: 69-92).

cabível a um filósofo; mas são o campo transferencial e o mundo criado por seus sentimentos que participam decisivamente de seu processo de construção do conhecimento. Pelo que há de mais humano, e mais mundano, Píter chegara tão perto do ponto de partida da investigação de Nigrius, a pesquisa heurística: pela *dor de cotovelo*⁷².

Nigrius aceita com ressalvas a ideia de Píter, concedendo-lhe, num primeiro momento, o acesso parcial aos relatórios dos colegas, embora transcritos e por vezes censurados, o que se justificava: “O segredo era a alma do negócio (...)” (p. 138). Assim, o lugar que Píter passa a ocupar é de interesse: permanece no *campo* dos amores, do cotidiano, mas passa a ocupar-se da função heurística, por ciúmes do colega. Não como o alegórico Nigrius, que parece encarnar a função de Sabedoria, da Investigação, descolado dos campos dos sentimentos – isto ao menos no que concerne à perspectiva do narrador, que é a única a que temos acesso – pois a função de Nigrius seria análoga à do *método psicanalítico*. Entretanto, para efeitos estético, irônico e heurístico, da narrativa, ao ocupar esse lugar duplo, já pode Píter ser promovido a subchefe e, subsequentemente, a diretor chefe.

Assim, o lugar de Píter (diretor chefe) é *entre* Nigrius (metodológico) e seus colegas (pesquisadores-*pesquisados*, que metaforizam alegoricamente a função de *rotina*, conforme definida pela Teoria dos Campos e, neste caso, de burocratização): um lugar humano, de pesquisador mais efetivamente, isto é, um pesquisador que pesquisa sem ser ele, necessariamente, também pesquisado.

Já Nigrius, ao ocupar o lugar do método psicanalítico, estaria descolado do triângulo de relações entre os colegas. O dele é um lugar ocupável apenas por ficção literária, alegórico, isto é: o lugar de um personagem quase desmaterializado, desimplicado – ou implicado de outro modo – no *campo* de sentidos proposto pelos pesquisadores. Um lugar *límbico*, nesse sentido.

⁷² Esse sentimento também é investigado por Herrmann (1985/2001a), na perspectiva da teoria dos sentimentos (pp. 251-264)

O erro necessário: P. de Piltdown

Muitos anos se passaram antes que Nigrius contasse a Piter que o *P.* em *Projeto P.* não era de Projeto, mas de *Piltdown*. O *Homem de Piltdown*⁷³, em que pensava Nigrius, é provavelmente o mais famoso caso de fraude científica do século XX. (Weiner, 1965/1980, 139) Hoje não há dúvidas de que o homem não evoluiu do macaco. No entanto, a fraude só foi reconhecida no meio científico em 1954. Até essa data, o crânio, supostamente encontrado em Piltdown, na Inglaterra, ficara guardado a sete chaves no *British Museum*, enquanto outros fósseis pré-humanos eram aos poucos desenterrados. Pelas datas, nota-se que a farsa do H.P. perdurou por mais de quarenta anos, tempo análogo ao da duração do *Projeto P.*, nessa ficção freudiana.

Herrmann (*autor implícito*⁷⁴) estaria, penso eu, colocando na metafórica personagem de Nigrius sua concepção de *erro necessário*: aquilo que possibilita a continuidade de um processo psicanalítico, uma pesquisa, uma investigação, tanto nas ciências tradicionais – das quais arqueologia, biologia e física são exemplos – como na Psicanálise, sendo no limite irrelevante tratar-se ou não de dados factuais.⁷⁵ No que diz respeito à garantia de novas descobertas em campos de conhecimento como Psicanálise ou epistemologia, nem sempre *verdadeiro* identifica-se com *factual*. A investigação, principalmente no primeiro caso, privilegia a possibilidade de emersão de sentidos (o que foi garantido, nessa ficção freudiana, pelo *elo perdido*), sendo o fato, ou a ausência dele, o menos importante (como o crânio humano a que fora acoplada a mandíbula do orangotango). O paralelo *Projeto P./Piltdown/erro necessário* é justificado diversas vezes pela boca de Nigrius, como por exemplo quando ele diz: “enganar-se ou não nada tem a ver com o desenvolvimento das ciências.” (p. 142)

A ideia, portanto, é que apesar de fraudulento, o H.P. foi muito importante para a produção de conhecimento científico. Propiciou que se continuasse a estudar as teorias de Darwin,

⁷³ Explica-se o que é no capítulo 2.

⁷⁴ Quando uso o nome do autor em referência ao narrador e às personagens de suas *ficções freudianas*, presume-se que me refiro ao *autor implícito*.

⁷⁵ Essa ideia é detalhadamente discutida em: *Acerca da mentira e do erro necessário* (Herrmann, 1985/2001a: 43-66).

que se prosseguisse na busca e no estudo de outros fósseis pré-humanos. Nas palavras de Píter:

“Nigrius alimentava o maior respeito pelo H.P. Ele achava que sua influência, como estímulo para a busca de restos proto-humanos, fora extremamente positiva. Ele deu forma concreta à ascendência humana, os outros pesquisadores tinham algo para buscar e a certeza de que o podiam encontrar. (...)” (p. 139)

A pesquisa de Nigrius pensada como farsa – e isto no sentido do Homem de Piltdown – está posta já no objetivo de Nigrius: entrar nos meandros da produção de conhecimentos para pensar a forma do conhecimento, desconsiderando quaisquer achados específicos, ou lançando-os para um segundo plano, como se disse. Portanto, a investigação de Nigrius e o H.P. são, a um tempo, farsa e produtivos.

Pensando as peripécias da narrativa, ainda da perspectiva da farsa, a escolha dos participantes do *Projeto* não teria sido casual, pois considera, digamos, o “fator humano” na pesquisa científica: isto é, dois rapazes e uma moça implicaria os rapazes disputarem a moça, o que de fato aconteceu. Não optariam por outra que a escolhida de Nigrius, aliás, nem teriam contato com outra, centrados que estavam nas suas pesquisas. Com o roubo de Estela por parte de Ricardo, constituía-se o *campo transferencial* da pesquisa, impulsionando-a adiante. Isto é, Píter investigava os amantes, Ricardo envergonha-se por não pedir a mão de Estela, mas esta ficava aliviada, por não tomar o tempo da pesquisa. (p. 130-131)

Assim, os três conduziam suas pesquisas com dedicação, despreocupadamente – a considerar o tom da narrativa – e com certo conforto financeiro, porém na medida certa: o dinheiro era suficiente para viverem relativamente bem, sem os excessos que os desvirtuariam do projeto, estando nele confiantes. Isto tornava possível a investigação que interessava a Nigrius – a investigação da investigação, para a qual, a meu ver, fora necessária certa burocratização da vida desses jovens pesquisadores – a partir de suas pesquisas.

É nesse sentido, também, que se pode pensar a ironia do uso da expressão *ambiente controlado* (p. 128), para além da trama da narrativa. A ideia de um ambiente perfeitamente controlado, onde tudo ocorre conforme o previsto, não engendraria, ao que tudo indica, a possibilidade da descoberta. Nigrius sabe disso, e está contemplado no *Projeto P.* A pesquisa só é eficaz ao considerar o campo do sentimento humano.

Para explicar um pouco mais, digamos, a “natureza” do *Projeto P.*, Nigrius, pela boca de Píter, toma a fábula do sapo e do escorpião como metáfora. Conta que o escorpião pede uma carona para o sapo para atravessar o rio. O sapo teme ser ferroadado, mas o escorpião explica que, logicamente, não o ferroadará pois se o fizer morrerá afogado. O sapo concorda em dar a carona, é ferroadado e, ao afundarem, o escorpião se desculpa: “é minha *natureza*” (p. 141, *itálico meu*). Além disso, Nigrius diz que a moral da fábula seria: “a lógica não suplanta o instinto, ou talvez olhe bem quem está subindo em suas costas”. (p. 141) Isto é, a explicação, embora coerente, não correspondia à natureza do instinto animal. Ao sapo faltou sensibilidade, talvez esperteza.

A ironia, contemplada pelo uso da palavra *natureza*, está posta inclusive pela característica prosopoeica com que os animais estão sendo tratados nessa fábula: pode-se considerar o homem como semelhante em suas reações aos animais, sapos e escorpiões. Nesse sentido, embora a lógica (como no caso do raciocínio filosófico cartesiano) dite um rumo a ser seguido, frequentemente mais ponderado, os sentimentos ditam outro, e geralmente são estes – como os de Píter – que têm a palavra final.

Mas, a exposição de Nigrius prossegue. Ele introduz outra fábula, a do escorpião e a tartaruga. Um escorpião, primo do que morreu, teria procurado um sapo a quem pedir carona para atravessar o rio. Não encontrando um sapo, pede carona a uma tartaruga, que de tanto rir, quase se afoga, pois conheceu o destino do pobre sapo. O escorpião insiste e convence a tartaruga: se ela afundasse, ele também morreria. Ao atravessarem o rio, o escorpião crava o ferrão na carapaça da tartaruga, que se irrita. O escorpião ruboriza e dá a desculpa conhecida: “é minha *natureza*”. Protegida pela carapaça, a tartaruga não morre e pede que o escorpião retire seu ferrão. A operação é impossível, e prende o escorpião à

tartaruga para sempre. Atracados pelo destino, acabam por se tornar amigos. Por iniciativa da tartaruga, montam um serviço de transporte fluvial. (p. 141) Nigrius dirá:

“Em nosso caso, o escorpião pode representar a mentira, a tartaruga, a verdade. Claro que a mentira pode matar a verdade, mas a verdade em si não monta qualquer negócio. Se uma mentira injeta seu veneno sem matar a verdade, ficam ambas grudadas e têm de aprender a conviver. Este ser híbrido, o escorpião sobre a tartaruga, a mentira cravada na verdade, é o que chamamos de conhecimento”. (p. 142)

Trocando em miúdos: escorpião (*erro necessário*) + tartaruga (que antecipa o objeto e permite que o escorpião monte em suas costas) = ser híbrido (*bondade forte*, que faz o que tem que ser feito sem autocomplacência ou regozijo; conhecimento, particularmente em Psicanálise). Considerando-se a fábula como metáfora epistemológica da própria da Psicanálise, na perspectiva da já discutida concepção de episteme da Teoria dos Campos, pode-se inferir que seus pontos cardeais resumem-se ao *pensamento por ruptura de campo*, que não teme o erro (a tartaruga no lugar do sapo). Aliás, não prescinde deste e o toma em consideração, dando-lhe um lugar no processo heurístico de descoberta de novos conhecimentos. A *bondade forte* seria uma forma de conhecimento: de fato, é nesse sentido que ela é andaime para a clínica, como vimos. O recurso à alegoria do animal próprio à fábula, a meu ver, enfatiza uma ideia de ausência de *ceticismo preventivo*⁷⁶: é sua *natureza*. A tartaruga cravada pelo escorpião, e que aprende a conviver com este, é também a *mulher forte*.

Assim, as “iscas claramente falsas” (p. 144) de Nigrius – que também podem ser pensadas como *escorpiões* ou H.P. – foram as propostas feitas a Estela e Ricardo de pesquisarem qualquer objeto, ela na biologia, ele na física, sem explicar que o importante não seriam os resultados atingidos, mas a forma de atingi-los. O escorpião e seu mote, “é da minha natureza”, representam o apego aos resultados das pesquisas dos jovens cientistas; e a tartaruga – verdade inoculada pela mentira, *ser híbrido* (p. 142) – é o próprio *Projeto P* da

⁷⁶ Termo a ser discutido mediante a análise de *A infância de Adão*, particularmente no intertítulo sobre o *No zôo* das páginas 91-94 e seu correspondente interpretante principal, *O único e verdadeiro Deus* (pp. 94-99).

descoberta epistemológica a que chega Píter, isto é, o conhecimento atingido por *ruptura de campo*. Ironicamente, é nesse sentido que Nigrius se assemelharia a um investigador testemunho, um homem de ciência: ele observa os jovens, jogando-lhes *iscas falsas* (p. 144), enquanto Ricardo e Estela seriam os verdadeiros *musaranhos/sujeitos* da pesquisa.

A forma da interpretação: P de Psicanálise (e também de Píter)

Viu-se que, na perspectiva do pensamento de Herrmann, o conhecimento em Psicanálise se cria por *ruptura de campo*, não por acumulação. Ele guarda parentesco com a crítica kuhniana (1962/1996) de *ciência normal* (pp. 23-34), que, inclusive, está referida em *Notícia de Límbia* (Herrmann, 2002a: 22). É nesse sentido que *O escorpião e a tartaruga* pode ser considerado como exercício clínico-ficcional, que explora a episteme psicanalítica e também como ficção literária em Psicanálise. Além disso, enquanto ficção freudiana, não só ela se produz no reino análogo, a literatura de ficção – como toda psicanálise –, mas ela constitui *unidade estética*, implicando *forma* e *função*. E aqui a *função* é da ordem da exploração epistemológica psicanalítica, a partir das considerações da Teoria dos Campos.

O escorpião e a tartaruga opera pelo método psicanalítico, construindo-se por *rupturas de campo*. No dizer de Leda, trata-se de um *conto heurístico* (Herrmann, 2012a: 75 – nota de rodapé 14), que seria, a meu ver, um exemplar de Psicanálise, uma *literacura*. O *Projeto P.* (p. 138) como se viu, contempla sentimentos humanos e trata do homem no mundo, tornando-se projeto em Psicanálise. Assim, o *P.*, em *Projeto P.*, o qual: “Todos nós pensávamos em *P.* de Projeto” (p. 138), e que já pensamos como *P.* de Piltdown, pode também ser pensado como *P.* de Psicanálise (com maiúscula), isto é, o da episteme psicanalítica, considerando-a como ciência futura, assim como, a um tempo, como *p.* de psicanálise (com minúscula), constituindo um exemplar de ficção freudiana, e isto, *como um caso clínico*.

Nesse sentido, será fidedigna a confissão de Nigrius de pensar *P.* como Piltdown (pp. 138-141) e assim, denunciar no *Projeto* uma farsa? Diria que sim e não. O H.P. é o Homem de Piltdown, mas pode também ser pensado como *Homem Psicanalítico* – o *ser* metafórico que habita cada psicanálise, difere da pessoa do paciente e produz interpretação – e este

pode constituir-se pela farsa: eis a ironia que a narrativa revela. Isto é, apesar de “burocráticas”, as pesquisas de Estela e Ricardo são férteis no sentido de produzirem interpretação, embora não aquela por eles imaginada. Ou seja, se por um lado o *Projeto P* implicou certo debruçar ingênuo no campo da pesquisa, por outro, cumpriu a função de investigação heurística. É nesse sentido que ambos *H.P.s* estariam condensados na mesma metáfora, e um não excluiria o outro. Isto sim, um seria, provavelmente, imprescindível ao outro.

A intenção do *autor implícito* – que contempla também uma *função* do texto – seria explorar a episteme da própria Psicanálise, isto é, indicaria o *Projeto P*. do texto. Herrmann é como Nigrius: ambos estão implicados na trama, no *Projeto*, nas psicanálises que criam, ou que se criam com eles.⁷⁷ A certa distância, eles *riem* dos resultados que vão obtendo, a certa distância, e se deixam surpreender por eles. Píter lembra de uma pergunta colocada ao professor: o que Nigrius fazia com os outros grupos? Lembra também da resposta de Nigrius: “Que outros grupos, Píter? Nunca houve nenhum outro, só vocês três. Acha que temos dinheiro sobrando para maluquices?” (p. 139) Não uma vida, mas três, dedicadas a uma *maluquice*: o riso do leitor é amarelo, a não ser que se considere a pesquisa da pesquisa.

Píter contempla: “Acho que o modelo de Nigrius era (...) muito pior. Aquele que escreve certo por linhas tortas”, ou seja, o *deus* da história, seu criador⁷⁸. Pode se pensar na ideia de *dupla face* de Leda (2004/2007: 28-31), de acordo com a qual a tensão *método/absurdo* serve de guia das psicanálises, dos desvelamentos da Teoria dos Campos, e serviria também

⁷⁷ Nesse sentido, foi-me perguntado a respeito da diferença (qualitativa) entre os escritos ficcionais deste psicanalista autor (Herrmann) e os de seus contemporâneos psicanalistas brasileiros. Parece-me ser uma diferença marcada, não apenas entre os brasileiros, o fato das *ficções freudianas* de Herrmann contarem marcadamente com um *autor-implícito*, também criador de um pensamento psicanalítico, conhecido como Teoria dos Campos, semelhantemente ao que se observa, por exemplo, na ficção de Sartre, que conta com o pensamento sartreano nela implicado.

⁷⁸ Quem escreve certo por linhas tortas é Deus. Porém, para a Teoria dos Campos, *deus* é o *princípio do absurdo*, conforme descrito no capítulo *Uma regra em três histórias* (1985/2001a: 69-92), acerca dos apólogos bíblicos. (Ver nota de rodapé 40) O tema da criação, será discutido mais detalhadamente em *A infância de Adão*, na qual o criador – do sentido, do mundo e do homem – sequer precisa falar, ou o faz através de outrem, a ponto de o criador e o outro se tornarem indistinguíveis.

para a interpretação das *ficções freudianas* de Herrmann: é o “*deus* da interpretação” que nos impele.

Quer dizer, o método da Psicanálise e a estrutura ficcional da narrativa facultam, propiciam, o conhecimento de Nigrius, e isto como *deus* (Herrmann, 1985/2001a: 69-92), como regras ordenadoras. Assim, trata-se de construir novas fechaduras e colocá-las na porta, no dizer de Nigrius, pois confeccionar a chave – o que acontece na produção tradicional cumulativa de conhecimento científico – é relativamente fácil depois. (Herrmann, 2002a: 140) Píter, que já percorreu certo caminho em ciências de *Límbia*, parece estar no caminho de desvendar a função heurística do conhecimento.

Ps. No final do ficção freudiana, fica evidente que o *salão nobre* da Academia de Ciências de Límbia não recebeu o nome de Píter, como no começo parecia, e sim o do Prof. Nigrius. O método e a *alta teoria* são as eminências pardas da Psicanálise, segundo a Teoria dos Campos.

Ecoss literários

Não seria, na literatura de ficção, a primeira vez que se toca no tema da burocratização e da repetição incessante. De fato, praticamente toda a obra de Kafka, por exemplo, está pautada de maneira magistral nessa temática. Uma breve discussão sobre a parábola *Ante a Lei* [*Before the Law* (1935/1961, 60-79)], que se encontra também no livro *O processo* [*The trial* (1925/2009, 213-222)], serve de ilustração. Poderia pensar-se em *O escorpião e a tartaruga* como paródia⁷⁹ dessa parábola kafkiana.

Eis um apanhado da narrativa kafkiana:

Ante a Lei, encontra-se o guardador da porta, embora ela esteja aberta. Um homem do campo pede ao guardador para ser autorizado a entrar, pensando que a Lei seria acessível a todos os homens, a todo momento. O acesso é negado ao homem, que quer saber se, no futuro, ser-lhe-á concedido. O guardador da porta responde que é possível.

⁷⁹ A ideia de *paródia* está sendo usada na sua acepção etimológica, como “canto paralelo” (do gr. *pará*, junto, ao lado de; *odé*, ode, canto), conforme descrito por Campos (1981/2008: 73).

O homem espreita para dentro da Lei, e o guardador da porta ri, dizendo que se quer tanto entrar, que o faça, mas note que ele mesmo é poderoso, e é apenas o menos poderoso entre os inúmeros guardadores das portas da Lei, passada esta primeira. O homem decide esperar até ser autorizado a entrar, observando a aparência assustadora do guardador da porta, que lhe cede um banquinho para que espere sentado, o que também indicaria uma metáfora.

Assim como a Lei, que seria acessível a todos os homens – a todo o momento, na concepção primeira do homem do campo – mas que, de fato, prontamente revelou-se não sê-lo; o *Projeto P.* de Nigrius seria caracterizado pelo segredo, pela inacessibilidade do sentido, tanto no que se refere ao *P.* de Piltdown, desconhecido de início, como à aura de segredo que se instaura, considerando-se que os integrantes do projeto não revelariam o andamento de suas pesquisas aos colegas. De fato, Estela lembra-se que ao ser informada do andamento da pesquisa de Ricardo, ficara boquiaberta: “Não era preciso entender de física para compreender a maluquice da ideia.” (p. 135)

Assim também são, segundo a Teoria dos Campos, as regras dos campos de sentido, que só se conhecem por ruptura: desconhecidas, elas produzem sentido. O “homem do campo” fica sentado no banquinho a vida toda, paralelamente a Estela e Ricardo, que permanecem no *Projeto P.* por mais de quarenta anos, quando o propósito maior da pesquisa para Nigrius era outro. Ao conhecer-se essa perspectiva, a de Nigrius, o *Projeto* termina, assim como a porta da Lei pode ser fechada: aquela representação torna-se conhecida e – no dizer da Teoria dos Campos – constitui-se um novo campo. *Ante a lei* termina aí. Não sabemos o que surgiria de novo.

O narrador da parábola kafkiana, o padre – que de acordo com o romance *O processo* está na Catedral, mas no livro de parábolas aparece descontextualizado –, revela que com o passar do tempo o homem ante a Lei se esquece dos outros guardadores de portas, parecendo-lhe ser o guardador de porta a seu lado a única barreira entre ele e a Lei. Por esquecimento, espécie de miopia adquirida, suplica ao guardador da porta permissão para atravessá-la. Inclusive, dá-lhe tudo o que tem, na tentativa frustrada de corrompê-lo,

subornando-o. Além de “miope”, com o passar dos anos, K. vai envelhecendo e ficando surdo.

A *miopia e surdez adquiridas* lembram Estela e Ricardo, com relação à função da *rotina* que, se por um lado permite o prosseguimento da vida (e do *Projeto*), por outro inibe os sentidos do homem, neutralizando o absurdo contido no mundo; não permitindo, nesse caso, romper-se os campos da burocracia e da repetição.⁸⁰ É nesse sentido, a meu ver, que nos primeiros anos diante a Lei, o homem do campo maldiz seu destino em voz alta; mas, com o tempo se adequa, passando apenas a murmurar seus resmungos para si mesmo. O tema da *ficção freudiana*, como o da parábola kafkiana, seria o esquecimento, a obliteração e a burocratização, já referidos, por exemplo, por Benjamin (1934/2007: 130-136) com relação a Kafka.

Os anos passam, o homem do campo se aproxima de seu fim, envelhecido. Para o guardador da porta, no entanto, a idade não avançou: ele é alegórico, como Nigrius. O homem faz uma última pergunta, tendo pensado anos a fio sobre a questão: se todo homem almeja conquistar a Lei, então por que, nesses anos todos, fora ele o único a buscar autorização do guardador da porta para adentrá-la? O guardador, ciente de que o homem passara a ouvir mal, berra em seus ouvidos: fora a porta intencionada apenas para ele! Agora irá fechá-la; e o faz.

Na perspectiva de *O escorpião e a tartaruga*, parece que é ao final da parábola que o homem do campo começa timidamente a pensar por *ruptura*, para além do campo que ocupava, ou seja, da tarefa de aguardar pela autorização do guardador da porta para entrar na Lei. A porta da Lei é fechada porque sua função “burocrática” e “anticrítica” fora rompida ao ser questionada. Algo semelhante ocorre ao final de *O escorpião e a tartaruga*: o *Projeto P.* (Piltdown) terminou.

⁸⁰ Por exemplo, a metáfora à p. 128 é: “uma vida a viver no luxuoso anexo da Universidade, ao lado do zoológico”: burocracia, repetição. Já o *zoológico* revela-se – em *A infância de Adão* – análogo a *Límbia*.

Outro eco a se considerar encontra-se em “Avatares de la tortuga” de Borges [Avatares da tartaruga] (1932/1974). O tema já anteriormente mencionado de *estrutura de abismo*, discutido por Sarlo (1993/2007), é contemplado aqui por Borges relativamente à forma do conhecimento. Traduzo um trecho emblemático desse texto, desvelando um dos que seriam os “avatares” da tartaruga do *Paradoxo de Zeno*. Ele diz:

“O vertiginoso *regressus in infinitum* é aplicável a todos os temas (...) Ao problema do conhecimento: conhecer é reconhecer, mas é preciso haver conhecido para reconhecer, mas conhecer é reconhecer ... Como julgar essa dialética? Seria um legítimo instrumento da indagação, ou meramente um mau costume?” (p. 258)

Estela pergunta a Píter: “Você acha que Nigrius havia programado tudo dessa maneira, desde o começo?” E ele responde: “Não seria possível.” (...) “Ele não poderia prever, mas também é impossível que não houvesse previsto em certa medida o resultado.” (p. 144) Herrmann está oferecendo uma solução paradoxal, mas possível, para o problema de que o conhecimento é prévio e produzido, porque construção – no sentido do artigo discutido *I//V//D* (Herrmann, 2012a) sobre a verdade, isto é, como a tensão entre invenção e descoberta. Nessa esteira, Arrigucci (2005/2008) dirá: “todo conhecimento nessa área se dá por uma antecipação do objeto” (p. 318).

3.iv. Ficção joyceana, kafkiana, pessoana (...) – meandros de *A infância de Adão*

A título de exercício, farei algumas observações sobre *A infância de Adão* como um todo, incluindo a discussão de algumas especificidades, como o título. Esta será a primeira parte de minha análise – dividida em *Andaimes do conto* e *Adentrando (bruscamente?) a infância de Adão* –, que diz respeito à construção narrativa dessa psicanálise relatada, criada por Herrmann. Alternarei momentos mais próximos do texto e ideias mais globais sobre ele. Em seguida partirei para outra análise possível, de intertítulo por intertítulo dessa ficção freudiana ou por duplas de intertítulos. (Esta inspira-se um pouco na empreendida por Gifford e Seidman (1974/2008) sobre o *Ulisses* de Joyce, por destacar detalhadamente sentidos e conotações específicos do texto.) Isto se justifica, a meu ver, pela alta condensação de sentidos encontrados linha após linha, no texto de Herrmann.

Entretanto, a minha interpretação no segundo momento busca respeitar a estrutura dessa *ficção freudiana*: cada intertítulo intitulado *No Zôo* é seguido de um intertítulo-*interpretante* para a situação do monólogo/diálogo adâmico, desenvolvido com seu suposto *senhor* (analista, deus e/ou criador). À medida que a narrativa transcorre, porém, é o conjunto dos intertítulos-*interpretantes* precedentes que ilumina cada *No Zôo* que os segue, embora seja sempre mais expressivo aquele imediatamente posterior a cada *No Zôo*. O último *No Zôo*, intitulado *À porta do Zôo*, é tomado individualmente, com a conclusão.

Andaimes do conto

Não parece excessivo reafirmar que, como qualquer interpretação, a minha não se pretende conclusiva ou muito menos exclusiva, inclusive considerando serem os referentes de *A infância de Adão* infindáveis. Herrmann (2012b) declarou, acerca da obra prima *Ulisses*:

“Que faz Joyce? Num romance, de hábito, o autor insere delicadamente alguma referência às obras-mãe. Joyce também, só que todas ao mesmo tempo, toda a literatura. Com isso, a credibilidade do processo literário convencional entra em crise, mostrando que todas as histórias são uma história só, dependendo de como se opera, e, por sinal, não a de Édipo, mas a história da criação literária e, mais amplamente, a do pensamento humano. (...) *Ulisses* é o interpretante de todas as obras, não o contrário.” (p. 118)

A meu ver, o que faz Herrmann (2002a: 77-113) aproxima-se do que faz Joyce: condensa parodicamente⁸¹ sentidos retirados de diversas áreas do conhecimento – Literatura, Filosofia, Sociologia, Psicanálise – que são entrecruzados e submetidos a um rigoroso processo de interpretação, implicando o *vórtice* e sendo construído psicanaliticamente. São inúmeras as referências intertextuais nessa *ficção freudiana*, permeada também das teorias e construções da Teoria dos Campos. O resultado estético assemelha ao *Ulisses* na perspectiva paródica, pois – eu diria – inspira-se nele.

As analogias e semelhanças que encontro entre as obras de Joyce (*Ulisses*) e Herrmann (*A infância de Adão*) não são poucas, embora seja provável que esses autores não concordariam comigo. Por exemplo, o próprio Joyce (citado por Ellmann, 1959/1982) declarara-se desligado da Psicanálise. (p. 436) Mas, ao mesmo tempo, sua obra pode ser tomada como obra prima de interpretação psicanalítica. Não porque proponha resultados teóricos, é claro – o que implicaria um reducionismo oposto à obra joyceana – mas porque sua apresentação da psique desdobrada das personagens principais – Bloom, Molly e talvez Stephen – é indiscutivelmente um primor: uma psicanálise não declarada ainda é uma psicanálise. Nas palavras de Herrmann (2012b), nesse sentido: “Como poderia Joyce apreciar a interpretação redutora da psicanálise que lhe foi apresentada, se estava criando outra muito melhor?” (p. 120)

Por sua vez, Herrmann (2007), psicanalista, declara-se não um ficcionista (sério). (p. 11) Dedicou sua vida a estudar, praticar e criticar a Psicanálise, servindo-se de todas as áreas do conhecimento para pensá-la, não o contrário. A meu ver, *A infância de Adão* se compõe como produto de seu percurso; entretanto, o que o levaria a fazer sua declaração, que o identifica com o literato por exclusão?

Se Joyce declara-se avesso à Psicanálise, mas produz a sua (psicanálise), poderia Herrmann, que afirma não ser um ficcionista sério, ter produzido literatura de ficção? Penso

⁸¹ Particularmente aqui, se trata tanto da ideia de paródia como “canto paralelo” – conforme retirado de Campos (1981/2008), anteriormente destacado – e como “imitação (cômica) de uma composição literária” (Cunha, 1982/2010: 478), afinal, dissera Herrmann (2007), era “difícil parar de rir” ao produzir sua ficção. (p. 11)

que sim. Parodiar Joyce, uma das *funções* que identifico nesta ficção freudiana – como já indicava – constitui uma tarefa monumental. Herrmann não a empreende de maneira “séria”, porque jocosa, tanto burlesca como irônica, o que talvez traga algum alívio à tarefa, ou pareça trazê-lo.

Esse sentido esconde-se, mas revela-se pela *equivocidade da palavra* (Herrmann, 1979/1991a, 79-84), seu sentido conotativo. Se bem que *A infância de Adão* remeta aos clássicos da Literatura – universal e brasileira – num exercício análogo ao empreendido por Joyce, de condensar referentes, o autor absolve-se perante o leitor de sua “resenha”, declarando não atingir um patamar equivalente. *A infância de Adão* propõe uma interpretação sintética de clínica psicanalítica extensa, a meu ver citando-a pelo avesso: entre os inúmeros referentes, seriam os tais *plágios críticos* (Herrmann entrevistado por Leda, 2004/2007: 21). Quanto a seu valor como literatura de ficção e como psicanálise relatada – tema que me parece tangenciado na “resenha” de Herrmann – contrapõe-se à obra prima joyceana: continua à espera de eventual apreciação crítica.

Outro paralelo que parece concernir *A infância de Adão* – como a todo o livro de Herrmann (2002a) – é aquele com o já citado livro de Borges (1944/2009). Ambas as narrativas criam um mundo ao lado do mundo – conforme anteriormente descrito (no capítulo 3.ii) –, compondo o primeiro uma *ficção metafísica*, no sentido dado por Casares (1940/2010), e o segundo, mais propriamente, uma *ficção psicanalítica* (ou freudiana). A ideia é que Adão, contemporâneo, investiga sua psique, seu mundo – especulativamente – e leva o leitor a investigar a própria Psicanálise. Dir-se-ia que, embora Freud tenha inventado a Psicanálise no fim do século XIX, a personagem “Adão” inventou a *literacura*, uma psicanálise antes (e depois) da Psicanálise (diga-se de passagem, a meu ver primorosa).

A personagem nasceu em 2002, com a publicação do livro – ou talvez quando sua história tenha sido concebida pelo autor –, mas de qualquer maneira não no tempo primordial da *Bíblia*: a ficção freudiana é uma especulação sobre o Adão bíblico – nascido há milhares de anos –, mas tomado de uma ótica contemporânea, que é “Adão”. É nesse sentido que ela

pode ser pensada paralelamente à ideia de ficção especulativa/metafísica, como aquelas de Borges.

Nas palavras de Olmos (2005), ao referir-se a Borges (1944/2009), discutindo o título de seu livro:

“ao utilizar o termo *ficções* para denominar seus contos, Borges opta por explicitar a condição de artifício verbal de suas histórias, vale dizer, opta por denunciar que o interesse estético dessas narrativas reside não na suposta veracidade do conteúdo que elas relatam e sim na forma em que estão construídas.” (...) (p. 71)

Sendo ficção freudiana, a narrativa de “Adão” que se desdobra de Herrmann, também se produz como *unidade estética*. Ela entra no campo da Literatura – apesar de psicanalítica – assemelhando a escrita de Borges (ou “Borges”) – apesar de metafísica/especulativa –, também permanecendo no campo da Psicanálise.

Adentrando (bruscamente?) a infância de Adão

O título *A infância de Adão* joga o leitor, de chofre, face a um paradoxo⁸². Duas palavras que evocam origem – *infância*, que remete à fase inicial de cada homem e constitui um tema candente em Psicanálise, e *Adão*, primeiro homem, de quem descende a humanidade e que, segundo a tradição judaico-cristã, nasceu adulto – são colocadas lado a lado, formando um oxímoro, pois, como se disse anteriormente⁸³, Adão não teve infância.

A perplexidade incitada pelo título é reforçada na epígrafe: “Aquilo que há por não ser: a infância de Adão, o inconsciente.” (p. 77) O leitor, defrontado não apenas com a ideia de uma infância que não aconteceu, mas com um paralelo entre esta e o inconsciente, poderá perguntar-se se é disto que a ficção freudiana tratará. Assim, o que é irônico – uma narrativa sobre uma infância que não existiu – reveste-se já na epígrafe de uma condição equivalente à posição que a Teoria dos Campos reserva para o conceito *princeps* da Psicanálise, de *inconsciente*. Esta ideia, acerca do inconsciente, foi exaustivamente

⁸² Esta interpretação do título foi influenciada por uma conversa com Jaime Ginzburg em 2011, à época do Exame Geral de Qualificação deste trabalho.

⁸³ No subitem acerca da ficção freudiana, no capítulo 2.

trabalhada por Herrmann (1979: 177-203) pela consideração de que só temos acesso direto ao que a consciência nos mostra, nossas representações de nós e do mundo.⁸⁴

Estariam todas as construções teóricas psicanalíticas sobre o inconsciente postas na berlinda? A evidenciação que o pensamento de Herrmann aponta é a de a interpretação, pela ruptura de campos, dar pistas sobre as possibilidades para a emersão de novas representações. Essas possibilidades em si, como o inconsciente em si, nunca se mostram diretamente, pois o que se mostra e passa a existir são representações conscientes. Daí a ideia de que o inconsciente é produto da interpretação, com a dedução de que ele há, mas não existe concretamente. Tanto inconsciente como a infância de Adão, nesta linha de pensamento, só podem mostrar-se através de construções metodologicamente permitidas.

A epígrafe incita perplexidade e estranheza, pois se pode indagar: afinal, o que teriam em comum um *zôo*, o inconsciente e a infância de Adão? Veremos que, enquanto leitores, estamos tão estranhados quanto o próprio narrador. Provavelmente menos, pois diferentemente da nossa atribuição de sentidos a partir da *experiência* (Benjamin, 1936/2008), a fala de Adão personagem⁸⁵ é anterior não só à humanidade, como a si mesmo, no sentido de se constituir espontaneamente, anteriormente a experiência ou construção de identidade algumas. Portanto, é antes mesmo de construir uma perspectiva que Adão fala de sua perspectiva possível. Paradoxal, mas é a situação de um adulto sem história, e que a cria por estar em uma situação (de análise) em que ela precisa ser criada.

⁸⁴ Parece-me evidente a influência de Melsohn (1991), para quem o inconsciente não *existe*, apenas a consciência. Para Herrmann (1979), não existe mas *há*. As ideias de Melsohn já eram discutidas na SBPSP quando Herrmann publicou seu livro.

⁸⁵ Há dois “Adão”: o bíblico e o metaforizado pela ficção freudiana. Poderia, numa solução análoga à de Sarlo (1993/2007), usar Adão para referir o bíblico, e “Adão” para referir o produzido por Herrmann. Entretanto, seria entediante, a meu ver, manter esse padrão ao longo da interpretação. Por vezes, optei pela expressão *Adão personagem*, para referir o da ficção freudiana, outras usei as aspas e, ainda outras, usei simplesmente o nome Adão, quando é perfeitamente compreensível que estou me referindo à personagem. A qual dos dois “Adão”, entretanto, corresponde a ideia veiculada, depreende-se a partir do contexto em que está inserida.

À guisa de *diagnóstico transferencial*⁸⁶ provisório – sendo os diagnósticos transferenciais sempre provisórios – diria que, enquanto leitores, compartilhamos de um mesmo *campo transferencial* que Adão, aqui caracterizado pela suspensão. Trata-se de um campo que o “paciente” (a personagem) habita sem nenhum distanciamento, diferentemente do leitor. A angústia é mais violenta naquele (se é possível que uma personagem se angustie), sendo ele protagonista e narrador, pois se pode considerar que ocupa um lugar análogo ao do paciente em análise. Seria a analogia: “analista”/leitor, “paciente”/protagonista. No início dessa ficção freudiana, particularmente, Adão está, como que recém-“brotado”, nalgum sentido como qualquer paciente que inicia pela primeira vez um processo analítico, mas isto levado às últimas consequências: Adão não está meramente recém-“brotado” na sua “análise”, mas na sua “vida”.

É nesse sentido que se pode considerar a narrativa *A infância de Adão* como análoga ao processo analítico, propondo uma versão deste, especulativa e extrema: o “paciente” seria o primeiro homem da tradição judaico-cristã numa versão contemporânea. Ou seja, seria milenar, sendo o primeiro homem bíblico/talmúdico, mas ao mesmo tempo, nascido em 2002, com o livro: é anterior a qualquer interpretação do homem e anterior à cultura, que nasce com ele, e ele é produto dela.

Continuando a ideia da analogia a um processo analítico e pensando a personagem (paradoxalmente) como milenar, pode-se considerar que o “analista” possível para Adão seria Deus (além do leitor, mas a ideia de leitor é necessariamente posterior a um Adão milenar). Afinal, quem mais poderia ser, num mundo onde apenas Adão foi criado e Eva sequer nasceu (ou se tem notícia dela)? Da perspectiva adâmica, seria apenas possível que Deus, respeitando a metáfora judaico-cristã.

⁸⁶ É aquele do *campo transferencial*, constituído quando interagem duas ou mais pessoas. Também foi definido por Leda (2004/2007), como: “o estranho que habita o consultório, a situação analítica. Por quê? É onde o mundo do paciente é seu e é desconhecido (é o mundo dos sentidos possíveis): a identidade do paciente esfumaça-se para se condensar como chuva e logo se solidificar em formas imprevistas, mas possíveis.” (p. 147) Diagnosticar esse “estranho” é diagnosticar o campo transferencial.

Ainda nessa perspectiva, o nome *Adão*, muito apropriadamente, quer dizer *homem* em hebraico. Isto é, implica qualquer homem. A escolha desse nome – entre outros elementos da ficção freudiana, dos quais destaco sua forma literária – requer de maneira radical a anteriormente mencionada ideia do *sentido* surgido em qualquer psicanálise – das fantasias, das representações do(s) sujeito(s) em questão –, não requer fatos, acontecimentos ou dados. Adão seria um “paciente prototípico”, uma personagem ficcional análoga ao “paciente em análise”, qualquer um que seja.

Fica particularmente evidente nessa narrativa a ideia de que a infância e suas reminiscências se constroem nas psicanálises, não se tratando de uma somatória de fatos recordados de um tempo que se foi. Considerando-se os historiais clínicos e as observações de Freud sobre seu objeto ser literário, a escolha de uma personagem mítica, clássica e milenar é inovadora, no sentido de radicalizar a ideia de uma narrativa em psicanálise. Tal escolha deixa de causar espanto. A possibilidade apresentada cria uma psicanálise possível de ser considerada, embora impossível de se encontrar fora da literatura de ficção. É nesse sentido que essa problemática central psicanalítica, implicada desde os primórdios da nossa disciplina – considerar sentidos e não fatos nas psicanálises – fica escancarada e radicalizada nessa ficcionalização: a fala de Adão é fundadora ao levar às últimas consequências a ideia psicanalítica de as representações humanas serem fabricadas por cada indivíduo, radicalizando-a. A narrativa adâmica oferece uma interpretação psicanalítica (e literária) contemporânea, e isto de uma perspectiva do homem – não divina – visto que da personagem.

Escolheu-se Adão/“Adão” como personagem e o *zôo* – jardim zoológico estranho, considerando-se a formulação inabitual – no lugar do Jardim do Éden, sendo *locus*, *setting* literário ou situação. Estamos diante de um homem no mundo, mas conforme por ele representado: o *zôo* é o mundo contemporâneo para “Adão”, não “em si”, pois a esse ninguém tem acesso, e conforme representado por ele. A escolha considera, desse modo, que a realidade é representação e que, aos campos que a suportam, se acede por

interpretação. Este *zôo* poderia ser considerado/sonhado/criado, por exemplo, como Éden, caos ou jardim ... Enigmáticamente o mundo representado por Adão é o *zôo*.⁸⁷

Considerando-se – como estamos fazendo – a narrativa de Adão como análoga ao processo analítico, nosso protagonista, desamparado de uma moldura analítica convencional, de um *setting* psicanalítico que tenha função preservadora para o analisando e o analista, encontra-se “largado” ao sabor de seu próprio inconsciente. Enlouquecedor? Sim, mas veremos que a ficção é análoga a um processo analítico (sem analista) bem sucedido, e Adão não enlouquece (no mau sentido) no final. Pelo contrário, Adão se *cura*, se *literacura*, no dizer dele próprio, sendo o seu um processo solitário, sem dupla externa a quem acudir e que se manifeste efetivamente. A não ser no sentido de uma fala consigo próprio implicar, necessariamente, uma duplicação de si, de um *eu* que fala para um outro que responde: a *literacura* adâmica surte efeito, embora o interlocutor de Adão, se está presente, não emita palavra.

O papel de Adão é, na analogia personagem/“paciente”, o da apresentação do *Homem Psicanalítico*, que é o *ser* que habita o *Campo Psicanalítico*, como dizíamos. Estaria em *expectativa de transito*, porque habitando sempre o espaço entre duas representações. Não tendo infância prescrita – como de fato não a tem homem algum – cria-a ativamente, construtivamente, por interpretação. Dá nomes a tudo com que se depara nesse *zôo*. Diferentemente dos outros homens, entretanto, não tem memória, nem a ilusão de uma infância vivida.

A personagem seria, a meu ver, certo resultado literário de uma metaforização clínica que o *autor implícito* faz, explicitando ficcionalmente o que a Teoria dos Campos entende por *Homem Psicanalítico*, mas levado às últimas consequências. A narrativa adâmica, no que Herrmann (2007) chama *língua adâmica*, oferece a possibilidade de especulação sobre a

⁸⁷ O mundo “louco” em que vivemos, nesse sentido, é o que se cria por representação, assim como o mundo romântico. Criado o mundo “louco”, nos assustamos com ele, como se a criação fora alheia, despercebidos de que se trata de nossa interpretação, como acontece com os pesadelos: criamo-los e nos assustamos. O *zôo* é o mundo de Adão representado por ele. Baseio-me em *O momento da Psicanálise* (Herrmann, 1980 e 1985/2001c) para fazer essa interpretação.

natureza dos conceitos da Teoria dos Campos, que descrevem o que ocorre na clínica psicanalítica, infiltrando-se nas peripécias da trama.

Entretanto, a trama existe no sentido de produzir um enredo, pois constitui-se como monólogo interior – ou fluxo de consciência (James, 1889/2007) – da personagem. Bloom (Joyce) ao menos se deparou com outras personagens; Adão (Herrmann) nem isso, ao que tudo indica. Abre-se a pergunta: o que de fato as psicanálises constroem? A resposta, angustiante para Adão na sua posição absurda: representações de si e do mundo. Isto é, não cria o mundo (não cria o *real*), mas as representações acerca dele (a *realidade*). A realidade nada mais é que uma perspectiva do real, este inacessível.

Já se disse que, em sua construção, *A infância de Adão* intercala metáforas de sessões analíticas, sob o título *No Zôo* e construções teóricas da Teoria dos Campos tomadas como possíveis *interpretantes* (conceito discutido no capítulo 2) para essas sessões. Principalmente, o interpretante seria o intertítulo subsequente a cada *No Zôo*, mas não apenas, pois há mais intertítulos-interpretantes que lançam luz em cada *No Zôo*, sobretudo à medida que a ficção freudiana avança. Desenvolve-se um processo analítico ficcionalmente, pondo em relevo o que há de universal na clínica psicanalítica, que é seu método, implicando a *estrutura* da psicanálise relatada. Assim, a narrativa está suportada pelos conceitos metodológicos da Teoria dos Campos, como *campo*, *vórtice*, *ruptura de campo*, *relação* (Vide capítulo 2).

Em cada *No Zôo*, a ficção freudiana registra apenas as palavras do paciente, permanecendo seu *senhor* – como Adão a ele se dirige – mudo. Isto favorece entrar por dentro do processo de emersão de sentidos que toda análise contém. Estaria Adão dirigindo-se a um interlocutor externo, a um(ns) *outro(s) de si* (no sentido pessoano), a algum(ns) de seus *Eus* (no sentido dado por Herrmann, 1999a)? A ficção freudiana possui, assim, ao menos dois focos narrativos em alternância, sendo um a voz expressa de Adão, numa espécie de autoanálise – ou dirigindo-se a um analista que não emite palavra ao longo do texto, mas cujas repercussões aparecem pela fala de Adão nos intertítulos *No Zôo* – e outro(s) o(s) narrador(es), interno(s)/externo(s) a Adão, nos intertítulos-interpretantes que os seguem.

Embora haja no mínimo dois focos narrativos é, entretanto, difícil afirmar se há mais. Talvez, pelo contrário, mesmo estas sejam várias perspectivas adâmicas, às quais “os narradores”, de fato um, daria voz. Assim, introduz-se a possibilidade de um mesmo narrador (Adão) falar de mais de uma perspectiva, além da questão de ser possível que se trate de um narrador para o livro todo (aventada pelo narrador do Prólogo do livro, à p. 8). A questão concerne à ideia do *monólogo interior* de Adão

Ao final, em *À porta do Zôo*, surge uma voz alternativa que parece constituir um (segundo?) foco narrativo adâmico num intertítulo denominado *Zôo*, mas não mais *No Zôo* e sim à sua porta. Poderá representar 1. a voz do *senhor* (embora talvez imagine-se que, se existente, permaneceria dentro do *zôo*, a não ser por onipresença) 2. mais um *eu* adâmico ou 3. um novo narrador, que não Adão (embora, depreenda-se de Herrmann, 2002a, p. 8, que se trata de um narrador para o livro todo). Eva? É alguém que descreve Adão e seu fazer. Ao que me parece, seria o presente de um Adão *curado*.

Os intertítulos *No Zôo* são narrados como que em “tempo real”, no sentido de não haver distanciamento temporal entre narrativa e acontecimentos: o tempo adâmico é o do *dito e feito*, no dizer do próprio Adão (citado nas pp. 82, 87 e 100), em que ele fala e as coisas acontecem: recebem nomes, tornam-se o que são. Ou mesmo mais rápido: ele fala e *é* – cria-se – pois antes de Adão não havia nada, talvez apenas de Deus. Semelhantes Deus e Adão ...

A “confusão” resultante – quem é quem e faz o quê? – encontra-se também na situação analítica: a interpretação é do paciente ou do analista? Quando do paciente, de quem do paciente? Quando do analista, a partir de quê e em que ecoa? Como aplicar a ideia de Arrigucci (2005/2008) à narrativa de Adão: “todo conhecimento nessa área se dá por uma antecipação do objeto” (p. 318)? Se o paciente já sabia, para quê veio à análise? No caso de Adão – que não *veio*, mas apareceu – desde sua perspectiva, por que cria narrativa?

Uma solução encontrada pela Teoria dos Campos, tanto para a questão *quem faz o que é feito* como de onde surge o conhecimento na clínica psicanalítica, é que as interpretações se

dão: por *ato falho a dois* (Herrmann, 2001b: 200; vide nota de rodapé 24 desta tese). Isto é, o sentido se constrói *entre* analista e paciente, a partir do *tempo curto*, do discurso dialógico (que neste caso pode ser um monólogo/diálogo entre *eus*), do desencontro de sentidos aventados pela dupla/“dupla”. Daí, também, a importância de um *senhor* para Adão, seja a *duplicação sub-reptícia do eu* adâmico ou a intervenção de um *outro*.

Já o tempo cronológico dos intertítulos-*interpretantes*, que se intercalam com os *No Zôo*, é variável. Por vezes, a narrativa nestes perpassa a centena de anos desde o fato narrado. É análogo ao processo associativo, que do presente da interpretação transcende a outro espaço-tempo absolutamente diverso, apresentando outro campo de sentido possível. Nesta narrativa, o papel do “psicanalista”, que participa do *ato falho à dois*, é secundário em relação ao do “paciente”: o que diz – ou deixa de dizer – não é prescritivo, enquanto que o sentido desvelado do “paciente” o é. Isto sim, a fala do “analista” mescla-se à voz do “paciente”, tornando-se dela – nalguma medida – indistinguível: seus efeitos ficam refletidos na interpretação que vai sendo construída pelo “paciente”, por Adão. Pode-se pensar que os intertítulos-*interpretantes* estariam no movimento técnico de *tomar em consideração*, enquanto que os *No Zôo*, no de *deixar que surja*.⁸⁸

Outra crítica de Herrmann (*autor implícito*) nessa *ficção freudiana* diz respeito à comum definição de interpretação em Psicanálise como a interpretação transferencial do analista. De fato, qualquer interpretação *padrão* – que não *deixa que surja* e *toma em consideração*, nem tem função heurística – pode ser tomada nesse sentido. Tal forma de conceber a interpretação, a partir de um padrão, inclusive induz à representação de onipotência do analista. Ele encarnaria, por exemplo, na formulação lacaniana, o *sujeito suposto saber*, equiparando-se a alguma forma de *deus* no Campo Transferencial, no sentido de possuir

⁸⁸ *Deixar que surja*, de acordo com a Teoria dos Campos, é aquele movimento técnico no qual o psicanalista não se antecipa ao paciente, permitindo-o expressar-se – tanto faz se verbal ou não verbalmente –, assim possibilitando que emergja do paciente o sentido da sua questão, que estará em questão num determinado momento. Este momento é seguido daquele de *se tomar em consideração* o sentido surgido; isto é, dando-lhe a importância, torna-se possível, como que “desdobrar” a questão do paciente, com o paciente. Por exemplo, o *senhor* adâmico, metafórico ou não, tem a função de *deixar que surja* o sentido do paciente, mas não participa ativamente (apenas, talvez, projetivamente) do momento técnico de *se tomar em consideração* o sentido, com o paciente (Herrmann, 1991a: 180-195).

algum dom de conhecimento para além do outro. Nessa ficção freudiana, seja para evidenciar que quem produz o sentido é o “paciente”, seja porque o analista está tão próximo de deus/Deus que nem precisa de fala, ela lhe é tolhida.

O certo é que a *estrutura* da ficção freudiana *funciona*, no sentido dado por Candido (1957/2009), pois é plausível especular sessões analíticas hipotéticas de um “Adão” (colocando-se entre parênteses os anacronismos e ironia da ideia): no campo da ficção, é possível construir-se um Adão em análise. O exercício é procedente, pois tanto o inconsciente conforme Freud (1915b/2003), como os inconscientes recíprocos descritos por Herrmann (1998/2006a: 105-110) são atemporais e construídos: a Psicanálise descobriu a ideia de sentidos latentes. A trama contribui para se levar as concepções da Teoria dos Campos sobre clínica e teoria psicanalíticas às últimas consequências, deixando-se de lado particularidades e circunstâncias, como os contextos histórico e religioso. Há o inconsciente de um “adão”, “um homem”, e ele produz sentido. É o que esta ficção freudiana propõe, a meu ver, *tomar em consideração*.

A infância de Adão tem como palco não o consultório, mas ironicamente um zoológico. A ideia para esse espaço/tempo, que é também um enquadre clínico, inspira-se no Zôo de Berlim, conforme explicita Herrmann (2007), que além de ser um zoológico é uma linha de ônibus e um bairro central da antiga Berlim Ocidental visitada pelos Herrmann em 1990, logo após a queda do muro. (p. 27) A escolha é no mínimo intrigante – situar Adão num zoológico desordenado. Passíveis de interpretação psicanalítica, os campos de sentido circulados por Adão são como bichos, aleatoriamente presos, frequentemente desconhecidos da Zoologia – porque não, se ela nem foi criada ainda? –, inclusive metafísicos, em certo espaço e tempo artificialmente delimitados, sem serem penetrados por crítica ou pensamento: trata-se do zoológico como inconsciente, pertinente à Psicanálise.

Anedoticamente, Leda (comunicação oral, 2008) conta que, no zoológico de Berlin, os Herrmann depararam-se com um cartaz que dizia: *Elefant Vorstellung*. A palavra *Vorstellung* constituiu um problema de tradução dos textos de Freud, principalmente para o

inglês. A tradução por *idea*, proposta em inglês por Strachey, influenciou gerações de analistas brasileiros, pois foi dessa versão que se traduziu a Edição Standard Brasileira, publicada pela editora Imago na década de 80. A situação só começou a ser modificada com o surgimento posterior em espanhol, francês e português de traduções diretas do alemão. A própria Imago substituiu em edições posteriores *ideia* por *representação*. Em português, *ideia* elimina os outros sentidos que o termo tem, tanto em português quanto em alemão, como os de por diante dos olhos (presentação) e apresentação de um espetáculo, haja visto o que estava escrito no cartaz: *apresentação de elefantes*.

***No Zôo* (pp. 77-80)**

Estamos no zoológico, mais propriamente no *zôo*. Nosso narrador, Adão recém-criado, vê-se rodeado de, supomos⁸⁹, natureza e animais inominados. É o único homem a habitar o mundo, seja no sentido de ser a única voz da ficção freudiana seja no bíblico, de ser o primeiro a habitar o Éden (aqui *zôo*). Ao longo da história, irá habitando sua própria vida, como faz cada homem, embora muito estranhado, por vezes beirando o paranoico.

Nesse sentido, tomo esse primeiro *No Zôo* como metáfora de uma sessão de início de análise, e tomarei a ficção freudiana em sua Gestalt como metáfora de um processo analítico. O discurso de Adão é a forma literária que Herrmann usou para falar do início de uma análise, tal com experimentada pelo paciente, de dentro desse processo. O início de uma análise costuma partir de uma crise, que justifica para o paciente a busca pela análise. O *zôo* na ficção freudiana pode metaforizar o contato com o estranho, portanto, no sentido freudiano de estranho, que é o sentimento de cada paciente ao habitar o Campo Psicanalítico, ao ser passível de interpretação. Ao longo da ficção freudiana, Adão buscará habitar-se, perseguindo-se e se perdendo, no campo de cada interpretação menor e construindo uma narrativa, que vai compondo sua *literacura*.

Referenciar um *zôo* é remeter a uma imagem palpável, diferente da ideia de uma infância que não houve. O tom, entretanto, é irônico, embora ao mesmo tempo seja simples e da

⁸⁹ Sendo esses presumidos objetos inominados, não se poderia afirmar serem animais ou parte da natureza. De fato, não se os poderia identificar, mais definitivamente, como categorizados por qualquer representação.

perspectiva humana, não divina. Isto é, da criatura, não do criador, que é no dizer adâmico a perspectiva do “mal criado” (p. 79): ele questiona sua origem, defrontado com o desafio de não possuir memórias. Sua crise parece-me revelar o confronto com a realidade que se lhe impõe.

Adão desata a falar numa linguagem altamente fragmentada, absolutamente imprecisa da perspectiva do leitor, mas absolutamente precisa, a partir de sua própria lógica emocional, que vai se constituindo tão inevitavelmente, como interpretativamente. O tema da memória – que pode ser considerado proustiano (1913-27/2005) – instaura-se. Nessa narrativa não há espaço de tempo entre pensamento e fala, pois ela se dá: “No acontecer.” (p. 78).

O intertítulo se abre com as palavras: “Lembro-me. Quero crer” (p. 77). O campo e o tom, como se disse, são de estranhamento. Uma afirmação é seguida de uma incerteza. O verbo *lembrar*, transitivo indireto, que implica lembrar-se de algo ou de alguém, vem seguido de ponto final, e deixa o leitor em suspenso. Lembrar-se de quê? De si? Memórias são falhas, principal e necessariamente numa infância que não houve. A tentativa de Adão de se lembrar é, de fato, uma construção a partir do presente, impulsionada por um querer, uma urgência de se encontrar: a identidade de Adão é que está em crise, está claro, pois ela é requerida mas ainda não foi criada.

“A mulher não havia, então?” (p. 77) indaga Adão. A pergunta, que indaga o passado, é em si anacrônica. Mesmo pensando-se numa Eva que virá, como formular essa pergunta se ela ainda não existe? É esta mais uma escolha irônica. Adão aparenta ter referencial de mulher, mas nenhuma de fato existe em sua narrativa. Pode se pensar que a ficção freudiana se passe exatamente na lacuna entre a criação de Adão e de Eva, mantendo-se assim a cronologia bíblica. Mas não necessariamente, como na grande maioria das interpretações acerca desta narrativa...

Por outro lado, o referencial feminino da personagem talvez possa se explicar por ser Adão humano. Nascido adulto, traria consigo certo anseio ou nostalgia de companheira, saudade de futuro, inimaginável para nós que nascemos num mundo de homens e mulheres. Adão,

digamos que “brota” em vida, sem passado, mas já constituído como personagem de uma psicanálise, e nesse sentido muito diferente do Adão da *Bíblia* (2004) (que estando no Paraíso foi informado por Deus que necessitaria de uma companheira). Como se disse, a perspectiva nesta narrativa é do homem, não do divino, contrariamente à bíblica/talmúdica.

Adão anseia por uma mãe, por uma identidade. Deduz, por exemplo, que teria tido amiguinhos “na infância” (qual infância?). Teriam sido quatro ou cinco, diz ele, e declara, como que por *fluxo de consciência adâmico*: “Se me lembro dos nomes. Seio sexo.” (p. 77). Se os nomes têm gênero, remetem a objetos de prazer. Mas que gêneros? Que objetos? Que prazer? Aliás, que humano? Se o pensamento ocidental considera que este se cria na cultura. Adão está recém-“criado” e, ao que tudo indica, não há outro humano no seu mundo! Esse paradoxo se estenderá por toda a narrativa.

A forma dos parágrafos reflete seu conteúdo. Por exemplo, nos dois primeiros, curtos, as frases também são compostas por uma ou duas palavras. Não há orações com sujeito e predicado, e a pontuação surpreende: reticências, pontos finais após palavras únicas, pontos de interrogação, pontos de interjeição. Indicam estarmos no campo da cisão interna, talvez do não-domínio da linguagem, da criação de si e do mundo, que é uma perspectiva inédita (se não na Literatura, certamente na vida humana): Adão é simultaneamente adulto e está recém-nascido.

É pedido à personagem – não se sabe se externa ou internamente – dar nome os bichos: “O senhor Duvidoso. Desafia-me a nomear estes animais?” (p. 77). Na sua fragmentação, Adão está voltado para si mesmo, buscando construir memórias de si a partir de nada, e isto fica refletido na linguagem e no conteúdo. Fica ambíguo se é Deus que faz esse pedido a Adão, como no *Gênesis*, ou se poderia ser *um outro de si* no sentido pessoano, isto é, um *eu* de Adão perguntando a outro, no sentido da teoria do *eu* de Herrmann (1999a): o *senhor* é Deus ou é o próprio Adão, dividido sub-repticiamente? Caracterizá-lo como *duvidoso* parece ser sugestivo – visto que na tradição judaico-cristã a dúvida é própria do demônio – e não de Deus, que não duvida.

A ideia de “demônio” remete-me a Guimarães Rosa, mas também à desordem, ao caos, à crise: aquilo que impulsiona a interpretar. A inversão de maiúsculas neste trecho é de interesse, pois classicamente seria a letra *S* (Senhor) a aparecer em maiúscula, não *D* (Duvidoso): Adão dirige-se a uma autoridade, mas fica pouco claro qual, ou quem, seria.⁹⁰

No terceiro parágrafo há uma ampliação da língua adâmica, em que são referidos autores consagrados de maneira não literal, como pela palavra inglesa adotada e ampliada em seu sentido: *rejoicing* (p. 77), que sugere algo como *voltar a Joyce* e fazê-lo com alegria, louvor (no infinitivo em inglês: *to rejoice* e no gerúndio: *rejoicing*). Isto é, assim como o protagonista de *Ulisses* (1934/1990) Leopold Bloom vagueia por Dublin, Adão circula errante pelo *zôo* (que intuo ser *e* não ser o Éden), dando nomes. Nesse sentido, e em certa medida, a ficção freudiana de Herrmann pode ser considerada “joyceana”, como dissemos, pois não repete Joyce, mas o parodia.⁹¹

Por outro lado, há citações literais joyceanas. A palavra *Shleeps* (p. 77), por exemplo, cita o neologismo criado em *Finnegans Wake* (Joyce, 1939/1988), sendo uma contração entre *sleeps* (3ª pessoa do presente do verbo inglês *to sleep*) e *sheep* (carneiro), que pode sugerir contar carneirinhos até dormir, por exaustão. O árduo trabalho de Adão seria também cansativo. Já o neologismo *Eliphas* (p. 77), por exemplo, remete ao nomear e criar do elefante, bem como ao amigo de Jó no Antigo Testamento, Elifaz – cujo livro será referido novamente ao serem mencionados Beemot e Leviatã –, mas adicionalmente pode ser escutado como *ele faz*: Adão, como deus/Deus, cria ao nomear, determinadamente *fazendo* o mundo, nesse sentido. Como ele diz, seria *dito e fato* (p. 78).⁹²

Outras citações “tortas” de referentes inúmeros surgem nesses parágrafos, os tais *plágios críticos*, remetendo a diversos autores e épocas, como por exemplo a expressão *Sóistix de*

⁹⁰ Na tradição judaico-cristã, vale lembrar que chamar um demônio pelo nome, ou seja, nomeá-lo, seria a primeira condição para exorcizá-lo.

⁹¹ Entretanto, o tema “ser ou não ser”, parodiado psicanaliticamente como “ser *e* não ser”, é de Shakespeare.

⁹² Eis a citação, que deixo no inglês de Joyce no intuito de não *destraduzi-la*, isto é, modificar seu sentido: “(...) While loevdom shleeps. Elenfant has siang his triumph, Great is Eliphas Magis-trodontos and after kneepayer pious for behemuth and mahamoth will rest him from tusker toils. Salamsalaim! Rhinohorn isnoutso pigfellow but him ist gonz wurst. Kikikuki. Hopopodorme. (...)” (p. 224)

inferno (p. 77), que talvez misture o título do poema de Rimbaud (1873/1967), *Une saison en enfer*, à expressão *solstício de inverno*, dia cuja noite correspondente é a mais comprida do ano.

Hobbes é referido à menção do *Leviatã* (p. 77), título de seu livro, e também pela frase: “Hobby: plágio citatório adâmico” (p. 77), pois *hobby* remete a Hobbes. Entretanto, a condição de Adão é tudo menos hobby, passatempo, pois ele há de produzir o mundo, a linguagem, sua identidade. Mais uma vez, a introdução a citação é irônica.

É por meio do *vórtice* que Adão chega ao mundo, representado como o despejar de citações tortas – *plágio citatório adâmico* – implicando a crise do “paciente”, sua angústia, estando recém-chegado à “análise”, ao mundo, à sua narrativa. Nesta, entre tantas outras frases e expressões ao longo da ficção freudiana, ecoa o baixo latim usado na missa rezada, que era repetido sem ser compreendido. Adão, adulto e recém-nascido, não compreende o que cita. Paralelamente, em Psicanálise se ecoam frequentemente teorias de maneira muito superficial, enquanto no meio acadêmico o mesmo acontece em citações de autores eruditos. A narrativa imbui-se das críticas de Herrmann; em um de tantos sentidos, portanto, Adão seria como que “pretexto” literário para se as ecoar.

Além disso, a ideia de referência nenhuma, de criar *sem passado*, que tão veementemente vem sendo afirmada, é refutável, pois claramente Adão cita, o que implica algum passado. Mal, mas cita, e aliás de maneira genial. Um “gênio”, entretanto, “inocente”, imponderado, ou que seria o *autor implícito*, no sentido de ser ele quem *age* Adão (como dizíamos que ocorria à mulher forte em *Bondade*), citando filósofos e literatos da história da civilização humana sem a personagem os (re)conhecer. Produz seu *plágio* (p. 77), mistura de referências e tempos históricos os mais diversos, porém na pena de Herrmann.

Metaforicamente, é possível que, a partir do *plágio* adâmico, durma “o cordeiro entre os leões em loevdom”, espécie de reinado que se desenrola, não só de leões, mas do amor (loevdom). Seria um reinado também ingênuo, haja vista a situação do cordeiro se os leões

acordarem: não há nada menos singelo que o amor – conforme o estuda a Psicanálise – ou que a psicanálise adâmica criada pelo narrador.

Mesmo vazio é Adão, no sentido de ser *agido* e impossibilitado de escapar de seu processo analítico interpretativo: ele é portanto personagem, não homem. É *agido* por Herrmann. Além de nomear os animais, dando sentido ao mundo por sua óptica, deverá criar seu próprio passado, sua própria história, sua identidade, seu futuro. Pode-se pensar que todo homem constrói uma identidade para si, dela se apropriando – digamos “micromorrendo” ao longo da vida – impulsionado por certo anseio por fazê-lo. No caso de Adão, sem história, isto é tomado *ipso facto* e iminentemente.

Noutras palavras: a personagem, necessariamente, é literária. E se ele não tem memória, Herrmann tem e pode fazer esta “miscelânea organizada” de citações eruditas, colocando-as na boca de Adão. O exercício só é possível no campo da ficção, sendo impossível reproduzir-se na clínica de consultório, por exemplo. Eis também a relevância da construção ficcional para se explorar conceitos e construções da Psicanálise em geral e da Teoria dos Campos em particular, o que considero como uma das *funções* desta ficção freudiana, para além de inovar na forma narrativa psicanalítica.

Antes de remeter ao título do livro de Hobbes (1651/1985), vale lembrar que o Leviatã é um monstro bíblico descrito no livro de Jó: “Poderás pescar o Leviatã com anzol/e atar-lhe a língua com uma corda? (...)” (40:25-41:25). É o maior e mais poderoso dos animais aquáticos, aquele que estabelece a ordem. O Beemot é um vigoroso e musculoso animal terrestre, descrito no mesmo livro como aquele que se assemelha ao homem e que poderá matar Leviatã: “Vê o Beemot que eu criei igual a ti!/Alimenta-se de erva como boi./Vê a força de suas ancas (...)” (40: 15-24).

Continuemos com a pronúncia de Adão: “O riacho do Leviatã murmura entre os fetos, onde pasce o Tiranossauro lex.” (p. 77). O Tiranossauro Rex foi o maior dos dinossauros carnívoros, e ressoa nessa palavra – da perspectiva conotativa – a ideia de um *tirano*. *Lex* é lei, e *léxico*, o conjunto de leis das palavras. *Pasce* é comer capim e vem de “pasto”. De

uma perspectiva adâmica superegóica, Adão estaria, de maneira tirânica, superegoicamente nomeando tudo, decidindo tudo, como o maior dos animais: um “metafórico dinossauro carnívoro da lei e da linguagem”. Sabemos que, segundo a *Bíblia*, Adão não foi o mais antigo ser vivente. Nasceu no sexto dia da criação do mundo, quando haviam sido criados todos os animais. Mas poderia viver na impressão de ser o mais tirânico. Por outro lado, ele não teve alternativa para a sua condição. Daí poder se pensar um “Adão” extremamente angustiado.

Outro autor já anteriormente mencionado e referido de maneira torta nesse parágrafo é Guimarães Rosa, pela citação: “em meio ao redemoinho” (p. 77), considerando-se a epígrafe de *Grande sertão: Veredas* (1967/2001): “O diabo na rua, no meio do redemoinho” (p. 21). A variação “O diabo na rua, no meio do redemoinho” é repetida ao longo do livro de Rosa (por exemplo, às páginas 27, 610, 611).

Além dessa citação, Riobaldo, como Adão, trata por *o senhor* um “interlocutor ausente, mas implícito” (Benedito Nunes, 2002: 206), que no dizer de Meneses (2005) constitui: “Um narrador inomeado, mas sempre presente.” (p. 126). O “diabo” interior de Adão – se assim se pode considerá-lo – ou simplesmente sua pedra no sapato, seria justamente a ausência de sua história, de passado, de mãe, que o impulsiona à criação: constituiria um “diabo” metafórico.

Pode-se, portanto, pensar a ficção freudiana de Herrmann de uma perspectiva semelhante à da crítica literária referente a Guimarães Rosa. No citado artigo, Meneses (2005) escreve: “Dante Moreira Leite (1979: 88-100) sugere a possibilidade de se ler o GSV como a longa (e talvez interminável) sessão psicanalítica do protagonista, Riobaldo. Meu objetivo é (...) desenvolver esta proposta: *Grande sertão: Veredas* como a Psicanálise de Riobaldo.” (p. 125). Minha interpretação, de serem os intertítulos de *No Zôo* como que recortes ou perspectivas de um processo analítico metafórico, aproxima-se, portanto, das interpretações feitas por Meneses (2005) e Moreira Leite (1979, citado por Meneses, 2005). Parece-me que este pode ser considerado como mais um eco de Guimarães Rosa na ficção freudiana de Herrmann, ainda que mediado pela crítica literária.

Em continuação, diz Adão sobre sua categorização do mundo e dos bichos: “Não faltou em nomes, confira as placas. Que espanto, se fui eu quem as pôs...” (p. 77). Defronta-se, no desafio que lhe é imposto, com a incerteza. Não há autoridade externa que lhe diga o que está certo ou errado. Apenas, possivelmente, haveriam algum(ns) *outro(s) de si* que, como se disse, que pensando-se psicanaliticamente seriam superegóicos: a ideia é que um *eu* põe placas, nomeia, e outro(s) se espanta(m)⁹³, e ainda critica(m), tirando-as. É assim que o diálogo com *o senhor* poderia consistir, de fato, num diálogo entre *eus* adâmicos, produzindo alguns embates, pois sabe-se que a ideia, por exemplo, de uma autoanálise psicanalítica implica dificuldades.

Portanto Adão cita em poucas linhas de Jó a Joyce, passando por Hobbes e Rosa, entre tantos outros, inclusive que eu não tenha marcado. O faz desordenadamente, sem hierarquia, de maneira aparentemente aleatória (o que não deixa de ser um *joyceanismo*, por assim dizer). Referências misturadas bem como tempos históricos e campos de saber mesclados apontam para um paralelo com a própria busca de Adão por sua identidade. Ele persegue sua história criando-a, e o faz sem partir de referência concreta alguma, ao menos não que ele conheça ou proponha. Pode-se dizer que se tratam de “referências latentes”. Por outro lado, o faz sem juízos de valor ou construções prévias (para ele não há o *prévio*). Entorpecido nesse exercício, Adão, analogamente aos pacientes psicanalíticos recém-chegados aos consultórios, como vimos, despeja-se em *salvas de palavras* (p. 79).

Vale notar que a *salva de palavras*, representação do *vórtice*, pode se dar em qualquer processo analítico de acordo com o pensamento de Herrmann. Trata-se de um fenômeno clínico desvelado pela Teoria dos Campos, – e aqui descrito literariamente e de maneira original – que ocorre ao deslindar-se um *campo* de sentidos para o paciente; é o momento em que, na expressão adâmica, ele “rodopia” (p. 78). Dá-se que em certo momento lógico e não localizável, todo paciente em análise que constrói um sentido encontra-se simultaneamente ainda num campo rompido e na expectativa da assunção de outra auto-

⁹³ Também há o verso de Ferreira Gullar (1980/2000), nesse sentido, entre tantas referências no campo da Literatura: “uma parte de mim almoça e janta: outra parte, se espanta.”

representação. Depara-se com o *vazio representacional* e busca preenchê-lo, sendo esse o momento lógico que Herrmann (2001b) denomina *expectativa de trânsito* (pp. 54-63) (conforme explicado no capítulo 2), o que é vivido pelo paciente como angustiante. Ou seja, a “salva de palavras” caracteriza a expressão fenomênica (o *vórtice*) que decorre do momento lógico (a *expectativa de trânsito*). Está sendo metaforizada em suas últimas consequências, justamente porque fatos prévios na vida de Adão não se deram. Entretanto, tomando a perspectiva de que a emersão de sentidos possíveis compreende o campo da cura em Psicanálise, fatos não interessam e é nesse sentido que o Adão da ficção freudiana pode ser considerado como protótipo de paciente em análise.

Esses parágrafos inaugurais da ficção freudiana podem ainda ser pensados como uma crítica do autor à burocratização: da erudição, por um lado, e ao *Establishment* psicanalítico, por outro. Tanto em um caso como no outro, existe a suspeita da importância de certos autores por parte de quem cita, mas as referências são evocadas de maneira rasa, limitada e, nesse sentido, *sem memória*. São citações fora de contexto, como de fato é quotidianamente observável na academia e no meio psicanalítico. No limite, caminham paralelamente a Adão, tendo de se haver com tudo o que veio “antes” – que no caso dele é o que veio depois – sem diretriz ou ponto de partida.

Em seguida, o adjetivo *edipiana*, que aparecera no segundo parágrafo, ressurge, invocado pela segunda vez. É aqui como que jogado, também aparentemente de maneira aleatória, “plagiado” portanto, implicando reiterativamente ter a burocratização acadêmica atingido inclusive a Psicanálise. Trata-se de uma crítica aos psicanalistas que se apegam a construções técnico-teóricas pós-freudianas retiradas do contexto de sua criação nalgum percurso histórico, problematizando ao extremo a impossibilidade de recuperá-las *ipso facto*, como a infância de Adão. Por exemplo, pode-se pensar em uma crítica ao uso enfático da recomendação técnica de Bion (1967) de que o analista deve escutar seu paciente *sem desejo e sem memória* – o que frequentemente traz problemas para a clínica psicanalítica – considerando-se a já mencionada ideia de um Adão *sem memória*.

Após estes primeiros parágrafos, tanto disparatados quanto críticos, deparamo-nos com um mais estruturado, indicando alguma organização adâmica. A personagem imagina que sua “mãe” tenha colocado o lanche da tarde para ele e os “amiguinhos” – com geleia e pãezinhos, explicita – como faria uma mãe, digamos *padrão* classe média dos anos 50. A imagem é romanticamente irônica e, assim, lúdica. Vale ressaltar que o anacronismo é regra no que concerne à ideia de inconsciente, característica de nossas representações da realidade, aqui transportada para essa ficção literária especulativa. A linguagem, menos fragmentada, indica estar Adão se apoiando numa “lembança imaginada”⁹⁴ a partir dos anos 50, embora ele habite o princípio da humanidade. Isto é: no sentido de uma ordenação de fatos, o conteúdo é claramente absurdo, mas não da perspectiva psicanalítica, nem da construção narrativa de uma história.

Diz Adão: “É lógico que minha mãe havia de nos servir o lanche da tarde” (p. 78), mas sabemos que Adão não teve mãe, lanche, tardes ou amiguinhos. O uso da palavra *lógico* é irônico, pois conduz a um pensamento falacioso. Para sua psicanálise/*literacura*, o importante é que a construção feita por Adão produza algum sentido para ele e, nalguma medida, o organize (como *o senhor* que *organiza* Riobaldo). A linguagem de Adão parece indicar que suas construções lhe fazem algum sentido preliminar.

Logo em seguida, a imagem de mãe mostra-se insuficiente e Adão parece se angustiar: “Sem o nome da mãe viver. Como pode?” (p. 78). A frase é mal construída, fragmentada, composta por um Adão “adulto recém-nascido” e bombardeado pela materialidade do mundo, sem a mediação de interpretações prévias. Um privilégio, por um lado: a possibilidade de construir o absolutamente novo. Por outro, Adão revolta-se com o fato de haver sido criado de súbito e sem passado, mas ele não conhece outra possibilidade. E, além disso, é mediado por seu autor e pela história do pensamento, como vimos.

Assim, novamente, evidencia-se que ele tem conceitos de mulher, infância, passado e identidade. É como se nascesse “pré-formatado” com estas noções: nasce humano e na

⁹⁴ O que faz lembrar a ideia de *lembança encobridora* de Freud (1899/2003), aqui mais radicalizada.

nossa cultura. O que não é pouca coisa, porque na interpretação ficcional da Teoria dos Campos, por exemplo, o bebê não nasce humano, mas se cria como tal. Adão não é bebê: é adulto “sem” passado.

Por outro lado, ao examinarmos a *língua adâmica* podemos perguntar: quão pré-formado nasce Adão, que claramente tem aptidão para a linguagem, mas constrói mal as frases? “Sei não”, diz a certa altura (p. 79), ecoando o linguajar mineiro dos personagens de Guimarães Rosa. Além desse paradoxo da linguagem, suas memórias são lacunares. Alega *lembrar* de uma mãe que lhe servia o lanche da tarde, mas não sabe seu nome nem um rosto lhe confere: “o rosto de minha mãe, este não enxergo.” (p. 78).

No parágrafo seguinte – como ao longo da narrativa – coloca-se novamente a questão de constituir-se ou não um solilóquio para com Deus: “Irrita a ideia sua: do que melhor se lembra, menos foi.” (p. 78) A interpretação é assim, seletiva, construída. Viu-se que o interlocutor de Adão não se expressa ativamente, o que faz pensar que Adão se irrite com o que “escuta” desse interlocutor sem voz, que o impulsiona a criar/inventar seu passado: a interlocução remete, como se disse, à de todo paciente em análise. Há uma analogia: D/deus e método psicanalítico

O tom continua a ser de irritação e revolta: “Horror viver assim.” (p. 78). No ato adâmico de nomear, cada dito transforma-se em coisa, em bicho ou em “quimera” (p. 78). A personagem destaca que com isso se torna prisioneiro das próprias palavras, o que simultaneamente indicando uma armadilha: seria seu “único carcereiro” (p. 79).

A ironia marca a língua adâmica. Por um lado, um bicho torna-se um macaco, um babuíno ou um sagui, conforme seu bel prazer. Por outro, será mesmo assim? É unicamente conforme seu esforço, que gera angústia. A interpretação/criação parece ser-lhe imposta, como também o ato de produzi-la. O resultado da interpretação pode ter “Cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão, etc.” Mas pergunta-se Adão: “E agora?” E responde a si mesmo: “Ou a metemos numa jaula, e é o escândalo, ou há que a descreir. Sem cabimento é deixá-la vagando pelo zôo, intrigando os animais.” (p. 78) Noutras palavras: dito

transforma-se em feito e não pode ser desdito (como aliás ocorre em qualquer processo analítico): falar por falar não constitui uma alternativa. Nesse sentido, não há o “ser ou não ser” de Hamlet (III.i. 70-6), nem há a dúvida, pois tudo o que se produz a partir da fala de Adão simplesmente é, não se pode descreir. E Adão expressa, desolado: “imprudente falar à toa.” (p. 78)

Continua o nosso narrador: “Céus e terra já estão feitos a gostinho seu. Pergunta o santo: que fazia de seu tempo, antes de criar o tempo? (...) Desassombrado, no jardim do universo. Eu sou-te. Disse-o em pessoa: Faça-se!” (p. 78) É evocado o poema de Pessoa *A voz de Deus* (“Ó Universo, eu sou-te!”), assim como a expressão bíblica, ecoando o final de cada dia da criação do mundo. “Faça-se a luz!”, por exemplo, é entoado por Deus após o primeiro dia (mas como começou o dia antes da luz?), que em hebraico é *Fiat lux*. Mas o santo mencionado, de onde advem? Adão refere Santo Agostinho e sua filosofia do tempo: o passado e o futuro não existem. Apenas o presente, que é a passagem do passado para o futuro; que se depreende mas não se apreende.

Os paradoxos se multiplicam. Como podem ser os presentes de Deus e de Adão a passagem do passado para o futuro, se o primeiro vive na eternidade e o segundo *surge* no mundo? Como a luz, seria uma resposta que não responde. E Deus, como criou (ato que implica passado, antes da criação, e futuro, depois da criação) se vive na eternidade? O trecho reúne diversos *criadores*, portanto, citados anacronicamente: Deus, Adão, Santo Agostinho, Fernando Pessoa (que *faz* literariamente, criando os heterônimos de si), e talvez a *luz* bíblica.

Por outro lado, não se trata efetivamente de um paradoxo na criação do sentido humano, – noutras palavras, em *Límbia* – que não é verossímil mas onírica, “o anacronismo é a regra.”⁹⁵ (Herrmann, 2002a: 30) O jardim do universo adâmico, digamos, não é o Éden bíblico, mas a criação do mundo, ou Big Bang, que contrariando as leis convencionais da física cria do inexistente. A analogia estende-se para a criação do sentido do mundo.

⁹⁵ Nesse sentido, é de interesse o artigo de Pontalis (1998) – comentado brevemente a seguir – no qual o autor se detém sobre a ideia do *tempo* e *anacronismo* das psicanálises.

Adão se queixa: “O senhor, que não esquece nem lembra” (p. 78). De fato, nada que o paciente/“paciente” adâmico diz a seu psicanalista/“psicanalista” é esquecido, ou tudo é lembrado no sentido que não passa despercebido, mas também pode mudar de sentido ao longo da sessão ou das sessões. Já o Deus judaico-cristão não pode dizer hipoteticamente, por exemplo: “e se eu não tivesse criado o homem?”; estaria descrendo-o. Adão é prisioneiro desse deus, que não o permite desdizer o que diz, que não pode devanear, como tampouco o pode Adão; e é também prisioneiro desse “psicanalista metaforizado” que, por assim dizer, relativiza o sentido de suas criações.

Então expressa nosso narrador, sempre da perspectiva do vórtice, da angústia do processo analítico: “Eu, titular em língua de Ur, adâmico Schreiber” (p. 78). A imagem evocada remete tanto ao *Caso Schreber* descrito por Freud, como ao livro de memórias do Dr. Schreber que inspira Freud, em que o juiz descreve seus delírios, que pode ser entendido como uma defesa para dizer que não é louco. Schreber relata que chamara de *linguagem fundamental* uma “espécie de alemão algo antiquado, porém vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos” (citado por Freud, 1911/2003: 23): seriam as comunicações, explica ele, que recebera diretamente de Deus.⁹⁶ Ou seja, a imagem é de um Adão psicótico⁹⁷.

Por outro lado, a palavra *schreiber* em alemão significa escrivão, amanuense, escriturário, mas não escritor. Como Adão, o Dr. Schreber é um amador sendo jogado na posição de quem prescreve a realidade. Já a *língua de Ur*, segundo a *Bíblia*, era falada em uma das primeiras cidades do mundo, na região mesopotâmica, de onde saiu Abraão.⁹⁸ Isto é: Adão em vórtice representa-se como um louco, prescritor de sentidos, que fala numa linguagem primária, estrangeira e esquisita.

⁹⁶ Vale notar que Schreber escreve seu livro quando concluídas suas duas internações psiquiátricas, e saído do surto que o levou à segunda.

⁹⁷ Não paciente psiquiátrico, mas mergulhado no *vórtice*.

⁹⁸ Já o Éden, vale ressaltar, ainda não foi localizado por estudiosos da Bíblia, o que pode indicar, ou ser tomado como, um nome metafórico.

Desafia Adão: e se Deus fosse gago? (Resta saber desafia *a quem*.) Ele próprio responde: “Tudo sairia em duplicata” (p. 79). Os nomes, portanto, são aleatórios, reféns da condição de quem nomeia e suas circunstâncias: gago, irritado, com sono, irônico, solitário, etc. “No Calab ouço” (p. 79), continua Adão: mas ouve o quê, se Calab é um deserto e ele foi criado só? Não se sabe se Deus, mas Adão parece ser gago, no sentido das suas criações serem absolutamente subjetivas, *feitas* a partir de seus próprios sentimentos, refletindo a lógica das suas emoções, e estando ele em *vórtice*.

No livro de *Gênesis*, Deus diz: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (2.18). E cria a mulher. Já o Adão-personagem encontra-se, metaforicamente, em Calab.

Como tudo o que Adão diz passa a ser definitivamente, ele parece se sentir perseguido, sozinho, além de revoltado. No campo transferencial que se configura, ele veste a camisa de um quase tirano, que atribui sentidos aos animais que constituem sua realidade, e o mundo se torna como ele prescreve. Mas é a própria camisa que o “persegue”, no sentido de a possibilidade de um *eu* “tirânico” tornar-se-lhe insuportável.

Por outro lado, como dizíamos, Adão vem “pré-formatado”, com a necessidade de nomear, e não pode dialogar com alguém antes de prescrever sentidos. Está impossibilitado, por exemplo, de *descriar* a nostalgia por uma/sua mãe; esse sentimento deverá acompanhá-lo. Não há criações alternativas no mundo adâmico, nem crianças com quem brincar, nem pai (convencional) a emular, nem mulher. São os percalços de um mundo “pré-babélico”. Tampouco há interpretação por *ato falho a dois* (Herrmann, 2001b: 200): Adão prescreve e simultaneamente é regido por leis psicanalíticas que independem dele. Seu *vórtice*, em Calab, é solitário.

A escuta conotativa característica do analista nas sessões de psicanálises “convencionais”, que não respeita os limites do tema proposto pelo paciente para a conversa, impõe a prevalência do campo transferencial e a condição de *ruptura de campo* (já abordada no segundo capítulo). Assim, indícios de novas autorrepresentações vão surgindo e, se não são

tomadas em consideração pelo analista, continuam vagueando inominadas, pululando nas comunicações do paciente. Já Adão encontra-se inexoravelmente habitado pelo *Homem Psicanalítico*, no meio do vórtice, do “redemoinho”⁹⁹, mas ouve e é ouvido apenas por seus *eus*.

Proclama Adão no último parágrafo desta sessão: *Quis ut Deus? Q&D: Eus.* (p. 80). A pergunta fora posta por Moisés a Deus, e significa: “quando me perguntarem quem és, o que respondo?” No contexto da ficção freudiana, ela representa precisamente a questão de Adão: o *senhor Duvidoso* seria externo ou interno nele? A resposta que Moisés recebe de Deus é redundante, com potencial inquietante: “eu sou aquele que é”. A seguinte frase, “Q&D: Eus.”, ganha relevância se pensarmos que é indistinguível a sonoridade de *Deus* e *D’eus*. Deus, eventual interlocutor adâmico, pode ser tomado como os *D’eus* de Adão, seus *eus* a se debaterem ao longo de cada sessão, constituinte de cada intertítulo *No zôo*. E na fórmula *Q&D: Eus*, podemos supor a intenção de transformá-la na resposta à pergunta de Moisés, não no contexto bíblico mas adâmico – o quem és, é respondido no plural: *eus*. Deus seria(m) d’eus? Incertos da resposta, encontramos-nos sozinhos, como Adão.

Ao fim dessa “sessão” – do intertítulo – Adão conclui: “E o senhor, sempre voltando a si e à compulsiva ideia de que é meu pai...” (p. 80) Como que entrou em cena um *eu* que repete teorias pré-formuladas, em algum sentido insuficientes mas ordenadoras, suspendendo temporariamente o processo do vórtice até a próxima sessão. O tom não é mais de revolta e Adão pode “sair” do *zôo* nesse momento, relativamente organizado (por seu *senhor?*), para onde “voltará” no próximo intertítulo *No Zôo*.

Em obras (pp. 81-84)

Farei uma reflexão sobre esse intertítulo, relacionando-o com o *No Zôo* precedente, mas de maneira bastante preliminar ou “em obras”. Talvez como Freud (1895/2003) eu tenha que “me consolar dizendo que a responsável por esse resultado é a natureza do assunto, mais do que alguma predileção minha (...)”. (p. 174)

⁹⁹ Nesse sentido, Herrmann (2001b) estabelece: “(...) redemoinho ou vórtice, palavras equivalentes” (p. 55).

A trama bíblica retratada é a da Torre de Babel (*Gênesis* 11: 1-9d), sendo uma reedição da trama, como é recorrente na Literatura.¹⁰⁰ Além das ressonâncias temáticas, o nome *Babel* tem ressonâncias de sentido. Em hebraico, *balal* significa confundir e, em grego, *Bāb-ilim* significa o portão de(os) Deus(es), podendo ser tomado na forma plural ou singular e tendo uma conotação de onipotência divina. Esses sentidos estão imbuídos nesse intertítulo *Em obras* e serão de algum modo considerados em minha interpretação. *Em obras* é tomado por mim, conforme anteriormente assinalado, como *interpretante* do já discutido precedente intertítulo *No Zôo*.

A perspectiva de *Em obras* – como a de *No Zôo* – é humana, não divina. Pronuncia-se um narrador – outro que “Adão” no *zôo*, ou de outra perspectiva – relatando uma situação a partir de um futuro: “Vindos do Oriente, encontraram-se os homens numa planície, nas terras de Senaar. (...)” (p. 81). Isto é, trata-se de uma narrativa, e portanto de um narrador, que tem acesso ao futuro (diferentemente do Adão *no zôo*). Conta da decisão dos homens babilônicos de erigirem uma torre de tijolos e betume que atingisse os céus – similarmente ao que se encontra no *Gênesis* (11: 3) – e acrescenta, marcando uma oposição à trama bíblica, que esses materiais foram usados “em vez de pedra e cal” (p. 81). Pedra e cal não se encontram, nem poderiam encontrar-se no *Gênesis*, porque não existiam na Babilônia daquela época; eram encontrados apenas no Egito.¹⁰¹ Isto é, o narrador possui sobre os fatos que narra conhecimentos para além daqueles dos homens babilônicos. Um narrador em certa medida destacado da situação de sua narrativa, agindo como observador. Ao mesmo

¹⁰⁰ Kafka (1935/1961), por exemplo – um dos autores que parecem inspirar Herrmann, como se disse – retrata-a em suas quatro célebres parábolas sobre o tema, conhecidas como “babélicas” (pp. 20-27 e 34-35). Delas se depreende, entre outras coisas, o sentido de algo ou alguém se *tornar parábola* (pp. 10-11), por uma espécie de transfiguração, aparentemente partindo do realismo – no sentido literário – para o fantástico, desconhecido, e/ou vice versa: seria uma babel transformadora. A perspectiva do narrador, eu diria, é realista, porém espereita especulativamente na direção fantástica, sem ser-lhe acessível descrevê-la. Por exemplo, os sentidos se desencontram: por um lado relata recordar uma situação *ipsis litteris* [“I remember the smallest circumstances” (p. 21)], mas por outro refere que “naturalmente” (p. 23) não recorda as palavras exatas pronunciadas por seu pai e por um homem estranho que chega de barco. Além disso, explicita que houve interpretações populares, entre outras, sobre os fatos ocorridos. (p. 23)

¹⁰¹ Devo a incorporação de alguns fatos históricos a uma conversa com o Prof. Leandro Karnal, do Departamento de História da UNICAMP, em 2010. Estes fatos contribuíram para a ideia de tratar-se de um narrador anacrônico, o que não entra em contradição com uma narrativa psicanalítica, que persegue o sentido humano.

tempo, ele mescla-se na narrativa que descreve, imputando sentidos. Assim, pode-se pensar que ele ocupa uma posição semelhante à do analista: espécie de observador misturado na ação, participa da atribuição de sentidos, mas não como protagonista. Ao produzir uma narrativa, faz escolhas que podem ser pensadas como interpretativas.

Além disso, ainda de uma perspectiva psicanalítica, a construção de Babel pode ser tomada como metáfora para uma reflexão sobre a condição humana e a construção do mundo em que vivemos. No fim do século XIX, essa construção culminou no surgimento da Psicanálise – como sabemos – aqui considerada como método de investigação. Consequentemente, culminou também na invenção do *Homem Psicanalítico* (Herrmann, 1979/1991a: 22-23 e 1991b: 21-31) – *ser* e objeto das psicanálises – metaforizado por “Adão”; personagem primordial, contemporânea e psicanalítica ao mesmo tempo. (Porém, considerando-se seu processo como *literacura*, psicanálise, talvez o anacronismo fique parcialmente, apenas parcialmente, resolvido.) É inclusive nesse sentido que *Em obras* pode ser tomado como interpretante de *No Zôo* e como seu avesso.

O narrador julga ser a eleição dos materiais para a construção de Babel uma: “decisão de suma importância” (p 81). (Historicamente falando, por outro lado, imagina-se ter se tratado não de uma decisão, mas da única alternativa possível.) Considera o narrador que seria a decisão reveladora da relação daqueles homens com o tempo, com a finitude. Explica interpretativamente que pedra e cal são perenes, enquanto tijolo e betume têm data de caducidade, e complementa que os homens estariam com esse ato fundando sua *obsolescência programada*, e algum dia tudo ruiria por completo.

Isto é, esse narrador – olímpico e anacrônico – que considera uma possibilidade no Egito, mas não na Babilônia, também pode ser pensado como psicanalítico, como se disse. Uma interpretação (em Psicanálise) – seja anacrônica ou não – é produtiva sempre que engendre sentidos possíveis. A escolha de tijolo e betume, por ter data de caducidade, inaugura a *obsolescência programada* do e para os homens, o que faz pensar que, como interpretante do primeiro *No Zôo*, *Em obras* inaugura a cultura humana, o lócus do nascimento do homem, e se dá com a marca da obsolescência programada, destino aliás que a evolução

tecnológica realiza no século XX. *No Zôo* metaforiza, portanto, o início de um processo analítico; “Em obras”, o início da cultura.

Contrastada com a *língua adâmica*, essa narrativa é mais ponderada e um tanto quanto destacada da ação, como costumam ser os *interpretantes*. *No Zôo* teria sido construído imerso num campo de sentido, analogamente às falas de um paciente em análise, e *Em obras* no da construção de um interpretante, produzindo certa narrativa que contrasta com a *língua adâmica*. Esta parece brotar de Adão e – ao transformar palavra em coisa, sendo o tempo o descrito do *dito e feito* – o assusta. Já a narrativa interpretante constituiria uma construção que conta com alguma experiência, no sentido benjaminiano, mas não porque imponha sentidos, e sim porque do seu choque com a *língua adâmica* emergiriam sentidos possíveis. Ou seja: a narrativa interpretante (*Em obras*) participa de alguma forma de uma *destruição* dos sentidos que emergem na *língua adâmica* (*No Zôo*).

A impressão estética que fica é a de a palavra em *No Zôo* funcionar, agir, como que independentemente de Adão, como que exclusivamente por intermediação do *autor implícito* – talvez no papel de deus/senhor/analista – de maneira absolutamente espontânea, sem intermediação do pensamento, transformando-se em feitos. Já a narrativa *Em obras* aparenta ter sido construída mais ponderadamente pelo narrador, que pensaria uma história ao narrá-la. Isto é, o tempo do interpretante não é *o acontecer* (p. 78).

Claro que esta impressão de imponderado em *No Zôo* é estratégica. Fomos informados no *Prefácio* que o narrador do livro é um só, desdobrado de seu autor¹⁰². O grande conhecedor da Teoria dos Campos que estaria se manifestando disfarçado, implicitamente, como grande arquiteto e contador de histórias. É possível – inclusive – que os *No Zôo*, devido à precisão com a qual são formados por *equivocidade das palavras*, tenham sido escritos menos espontaneamente que seus intertítulos subsequentes. É possível. Não sabemos. O certo é que os *No Zôo* são poéticos, tendo forma – eu diria – de sonhos, pois cada palavra

¹⁰² A estética do texto, que leva o leitor – ou ao menos me levou – a questionar *quem faz o que é feito*, aproxima-o de Fernando Pessoa e seus heterônimos, muitas vezes criando a impressão de ser outro a escrevê-lo.

condensa sentidos de tal maneira que não se poderia alterar uma única delas sem modificar seu contexto, sentido ou poética.

Quanto à narrativa *Em obras*, por um lado descreve a ação dos homens como se a houvesse observado no tempo em que se deu e, por outro, atribui-lhe sentidos pensáveis apenas nos séculos XX ou XXI. Por exemplo, a multirreferente ideia de sua *obsolescência programada* é contemporânea, mas caracterizaria a torre concreta que nunca atingiria os céus, por serem inatingíveis e por que, com o tempo, os tijolos usados na sua construção ruiam. Caracterizaria também a unidade do sentido, que – pode pressupor-se – se desintegraria com o tempo.

Ou seja, de acordo com o *Gênesis*, antes da construção de Babel os homens se compreendiam literalmente. Imagina-se uma palavra tinha um único referente, pré-determinado e fixo, estando assim os sentidos compartilhados. (N^a *infância de Adão*, isto é uma metáfora, pois se bem Adão cria ao atribuir sentidos univocamente, ele também cita – de maneira torta – ideias já criadas, recriando-as, como vimos; e isto, na ordenação bíblica, muito antes da construção da Torre de Babel.)

No *Gênesis* não havia confusão adâmica, nem haveria – depreendo – poesia. Depois, por sentir-se Deus desafiado pela imponente e ameaçadora construção – o que é uma interpretação da narrativa bíblica –, teria punido os homens, que nunca mais se compreenderiam: as línguas se multiplicariam (e provavelmente as conotações das palavras). O retrato é de um deus vingativo, rancoroso, retaliativo. (Note-se, porém, que essa interpretação, explicitamente evocando sentimentos humanos em Deus, ultrapassa a narrativa bíblica e que, nesse sentido, a personagem adâmica de Herrmann absolutamente antecede a babel da multiplicidade de referentes, que de acordo com uma perspectiva bíblica seria advinda da interferência divina na construção da Torre.)

Isto é, a Torre caracteriza a própria onipotência divina, *entrópica* (p. 81), podendo desgastar-se com o tempo, assim como (heresias a parte) a própria ideia de *Deus*. Fadado à reabsorção pela terra, o tijolo se apresenta como metáfora, e tem dois sentidos imputados

pelo narrador: a confrontação entre humano e divino, similares em suas ambições criativas, podendo o homem representar uma ameaça à supremacia divina, e o paradoxo da condição humana, “a infinita ambição, a precariedade dos meios” (p. 81). Seria a ambição do povo babilônico que o impulsionava à criação, pois todo homem, a exemplo de Adão, viria “pré-formado”, potencialmente ambicioso. São assemelhados Deus e o homem, porque ambos criadores e regidos por sentimentos. Aquele cria este à sua imagem e semelhança, depois sente-se ameaçado por ele, cuja ambição infinita de criação se aproximaria da divina.

Defrontado com a materialidade do mundo, Adão – como cada homem, mas de maneira radical, como se disse – deve atribuir-lhe o sentido. Adão é humano, precário, também tem data de caducidade; Deus só vale pelo argumento ontológico de Santo Anselmo (a ser discutido adiante). Isto é, num certo sentido, pode se pensar a criação de Deus (divina) e de Adão (humana) como equivalentes. E, um passo adiante, pode-se considerar a criação de qualquer homem como equivalente à de Deus: os três se caracterizam por seu potencial criativo: uma nova trindade?

O certo é que, na perspectiva da narrativa bíblica (e do intertítulo-interpretante), com a punição divina, nascia a polifonia, as figuras de linguagem, as mesclas de sentido e, conforme anteriormente mencionado, a *equivocidade das palavras*, essencial para o funcionamento do método psicanalítico. Os homens passariam a falar uma porção de línguas, mas deixariam de se compreender inclusive quando falassem línguas comuns. Eis que Torre de Babel bíblica serve de interpretante para a “babel” adâmica.

O narrador explicita que, ainda para os homens babilônicos, não importava serem os céus inatingíveis e os materiais usados obsoletos, pois “Significativa era a construção, não o edifício” (p. 81). No esforço da construção da torre que leva a lugar nenhum, está referida metaforicamente a edificação da cultura humana em que o que vale é o trabalho da construção e não o produto dela resultante. O primeiro homem nasce à imagem e semelhança desse Deus criativo, e é nesse sentido que podemos pensar que Adão, curioso, mordeu a maçã, desobedecendo ao Criador, antes mesmo de ter sido concebida a

desobediência humana. Citando a formulação adâmica, Deus, Adão e todo homem podem ser pensados como: “O criador e o mal-criado...” (p. 79)

Essa ideia remete diretamente à teorização sobre o *autor implícito*, principalmente o *diurno*, nessa perspectiva, mas também o *noturno*. Para ele, o percurso da teorização psicanalítica (1983) é não só anterior, como mais importante que a teoria resultante.¹⁰³ É a disposição freudiana para a função da interpretação que mais lhe interessa e, portanto, não os resultados atingidos pela interpretação.

Nesse sentido, parece-me possível pensar esse intertítulo como interpretante (principal) do primeiro *No Zôo*, sendo porém seu avesso, construído. Para edificarem Babel, os homens babilônicos tiveram que inventar as matemáticas, a física, a engenharia do solo, explica o (anônimo) narrador. (p. 81) Em torno da torre *inútil* o que se constrói é a *realidade* como representação do *real*; e assim a *rotina* permite a comunicação entre os homens, livrando-os da loucura. A Torre de Babel nunca atingiu seu objetivo original – que de fato era inatingível – mas propulsionou para a humanidade tantos outros aprendizados e desenvolvimentos quantos foram criados por Adão: tornou “vivível” o mundo para cada homem. Isto é, valeu a construção (representações), não o edifício (real gestáltico, inapreensível).

Continuamos com a metáfora do trabalho analítico: o narrador no *zôo* como “paciente” em análise. A interpretação psicanalítica não atinge estatuto de fato ou de verdade verificável. É o desvendar de sentidos possíveis que é imprescindível às psicanálises; sua função de fato. Permite ao homem atingir seu potencial, diferenciando-o dos bichos. Designante, não designado; agente, não passivo. Palavras nalgum momento aprisionadoras, que noutros têm seus sentidos transformados. A questão adâmica é “divina” e é a de qualquer paciente psicanalítico.

¹⁰³ Essa ideia também fica evidente no seu capítulo sobre *ficção freudiana* (pp. 9-20), no qual se depreende o sentido de ser mais valoroso o percurso freudiano que as teorias formuladas ou os resultados especificamente atingidos no trabalho com cada paciente.

Finalmente, pode se encontrar paralelos específicos entre a narrativa adâmica do primeiro *No Zôo e Em obras*, contribuindo para a ideia deste como interpretante daquele. Por exemplo, a certa altura “Adão”, impaciente, suplica: “meu inequívoco senhor! Se não pode pensar sem que aconteça, a quem pedir desculpas? A ninguém. (...) Gago, o senhor, por exemplo, tudo sairia em duplicata. Um Big e dois Bangs...” (p. 79). Já o “segundo narrador” (ou o mesmo a partir de um segundo momento adâmico) questiona, ao longo de sua explicação: “Digamos que alguém, na posição de Deus” (note-se mais uma vez a ironia: afinal quem, se não Deus, poderia ocupar a posição de Deus?), “houvesse cometido um lapso involuntário ou ainda se divertido com um trocadilho. Um demiurgo inexperiente quem sabe. As consequências seriam definitivas.” (p. 83) A ideia é a mesma: propor a possibilidade de um D/deus que erra ao ser criativo, imperfeito, que não cria perfeição. Consequentemente, o criado é “mal criado”.

O paradoxo instaurado. Adão se expressa a partir de sua angústia, de dentro do vórtice e “em meio ao redemoinho”. Se o *senhor* é inequívoco, então ele, Adão, que daria nomes a seu bel prazer, afinal não o faz tão a seu bel prazer assim: é prisioneiro das palavras. Criado, com/sem livre arbítrio? O problema é antigo: se ele possui livre arbítrio, como pode Deus ser onisciente? Se Deus é onisciente, porque produz um “mal criado”? Impregnado pelo paradoxo, descontraído, Adão indaga quanto à possibilidade da gagueira de Deus, que levaria tudo a sair em duas vezes: *Big ... Bang Bang*, em vez de *Big Bang*, e a criação do universo seria, de fato, a criação de dois universos, de dois Adãos, etc. (Um possível alívio para o Adão solitário?) Seria: *bangue, bangue!* Tiros de revolver? Saídos pela culatra? Destruição no lugar de criação?

A perspectiva do “segundo” narrador adâmico, que aparece no *Em obras*, é menos a da angústia adâmica que a do “primeiro”. Trata-se de uma formulação filosófica, reflexiva, que propõe ironicamente a possibilidade de um *demiurgo inexperiente* ocupar a posição de Deus, de Ser Supremo. Fica lançada a questão: porque Deus haveria de ser onisciente? Nesse sentido, o dilema adâmico é reproduzido por todo paciente em análise que dá sentido à sua história, recriando seu passado e se tornando senhor de si, que questiona se os sentidos lhe são propostos pelo analista, como dizíamos.

Também se pode pensar no tempo adâmico como infância do mundo e a da humanidade, babélica, como sua adolescência: “A Torre de Babel, por conseguinte, talvez não seja senão o marco erigido a esse estágio médio, juvenil, um monumento ao paradoxo da criação.” (p. 84) A condição adâmica pode ser tomada como precursora do resultado babélico, pois no mundo adâmico bíblico, cada coisa teria um único referente. (Teria?) A ideia é de uma espécie de estágio 1 do mundo, o adâmico: um homem único vira um ser com Deus. E o estágio 2 seria o final disso: por inveja divina, a fala é totalmente destituída de significados e o mundo torna-se *Babel*: confusão de línguas. Os “estágios”, afinal, são confluentes.

Quando o narrador é anacrônico, teria vindo o 2 depois do 1, ou antes? Parece que veio antes, veio depois e veio junto. No campo do sentido, não há cronologia.

No Zôo (pp. 84-87)

Voltamos ao zoológico. Não o mesmo, porém. Talvez se possa pensar a expressão “quem não se sabe, sonha-se” (p. 85) como mote desse intertítulo, tanto no sentido de criar-se como no já aventado de concentração de sentidos propostos; “mal criados”. Adão admite: “Intuo-me no tempo (...) Repugna à minha consciência que tudo não passe de imaginação hipotética.” (p. 85) E produz uma construção, dentro daquela que vem criando: “Vejamos. Nasci. Meus pais me desejaram, decerto (...) Minha mãe: cheiro e gosto, aos poucos rosto (...) Meu pai, forte estrutura, o Sem Perigo (...)”.

O “Sem Perigo” é análogo ao pai freudiano do Complexo de Édipo, com quem o menino se identifica, alguém em quem se espelhar (por medo da *castração*, perigo fantasiado, experimentado pela criança de acordo com Freud). A mãe, *aos poucos rosto*, é maternal, mas é também atraente, sensual, *cheiro e gosto*, da perspectiva do menino, também análoga à teoria freudiana. Redundante comentar que Adão não teve a infância convencional, mas está em vias de construir alguma, por interpretação analítica. Entretanto, adiante Adão – provavelmente outro *eu* de si – confirmará saber que se trata de construção e, particularmente em seu caso, de mentira. Ele dirá: “Difícil crer que tenha nascido numa grotta, ladeado por um hipopótamo e um crocodilo africano. Linda foto de família.” (p. 86)

A expressão “quem não se sabe, sonha-se” guarda relação com a *Quarta Meditação Clínica*, X e XI partes de Herrmann, ainda não publicadas, cujos títulos são *Visita aos sonhos (descuidar-se)* e *Visita aos sonhos (escrever-se)*. Nesses textos, é possível afirmar que o narrador sonha e escreve a si, primeiro interpretando alguns de seus sonhos, depois ficcionalizando-os. O exercício culmina na transformação do último sonho em conto.¹⁰⁴ Se aqui a personagem oferece uma espécie de aforismo baseado em sua experiência psicanalítica ficcional, da perspectiva do analisando, lá é Herrmann quem *narra*, no sentido dado por Benjamin (1936/2008), a partir de sua própria experiência – mesmo que “experiência construída”, assim “adâmica” – e declara a importância de *escrever-se* a partir dos próprios sonhos.

Voltando à letra desta narrativa, é no contexto da construção criativa e libertadora, mas também ilusória e persecutória, que Adão descreve seu zoológico: os pássaros “Descem nas árvores, mas só pousam pela metade. (...) Esvoaçantes, tão parentes meus.” (p. 84) Não há em quem Adão se apoiar, nem ele é quem crê ser. Livre e preso. Os pássaros quase aterram e em seguida levantam voo, sem se fixarem. Talvez se possa considerar uma espécie de *meio-pássaro*, meia identidade, “meio Adão” (?). Afinal, comumente pássaros não esvoaçam – eles têm substância – apenas voam. Ou seja, depreende-se na *língua adâmica* o desencontro das palavras e seus sentidos que traduzem os sentimentos de Adão, sua experiência sendo interpretada, criando um mundo a partir deles. Parentes de Adão e da sua forma de estar no mundo, portanto. Os pássaros apresentam-se insubstanciais, fragmentados, entrecortados, incertos, difusos. Noutra palavras, é Adão – representado pelos pássaros – que esvoaça.

Apesar de bonita, a ideia é incômoda, pois Adão também é parente nosso, como o seríamos, por extensão, desses pássaros entrecortados. Isto é, qualquer pessoa que recria a si – na vida em geral ou no processo analítico em particular – apresenta-se em certo sentido como “entrecortada”, mais de uma, esvoaçante, pousando pela metade, etc. Portanto, trata-se de uma metáfora literária da condição que o método psicanalítico impõe à análise e ao

¹⁰⁴ Este exercício inspira o meu capítulo 4.

paciente, de (re)inventar uma história. Por isso o discurso é certo e incerto ao mesmo tempo, encontrado e desencontrado.

A expressão “Funâmbulos categoriais” (p. 84) pode ser considerada como um resumo dessa discussão. Além de condensar as ideias de estar *em si* e não estar, equilíbrio desequilibrado, incorpora Nietzsche (*funâmbulos*, que significa equilibristas, é muito utilizada em *E assim falou Zaratustra*) e Kant (o Imperativo Categórico), cujas construções filosóficas se opõem radicalmente. A expressão amplia a discussão do mundo de Adão a ponto de extrapolá-lo, tangenciando a história da filosofia ocidental, mas ao mesmo tempo demonstrando que esse Adão eu-lírico é absolutamente contemporâneo, vindo toda a história universal até o século XXI imbuir-se dele. O equilíbrio desequilibrado é que é categórico, portanto. Também a *Límbia*, talvez, lócus metafórico, interpretativo e criativo da Psicanálise. Categóricos, invariantes.

Prossegue Adão: “Piso o chão, escuto o senhor, vejo as árvores, os muros, as jaulas” (p. 84). Fica dúvida se Adão fala com o senhor, que escuta, ou com um outro. Ao classificar essa descrição de *fenômenos imediatos*, Adão nos dá a pista de que esse “pousar pela metade” faz um apelo à rememoração de um passado, que para ele que nasceu adulto só pode ser uma criação. Há aqui uma inflexão nessa condição que o processo analítico nos impõe de *intuir-se* no tempo “aquém da memória” (p. 85), enfrentando o desafio de que *quem não se sabe, sonha-se*. Ou seja, o caso de Adão é extremo e – presumo – único, como dizíamos.

Numa espécie de segundo momento da narrativa – claro que não cronológico – em que Adão não fala apenas de seu passado individual, mas cultural, pareceria que a narrativa extrapola a si e se refere uma “infância” de um momento histórico, que vai do início do século XIX ao início do XX. Mais especificamente, seria o berço do *Marxismo* e da *Psicanálise*. M e P: mãe e pai. Adão se mistura literariamente a esse período, dizendo:

“Depois, uma ou outra doencinha. Sabe. Próprias da infância. Sarampo, catapora, saracura. Comunismo e inconsciente. Primeiras erráticas palavras. Das mais Sábias e ex-citantes: o comunismo é a doença infantil do socialismo, assim como o

inconsciente é a da psicanálise. – M&F, O Manifesto Latente (in Das unbw. Kapital, Himmel Verlag, s/d).” (p. 85)

A doença que estranha é *saracura*, inventada. Saracura, descobre-se facilmente ao consultar um dicionário, é uma planta e também uma ave de finas e longas pernas. (Outro pássaro esvoaçante, talvez?) Pode adicionalmente ser pensada como a conjunção em *língua adâmica* de *curar* e *sarar*, uma aparente redundância que de fato põe lado a lado dois tratamentos que são, também, opostos, Medicina e Psicanálise, o que fala da angústia do paciente psicanalítico ao caminhar em direção à cura analítica. É que *sarar* é o que o médico do corpo faz; *curar*, o que o psicanalista busca, juntamente a seu analisando. Por exemplo, sara-se de uma bactéria ao se tomar um antibiótico que diminua com eficácia a quantidade de bactérias presentes no corpo de um paciente, até que ele volte a hospedar o nível saudável daquela bactéria, equilíbrio que pode tornar a se desordenar futuramente. A cura analítica é uma direção a que o paciente se dirige no processo analítico e que se torna definitiva.

Acontece pela própria resistência ao método psicanalítico, inclusive como se pode observar no processo analítico de Adão, que é criativo, mas nada aleatório, vale frisar. E é esse o sentido da advertência: “o que sara sem curar, volta pior ...” (p. 426). Ou seja, no caso do paciente psicanalítico, sarar pode diminuir ou eliminar o sintoma, mas não cura. Aflito, o paciente em análise busca sarar do sofrimento psíquico, mas a ideia é que acabe se curando. Ao criar uma versão própria da infância, Adão vai se curando do que podemos chamar seu sintoma de *des-infância*.

As próximas doenças infantis citadas são *comunismo* e *inconsciente*, que talvez remeta ao livro de Lênin (1920/1981), *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, e coloque lado a lado Marx e Freud. (*M&F*: mother and father). Para Herrmann, viu-se na introdução que de fato o destino dos dois criadores de métodos interpretativos foi semelhante: os resultados de suas produções, seus produtos, foram tomados, e replicados de maneira doutrinária, liquidando assim a possibilidade de produzirem novos conhecimentos. O perigo está em não se sair da repetição, e assim “naufragarem” (2002b) tanto o método dialético de Marx como a Psicanálise. Parece estar sendo sustentado que a Teoria dos Campos seria uma

possível “cura” do marxismo e do freudismo, improdutivos, e de maneira criativa. Mas esta vem implícita, imbuída no mundo e suas representações, ou seja, por ser desvelada.

A metáfora *Manifesto Latente* condensa os conceitos freudianos de *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente*, referentes à interpretação dos sonhos segundo Freud. Trata-se de um jogo de palavras com *O Manifesto Comunista* fusionando criticamente, de novo, marxismo e freudismo. Herrmann (2002b), que considero mais *diurno*, chega a dizer: “O Inconsciente, nossa *doença infantil* — como diria Marx do Comunismo —, é a plena expressão de nossa resistência. Reduzindo-o a fato, roubou-o para si a clínica padrão, privou-o de futuro, sufocando no berço os demais inconscientes possíveis.” (p. 17)

Está presente a ideia de que a força do método psicanalítico, bem como a do método marxista, se perdeu no desenvolvimentos da Psicanálise e do Marxismo, feitas por pós-freudianos e marxistas. Ser a citação (mais) *diurna* implica uma construção (mais) explícita, sendo também metaforizada, mas mais explicada. Assim, a ideia é que para Herrmann (2002b) – passado o período de, por assim dizer, uma *infância pré-científica* – é o método interpretativo da Psicanálise mais relevante para esta que os resultados teóricos de interpretações específicas; é a forma do fazer que interessa à Psicanálise.

Adão classifica o manifesto – “M&F, O Manifesto Latente (in *Das unbw. Kapital*, Himmel Verlag, s/d)” – como sendo composto de palavras “Sábias e ex-citantes”, ou seja, ao mesmo tempo *excitantes* e compostas por citações num tempo estranho, do passado para o futuro, que cita antes de acontecer. *Ex-citantes* constitui, em forma e em conteúdo, uma metáfora dialética. A atribuição irônica da autoria da citação é aos considerados sábios Marx e Freud. *Das unbw* abrevia *Das Unbewusste*, o sagrado texto freudiano – conhecido em Português por *O inconsciente* (1915b/2003) –, e insere o capítulo como parte de *Das Kapital* (*O Capital*), livro sagrado de Marx (1857/2010), daí a autoria conjunta *M&F. Verlag* traduz-se por *editora*, do alemão; *Himmel*, por céu: é só no céu que Marx e Freud poderiam escrever conjuntamente.

Em seguida, retomando uma análise mais pessoal que histórica, Adão pondera: “morro de medo nos rios de prazer.” Os pais de Adão ririam ao vê-lo andar “claudicante”, física e metaforicamente, pois o tema tangenciado pela expressão “rios de prazer” parece ser a intimidade parental, que está associada à cena primária, à sexualidade dos pais, que segundo a teoria freudiana assusta, fascina e causa desconforto em qualquer filho. Aqui como anteriormente, vale o questionamento: estaria Adão “ex-citando” ou se deparando espontaneamente em sua análise com algo que Freud descreveu? Isto é, trata-se o plágio adâmico de repetição (*ex-citação*) ou de interpretação espontânea (invenção/descoberta pelo método psicanalítico) que encontra a Freud? Até que ponto Adão cita Freud ou brota a teoria freudiana da análise adâmica, numa espécie de corroboração antecipatória? Intuo que, da perspectiva literária, que incorpora o eu-lírico adâmico e o *autor-implícito*, trate-se de ambos: pode-se considerar o texto absolutamente *ex-citante* e, ao mesmo tempo, original e espontâneo.

Voltando a evocar a temática marxista, Adão descreve passar por fases: “oral, anal, senil, inconsciente, furor sanandi, ópio do povo etc. E vimos todos que era bom. (...) Depois da queda, um tanto conservador, é claro.” Começa “ex-citando” fases freudianas do desenvolvimento (insisto na metáfora da *ex-citação* porque se trata, da perspectiva literária, de uma espécie de citação ao contrário, ou seja, do primeiro homem bíblico citando aquilo que o sucedeu). Na enumeração das fases inclui *senil*, que não se encontra no texto freudiano, mas inegavelmente faz parte da vida; e *inconsciente* seria a fase ou *doença infantil* – no sentido discutido anteriormente – da Psicanálise. *Ex-citações; plágios críticos.*

Outra fase destacada por Adão – o *Furor sanandi* – foi descrita por Freud (1915c/2003) como a ansiedade de cura dos psicanalistas, que está igualmente implicada no neologismo dialético *saracura*. Já a fase *ópio do povo* é uma citação de Hegel, via Marx, relativamente à religião – aquilo que promove a ordem, a paz, o não-questionamento. Mantêm-se no discurso do “paciente” o tema da infância da contemporaneidade, e então “Adão” conclui essa parte de sua corrente associativa dizendo: “Vimos todos que era bom”, remetendo ao livro do *Gênese* – ao citar a palavra de Deus após cada dia da criação do mundo –, assim como à sexualidade adâmica, requerida na ideia de fases freudianas do desenvolvimento. É

também irônico, pois *todos* (“vimos todos”) seriam, na melhor das hipóteses, os *eus* adâmicos, devendo-se a crise de nossa personagem em grande parte à sua solidão.

Tomando outra metáfora bíblica, “depois da queda” (p. 85) enuncia que, ao morder a maçã, Adão se tornou mais conservador, porque passou a ter censura como qualquer ser humano que atinge certa idade e passa a conhecer o sentimento de vergonha, reprimindo alguns prazeres, não mais podendo demonstrar “o que era bom”. É por uma espécie de onisciência “divina” – do criador do enredo, ou seja, do *autor-implícito* – que Adão pode referir a história dos séculos XVIII e XIX.

Vale notar que o texto é todo entremeado por Marx e Freud – como vimos vendo – mas principalmente por Freud, a ponto de citação e narrativa analítica tornarem-se indistinguíveis. Nessa esteira, lemos a frase de Adão, criando sua infância por dedução e a partir de seu desejo: “Tive alguns amiguinhos, como já frisei anteriormente, é de presumir que alguma amiguinha, não crê?” Ainda pouco ortodoxo da perspectiva religiosa, este *adão* (hebraico)/*homem* (português) é absolutamente humano, como se disse, e traz consigo temas já discutidos pela Psicanálise, como o de sua infância estar recheada de sexualidade. Citação e experiência.

Ele continua a se (re/des)construir, ou seja, a se interpretar: “Havia, pois, todos os bichos deste zôo, onde me traz o senhor para que me lembre da infantasia. Creio, em vago, lembrar-me que os passamos em revista: ordem unida, gênero e espécie, fileiras cerradas, bichos uni-vos, marcha esforçada, jornal e jornada, sicut servus, fontaine et aquário, nada a perder senão concorrentes, parole d’animal!” (p. 86) Bichos criados no “Éden”/zôo – alguns sujeitos das fábulas de La Fontaine e outros, como vimos, quiméricos, frutos do zôo adâmico que ultrapassa a ideia de lugar onde a narrativa se desenvolve, derramando-se para a realidade adâmica, a partir de seu inconsciente que *há*.

Infância é fantasia, mas ao mesmo tempo não é e sim *infantasia*. Por mais que seja interpretativo e ficcional – como vimos na introdução – não é fantástica (até porque para Herrmann não há os mundos *interno* e *externo* de Freud e, principalmente, de Klein). É o

mundo criado, em que vivemos, que é sempre uma *representação* de quem a ele se reporta e, nesse sentido, uma *infantasia*. Como tantos neologismos adâmicos, este é dialético, no sentido de que carrega ao mesmo tempo, em sua construção, uma ideia e seu contrário. A expressão *em revista*, por exemplo, é uma metáfora política que aponta para alguma espécie de repressão e “bichos uni-vos” a uma forma de apelo marxista aos pares de Adão, os bichos. *Marxa* é a marcha marxista, cujo slogan no *Manifesto Comunista* (1848/2007) era: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”. Nessa linha, *gênero e espécie*, além de representarem categorias na zoologia, carregam o sentido de repressão da classe operária, e *palavra de animal* está no lugar que comumente ocupa a expressão *palavra de honra*.

Nesta recriação de um passado, Adão não cessa de nos lembrar, angustiado, que teria crescido rodeado de bichos no lugar de outros humanos. Nasceu numa grotta, ao lado de um hipopótamo e um crocodilo. O leitor talvez se ria, desconfortável, visualizando essa fotografia. Tão desconfortável, no mínimo, como o processo analítico de qualquer paciente: “Palavras, palavras e nenhum sentido. Livre associação, se é o que quer.” Pode-se considerar que aqui há uma relação com Shakespeare. Hamlet responde a Polonius: “Words, words, words”¹⁰⁵ (2.2.192). Na perspectiva de um Hamlet desconsolado, palavras soltas ao vento. Porém, em *língua adâmica*, transformadas em *feito*. “Imprudente falar à toa”, já advertia Adão no primeiro intertítulo. É assim que Adão *ex-cita* Hamlet, trazendo uma outra perspectiva.

A palavra inventada *paternogênese* (p. 86) está indicando o papel do pai na criação humana, que na Bíblia é do Deus criador (que cria um homem adulto, sem mãe). Pode se pensar que nas entrelinhas – ainda tomando a história bíblica – Adão se esteja queixando disto. Ao invés de indicar seu DNA, sua filiação, seu teste deu *nda*, que se pode ler como *nada* ou *nenhuma das alternativas*. O código genético adâmico é inédito, por sua situação de nascer adulto, e o resultado obtido não está previsto nas alternativas. (A)provação paterna lhe é impossível.

¹⁰⁵ Palavras, palavras, palavras.

Adão conclui esse intertítulo, como que se reorganizando: “Meus sonhos, continuarei a lhe trazer por escrito. Até amanhã. Um seu criado. AD.” Parece resumir a própria sessão, assimilando que a sua interpretação (da infância) é uma espécie de sonho. Adão se despede do *zôo*, por ora – como talvez o faça qualquer paciente que conclui uma sessão – despedindo-se também momentaneamente de seu “mundo interno” – igualmente externo – o *zôo* de cada homem. Nesta narrativa, é o *zôo* adâmico.

Estranha-nos a ideia de trazer os sonhos por escrito, pois sabemos que é impossível reproduzir um sonho, no sentido de que a experiência do sonho nunca é a mesma descrita a partir do sonho, e também por que neste caso não sabemos *a quem* Adão os trará, como/com quem aprendeu a escrever, por que comunicar-se, etc. A ideia de Adão de anotar os sonhos seria uma tentativa de sair momentaneamente do *vórtice* e do *zôo*, de se preservar minimamente entre uma sessão e outra.

“Um seu criado, AD.” termina Adão, como que assinando. *Um seu criado* é um jogo de palavras entre o verbo criar – Deus criou Adão, literal e diretamente, mas nessa *ficção freudiana* quem cria é Adão – e o substantivo que indica um subordinado obediente, ou seja, dando indícios do campo transferencial estabelecido por Adão com seu interlocutor sem voz, contra quem ele se revolta no processo analítico, sem perder a reverência. Ao mesmo tempo, é uma fórmula usada antigamente nos finais de cartas mais firmais: “Um seu criado.”

Além disso, sem sobrenome paterno, que ditaria sua segunda inicial no mundo contemporâneo, usa as duas primeiras letras de seu nome, abreviando-o. São as letras que identificamos a *ano dómine*, o *ano do senhor*, o qual inicia o calendário cristão. Já o prefixo latino *ad* indica *em direção a*, mas precisaria ser agregado a alguma outra palavra. Pode indicar que Adão está caminhando em direção a algo desconhecido, uma interpretação por construir, um porvir. Considerando-se estar Adão num processo análogo ao analítico, talvez seja o sentido de ele caminhar, pelo método psicanalítico, em direção à cura.

Uma nota sobre o *eu*-lírico:

Da perspectiva bíblica, como se disse, o narrador é um Adão pós-queda, como se disse. Da perspectiva psicanalítica, parece tratar-se de um *eu* de Adão que começou a sair do vórtice, ou cujo vórtice diminuiu de intensidade. *A parte do zoológico* que ele prefere (p. 84) e trata, tanto literária como psicanaliticamente, parece ser justamente a de construir uma narrativa no e pelo processo de análise. O *zoológico* remete a um Jardim do Éden desidealizado, que seria o berço do humano, populoso em animais antes da chegada desse homem. Remete também a uma espécie de *zoológico* do inconsciente, ou da psique de Adão, que se ordena por regras ocultas um tanto quanto esquivas, metaforizadas na ideia de *quimera* do primeiro intertítulo. Também, a referência a um *zoológico* no lugar do até então citado *zôo* pode ser pensada como uma diferenciação da psique de Adão como um todo (o *zôo*) e de alguns temas específicos de seu processo analítico ou *partes* (os pássaros que pousam pela metade, por exemplo).

Em contraposição ao primeiro *No Zôo*, que metaforiza o fenômeno do *vórtice*, este interpreta a chegada do paciente ao processo analítico, ávido por construir sua própria história, via uma espécie de *destruição*, aquela que o paciente pode contar para si. Por este raciocínio, anuncia-se a conhecida e recorrente pergunta: especificamente nessa trama literária, a partir de quê (re)constrói Adão, se ele não teve infância? Constrói interpretativamente, também vimos, como o faz qualquer paciente em análise. Inventa pai e mãe, mas também inventa o hipopótamo e o crocodilo na grotta, uma invenção menos platônica.

Semelhante ao primeiro intertítulo, neste a linguagem é multívoca, polissêmica, rica em sentidos. Está, no entanto, algo mais organizada, menos fragmentada. É possível que Adão tenha assimilado qualquer coisa acerca de sua fragmentação e que agora possa pensá-la um pouco menos mergulhado no *vórtice*, ou seja, que comece muito preliminarmente a se delinear para ele uma história, que será a sua e de sua infância. Seria um novo momento no processo adâmico para além do recurso literário, assim como um novo momento na trama narrativa. A ideia é que a cada *No Zôo* seria “discutido” um tema diferente do processo psicanalítico. Não uma fase, o que é ironizado nesse intertítulo, mas um momento a ser considerado. Ou seja, o narrador – muito implicitamente de fato – poderá pinçar o tema

julgado mais relevante a ser discutido em cada intertítulo *No Zôo*: poderá sonhar o sonho de Adão.

***Escrituras* (pp. 87-91)**

Este intertítulo compreende três epígrafes (p. 87), seguidas de três *fragmentos* (pp. 88, 89 e 91). Intertítulo e seus *fragmentos* implicam e espelham a não-linearidade da construção de sentido humano, como também, conseqüentemente, dos interpretantes pelos quais se deixa que surja e se considera a clínica psicanalítica. Como interpretante do *No Zôo* precedente, realiza a *função* de “amostra literária” do conceito de interpretante da Teoria dos Campos que, ao ser construído, carrega a condição *sui generis* do risco de se perder.

É coerente que *Escrituras* esteja composto por “trechos”, cada qual constituinte de “sub-interpretantes” dotados de sentidos possíveis. Sem centro, sem linearidade, mas exercendo sua *função*, eis a forma literária do intertítulo, que metaforiza a forma clínica psicanalítica ao mimetizá-la. Por ser esta a maneira que me pareceu viável fazê-lo, arriscarei uma análise de cada “trecho” (epígrafes e fragmentos) do intertítulo. Pensados singularmente, eles têm uma intenção precisa; no conjunto constituem um interpretante maior, que participa da criação de sentidos produzidos por “Adão”.

As epígrafes são: um ditado árabe, um salmo bíblico e uma citação do *Livro dos Mortos* (Budge, 1895/1967: 199). A primeira, “o homem teme o tempo, mas o tempo teme as pirâmides”, coloca em perspectiva tempo cronológico e eternidade, sendo esta ausência daquele. A perspectiva é do tempo do homem, haja vista sua pequenez, sendo contraposto ao tempo das pirâmides egípcias, que tange metaforicamente o infinito. Até mesmo o tempo de nosso protagonista é quase nada – na melhor das hipóteses, a perspectiva bíblica, viveu 930 anos (*Gênesis*: 5.5) – se comparado aos quatro mil anos das pirâmides egípcias, ainda erguidas e inabaláveis.

É certo que os homens são finitos, que morrem, mas fica a dúvida, da perspectiva humana, se as pirâmides o são. Consideramo-las finitas, pois sendo produzidas pelo homem, sabemos que o seriam. Ou não? Intelectualmente, diríamos que sim. Mas estando erguidas

há tanto tempo, o transcorrer inimaginável de quatro mil anos, pareceriam tornar-se infinitas. Seriam eternas? A pergunta é posta de uma perspectiva visceral. Assim, a longevidade das pirâmides e a eternidade divina se assemelhariam: “Quinhentos anos passam rápido, se os não vivemos pessoalmente” (Herrmann, 1999a: 55).

Além de desafiar a eternidade, as pirâmides nos propõem um enigma: o da possibilidade da produção humana perdurar pela eternidade. Vimos que as pirâmides foram construídas de pedra e cal, os materiais que eram usados nas construções no Egito, que não corroem (em contraposição aos tijolos e betume usados na mítica construção da Torre de Babel). Entretanto, fica a questão se no limite o humano poderia construir – fisicamente – o divino. São perguntas a partir de uma perspectiva humana, como é a adâmica, que vêm se desenvolvendo desde a primeira linha da narrativa, mas estão tomando forma nesse intertítulo-*interpretante* (produzido por “Adão”, ao que tudo indica. Aliás, por Herrmann, mas como monólogo de “Adão”).

Também se pode pensar as pirâmides como uma espécie de contraponto adâmico. Tiveram uma “infância”, no sentido de que não brotaram no mundo, e são inabaláveis a ponto de sua eternidade ser cogitada, como nesta reflexão. Por sua condição oposta, talvez sejam complementares o tempo das pirâmides e o de Adão. O das pirâmides apontaria para o divino, “sem fim”, e o de Adão, para o humano, mas sem passado.

A segunda epígrafe, “Quando Israel saiu do Egito, a casa de Jacó do meio de um povo bárbaro ... Os montes saltaram de alegria como carneiros, as colinas, como cordeiros.” (Salmo 113; 1, 4), tem uma função irônica, que é acentuada pelo deslocamento do tom pueril de expressões como: “saltaram de alegria”. O salmo que o sucede – na tradução da *Bíblia* (2004) que possuo – intitula-se: *O único Deus verdadeiro*, não excluindo a possibilidade de outros deuses. Já o intertítulo posterior ao *No Zôo* seguinte nessa ficção freudiana denomina-se: *O único e verdadeiro Deus* (pp. 94-98), indicando a exclusividade de um único Deus. Veremos que, ao final da narrativa desse intertítulo, Tupã será proposto como único e verdadeiro Deus. Isto é, se há de haver um e ser único o deus dos homens,

poderia ser ele Tupã, tanto quanto qualquer outro. Indícios de ironia, mesclados com esse tom pueril...

Os salmos podem ser pensados como constituídos, por excelência, a partir de uma premissa de louvor a Deus. Isso mesmo quando comparados a outros livros bíblicos (*Bíblia*, 2004: 858-863). *Salmo*, em hebraico, quer dizer *hino*, mas de acordo com a introdução aos Salmos na edição traduzida por Gelineau, Schwab e Tournay (*Bíblia*, 2004: 858), o nome só se aplica a certo número de salmos, que inclui o 113 (em questão). A mesma introdução descreve a composição dos hinos como sendo bastante uniforme e explica: “Todos começam por uma exortação a louvar a Deus.” (p. 858) E conclui: “Não é preciso alongarmos, tão evidente é a riqueza religiosa dos salmos.” (p. 862) Tomar o Salmo 113, que implica certeza e fé no mundo e em Deus, na ficção freudiana *A infância de Adão*, que pode ser pensada como desconstrução do Adão bíblico, e mesmo da ideia de *Criação Judaico-Cristã*, é evidenciar que fé e certeza são passíveis de crise e, principalmente, de ruptura. Inocência e ironia, novamente, andam de mãos dadas.

Já a terceira epígrafe, “Salve, Oh tu, cuja face é por trás, que sai de teu lugar secreto: Eu nunca fui causa de lágrimas! (Papiros de Ani, Confissão negativa, Lâmina XXXI, 12)” é a décima segunda confissão negativa, de quarenta e duas, antes do Juízo Final, segundo o *Livro egípcio dos mortos*. (Budge, 1895/1967: 199 e 346-348) O coração do morto, que se diria inocente, seria pesado contra uma pena e deveria ter o mesmo peso que ela – não mais, não menos – para assim ser possível que ele atinja a eternidade. Caso o peso não se equiparasse ao da pena, o morto seria devorado por Amut, um monstro com cabeça de crocodilo, peito e pernas dianteiras de leopardo e traseiras de hipopótamo. (Algo semelhante, ao que me parece, aos animais na foto de família adâmica, porém condensados e transformados em monstro – como que num pesadelo – o que poderia sugerir ser o mito de origem de Adão persecutório e frágil; isto considerando que a todo momento os trechos desse intertítulos são aqui pensados como *interpretantes* individuais, que juntos formam um interpretante maior do processo adâmico). Ainda de acordo com o *Livro dos mortos*, é no momento dessas *confissões negativas* (Lâmina XXXI) que o morto deveria negar ter

pecado em vida para cada um de quarenta e dois deuses. Ao décimo segundo deus (Lâmina XXXI, 12), ele negaria ter mentido e, assim, causado lágrimas.

Talvez se possa pensar essa citação paralelamente ao processo “analítico” adâmico, no sentido de considerá-lo análogo a um juízo final. Necessariamente o paciente passará pelo processo interpretativo por *ruptura de campo*, que implica os já discutidos desconcertantes momentos de *vórtice*. Se não numa súplica (politeísta) a quarenta e dois deuses, o *homem psicanalítico* poderia ser pensado como “purgado” de suas representações primeiras no processo analítico. O diálogo monológico (ou monólogo dialógico), analítico, não aconteceria com outros deuses, mas entre os *outros de si* (“poliadâmico”), nesse sentido. Não há como evitar o processo, ou resistir a ele efetivamente. (A resistência em Psicanálise costuma ser uma armadilha para o analisando.) Adão só sairia de seu *zôo* inconsciente *curado*, sendo esse *sair* metafórico, indicando apenas uma mudança de posição.

As epígrafes são seguidas de três fragmentos, dois identificados por data e o terceiro por local e data. O primeiro, “Fragmento, fins do século XX” (2002a: 88), acontece num tempo pós-freudiano recente, talvez da passagem da segunda para a terceira geração de psicanalistas (Herrmann, 1986a). O segundo, ainda mais atual, é praticamente contemporâneo do livro *A infância de Adão* (2002a): “Fragmento, início do século XXI” (p. 89). E o terceiro é descrito como: “Fragmento, ruínas do British Museum, dat. prov. meados do século XXI” (p. 91), estando datado, por assim dizer “borgianamente”, num tempo futuro. (Essa característica borgiana que encontro em Herrmann é muito mais uma atitude, ou uma inspiração no gênero literário denominado por Casares (1940/2010) de *fantasia metafísica* (p. 14), que, por exemplo, uma fonte de citação literal.¹⁰⁶ (Assim, é coerente que Herrmann não cite rigorosamente Borges, como tampouco os já referidos Kafka, Pessoa ou Joyce, embora estes sejam, ao menos, nomeados, diferente de Borges.)

¹⁰⁶ A sucessão das datas pode ser pensada como sendo borgiana, considerando por exemplo o já citado *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* (Borges, 1940/2009). Nele – descreveu-se – há um intertítulo denominado *pós-escrito de 1947* (p. 43), cuja data é sete anos posterior à primeira publicação do conto. Este é um elemento, entre tantos, que claramente aproxima a ficção de Herrmann da de Borges, designada por Casares (1940/2010) de *fantasia metafísica*.

E, assim, tendo discutido as epígrafes, chegamos aos fragmentos. Segue uma versão da história do primeiro fragmento:

Em 1666, o então considerado autoridade em interpretação de hieróglifos egípcios, Padre Athanasius Kircher, teria oferecido a seguinte tradução para certos signos do século VI a.C, inscritos em um pequeno obelisco egípcio, colocado por Bernini sobre as costas de sua escultura de um elefantinho: “A proteção de Osiris contra a violência de Typho deve ser buscada por meio de ritos apropriados e cerimônias sacrificiais, apelando para os gênios tutelares do mundo tríplice, a fim de assegurar o gozo da prosperidade costumeiramente oferecida pelo Nilo, contra a violência de seu inimigo Typho.” (p. 87-8) Cerca de cem anos mais tarde, em fins do século XVIII, Napoleão invadiu o Egito, e Champollion encontrou a chave de acesso para a tradução da escrita egípcia em hieróglifos. Isto, porque teve a sorte de achar uma pedra, que batizou de *Rosetta*¹⁰⁷, em que uma mesma inscrição vinha em grego e em hieróglifos. A esta altura, deixaram de se pensar os hieróglifos como ideogramas individuais, passando-se a considerá-los como escrita fonética. Assim, Champollion obteve a seguinte tradução para o mesmo cartucho de nomeação, inscrito no pequeno obelisco, que fora traduzido por Padre Kircher: PSAMTIK, o nome próprio de um faraó desconhecido. A segunda tradução desbancou a primeira, e é válida até os dias de hoje.

Esse fragmento pode ser pensado, justamente, como metáfora da invenção/descoberta freudiana – que é a interpretação psicanalítica – e como se transformou a maneira de pensá-la. Se nos primórdios da Psicanálise, a interpretação buscava investigar sentidos de forma detetivesca, pré-foucaultiana, na tentativa de se encontrar uma interpretação adequada, acertada – confundindo assim a eficácia do método analítico com os resultados da interpretação, que seriam irreproduzíveis (estando metaforizados na figura do Padre Kircher) – foi a partir da possibilidade de se conceber *interpretantes*, na interpretação da Teoria dos Campos, que a Psicanálise propôs uma ruptura com essa forma de se compreender a produção conhecimentos. (Essa alternativa pode estar sendo metaforizada

¹⁰⁷ Estão abonados tanto *Roseta* como *Rosetta* pelo dicionário enciclopédico da Lello & Irmão.

como *Champollion* – observe-se o trocadilho de *campo*, em português; *champ*, em francês.)¹⁰⁸

A narrativa já havia sido produzida por Herrmann, na conferência de abertura ao II Encontro da Teoria dos Campos, em 2001, publicada em 2003. O tom da transmissão de 2001 é de uma recomendação aos analistas mais jovens, sendo o título da conferência *Daqui pr'a frente*. Nela, Herrmann leva a discussão um passo mais adiante, ao associar a longa interpretação oferecida por Padre Kircher a uma *sentença interpretativa* em Psicanálise, no sentido dado pela Teoria dos Campos (isto é, como fala explicativa do analista), e, a de Champollion, a um *toque interpretativo* (que deixa que surja o sentido do paciente). Na concepção de Herrmann, longas explicações oferecidas pelo analista, além de terem um caráter mais sugestivo, tendem a ser menos eficazes na produção de sentidos que os toques interpretativos. Assim, incorrem em maior risco de arbitrariedade e, principalmente, de autoritarismo, o que se acentua quando construídas a partir de teorias psicanalíticas externas ao momento do paciente, desconsiderando-se o *diagnóstico transferencial*.

Há outra mensagem a ser pensada a partir desse fragmento. Embora a interpretação do Padre Kircher tenha sido eventualmente desbancada, ela vigorou por um bom tempo, e em sua época era tomada como verdadeira. Assim, embora se considere em *après-coup* que tenha sido deduzida erroneamente, ela era verdadeira então. Como os sonhos, a que se buscava/ainda se busca – freudianamente – um *ponto zero*, mas que as psicanálises contemporâneas desbancaram. Um interpretante dura o tempo de sua eficácia, até que ocorre uma *ruptura de campo*.

Noutras palavras, Kircher propunha um sistema de tradução coeso, coerente, não-contraditório, mas que realizava bem a função de produzir sentido. Se hoje essa tradução

¹⁰⁸ Passar da interpretação dos hieróglifos como ideogramas para a dos hieróglifos como escrita fonética seria uma analogia. Como passar de uma interpretação psicanalítica “detetivesca” de encontrar um significado à maneira tradicional de tradução para a que incita à ruptura de campo, semelhantemente à desconstrução foucaultiana de *interpretação*, não mais buscando uma chave interpretativa (1970/2010 e 1975/1997). Isto é, o fragmento indicaria uma metáfora da compreensão que se tem do conceito de *interpretação* na Psicanálise. (Vide capítulo 2).

foi desbancada, não pode ser seu valor interpretativo considerado retrospectivamente, pois em seu momento imprimiu sentido. Paralelamente, certas teorias freudianas (como a ideia do *ponto zero* do sonho) que deixaram de ser utilizadas não perdem o valor interpretativo que tiveram, porque construídas rigorosamente pelo método da Psicanálise.

A data do fragmento produz estranhamento: “início do século XXI”. *A infância de Adão e outras ficções freudianas* foi publicado em 2002 e prefaciado em janeiro daquele ano. O início do século XXI, portanto, poderia referir apenas o ano de 2001 ou o primeiro mês de 2002. A data do fragmento, a meu ver, não seria uma coincidência.

Neste fragmento o tema tratado é da *equivocidade da palavra*, já discutido anteriormente. O *autor implícito* se expressa de maneira mais livre, menos implícita, eu diria. Retrata uma perspectiva muito semelhante à da Teoria dos Campos, no momento em que se encontrava, em 2002, e levando-se em consideração a escrita concomitante das *Meditações clínicas* (texto não publicado b). O fragmento pode assim ser considerado como espécie de citação da Teoria dos Campos, referindo seu pensamento e projetando as consequências possíveis caso as recomendações de Herrmann não sejam seguidas.

Nesse fragmento é considerado o exemplo que Freud (1927/2003) dá de um paciente em seu texto clássico *Fetichismo* (pp. 141-152). De acordo com o texto, embora o paciente tenha sido criado na Inglaterra, mudou-se para a Alemanha e esqueceu quase completamente sua língua mãe. Ao dizer em alemão *Ein Glanz auf die Nase* (citado por Herrmann, 2002a: 88), o sentido, na interpretação de Freud não se encontra a partir do alemão, mas sim do inglês, pois o brilho (*Glanz*, em alemão) vem no lugar de um relance (*glance*, em inglês). Isto é, o paciente está distante de sua língua mãe, mas é nela que se produz o sentido de sua fala. Freud toma em consideração a assonância entre dois termos – um em alemão e outro em inglês – que não possuem o mesmo sentido, para construir sua teoria do fetichismo. Indica o nariz como fetiche para o paciente, a partir do enraizamento na língua inglesa, denunciando o *voyeur* que foi quando menino.

É *entre* uma conotação e outra – nesse exemplo, entre o *brilho* e o *relance* – que se constrói o interpretante, brotado do paciente em relação ao analista, a partir de toques e considerações feitas pelo par. Assim, os desencontros de sentido servem como pistas no processo analítico que, quando considerados, vão mapeando esse processo. A data do fragmento, início do século XXI, tem a indicação de enunciar o momento da publicação dessa ficção freudiana, o momento tanto da Psicanálise vigente como da Teoria dos Campos, e indicar uma perspectiva: *daqui p'ra frente*. Não por acaso a anedota fora anteriormente intitulada *Daqui p'ra frente* (2002c).

É *entre* uma conotação e outra – nesse exemplo, entre o *brilho* e o *relance* – que se constrói o interpretante, brotado do paciente em relação ao analista, a partir de toques e considerações feitas pelo par. Assim, os desencontros de sentido servem como pistas no processo analítico que, quando considerados, vão mapeando esse processo. A data do fragmento – início do século XXI – pode indicar, penso, tanto o momento da Psicanálise vigente, como o da Teoria dos Campos. Caso a Psicanálise não tomasse (pensando desde a perspectiva do texto de 2002c) esse caminho, o que ocorreria de 2002 em diante?

Justamente, o terceiro fragmento, datado no futuro, diz respeito aos rumos da psicanálise, dentro do campo da ficção, a partir de uma especulação. Trata-se de uma especulação acerca de um assunto de suma importância para a jovem ciência da Psicanálise, ou seja, seu futuro.

Eis um resumo do fragmento:

Num tempo hipotético que, conforme nos revela o narrador, data provavelmente de meados do século XXI, o sistema interpretativo de hieróglifos egípcios descrito por Champollion teria sido arremessado à berlinda, como ocorreu ao sistema do Padre Kircher em fins do século XVIII. (Afinal, se no passado um sistema fora descartado, porque não o seria o vigente?) Explica o narrador que esse arremesso ocorreu porque fora encontrada parte da Pedra de Rosetta desaparecida até então. Estava na fundação da casa de um “*inescrupuloso*, embora *inocente*, operário *nativo*” (p. 90, *itálicos meus*). O operário, assim descrito, é análogo a Adão: ambos criam/desvelam sentidos inocentemente, sem medir as

consequências de suas descobertas. Estava a pedra nas *fundações da casa* (literalmente; mas isso também deve ser tomado metaforicamente) do trabalhador desavisado: o instrumento (“chave” interpretante), ou seja, a parte descoberta da famosa pedra, deslinda um enigma antigo – que fora fixado num sentido e tomado como certo – e agora, como é a função do analista (e da análise), *desilusionava-se* o homem, perdendo o chão como resultado: é o *zôo* habitado adamicamente.

Ao colocar lado a lado a parte da Pedra de Rosetta que faltava e aquela usada por Champollion para desenvolver o sistema de correspondência que possibilitara sua tradução do hieróglifo egípcio à escrita fonética, o narrador explica, inventando essa possibilidade, que se encontrara algo surpreendente: o sistema de correspondência não podia se aplicar à parte encontrada da Pedra de Rosetta, embora seja esse o sistema no qual se baseia tudo o que se conhece da tradição egípcia, berço da cultura ocidental. Assim, considerando-se esse cenário extraordinário, o narrador descreve três novos sistemas de equivalência para a tradução da Pedra de Rosetta, que repartem egiptólogos internacionalmente. O primeiro revelaria a tendência a se ignorar por completo o novo e a descoberta, de maneira que, frente a dados imprevistos, se instauraria mais definitivamente quase como tirania, a certeza na até então teoria prevalente, e assim desautorizando quaisquer novas evidências, descartando-as como falhas ou irrelevantes (como o anteriormente surgido, em língua adâmica, *Tiranossauro lex*, p. 77). O segundo sistema de tradução provoca desespero absoluto – seu efeito é esterilizador (de sentido criativo) e produtor (de pânico) – pois ao mostrar que os hieróglifos contêm a história toda do mundo, prevê sua extinção. Instalada a histeria coletiva, advém o caos, e metaforicamente, mas não só: as bolsas de Tóquio e Nova York despencam, florescem religiões apocalípticas, o mundo estaria se acabando.

Nesse momento, ainda de acordo com a narrativa do fragmento, as Nações Unidas confiariam a uma equipe japonesa a função de decifrar a parte da Pedra de Rosetta, recém-encontrada. Usando de uma criptografia computadorizada – o que me soa bastante sofisticado, metaforizando a ironia dessa especulação – a conclusão a que se chegou seria: “os hieróglifos egípcios são um típico exemplar da escrita humana ...” (p. 91) O único universal possível é também a conclusão mais simples e infantil: o fim é uma volta ao

começo (e quem sabe, num momento outro, aí reside sua força potencial: do nada, criar o novo – novamente uma analogia adâmica). O pouco que diz essa equipe é o pouco que se pode dizer, atingido esse ponto em que até o British Museum, potencial símbolo do conhecimento armazenado – com todos os problemas que isso possa acarretar – está em ruínas: as verdades propagadas pelas instituições foram todas desbancadas, assim como as próprias instituições.

Esse fragmento pode ser pensado como metáfora do momento atual da Psicanálise. Os achados sistematizados por teorias freudianas limitam-se ao campo de sua descoberta. Foram os mestres da segunda geração de psicanalistas do final da primeira metade do século XX que, tomando alguns desses achados pelo todo da Psicanálise, limitaram muito seu alcance heurístico. (Herrmann, 1986a) Nessa vertente, vale lembrar que, no *fragmento* anterior, o narrador toma um caso clássico freudiano sobre o fetichismo e o considera da perspectiva metodológica recuperada pela Teoria dos Campos. Uma mensagem, portanto, é que é possível criar o novo, mesmo depois de Freud, e até revisitar Freud com um olhar freudiano, que nunca deixa de lado a emersão de novos sentidos.

Podemos pensar que há aqueles que continuam a tratar a obra freudiana como *Bíblia*, única e restritiva, prendendo-se na letra dos textos e não considerando o espírito do método que o constrói. Nesse sentido, o mencionado *estudioso inglês* Young (p. 89) pode ser pensado como metáfora crítica, e irônica, do fundador da psicologia analítica (Jung), o dissidente de Freud que anteriormente havia lhe dado o lugar de herdeiro. Outros, um pouco mais sensíveis a implicações de um novo interpretante, ficam paralisados face à ausência de diretrizes concretas do fazer do psicanalista. A perspectiva, por exemplo, de trabalhar com o método *deixando surgir e tomando em consideração*, não lhes apraz, pois implica uma abertura ao novo que o cenário projetado no futuro pelo narrador, conforme apontado nesse *fragmento*, não contempla.

A partir dessa paralisia, delinear-se-ia o terceiro cenário possível – o de promover uma investigação séria quanto à tradução dos hieróglifos. Contratam-se a mais moderna tecnologia e pesquisadores orientais, que chegam à rasa conclusão: “os hieróglifos egípcios

são um típico exemplar da escrita humana ...” (p. 91). Ideia irônica e fatalista. Pelo que revelara o mundo egípcio de assustador ao homem moderno, os hieróglifos, por um acordo proposto por uma “equipe de linguistas da Distinta e Extinta Universidade de Babel” (p. 91) seriam contemplados como “típico exemplar da escrita humana”, ou seja, caracterizados com a mesma relevância, ou irrelevância, de qualquer escrita, por qualquer pessoa. O analista está desamparado frente ao paciente. Mas ele pode recorrer à atitude interpretativa que lhe permitirá trabalhar. É só a esta, pensando desta perspectiva, que ele pode recorrer.

O fragmento parece apontar um porvir pessimista para a Psicanálise, assim como para o mundo conhecido. Ao valorizar a tecnologia, o mundo virtual, o homem contemporâneo, estaria esquecendo sua história, sua cultura, sua herança metodológica e criativa. Estando no meio da *ficção freudiana*, e não em sua conclusão, no entanto, teremos de aguardar para chegar a uma conclusão quanto a ser, de fato, o intertítulo pessimista. Pelo momento, parece-me que deva ser considerado como especulação possível, ou talvez como profética, mas num tempo em que uma mudança de rumo na pesquisa analítica é perfeitamente possível.

As epígrafes e os fragmentos enquanto conjunto podem ser interpretados de diversas maneiras. Uma que parece fundamental é a de se pensar *verdade* – tensão entre invenção e descoberta (Herrmann, 2012a), conforme discutido no capítulo 2 – não contida em alguma delas, mas *entre* ambas: seria revelada pelo sentido que Adão lhes imprime, interpretativa e espontaneamente, conforme aponta o próximo intertítulo *No Zôo*, a ser considerado em seguida. Outra possibilidade seria pensar o conjunto relativamente à criação do mundo adâmico: estagnador (indicando o fracasso da “análise” da personagem) ou como solo fértil para a emersão de novos sentidos (caminho para a “cura” analítica adâmica).

No Zôo (pp. 91-94) e seu principal interpretante, O único e verdadeiro Deus (pp. 94-99)

Aqui altero minha metodologia, conforme anteriormente previsto, sempre a título de exercício. Tomo este *No Zôo* e seu interpretante principal, *O único e verdadeiro Deus*, conjuntamente. Me parece evidente a confluência interpretativa de um e outro,

principalmente deste com relação a aquele, tomado como seu *interpretante*. Assim, a partir desse ponto da *ficção freudiana*, será possível experimentar uma outra forma de interpretação, que representa mais ou menos sua metade. Entretanto, se bem que os paralelos sejam possíveis, são imperfeitos, particularmente o que formo entre Nielsen (personagem do intertítulo-*interpretante*) e “Adão”: a organização deste trecho, portanto, dá-se por paralelos (re)criados.

O único e verdadeiro Deus (pp. 94-99) é uma *ficção freudiana* dentro de uma *ficção freudiana*. Leda conta que, diferentemente dos outros intertítulos de *A infância de Adão*, fora escrito mais de uma década antes de sua publicação no livro. (Depoimento informal, 2009) Ao ocupar o lugar de *interpretante* do *No Zôo* precedente, *O único e verdadeiro Deus* mostra que este (o interpretante) pode tomar qualquer forma. Aqui, de uma *ficção freudiana* dentro de outra; em *Escrituras*, de fragmentos e epígrafes (pp. 87 e 91) – ora citados literalmente, ora inventados – como vimos. Poderia ainda tomar outras formas – por exemplo, de um sonho, entre tantas possibilidades – contanto que exercesse função teorizante.

De fato, *O único e verdadeiro Deus* pareceria reportar-se ainda a outra narrativa – o *Dr. Fausto* –, cujas versões compõem o lendário alemão desde os anos 1400, embora aqui considere-se aquela que é obra prima de Goethe. Uma estória, muitas versões: nada mais próximo do que a Psicanálise entende por história, sempre uma interpretação/versão da história, nunca atingindo seu “miolo” – este inexistente – como a infância de “Adão” (em crise representacional) ou a “cebola” freudiana (seu conceito de inconsciente).

É coerente que haja múltiplos interpretantes/referentes para este – como todo – intertítulo da *ficção freudiana* de Herrmann, afinal inspirada em Joyce, como se disse. Por exemplo, outro paralelo possível para este trecho é com *La escritura del Dios* [A escritura do Deus]

de Borges (1949/1974)¹⁰⁹. Isto é, os infernos, tão inóspitos quanto inusitados e insuspeitados, tornam-se *interpretantes* quando teorizados.

O fado de Nielsen – pastor sueco que passa a questionar os costumes dos homens e deduz ser o conceito de *deus* uma criação humana – aproxima-se ao do herege Dr. Fausto que, pactuando com o diabo, adquiriu possibilidades mágicas. De fato, o Fausto estaria citado pelo avesso nesse intertítulo, por sua negação: *destino infausto* (p. 99). *Infausto*, além de ser um sinônimo para *adversidade*, pronuncia-se identicamente a *In: Fausto*. Nielsen morre e, para sua surpresa, se vê no inferno – que segundo ele não existia – sendo essa a única explicação que encontra para aquela terra inóspita, saturada de mosquitos, fogueiras e *animais impensáveis* (p. 98); impensáveis, mas por ele constatados, o que é mais uma aproximação com Adão e a angústia do *vórtice*, vivenciada por ambos.

Tomemos o *No Zôo* que agora nos concerne. Pouco depois de sua abertura, Adão declara: “já evoluí até uma neurose dedutiva de transferência.” (p. 92) Ele tem razão. Adão conta com certo percurso interpretativo (*evoluiu*), e se tona possível antecipar a emersão de alguns sentidos, pois ele já adquiriu alguma experiência clínica, construindo assim alguma *infância* (sempre representação de infância).

A ironia é em relação ao mandado freudiano sobre a condição da *neurose de transferência*¹¹⁰. Herrmann joga com essa condição inevitável para Freud, com a ideia de

¹⁰⁹ Tzinacán, personagem de Borges, representa-se como um “prisioneiro”, ideia multirreferente: ele não consegue sair do que chama sua “cela”, redonda e claustrofóbica, compartilhada com um jaguar; não pode diferenciar dia de noite, ou sonho de vigília, transbordando seus pesadelos para sua vida; é-lhe incompreensível a escrita do que seria, imagina, de/o D/deus. Comparada com *A infância de Adão*, a narrativa de Borges lembra particularmente *O único e verdadeiro deus*, mas também *Escrituras*, primeiro pela ideia de uma escrita (divina/interpretante) inacessível (que é também o dilema enfrentado pela personagem “Adão” com relação ao seu *senhor*), assim como pela ideia de um “inferno” (metafórico ou não, é representação da realidade da personagem) incompreensível e imposto.

¹¹⁰ No sentido nosográfico – em comparação com as neuroses narcísicas – as neuroses de transferência (histerias de angústia e de conversão e a neurose obsessiva) se caracterizariam pelo fato de a libido ser sempre deslocada para objetos reais ou imaginários, em lugar de se retirar sobre o ego. (Freud, 1916-1917/2003) Já na teoria do tratamento psicanalítico (ao que me parece, mais aplicável à situação adâmica) seria uma neurose artificial em que tendem a organizar-se as manifestações de transferência. Ela se constituiria em torno da relação com o analista, sendo uma nova edição da neurose clínica: sua elucidação levaria à descoberta da neurose infantil, pois considera que o paciente revive na relação com ao analista os sintomas de sua neurose. (Freud, 1914/2003 e Freud, citado por Laplanche e Pontalis, 1982/2001: 308-309)

um autodiagnóstico adâmico que “deduz” a própria *neurose de transferência*. Adentremos a “neurose” da personagem, diagnosticada por ele, que é paciente/*senhor*. Está em questão a angústia ocasionada pela ausência de um “miolo”, de uma verdade convencional (que se iria contrapor àquela descrita no capítulo 2); isto é, a ausência de uma infância, quanto mais de uma pretensa infância unívoca.

Ao mesmo tempo, é notável que, de fato, Adão esteja menos “recém-brotado” em seu processo. Impõe-se um paradoxo: as coisas são e não são, ao mesmo tempo. Nesse *No Zôo*, “Adão” pode formular uma narrativa um tanto quanto menos carregada de neologismos imprevistos para ele. Isto é, seu monólogo interior se apresenta menos espontâneo – e menos ingênuo – que antes: Adão já conta com alguma experiência em *língua adâmica*, isto é, começou a construir alguma infância. É portanto um momento outro de sua produção analítica; revela-se o rumo que seu processo está imprimindo às suas autorrepresentações, que modificam seu passado. Este *passa a ter sido* outro, conforme o já descrito tempo da *cura*, no sentido da Teoria dos Campos.

Cabe o questionamento: será cômodo o momento adâmico, para ele e para nós? A resposta é simples e peremptória: não. A *neurose dedutiva de transferência* diagnosticada por “Adão” pode ser pensada a partir da crise ocasionada pela indistinguibilidade entre o *senhor* (“outro-de-si” adâmico) e o *senhor* (além de *si*). Isto gera um impasse no *campo transferencial* – ou *do* campo transferencial – pois a crise adâmica não advém tão-somente de não saber quem se é, mas *quantos* se é. “Adão” não pode culpar integralmente seu analista, pois não lhe é claro se este (ele(a)/algo/alguém) existe fora de “Adão”. São motivos de sobra para evoluir-se-lhe uma neurose.

A *evolução à neurose* parece indicar um desdobramento do processo adâmico. A primeira afirmação do intertítulo já o sugerira, literariamente: “O senhor me confunde.” (p. 91). Há um objeto direto externo (*senhor*) que confunde o sujeito (narrador). Assim, haveria uma distinção eu/não-eu, *senhor/não-senhor*. Haveria dois, e é nesse sentido que Adão aproximaria a situação, também, de ser “senhor de si” em relação a um outro ou *outro de si*. Entretanto, a frase indica, ao mesmo tempo, o extremo oposto: “Adão” não é senhor de si.

É possível que minhas afirmações se confundam, assim como a de “Adão”. É que a sintaxe da frase adâmica sugeriria uma *separação* (ideia a ser retomada adiante), na perspectiva cartesiana do termo, mas ao mesmo tempo seu sentido sugere tal separação e não sugere-a: forma um paradoxo. Pela frase “O senhor me confunde”, o externo confunde o interno e, também, se confunde com ele, numa espécie de *estrutura de abismo*¹¹¹ adâmica, que revela sua condição: quem é objeto de quem ou de quê? Ou seja, poderia pensar-se o externo como *apenas internamente externo*, conforme venho considerando pela expressão “outro de si”. Agora – como em outras ocasiões – é Adão quem o põe em pauta.

Paralelamente, consideremos a trama do intertítulo-*interpretante*, narrado em terceira pessoa. (Há um *outro*? O momento seria “pós-adâmico”?) Nielsen é questionador, como “Adão”, porém aparentemente por opção. Ele parte da possível dedução da existência de Deus pela “tendência humana a edificar fés religiosas sobre o alicerce de sua primitiva dependência infantil para com os pais” (p. 96). Sua “babel”, nesse sentido, pode ser considerada como adâmica, na perspectiva da ficção freudiana, pois ela aponta para a questão do infantil inexistente, construído. Isto é: para Nielsen, discutir o tema do divino seria uma característica do homem, implicando a criação divina ser, de fato, humana.

Não há pacto com o Diabo – como no *Fausto* – mas é a própria lógica dedutiva que o leva a uma perspectiva antirreligiosa, não apenas de acordo com a tradição judaico-cristã-protestante ocidental – contemplada no *Fausto* – mas contrapondo-se aos pressupostos de qualquer religião, ao destacar a capacidade humana de criar deuses, a partir da qual se explicaria a “existência” destes. (É esta uma reprodução canhestra do argumento ontológico da existência de Deus enunciado por Santo Anselmo, que postula a ideia de Deus mesmo em quem a nega, justamente pelo fato de negá-la, o que faria de Deus o mais alto pensamento possível: Deus não poderia existir apenas no intelecto. Por isso o argumento é ontológico, conforme anteriormente discutido.)

¹¹¹ No sentido dado por Sarlo, relativamente à obra de Borges, como anteriormente discutido, no capítulo 3.ii.

Para Nielsen, o que haveria de divino no conceito de Deus seria a capacidade criativa do homem, sendo o criador o próprio homem. Nas suas palavras: “(...) o Sagrado existe e é evidente para todos nós. Ele habita nossos corações, como o coração de cada homem, e se exprime no santo impulso a criar religiões, a nomear os deuses. Esta é a simples verdade: não existe outro deus senão a humana, a mais que humana tendência a cultuar. Inventar deuses é Deus. Todos os homens estão certos e a cada qual seu paraíso. Oremos ao Sagrado!” (p. 97) A religiosidade viria substituir a tendência humana a uma dependência primitiva. A tendência a edificar fés seria resultante da superação da dependência para com os pais. Para Nielsen, o conceito de *Deus* é, assim, uma contingência do humano. Aproxima-se – perigosamente? – do “Adão” blasfemo.

As deduções de Nielsen e “Adão” são semelhantes na sua qualidade blasfematória: as de Nielsen para com as religiões, particularmente as que se consideram soberanas sobre as outras (o que compõe a maior parte delas), e as de “Adão” para com a tradição judaico-cristã e as psicanálises canonizadas. De fato, podemos pensar esta discussão paralelamente àquela sobre a tendência em Psicanálise a colocar-se sobre um pedestal os produtos alcançados por interpretação. Isto é, para além de serem boas ou más relativamente a um caso em particular, as teorias psicanalíticas estariam *corretas*, e seriam definitivas. No entanto, a ideia de Herrmann, conforme se vem buscando evidenciar, é de que o particular à Psicanálise é a forma pela qual ela produz conhecimento (por interpretação), podendo seus produtos serem variáveis – às vezes verificáveis, outras não, o que porém não as invalidaria – mas conforme é exigido a cada situação, individualmente.¹¹²

Assim, se bem que a dedução adâmica lance nossa personagem para uma *neurose dedutiva de transferência*, a de Nielsen convence-o do aspecto criativo do ser humano em relação ao próprio divino: este seria criado por aquele, não o contrário.

¹¹² Na expressão de Herrmann (1983), pode-se jurar pela fumaça dos *charutos de Freud*, que lhe facilitavam pensar – que implicam usufruto da crítica, da atividade clínico-interpretativa, do escrutínio –, mas não pelas teorias por ele formuladas.

Recapitulemos o momento de “Adão”. Sua explicação (ou *sentença interpretativa do eu* adâmico que faz papel de “autoanalista”) para o momento em que se encontra: “cada vez mais domino as palavras. As salvas paroxísticas de paralogismos de citação blasfematória decrescem a olhos vistos.” (pp. 91-92) Novamente, revela-se a duplicidade de sentido em sua fala. Dominar indica ter controle e, de fato, a linguagem é pausada, “controlada”, cientificista. Porém, a crise adâmica também revela o sentido oposto: “Adão” não domina as palavras, porque elas é que brotam dele. O tom é cientificista, mas a explicação não é “científica” no sentido do método psicanalítico. O momento adâmico é o de Nielsen, quando ele se encontra, insuspeitamente, no inferno inóspito e tupi-guarani, o *vórtice*, ainda presente.

A expressão “salvas paroxísticas de paralogismos de citação blasfematória” (chamemos SPPCB, para simplificar) seria traduzível por “salvas agudas de raciocínios falsos de citação herética”, ou seja, citações – religiosas, mas não só – que de fato não citam ou, mais propriamente, que citam pelo avesso. *Salvas* remete a *salvas de palavras*, expressão que expressa o efeito do *vórtice*, que é o momento em que o paciente perdeu uma autorrepresentação e busca, angustiadamente, substituí-la. Antes dessa substituição – ou durante – ele se derrama, no dizer da Teoria dos Campos, em *salvas de palavras* (no caso adâmico, mas não só: palavras inventadas). Antes da palavra que salva, ou devido a sua função salvadora – como quer a Psicanálise e, também, pode-se pensar¹¹³, a Literatura – é que se daria a salva de palavras.

Paroxísticas pareceria um verbete que definisse algum aspecto da gramática portuguesa, talvez uma figura de linguagem. De fato, é uma palavra usada para se descrever medicamente uma crise aguda ou uma disfunção do corpo. Por exemplo, a expressão *taquicardia paroxística* indica taquicardia aguda. Já *paralogismos* são, como se mencionou, argumentos ou raciocínios falsos, produzidos sem que o engano tenha sido forçado, nesse sentido diferente dos sofismas. Exemplos de paralogismos são silogismos e entimemas. Eis o resumo adâmico, portanto, desse momento de seu monólogo interior: a personagem está

¹¹³ Meneses (2005: 123) considera a que seria *função* “terapêutica” da literatura, a partir de sua leitura de Candido (1988/2004: 177, 180 e 186).

fazendo um autodiagnóstico (neurose dedutiva de transferência) de sua própria produção – a *língua adâmica* – enquanto ela ocorre e a partir de sua própria perspectiva paradoxal, literária.

A forma como Nielsen deduziu a religiosidade e a existência de Deus levou-o a conceber um céu pensável de acordo com as convicções de cada crença religiosa. Depois da morte, cada indivíduo encontraria o Deus em que acredita, a partir de cada religião: é o que implica a interpretação teológica de Nielsen, a partir de sua interpretação dos preceitos de cada religião.

O impensado de Nielsen é que, ao morrer, daria com os costados em um inferno aleatório; pois teria sido herege na perspectiva da religião que estivesse correta. Mas, quando morre, o céu que acessa parece-lhe infernal! Randomicamente – como mais poderia prevalecer uma religião sobre as outras? – encontra-se Nielsen no céu tupi-guarani, regido por Tupã, Deus do Trovão. E a pergunta que ironicamente se impõe ao leitor é: haverá um único e verdadeiro Deus? Sendo afirmativa a resposta, poderia ser ele o Deus Tupã tanto quanto qualquer outro? Resta para o leitor: haveria uma resposta para essa pergunta?

“Adão” tem alguma consciência do processo que lhe sucede, ou vem sucedendo, mas é condição do homem ser *agido* por seus *inconscientes*, seus desconhecidos (seus impensados); como o religioso que só conhecerá a vida depois da morte quando não mais puder modificar sua vida de acordo com a descoberta. O futuro próximo de “Adão” continua necessariamente imprevisível: é a condição do homem na análise, um tanto quanto assustadora, persecutória.

Analogamente ao monólogo interior de Bloom, que vai se transformando ao longo do romance de Joyce, o de Adão se altera e se desenvolve não progressivamente, constituindo seu processo associativo-interpretativo. Antes associava a partir de ... : não sabemos bem o quê, estando recém-brotado. Talvez a partir de sua condição humana. Agora o faz não só a partir desse desconhecido que irrompe, mas também do que já associou anteriormente – nos

intertítulos precedentes – que constitui sua “infância”, sua interpretação do mundo em vias de ser produzida.

“Adão” especifica decrescerem *a olhos vistos* os indícios dessa língua. Aqui poderia se pensar uma referência torta a Merleau-Ponty, pois o que seriam “olhos vistos”, num contexto em que o objeto e sua função se misturam? Entretanto, no brevíssimo parágrafo depois do seguinte vêem-se amplos indícios justamente do que Adão chamara SPPCB (salvas paroxísticas de paralogismos de citação blasfematória). Estas encontram-se apenas num momento diferente dos *No Zôo* precedentes: são ao mesmo tempo outras associações e semelhantes, pois participam da *língua adâmica* que as engendra.

As alterações características da *língua adâmica* (ou SPPCB) são como que “evidência” de um processo interpretativo adâmico em movimento. Seriam indícios de *cura* (ver capítulo 2); o processo é considerado pela personagem – o que seria contra-intuitivo – mas compreende-se tanto a partir do fato de se tratar de um paciente literário, criado e recriado pelo *autor-implícito* (e o literato inventa como quer, sempre construindo unidade estética), como a partir da ideia freudiana de *resistência*, a ser considerada adiante.

Adão dá uma explicação para a forma de seu processo. Não é uma explicação qualquer, mas a mesma dada por Herrmann (1979/1991a: 309-311) a respeito do tempo na interpretação psicanalítica. Diz “Adão”: “Estou cômico de que, se acaso imaginasse meus pais, eles passariam a ter sido exatamente como os imaginei. E eu seria seu filho, alternando-se as condições mesmas de meu imaginário. *A cada novo passado, um futuro novo consoante. No novo presente, a recriação de um passado milimetricamente distinto daquele que lhe deu origem*” (p. 92, itálico meu). É assim que Herrmann descreve o que se passa na interpretação analítica: o passado *passa a ter sido* outro, pela modificação de um futuro, a partir do efeito do presente.

A transformação que resulta da interpretação por ruptura de campo seria imperceptível ao paciente (mas ela é e não é do “paciente”), pois para ele tudo teria sido “sempre assim”. Por ruptura de campo, transforma-se a representação presente do paciente e, com ela,

simultaneamente tudo o que foi e que será. Por conseguinte, o tempo da função terapêutica do método psicanalítico é considerado pela Teoria dos Campos como tempo dos possíveis, o futuro do pretérito, ou condicional. Entretanto, sendo o passado de Nielsen anterior à sua morte – e o presente posterior – rompeu com a possibilidade de ser modificado, implicando o fado da personagem.

Já no caso de “Adão”, o passado passa a ter sido e ponto (não se trata de outro, mas de um), pois antes simplesmente não havia. Entretanto, “Adão” está explicando esse processo, na passagem supracitada, como se fora a personagem o próprio autor da Teoria dos Campos, mesclando-se os dois, tornando-se indistinguíveis. A personagem é produzida a partir da experiência – clínica e literária – de seu autor, representada pela língua adâmica; a personagem desdobra-se na personagem de seu autor.

Cabe o questionamento: quem será *senhor* de Adão, isto é, quem será seu *deus*? Por um lado, o *senhor* ou *deus* de qualquer personagem é seu autor. Por outro, o de qualquer psicanálise é o método interpretativo. Nessa articulação, clínico-literária, Adão – que dá voz ao método psicanalítico – subjetiva-o, literariamente. Adão metaforiza a perspectiva de um “paciente”, a qual implica resistência ao método psicanalítico. Por exemplo, quando proclama: “Contudo, abandonar-me a seus cuidados demanda certa cautela. Em que mãos estou? Não padecerá o senhor de algum viés interpretativo?” (p. 92) Já tendo experimentado um longo *vórtice*, Adão se apresenta, neste intertítulo, sustentando a narrativa de sua própria experiência enquanto a constrói. Mostra-se algo reticente, ao que a Psicanálise chamou de *resistência*.

É irônico Adão questionar em que mãos está, pois não há evidências que esteja em mãos algumas, além das próprias. Por outro lado, se de fato há alguém que serve de interlocutor a Adão, trata-se de um ser para além da narrativa, o que deixa de concernir-nos. Poderia ter o sentido deduzível na fala de “Adão”, isto sim, de um supervisor, pensando Adão como “paciente” e “analista”; ou de um delírio. O *único e verdadeiro deus*, num caso como noutro, seria o próprio Adão, criando os sentidos de si.

O destino ou fado é tema da trama de Nielsen, do Dr. Fausto e da possibilidade de crítica de “Adão”, por ter provado da árvore do conhecimento. Contrastado ao fado de Nielsen, o do Dr. Fausto é conservador, o modelo maniqueísta das religiões convencionais, que contrapõem Deus e Diabo, enquanto o de Nielsen é contemporâneo: que saberia uma personagem sueca de um deus tupi guarani?

Paralelamente ao *Fausto* de Goethe, em que um destino se cumpre irremediavelmente, o campo do imutável na clínica psicanalítica é o do *inconsciente recíproco*, campo do destino: “(...) não há moira nem deus algum, nem o *Único e verdadeiro*, que se possam culpar pelo feito falho revelador, mas somente a reciprocidade entre os sujeitos, seu *inconsciente recíproco*” (texto não publicado c). O inconsciente recíproco, como já mencionado, é constituído pelas sobras do real que não encontram representações, nem na identidade, nem na realidade. Semelhante a um rio subterrâneo, essas sobras como que *agem* o sujeito, de maneira que, enquanto irrepresentáveis, muito exigem do método psicanalítico. (Herrmann, 1998/2006a: 106-110)

“Adão” (p. 92) propõe outro exercício especulativo (que é claramente blasfematório se considerado a partir da tradição judaico-cristã). Sugere serem as *duas árvores* no centro do *zôo* como “fac-símiles” das *originais*. (Originais? Num mundo adâmico?) Seriam as árvores da Vida (eterna) e do Conhecimento (mortal) do *Gênesis*: “que o senhor alega haver plantado tanto tempo faz.” (p. 92) O tom da narrativa beira a heresia – ou é – sugerindo um questionamento à palavra do *eventual* Criador, no sentido religioso. Ousa Adão incluir o verbo *alegar* ao referir-se ao *senhor*. Na tradição judaico-cristã, o que o Senhor diz *é*. Ser e criação divina são o mesmo. O uso do verbo *alegar* não se justifica de uma perspectiva religiosa, pois prevaleceria o verbo *ser*.

O uso desse verbo pode ser tomado como *paralogismo*, termo tomado de “Adão”. Seria um questionamento a partir da ignorância e esta não poderia ser considerada herética. (Certo?) Por outro lado, ele dissera que os paralogismos decresceram, e pareceria ter algum domínio sobre eles, ao mesmo tempo que não domina nada. Sendo assim, é ou não é Adão herético?

Adão presume, de maneira inteligente e igualmente blasfematória, porque crítica: “Provar do conhecimento teria implicado condenação à morte.” O mistério da interpretação, aqui metaforizado, implica interpretar o que se antecipa. Mas como poderia antecipar-se o que ainda não se interpretou? (Essa questão foi contemplada também na discussão sobre *O escorpião e a tartaruga*, capítulo 3.iii.)

Isto é, Adão está interpretando o mundo, numa linha muito semelhante à da Psicanálise conforme a Teoria dos Campos e, inocentemente ou não, ele está adquirindo a função crítica (sendo possível aqui uma aproximação à personagem Píter). A árvore da vida, como metáfora, permite ao homem penetrar o sentido de sua mortalidade, humanizando-o e o diferenciando do animal. Mas porque o homem a experimenta, se ainda não entrou para esse mundo diferenciado do animal? Eis a questão.

A árvore do conhecimento deixa no homem o travo de uma nostalgia da eternidade que nunca experimentou: uma alegoria ao conceito de *luto primordial* (Herrmann, 1979/1991a: 232-43). Isto é, ao tomar conhecimento de sua mortalidade, pela árvore do conhecimento, instaura-se no homem uma nostalgia (do que nunca se experimentou)¹¹⁴. A árvore do conhecimento pode encaminhar o homem ao apego a um hipotético conhecimento universal, ou pode levá-lo a habitar o designado *ceticismo preventivo* (2002a: 94): a partir deste o conhecimento se torna possível por crítica e pensamento, isto é, não mais haveria aceitação de uma informação sem previamente considerá-la. Em doses homeopáticas, o ceticismo preventivo conduz ao conhecimento, diria Herrmann, mas, quando em doses demasiadas, leva à estagnação criativa. Reproduzindo o já discutido paradoxo, Adão nasce com potencial para a crítica (surgido de onde, se não do contato com a respectiva árvore?);

¹¹⁴ *Luto primordial* é um conceito metodológico que dá conta dos resultados a que o jogo dos possíveis imposto pela interpretação submete o Homem Psicanalítico. Ele deseja bastar-se, desfrutar de uma imanência imóvel diante do risco da perda de uma autorrepresentação. Tal projeto de fusão absoluta com a própria imagem constitui o reverso da ruptura de campo. A perda da unidade consigo mesmo, impossível e jamais experimentada, pode ser psicanaliticamente apreendida na experiência concreta de uma espécie de *luto primordial* pela perda dessa imanência nunca vivida como sentido. Trata-se de um trabalho de luto, nos moldes descritos por Freud, e que acompanha a transição de todos e cada um dos objetos de nossa vida de relação. Nessa ficção freudiana, a nostalgia é do nunca alcançável sentido de eternidade – no rearranjo metodológico teórico da Teoria dos Campos – de uma situação, amálgama eu/mundo. Só pode ser alcançada como nostalgia, pois o sentido, para a cria humana, estabelece-se na perda desse amálgama ou *centro das coisas* (Herrmann, 1985/2001a: 43-66).

a ideia das duas árvores é introduzida no meio da ficção, não no princípio, indicando o caminho percorrido por “Adão”.

Ainda com relação ao conhecimento e à árvore correspondente, “Adão” prossegue numa série de afirmações que implicam seus próprios nascimento e sexualidade: “O senhor acredita que todo conhecimento é na sua origem sexual? (...) Bichos não se envergonham, logo, segue-se, deduz-se e infere-se, sexualidade é o conhecimento do sexo.” (p. 93) É um pilar psicanalítico que está sendo tocado, a definição de sexualidade para a Psicanálise. Para Freud, é o que define o homem; para a Teoria dos Campos, que faz uma interpretação freudiana, mas diferente da de Freud, sexualidade é perversão, a restrição do real. É a saída do homem, enquanto “bicho”, ou materialidade, ao mundo humano, ou seja, o *pulo do cerco das coisas* (Herrmann, 1985/2001a: 56-60). Tanto para Freud, como para Herrmann, a sexualidade pode ser considerada como a espinha dorsal da Psicanálise.

Nem tudo é (só) resistência. Estas considerações feitas por “Adão” evidenciam que ele está pensando pela via do *ceticismo preventivo* – que, dissemos, em doses homeopáticas, é produtivo – e isto diferentemente do Adão bíblico. “Adão” não (mais) aceita o mundo como lhe é apresentado, mas considerando-o de uma perspectiva crítica.

Já a história de Nielsen – o leitor é informado – fora transmitida pela advinha Mme. V., quem contara saber de Nielsen através dos contatos com sua alma. O leitor pode perguntar-se o quão confiável seria essa narrativa, principalmente sob a ótica do recente tema do *ceticismo preventivo*, citado por “Adão”, bem como a ideia de representação como representação de outra representação e da interpretação como interpretação de outra interpretação, etc. Para contribuir com o tom irônico e talvez incitante do ceticismo da narrativa, há uma coincidência de datas do início do exercício pastoral de Nielsen, na vila de L., perto de Upsala, na Suécia, e de seu fim – 1856 (ano do nascimento de Freud) e 1900 (ano da publicação de *A interpretação dos Sonhos*). Nielsen morre, portanto, no ano em que se convencionou considerar a consolidação do método da Psicanálise, frequentemente considerado seu ano inaugural. Da forma de produzir conhecimento por ruptura de campo,

previamente ao nascimento de Freud, restaria a voz suspeita da renomada (ou ativa em *Límbia?*) médium Mme V. sobre Nielsen. (p. 95)

Ora, se a Psicanálise e, conseqüentemente, a produção de conhecimentos em Psicanálise foram descobertas por Freud, como poderia Nielsen atingir o pensamento por ruptura antes mesmo do ano inaugural da Psicanálise? A pergunta é falsa. Se bem que Freud de fato tenha descoberto a Psicanálise – no sentido de *aletheia*, de des-cobrir –, conseqüentemente criando-a, datar o fim do exercício pastoral de Nielsen em 1900, a meu ver, denuncia fortemente que o método interpretativo é constitutivo do mundo humano. Isto é, a forma de produzir conhecimento, o pensamento – e, nesse sentido, também o *ceticismo preventivo* – foram sempre potenciais recursos do homem, fossem ou não usados por ele. Adão-personagem por exemplo aceitou a seu uso, embora na ficção freudiana tenha nascido tantos anos antes de Freud, tendo sido criado por seu *autor* no século XXI. Ou seja, foi a ciência/disciplina criada por Freud que pôde avançar e se desenvolver de maneira sistematizada, a partir da descoberta freudiana.

O que norteia qualquer psicanálise, tornando-a partícipe da Psicanálise, é sua função interpretativa. Não há deus (Deus, teoria, técnica ou pensador psicanalítico supremo) que capture a Psicanálise como um todo, mas ela é produzida ao trabalhar-se no e por seu método, tanto pensada por um seu pensador, por um psicanalista clínico experiente, por um inexperiente, ou – porque não? – por alguém como Mme. V. ou Nielsen. Adão-personagem e Nielsen são tomados pelo método interpretativo ao pensarem criticamente sobre seu mundo (certos ou errados, não é a questão) – Adão na produção de uma história que não houve e Nielsen ao pensar criticamente a religiosidade e os deuses das religiões: ambos constroem suas interpretações.

Pode-se pensar que, ao criar “Adão”, Herrmann inventa uma personagem que cria a Teoria dos Campos: é “Adão” quem descreve as teorias da Teoria dos Campos para o leitor. Nesse sentido, a personagem que nasce *adulta*; além de criar sua própria história, produz clinicamente a teoria de seu autor. A personagem é o primeiro homem, do mundo e a submeter-se a um processo analítico, dá nome aos bichos, cria a linguagem e as

interpretações psicanalíticas. Ao criar a Psicanálise – na perspectiva da Teoria dos Campos – criaria também esse pensamento. Não como na *Bíblia* – apenas pelo uso do verbo *faça-se* – mas, além do *dito e feito*, por experiência e crítica, que vão literariamente se construindo.¹¹⁵

Outra frase adâmica – irônica e cômica – que deixa o leitor estranhado ecoa a forma *staccato*: “Para que nada se altere – *après-coup*, pós golpe –, anoto as sessões.” (p. 92) Quanto a anotar a sessão analítica – tarefa tradicionalmente do analista – é exatamente o contrário que ocorre: o material é construído a partir da anotação. Isto é, a sessão e a escrita da sessão são completamente diferentes, sendo representações possíveis de si (sem que haja o *si*). “Adão” – além de indiferenciar-se de seu *autor implícito*, no sentido de ser este quem põe as palavras na boca da personagem (antes metaforizadas como “placas”) – indiferencia-se aqui mais evidentemente de seu *senhor* (interlocutor como *outro de si* e, também, possível interlocutor externo).

A tradução literal e irônica de *après-coup* por *pós-golpe* está completamente equivocada e, também, completamente acertada. Em Português, usa-se a expressão em Francês para o termo freudiano *Nachträglichkeit*, que é também traduzido por *a posteriori*. (Laplanche e Pontalis, 1982/2001: 33) A ideia de *pós-golpe* revela outro sentido do campo transferencial produzido nesse momento da “análise” adâmica: a personagem vive o *vórtice*, o surgimento de novos sentidos possíveis para sua história, neste trecho, como golpes, corte e, assim, como *ruptura*. É uma representação bela, mas que também contém a angústia do processo analítico – de qualquer processo analítico, mas aqui nos concerne o de Adão.

¹¹⁵ No capítulo *A ficção freudiana*, que é um exercício de ficção ensaística, Herrmann dá outra pista nesse sentido: interpreta haver Freud “transformado a própria vida em obra literária” (p. 13). Ao formar o círculo dos anéis, o comitê secreto, etc., Freud produziu um legado, consagrando o freudismo como movimento psicanalítico. É nesse sentido que a necessidade de difundir a Psicanálise fez com que Freud se transformasse em personagem psicanalítica criada por ele próprio, assim como sua vida em obra literária – vestindo a camisa de personagem psicanalista, hasteando sua bandeira. Nesse sentido podemos pensar: Freud e Herrmann, autores que inventaram personagens de si. Um enquanto criador de uma ciência, mas também disseminador de uma escola; outro como criador de um pensamento psicanalítico crítico, dentro da ciência criada por Freud.

Em seguida, Adão proclama confiar na palavra (“Confio na palavra.”, p. 92), mas já revelara que não confia, pois anota tudo. O problema é que escrever é como falar, ou seja, também é recriar. Ao tentar se proteger, Adão termina por correr atrás da própria sombra. Interpretar demanda cautela, diz ele, mas trata-se de uma cautela impossível. Primeiro porque não há como se precaver do que há de surgir. Segundo, porque não tendo surgido, não se sabe de quê se há de precaver. O dizer adâmico está imbuído de método psicanalítico, o qual implica que o novo há de surgir, quer se queira, quer não. Assim, ao se “precaver”, Adão se vulnerabiliza, pois luta contra o que há de ser, rema contra a maré.

É desse lugar que Adão continua a desafiar o *senhor*: “Não foi para isso que me tomou em análise, para contar com um parceiro à altura, imagem e semelhança?” No discurso de Adão estaria implicado o psicanalista que brinca de ser *deus*, querendo que seu paciente se desenvolva. Pode ser pensada ironicamente a Psicanálise como “árvore do conhecimento”, mas não como a prescreve Adão. Ela seria tanto a árvore do conhecimento como do desconhecimento.

Assim, a personagem adâmica faz lembrar uma espécie de Hamlet, que fala a verdade pela mentira. Também, conforme a aproximação de Herrmann sobre Joyce, seria a língua adâmica uma forma de *delírio lúcido*, nesse caso do próprio *autor implícito* imiscuído de Adão. Por exemplo, ele parece estar comovido por suas próprias elucubrações, ao dizer: “tem o senhor certa razão: morrendo é que se aprende.” (p. 93). Nem que seja aos poucos, ela teria que *morrer* para aprender, isto é, viver o luto do desconhecimento que se perdeu.

Em seguida, Adão indaga: “Ser-para-a-morte ou ser-para-ação?” (p. 93) Nesta criação linguística aparecem vida e morte em relação dialética, a partir de Heidegger, porém dando um passo a mais no sentido de contrastar opostos. Para que serve o *ser*, dele? De um lado, que implica o seu contrário e vice-versa, *para-ação*, mas este é quase *separação* (talvez *superação*). A palavra *separação*, o luto, está contida no sentido e na forma de *ser-para-ação*, vida. *Superação* também pertenceria ao luto de uma separação. Em ambos os casos, o *ser* é utilitário, vazio.

Este neologismo (*ser-para-ação*) – ao que tudo indica – foi criado por Herrmann a partir de Heidegger (*ser-para-morte*), que para o filósofo implica tanto uma inevitabilidade, como ao mesmo tempo a ideia de não saber-se como ou quando ela (a morte) se dará. Ou seja, assim como Heidegger uniu ideias opostas (sendo a ideia de *ser* indicativa de vida e *morte* de inação), Herrmann toma essa ideia, já dialética, e a volta contra si mesma mais uma vez (*ser-para-a-morte ou ser-para-ação*).

Também haveriam ecos – na expressão adâmica – dos sentidos de ser/não ser conforme *Hamlet* (III.i. 70-6), indicando vida/morte e ação/inação em vida. *Ação* e *superação* implicam vida, mas atravessadas pelo sentido de *separação*, que é morte. A morte casa-se com a vida, no sentido absolutamente freudiano.

Adão prossegue: “Que sabe da morte este canguru? Nada, só sabe pular. (...) Admintamos: nada sei também da morte (...) A eternidade, doença do tempo humano, de que o senhor padece” (p. 93). Adão põe lado a lado três perspectivas de tempo e de morte: a do mundo animal, a do mundo humano e a de um deus eterno. O animal é mortal, mas não sabe que o é. O homem é mortal e sabe-se assim. E a eternidade não conhece a morte. A investigação do tempo e da morte é filosófica e absolutamente humana. A ideia fora metaforizada, também, no intertítulo *Escrituras* (onde o tempo da produção do homem esbarra na eternidade pela produção das pirâmides).

Já *admintamos* é a conjunção de *admitamos* e *mintamos*, iniciado pelo prefixo AD (discutido na análise do *No Zôo* precedente, que indica a assinatura de Adão). Isto é, ao admitir, Adão mente, o tempo todo. Afinal ele está criando, interpretando e, nesse sentido, ele não é fiel a um “original”, mas o produz. Ao falar na primeira pessoa do plural, inclui seu *senhor*, o divino – metafórico ou não – implicando um tom majestoso. O prefixo AD concede-lhe autoria sobre o que *adminte*, e é nesse sentido que o divino pode ser pensado como nascido de Adão. Além disso vimos que *ad* indica um porvir ...

Assim, *admintamos* é dialético, pois implica uma verdade (admitamos) – a ideia é admitir-se algo que é – e uma mentira (mintamos); a verdade pela mentira, conforme tomado de

Hamlet. Implica criação divina (indicado pela terceira pessoa do plural, no sentido dado pela escolástica judaica) que põe no plural e indica criação adâmica (AD: Adão + depois de Cristo, que é Deus, conforme a ideia de *trindade cristã*). *Admintamos* condensa, nesse sentido, a contrariedade da própria criação, que é e não é ao mesmo tempo – que é descoberta e inventada – que é “divina” (no sentido de provir do *senhor*) e humana: ela é característica da *língua adâmica*. Nielsen, paralelamente, admite e admente: declara verdadeira uma perspectiva (da criatividade humana ser e criar o divino) que mostra-se equivocada (ao encontrar o céu de Tupã).

Admintamos, assim como *ser-para-a-morte* e *ser-para-ação*, são proferidos em meados do intertítulo. Pensados os *No Zôo* como análogos a uma sessão analítica, o meio do intertítulo seria o meio da sessão. Se de início, o paciente apresenta a si, e configura-se o campo transferencial, no meio da sessão este campo poderia desencontrar-se, metaforicamente falando, provocando o vórtice. É nesse momento que surgem os neologismos no intertítulo. (Claro que não sempre, mas pode-se o pensar metaforicamente.) No fim da “sessão” se espera que haja algum tipo de assentamento temporário de sentidos. É quando Adão anuncia: “Agora o compreendo melhor” (p. 93).

Paralelamente, a *língua adâmica* reflete o momento do processo analítico de Adão, ora mais densa, ora menos. Ora caracterizada por um tom mais irônico, ora menos. Como na escrita ficcional literária (ficcional literária e clínica, como esta *ficção freudiana*), há estrutura e função estética.

Sabidamente, e também ironicamente, Adão como que conclui sua “sessão”: “A confiança é oposta ao conhecimento.” (p. 94) Dá-se conta de que a certeza é estagnante, no sentido que não busca compreender o novo e é avessa à crítica. Daí, também, a força da ficção – se um tratado psicanalítico (sentença interpretativa) encerraria uma discussão, por exemplo, sobre o método da Psicanálise, a ficção, e a ficção literária, trazem incontáveis possibilidades para se discutir o método, bem como a narrativa clínica. Adão novamente se contrapõe ao canguru ao afirmar: “Nunca como às cegas.” O homem é o ser da crítica.

Prossegue Adão, numa espécie de ode à criação: “Quantos pratos conceituais se podem preparar com os mesmos ingredientes, até com o mesmo nome?” (p. 94) Nesta ficção freudiana tudo é criado: a trama, a criação do homem, o questionamento do primeiro homem, a situação analítica e mesmo a linguagem. A Teoria dos Campos não é iniciada neste livro, talvez um tanto quanto desenvolvida aqui ou acolá. Principalmente, o que o *autor implícito* faz neste livro é usar os mesmos ingredientes para criar novos e múltiplos pratos conceituais: eis a força da ficção literária, que é também a da clínica psicanalítica.

Finalmente, conclui Adão: “O conhecimento vivo só se há de constituir dentro do campo protetor de um ceticismo preventivo.” É sua natureza inquisitiva que lhe permite interpretar, no sentido de passar do vórtice à construção de novas representações: suas elucubrações têm aparência de interpretação, e incorporam sua função.

No Zôo (pp. 99-102) e seu interpretante De como não ser o Messias (pp. 102-111)

Prossigo com a interpretação conjunta de um intertítulo *No Zôo* e seu correspondente interpretante. O último intertítulo dessa ficção freudiana, *A porta do Zôo* – em que Adão cria o neologismo tão importante para esta pesquisa, *literacura* – também guarda forte relação com *De como não ser o Messias*, mas será tratado independentemente, com a conclusão da discussão.

Mostra-nos essa dupla de intertítulos: o contrário da possibilidade é o preconceito. Este é entendido na Teoria dos Campos como restrição do *real*, como *crença*, garantindo a permanência e a integridade da representação produzida¹¹⁶. A fala inicial da personagem Adão introduz o tema dos *possíveis* e o do *campo transferencial*, tomado pelo pensamento de Herrmann. Descreve este como do “onipotente Dito & Feito” (p. 100); já proclamara: “Alternativas. Precisamos de alternativas.” (p. 99) A ironia contida em suas palavras, portanto, não é intencionada por Adão, mas que o leitor a escuta, pois reside em que novamente a personagem está introduzindo temas habitualmente teorizados – quando o são – pelo analista, não pelo paciente. Adão os introduz de maneira imprecisa conceitualmente,

¹¹⁶ Herrmann (1998/2006a): 75-123.

mas absolutamente precisa da perspectiva de sua experiência; trata-se de uma *destruição* (Herrmann, 2002a: 40) de sua experiência, também criativa, apresentando o que lhe ocorre nesse momento do processo analítico anticonvencional.

De outro lado, *De como não ser o Messias* – uma ficção freudiana dentro da ficção freudiana maior – apresenta a ideia de *preconceito* sob múltiplas óticas, levando-a às suas últimas consequências. Uma ideia a esse respeito me parece central para se pensar a forma geral do preconceito: “só a multidão age por motivos precisos, só as abstrações sofrem de psicologia – o sujeito não é psicológico, mas psicanalítico, não se explica, interpreta-se, e este aqui [o exemplo é o da condenação de Jesus pelas massas] não entra” (p. 103). Assim como Sartre define o judeu como criação do antissemitismo (citado por Herrmann, 2002a: 106), o narrador inominado desse intertítulo descreve as multidões como “incêndio na mata, que incorpora quantos paus se encontrem no caminho, mesmo os que se usam para o apagar”: seria a tirania dos grupos que produziria os preconceitos.

Talvez “Adão” se queixe, constatando precisar de *alternativas*, não devido à tirania de um grupo (que grupo no *zôo?*), mas pela restrição dos *possíveis* de si, principalmente quando a personagem “nasce” com a narrativa, sem passado. É que a cura analítica implica permitir emergirem os *possíveis* do paciente (literário, nesse caso). Na contramão da emergência dos *possíveis*, o ser humano se congela numa representação e *repete* – o que descrevera Freud como compulsivo – não atingindo um outro ponto de vista senão aquele de seu sintoma; seria algo como uma “tirania” intrapsíquica.

Tal embate pode ser observado nesse momento do fluxo de consciência adâmico, quando por exemplo a personagem lamenta: “Fiel à palavra é o senhor, disso eu sei. Oh, como sei! A quimera selada em nosso pacto terapêutico ainda está aí para o comprovar.” (p. 99) De um lado, o processo interpretativo possibilita a emergência dos possíveis. De outro, ele é *fiel à palavra*, ao(s) sentido(s) que emerge(m) do paciente. É que ao se considerar(em) o(s) sentido(s), podem emergir outras possibilidades legítimas, embora não quaisquer. Nesse ponto da narrativa, assustado com o efeito dos *vórtices* já ocorridos, Adão requer

alternativas acessíveis, isto é, que digam respeito a ele. É nesse sentido que a essa altura – foi dito algumas vezes – “Adão” já conta com alguma infância.

A frase citada [“(...) quimera selada (...)” p. 99] se contrapõe, por exemplo, ao momento adâmico do primeiro *zôo*, quando a personagem recém-“surgida” dissera: “Imagine-se, hipoteticamente sempre, nomear um bicho inexistente. Cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão etc. Quimera o chamaria?” (p. 78)¹¹⁷ Recém-“nascido”, Adão não adquirira ainda o discutido *ceticismo preventivo*, nem a *resistência* descrita por Freud – frutos da análise – e desata a falar. Aos poucos, se dá conta que o que diz transforma-se em coisa, cria o mundo, transformando-o, construindo inclusive um passado para Adão; e ele se torna cético, resistente. A antes meramente *quimera* – sendo irônico já haverem sido nomeados o leão, a cabra, o dragão – agora é *quimera selada*, um conhecimento adâmico, que não pode ser renomeado impensadamente a seu (quase) bel prazer (pp. 78-79). Adão se angustia.

Assim, certa ironia da interpretação, do processo interpretativo, está por um lado em produzir sentido e, por outro, em restringir o escopo de sentidos acessíveis possíveis. Dissemos anteriormente, apoiados em Arrigucci (2005/2008): “todo conhecimento nessa área se dá por uma antecipação do objeto”. (p. 318) Não é qualquer conhecimento que se pode produzir. O *bicho inexistente* (embora todos os bichos fossem inexistentes antes que Adão assim os considerasse e os nomeasse) torna-se existente ao ser nomeado por Adão: *dito e feito*. A consequência disso, da ótica adâmica, é uma restrição das alternativas, que também é fruto do desvelamento de sentidos possíveis, que permite emergirem aqueles anteriormente não imaginados, mas latentes. Da perspectiva do paciente, tomados os intertítulos conjuntamente, haveria, um elo entre emersão de possíveis e construção de preconceitos.

¹¹⁷ A frase prossegue: “Belo nome. Eu, titular em língua de Ur, adâmico Shreiber (...)”. Além da associação já feita com um “Adão” quase psicótico – semelhante a Schreber, nesse sentido – mas devido ao efeito do vórtice no processo interpretativo, soma-se a possibilidade de uma associação com *Urfaust*, a inacabada interpretação de Goethe acerca do Fausto. Seria, digamos, uma primeira versão, incompleta, adâmica.

O *pacto terapêutico* (p. 99) referido por “Adão” remete ao pacto bíblico de Adão com Deus, antes de sua expulsão do Paraíso, prometendo obediência ao Criador. Remete também, considerando-se o intertítulo-interpretante anterior, ao pacto selado por Fausto com o diabo. O pacto adâmico da ficção freudiana não é um ou outro, embora guarde a aparência de ambos: é com o método psicanalítico, que transforma “Adão” – no *zôo* – em *Homem Psicanalítico*.

“Fiel à palavra” implica fidelidade ao sentido, surgido do método interpretativo por ruptura de campo. O destinatário de “Adão” (*senhor* nele, intrapsíquico e/ou fora dele) é fiel aos sentidos que emergem dele: o método interpretativo é o deus contemporâneo (ou o diabo) das psicanálises. Paralelamente, talvez caiba a pergunta: estariam os elementos para essa interpretação já implícitos na *Bíblia*? Pode ser, mas colocar a pergunta implica um olhar interpretativo. Na ficção freudiana, “Adão” opta pela árvore do conhecimento que nutre o *ceticismo preventivo*, fundamental ao método interpretativo por ruptura de campo e não apenas um estímulo ao *trabalho*.

As referências e metáforas do parágrafo contém um híbrido de sentidos bíblicos e militantes (como anteriormente observado nessa ficção freudiana), como que representando um luta (*regime, urgência, talvez, palavra empenhada* [p. 99] que para mim ecoa a expressão *literatura engajada*). A interpretação analítica é uma “luta”, no sentido de que implica resistência ao método psicanalítico, ao mesmo tempo que busca esse processo, o que aparece metaforizado no entretom militante e linguajar marxista. Em certos momentos, a “análise” adâmica é representada como lutas sociológicas, embora a verdadeira luta de “Adão”, ao que parece, e conforme indicado pelo título dessa ficção, é por uma identidade.

A descrição dos movimentos feministas no correspondente intertítulo-interpretante lança luz a essa luta, a partir de uma temática semelhante, porém incluindo a ideia de feminino e de preconceito para com este, que estaria latente no discurso adâmico. O tom é, como quase sempre, irônico, pois as mulheres bradam pela emancipação feminina e atiram ao fogo “sutiãs, corpetes de vários modelos, espartilhos de barbatana de baleia etc.” Isto é, já foram

emancipadas. O foram de uma perspectiva sociológica, mas ao que tudo indica não da ótica do preconceito, nem do próprio desejo: elas continuam insatisfeitas.

A mulher seria – pode-se depreender desse intertítulo e de sua inclusão na ficção freudiana – fruto da perspectiva masculina. Compreende-se mais claramente porque Eva não está na narrativa adâmica, nem tampouco outra mulher, se não por alusão. Há alusões à Mulher, enquanto ideia, ao casamento (presumivelmente convencional), e à Mãe (estereotipada como nos anos 1950, que prepara o lanche da tarde). A mulher produzida pela personagem, pela única personagem cujo foco narrativo é claro, é forjada pela expectativa adâmica.

Mas há mais ironias. Na abertura de *De como não ser o Messias*, um velho professor (Freud) é situado (anacronicamente) entre os movimentos feministas, estando suas participantes portando sombrinhas, terços e laptops (juntando mulheres de séculos distintos) e subindo elas a “Avenida Central de Límbia” (p. 102) (destacando-se não o momento histórico, desfigurado, mas o sentido interpretável da cena). O velho professor indaga: “afinal, que querem as mulheres?” (p. 102), citando uma conversa de Freud com Marie Bonaparte em 1925 [“Was will das Weib?”], citada por Ernest Jones (1953/1989: 416 e 429); citação de citação de citação oral, bem entendido, que se tornou famosa. Na cena impossível montada, Freud observa, ao lado da filha Ana, uma passeata feminina, e repete sua pergunta a Marie Bonaparte, que seria originada de sua concepção sobre o feminino.

Freud não mudou seu ponto de vista no início do século XX, mas não sabemos se ficaria preso a ele caso sobrevivesse à 2ª Guerra. Parece ser um sentido suscitado pela narrativa: as perspectivas transformam-se com o tempo, com os pontos de vista, e essa ficção freudiana cria um “Freud” pós-guerra, embora reincorporando o Freud conhecido, propondo uma sua *destruição*. Nos tempos vitorianos, que inspiraram as teorizações freudianas, sabemos que a pressão sobre as mulheres era tão pungente – conforme se observa no atendimento às pacientes histéricas – que é provável que se tornasse indistinguível para o observador o derivado da cultura e o nascido com a mulher. A pergunta “afinal, que querem as mulheres?” é uma grande sacada, mas é provável que no século XXI o problema do sexo

feminino seja muito semelhante ao do masculino: considerando-se *desejar* como diferente de querer e desconhecido da consciência, o que *deseja* o Homem (*adões*, homens e mulheres)?

O contrário do preconceito, o *possível* levado às últimas consequências na expressão do intertítulo-interpretante, seria “o direito de não ser” (p. 111). De não ser Messias (que implica, necessariamente, mãe judia, por exemplo), de não ser judeu, de não ser mulher e de não ser qualquer outra coisa, considerando-se o nome prescritivo, a identificação *à priori*, como restritivos dos possíveis: o direito de não estar preso a uma infância, ou à ausência dela.

“Adão”, nascido adulto e sem infância, aparentemente teria o direito de não ser um *homem* no sentido convencional. A personagem sonharia seu passado, sua infância, sua identidade, a seu “bel prazer”. Entretanto, ironicamente mais uma vez, “Adão” é personagem ocidental, e suas associações (criações de quem o *age*) são plágios distorcidos de interpretações de outros, de toda a história do conhecimento – como se viu – e também da Teoria dos Campos. A grande ironia seria, portanto, que “Adão”, nascido sem passado ou contexto, cria-se homem da cultura ocidental convencional do século XXI, influenciado pela história do mundo. O *autor implícito* tem a função da cultura, nesse sentido, de imprimir no sujeito sentidos externos, restritos: mesmo a utópica personagem não teria o utópico direito de *não ser* alguma coisa.

O vórtice adâmico nessa dupla de intertítulos é representado de uma forma outra que anteriormente: quase que invariavelmente por binômios, num longo parágrafo (pp. 100-101). Destaco alguns deles, tomando também alguns que não são binômios: “Cai em Babel.” (A queda de “Adão” do “Paraíso”/zôo o lança numa babel de sentidos. Ele não tem irmão – nem irmã, primos ou semelhantes quaisquer – como Caim tem a Abel. O seu é um conflito, a meu ver, intrapsíquico.) “Mulher que não é.” (A *mulher*, dissemos, teria sido inventada pelo homem. Ela é e não é, rigidamente, portanto.) “Deuses únicos, aos montes, saltando de alegria (...)” (Aqui parece Adão haver assimilado algo a partir do interpretante-epígrafe do intertítulo-interpretante *Escrituras*, precedente: “Os montes saltaram de alegria

como carneiros, as colinas, como cordeiros” (p. 87). Fez à sua maneira: são os deuses, planos e unívocos, sem conflitos, que saltam, não nos montes, mas aos montes. O tom das citações, pueril-irônico, é semelhante e parece haver sido assimilado.)

Outras ideias podem ser retiradas dessa dupla de intertítulos. Por exemplo, é rerepresentado o conhecido conflito adâmico: “(...) tal Vós em mim”/“Tua voz em mim” (p. 100) No campo transferencial indiferenciam-se a voz do *senhor* (interno ou externo) e a de Adão. Tratar-se-ia de uma voz externa (um *vós*) na personagem e/ou de uma outra voz sua? Paira a questão. Quanto ao preconceito, o velho professor (em sua versão contemporânea) interpreta: quanto mais se alimenta uma fantasia, mais ela cresce. Torna-se preconceituosa, mas disfarçada de conceito: “um caso inédito de histeria coletiva transcendental” (p. 102), é a sua observação sobre as mulheres reacionárias, ululando. O “Deus machista” (p. 111) – que elas acusam ao final do intertítulo – não seria de fato um deus machista, mas uma projeção: “só a multidão age por motivos precisos, só as abstrações sofrem de psicologia” (p. 103). A condição humana, tanto individual como coletiva, implica o seu contexto, que é sua criação.

Desconcluindo, *À porta do Zôo* (pp. 111-113)

Pela cura do preconceito, que deixou de ser uma questão para Adão, no sentido de deixar de produzir o *vórtice*, ele pode ter uma infância possível. Por via de *literacura* – uma *destradição* das autorrepresentações de si – Adão atinge sua cura psíquica, seu ponto de maturação, conforme fica revelado em seu discurso: ele assimila uma interpretação de si para si. É nesse sentido que o intertítulo compartilha daquele que o precede (como também de todos os anteriores), curando-se o preconceito, principalmente aquela ideia comum de infância em Psicanálise, tomada em consideração a experiência adâmica.

Vale ressaltar que o meio e o fim do método psicanalítico são o mesmo, sendo encontrado ao persegui-lo. Ou seja, a *literacura* adâmica é tanto a via de seu percurso, como o resultado decorrente de percorrê-lo. Isto desde a primeira página da ficção freudiana. A diferença aqui é haver-se atingido o tal ponto de “maturação”. Nas palavras de Adão: “Não é preciso acompanhar-me, sei o caminho” (p. 111). Literalmente, pode-se pensar num Adão

cada vez mais familiarizado com o Jardim do Éden/zôo (também metáfora do inconsciente). Metaforicamente, a personagem tem se aproximado e assim participado do caminho da *cura* psíquica. Outrora dependente do *senhor* – “outro” coadjuvante – Adão já caminha com as próprias pernas, com as próprias ideias, em seu *monólogo interior*, tendo adquirido certa bagagem analítica.

A personagem explicita: “não se trata de *reincorporá-lo*” (grifo meu; seria reincorporar o outro – presumido –, assim como o sentido em questão, numa determinada fala), pois o que é interpretado, mesmo que pareça repetir-se/externo, não repete, nem se incorpora da mesma forma: vai se transformando. Por exemplo, o *DingDong* transforma-se em, ou a partir de, *Dingwiederholungszwang*. (p. 111) Pode-se pensar que “reincorporar” é sempre um ato de “destradução” (a tradução é impossível, vimos com Foucault, 1994/1969 e 1975/1997), já a destradução é possível porque implica interpretação, necessariamente criativa). Assim, *Dingwiederholungszwang* – destraduzido de *DingDong* – contempla *Ding* (coisa, em alemão) + *Wiederholung* (repetição) + *Zwang* (obrigação, em alemão): a coisa repetida obrigatoriamente ao infinito, sem criação, torna-se infértil.

Embarcado em seu próprio *delírio lúcido* – o delírio às avessas que permite penetrar a composição dos possíveis própria à experiência humana (Herrmann e Herrmann, 2012b: 120) – Adão é análogo, até certo ponto, à personagem de Bloom. Eis que exclama: “Se é fato a história da vinha, Noé foi o gênio. Faça-me o vinho! (...) Muito tempo houve que passar, até que se disse: É perfeito o vinho.” (p. 111) A inspiração para a exclamação, por um lado, é bíblica (*Gênesis* 9: 18-5); que relata a história passada após o grande dilúvio, em que Noé ancorou a barca no Monte Ararat (atual Turquia) e desembarcou com os filhos Sem, Cam e Jafé. Então, “começou a plantar a vinha” (*Gênesis* 9: 20), presumivelmente sem saber como se fazia o vinho. Mas como aprendeu? Nesse sentido seria *genial*, inovador, tendo restado aos legatários, nessa interpretação um tanto quanto herética, aperfeiçoar sua técnica.

Os trocadilhos, plágios e imitações são – num certo sentido – como a criação do mundo por Deus, que de acordo com a tradição judaico-cristã cria o mundo a partir de literalmente

nada – isto é, sem *script* – e o faz ao longo de seis dias. Mas no criar adâmico está sendo ironizada essa ideia, pensando o improvisado das criações. Na tradição judaico-cristão a imagem é de se criar perfeição. O primeiro elemento divino criado é a luz: “Faça-se a luz” (*Gênesis* 1: 3). Noé, que não é Deus, mas homem – embora, segundo a *Bíblia*, um homem que viveu 950 anos (*Gênesis* 9: 29) – também cria sem experiência prévia. Cria o vinho, diga-se de passagem, menos fundamental que a luz; e não para o mundo (*faça-se*), mas para si (*faça-me*), como soem agir os homens. Milhares de anos depois (outro anacronismo adâmico, cuja perspectiva é discutível), com muita experimentação tecnológica e tradições de cultivo de vinhas, pôde-se (ou algum dia se poderá) dizer que foi atingida a perfeição na produção do vinho.

É nessa espécie de *fluxo de consciência* por livre associação (esta característica daquela), monológica, que se encontram as evidências para uma *cura* psíquica de “Adão”. Por exemplo, a ideia de que alguém (não gênio, mas de bom gosto) bradou: “faça-se o queijo!” (p. 111), “plagia” na narrativa adâmica uma ideia da Teoria dos Campos que metaforiza a ideia de cura como *queijo curado*, isto é: o paciente em que houve ação do método seria como o queijo curado tornado plenamente queijo daquela espécie. Não o queijo que não chegou a seu ponto de cura, ou hiper-curado, por exemplo, mas curado, pois atingiu sua “maturação”. A metáfora, antes de ser adâmica (plagiada), é de Herrmann (2000a). Conjuntamente, a imagem de vinho e queijo é pensada como método psicanalítico (o gênio da Psicanálise) e a prática clínica (que exige apenas um bom analista, como um bom queijo, entre tantos). Nesse sentido, trata-se de um “plágio do vinho e do queijo – que, se bem curado, cura.” (p. 112).

Considere-se a, digamos, mistura literária presente na seguinte conclusão adâmica: “Os produtos do pensamento – a emoção viva, a rememoração hipotética, a experiência bruta, afeto, representação e a Coisa de Palavra, ciência e consciência – há que avaliar com método antes de os tragar. O apressado come cru. ADão ADeus: fica nos Seus, que estes são meus.” (pp. 111-112) Citações pelo avesso; “plágios críticos” (Herrmann, citado por Leda, 2004/2007: 21).

Alhos misturados a bugalhos, criando um terceiro que é outro (talvez, bagulhos, baralhos...). Herrmann mistura propositadamente conceitos com condições emocionais, portanto, ao explicitar os “produtos de pensamento”, mostrando que o método psicanalítico age pela incorporação de um sentido, para além da palavra, como se vê representado pelo silêncio d’o *senhor*, na narrativa adâmica. A cura não se dá na explicação, mas ao longo do processo, isto é, na ruptura; não é intelectual, mas psíquica. Explicar, muitas vezes, é “comer cru”, sem necessariamente assimilar o que se incorpora, pois embora a explicação possa trazer alguma alívio, a assimilação de fato, como se disse, não é intelectual, experimenta-se.

Por exemplo, ciência e consciência não formam um par comum, que antes seria talvez consciente e inconsciente (mas este discutido criticamente pela Teoria dos Campos desde Herrmann, 1979: 177-203) ou ciência e arte (controverso, pois há quem destaque um método interpretativo nas artes, como Herrmann, 1999a: 7-42 ou Candido 1957/2009). Como está, a expressão “ciência e consciência” (p. 111) remete-me a ciência com ciência, no sentido de estar ciente – afinal trata-se do fim de uma “análise” – e de a *ciência* ter se dado pela *ciência*, isto é, pelo método da Psicanálise.

Por sua vez, “Experiência bruta” (p. 111) é uma expressão paradoxal, numa perspectiva da Teoria dos Campos, ou de Benjamin (1933/2008), por exemplo, que pensam a experiência sempre como interpretação da experiência ou da vivência. Isto é, os “produtos do pensamento” de fato são frutos de interpretação, na tensão entre invenção e descoberta, como vimos. Não se os deve julgar aprioristicamente mas permitir que ajam, pois a interpretação não se compreende de antemão: para que seja analítica, experimenta-se. Já “representação e Coisa de Palavra” remete aos conceitos freudianos de representação de coisa e representação de palavra. Trata-se de uma advertência contra a aplicação direta de conceitos teóricos em Psicanálise.

Os *meus*, aqui, são os interpretantes assimilados e identificados por Adão (como por qualquer paciente que se submeta a um processo analítico). Há uma diferenciação entre *meus* e *seus*, portanto, entre “analista” e “analisando”, superada a simbiose inicial

Deus/d'eus. Ou seja, no início de uma análise, a questão “quem faz o que é feito” ou “de quem” é a interpretação é muito frequente. Muitas vezes é inclusive persecutória para o paciente, que se surpreende ao ver surgir o sentido e ser tomado em consideração, como que apesar dele. Com a ruptura de campo, esta questão, se não pode ser respondida, pode ser superada.

A frase “ADão ADeus: fica nos Seus, que estes são meus” soa enigmática, mas pode ser pensada de diversos ângulos. O verbo *dar*, implícito em *ADão* (terceira pessoa do plural do presente do indicativo) e *ADeus* (terceira pessoa – porém com “s” que, ambigualmente, indicaria plural – do singular do tempo passado), por exemplo, muda de tempo verbal, do presente do indicativo ao pretérito perfeito, metaforizando o tempo da cura psíquica (o condicional). Quem (e quantos) dá (ou dão) o quê na interpretação psicanalítica? Também estão implícitos nessa frase os múltiplos *Eus* da Teoria dos Campos, sujeitos e objetos de interpretação, conforme se viu na interpretação do *No Zôo* precedente.

O objeto indireto surge na expressão “ADeus”. Dar a quem? Dar a Deus. Com a cura surgem, entretanto, os *Seus* e os *meus* objetos (seus e meus *Eus*, também). Discrimina-se Adão d’o *senhor*, curando-se da “neurose dedutiva de transferência” (p. 92) ao superá-la, o que é forte indicativo de que foi atingida sua *cura* potencial. Apesar do *m* minúsculo (meus), Adão apropria-se da autoria de sua história; os *meus* de Adão não são autoritários ou fixos, mas fluidos, estando em risco de se perderem.

Adão metaforiza o processo a que se submeteu e o organiza. Nesse sentido, conta a história de seu processo para si mesmo: “Conhecendo que explicar descarta [faz uma nova interpretação] (...) Contar a história já criada, mas de tal arte que o que era venha a ser em seu não sendo. Plagiar, imitar, parodiar, parafrasear, alterar minimamente, errar um pouco o necessário erro ao recontar, subir e verter geniosamente. Plágio do vinho é o queijo (...) Interpretar não é retraduzir, mas destraduzir.” (p. 112) O que *vem a ser em seu não sendo* é o que não havia, mas se produz, trazendo consigo um passado e um futuro novos para o presente que nasce: trata-se, como vimos, do tempo da cura psicanalítica. Assim, contar uma história implica, de fato, criar um passado e um futuro possíveis.

Nesse sentido, interpretar não é inventar, mas traçar o caminho da história ao contrário, (re)considerando-a e, assim, *destraduzindo-a*. O processo é genioso (como as pessoas) e é engenhoso, talvez genial: implica resistência e engenho, condensado por Adão, como: “verter geniosamente”. “Plagiar, imitar, parodiar (...)” é uma definição adâmica para seu processo; trata-se da representação que tem Adão da própria *língua adâmica*, descrita por Herrmann (2007).

Adão produz mais plágios, imitações, paródias, mais *língua adâmica*, enfim, que podem ser tomados como “provas clínicas” de sua cura: “Quem faz com que – Faça-se a luz! – e quem de nós a paga e conta? Quem arca? (...) Plagio-vos que me plagiais. (...) Plágios duplos, triplos, pólipos. (...) Literacura. (...) Trata-se: De reordenar os possíveis.” (p. 112) O *senhor* – metaforicamente tanto Deus outro de si, como além de si – fez a luz. O fez como que num passe de mágica. Interpretou e “nasceu”. Mas quem arcará com as consequências dessa invenção será Adão, que pode representar cada homem (que paga a *conta* de luz, a *conta* do analista) trabalhando quotidianamente os produtos dessa interpretação, *contando* a sua narrativa, é humano; perdemos a *conta*, se a tínhamos, de quantos passam por esse processo.

Então *quem faz?* É esta, como estamos vendo, uma pergunta princeps do processo analítico. O paciente? O analista? *Faça-se* implicaria um outro de Deus? E quem faz o quê? Como isto se aplica ao caso adâmico, em que não fica claro haver um outro, externo a Adão. A resposta possível: é o método psicanalítico que(m) faz.

Em mesma esteira, pergunta Adão: “Quem acha afinal que é deus? Quem de nós? Onde mais ocorre o dito e feito? Onde mais a palavra cria e descrevia, descrê e cura?” (p. 113; questão desenvolvida também no texto não publicado c)¹¹⁸ No Campo Transferencial, como que se fundem sujeito e objeto da interpretação, tornando-se indistinguível o seu agente. É

¹¹⁸ A ideia desenvolvida no texto é que a tensão entre os sujeitos que cria o ato falho a dois, a interpretação.

nesse sentido que a Teoria dos Campos fala que o sentido é produzido *entre* analista e analisando.

Concluindo, Adão afirma usando de linguajar poético: “O vazio da infância estofa-me a consciência. (...) Desmulher desdeus.” (p. 113) A frase faz pensar na formulação sobre o estofado da consciência ser o inconsciente, como também na relação tradicional, em psicanálise kleiniana, da infância precoce ser constitutiva do inconsciente. Assim a frase soa irônica, pois nesse paciente “Adão” que não teve infância – ela é realmente um vazio. O que lhe estofa a consciência é a infância que passa a haver pelo influxo da análise adâmica. O drama de “Adão” é também o de todo homem, que falando com D/deus, não pode escutar de fato a sua resposta.

Tomando o sentido do intertítulo antecedente, interpretação e cura se dão no caminho da cura dos preconceitos, da superação dos congelamentos. *Desmulher* pode ser pensado como o superar do conceito de sexo feminino, a partir do masculino, do que seria um “homem faltante”. *Desdeus* seria a superação da subordinação interpretativa ao *senhor*, como vivera a personagem. Assim, são os dualismos que são relevados na cura.

Adão define: “Proba probabilidade Dele, a infância de Adão nada é, senão que do presente condiciona.” O título da ficção freudiana, nesse sentido e para além do da trama, é uma metáfora para o tempo da cura em Psicanálise. Para concluir, a personagem cita de forma canhestra alguns dos inspiradores de sua personagem: *Ninguém, em pessoa*. O Odisseu homérico disfarçado do episódio do Ciclope, combinado a Fernando Pessoa – sempre disfarçado, a ponto de esvaziar-se de qualquer identidade – dão *Ninguém*; tomado por Herrmann (citado por Leda, 2004/2007) como “protótipo e paradigma do sujeito, nascido de maneira original” (p. 375). *O de seus* (Odisseu e os eus do *senhor*) *Não É*. (Noé e o dualismo – shakespeariano, mas não só – ser e/ou não ser). Ocorre seu processo interpretativo pelo tempo da *cura*, transformando os sentidos dos grandes pensadores da humanidade, por ex-citação e (des)criação de sentidos.

Encerra Adão, dizendo: “Contrato encerrado (...) Altíssima cura.” Pacto selado tornado contrato encerrado, não pelo (imaginado) altíssimo senhor, mas pela (constatada) altíssima cura. E em seguida, eis a meu ver a maior “evidência” do processo de cura psíquica, esta literária: “Ao contrário da outra, desta vez foi Adão quem fechou a porta por fora. À chave.” (p. 113) Definiu-se um narrador da experiência adâmica. A introdução da terceira pessoa no intertítulo *No Zôo* final, intitulado *À porta do Zôo* – dentro e fora deste ou, no dizer da Teoria dos Campos, com um pé dentro e outro fora do *campo* – implica uma transformação, por maturação. Da imersão plena no processo interpretativo, Adão passou à consideração absoluta, pois introduziu-se a terceira pessoa. Uma voz que não a “sua” ou oficialmente sua, finalmente fala, diferentemente da (hipotética) do *senhor*.

A história de Adão pode ser narrada para alguém, porque há o outro. Seja outro de si, dividido subrepticamente, seja outra pessoa, externa, posto que do ponto de vista da representação de outro, tanto faz. Inaugura-se, com esse narrador, digamos uma tradição oral para Adão (que já contava conosco, leitores, mas de sua perspectiva não fomos interlocutores, pois estamos em outro plano que o da narrativa). Não há mais apenas uma voz, mas no mínimo duas: Adão deixou de ser uma personagem que fala sozinha, único no mundo, tendo sido possível acompanhá-lo em seu processo. Em comparação à narrativa bíblica – lá não pode fechar a porta do Éden porque foi dele expulso – Adão sai do *zôo* sem ser expulso e ainda fica com a chave. Não a chave fixa de uma interpretação, mas a de sua forma, que permite, conforme necessário lhe for, entrar e sair produtivamente do campo da interpretação, metaforizado como *zôo*.

* * *

A partir dessa análise, pode-se dizer que *A infância de Adão* inaugura um método de escrita, mesclando e se inspirando nas técnicas e temáticas de autores célebres, dos quais destaco, além de Joyce (já mencionado), Kafka, Pessoa, Borges, Guimarães Rosa, Marx e logicamente Freud. O resultado – dissemos – é uma *literacura*, isto é, a junção de forma literária e método interpretativo por ruptura de campo. Como venho propondo, trata-se de uma psicanálise como forma literária, aqui engendrando adicionalmente uma *unidade*

estética, que a partir de Herrmann (2007) venho particularizando nesta *ficção freudiana* e nomeando de *língua adâmica*.

Como é que isto se dá? Em *Notícia de Límbia*, o narrador já explicitara ter Joyce inaugurado um método literário próprio (2002a: 27). Abonada essa perspectiva, parece-me possível pensar que ela se caracterize pelo recurso ao *fluxo de consciência* que, embora não fosse inédito, ganhou novas e múltiplas roupagens no *Ulisses*. Cada capítulo da novela de Joyce é narrado de uma forma muito diferente do anterior, implicando experimentação com inúmeras formas narrativas. Joyce revoluciona a forma *romance*, inclusive dentro da perspectiva do fluxo de consciência.

Paralelamente, tenho considerado, com apoio em Casares (1940/2010), que Borges (1944/2009) criou “um novo gênero literário que participa do ensaio e da ficção”. O fantástico está no raciocínio das ficções de Borges, mais que nos fatos, nos explica Casares. (pp. 12-13).

A partir destas brevíssimas considerações acerca de Joyce e Borges, torna-se possível tomar *A infância de Adão* como paródia joyceano e borgiana, seguindo a ideia de paródia como “canto paralelo” destacada por Campos (1981/2008) produzindo uma “(re)produção” criativa. De fato, a mistura de elementos literários tomada por Herrmann – já quase explícito – abriga-se no guarda-chuva do método psicanalítico, caracterizando a estrutura das narrativas e produzindo uma ficção literária em psicanálise. Esta é caracterizável como *unidade estética* no sentido de Candido (1957/2008), inovadora tanto de seu aspecto linguístico e formal, como temático (as teorias da Teoria dos Campos).

É nesse sentido que considero *A infância de Adão* como principal *ficção freudiana* do livro, paradigmática, que traz uma contribuição única e fundamental à Teoria dos Campos. É também central para a ideia de *literacura*, de pensar-se a Psicanálise como forma literária. Para além de dar nome ao livro e de compor seu capítulo mais longo, o fato de *A infância de Adão* ter sido escrita como *língua adâmica* marca um divisor de águas, a meu ver,

configurando uma forma original tanto de *fluxo de consciência* como de associação livre, isto é, de fala analítica construída pela ruptura de campo.

Para retomar brevemente, a psicanálise adâmica representa o *vórtice* mais ou menos intenso, contraposto – nalguma medida – a momentos de assentamento, o que é observado nas psicanálises. Por outro lado, trata-se de uma linguagem extremamente regular, no sentido de sua *estrutura* explicitar o imbricamento literário com a Psicanálise. Consideremos algo que o próprio Herrmann diz sobre a escrita joyceana (Herrmann e Herrmann, 2012b), que dá uma dica da ideia que estou buscando transmitir, reforçando-a: “*Ulisses* é o interpretante de todas as obras, não o contrário. O que ele produz na obra literária? Uma ruptura de campo. Uma tentativa de cura. Para nós, uma introdução à estética da interpretação.” (p. 118)

Assim como *Ulisses, A infância de Adão é interpretante* de múltiplas obras literárias, todas ao mesmo tempo, mas não o tempo todo, o que ficou evidente desde o primeiro parágrafo do primeiro intertítulo. Radicaliza a ideia de condensação de referentes, porém sempre representando o *vórtice* do “paciente” que chega à sua “análise”. Em grande parte, Herrmann atinge seu resultado à semelhança de Joyce, criando neologismos, condensando sentidos, criando aliterações e (des)encontros sonoros, que nessa *ficção freudiana* penetram a forma da própria psique do homem. Essa criação linguística quase que invariavelmente vem carregada de ironia, fiel escudeira ao longo da obra de Herrmann.¹¹⁹

Na perspectiva de Psicanálise aqui empreendida, que se vem buscando delinear, a condensação de sentidos não foi inventada por Joyce, Freud, Herrmann ou outro escritor: ela se deve a uma propriedade da comunicação humana, a já referida *equivocidade da palavra* (Herrmann, 1979/1991a, 79-84). Mostram Herrmann e até certo ponto Freud (1915a/2003) que a produção clínica – sendo compreendida como clínico-literária – vale-se do caráter polissêmico da palavra para a produção de sentidos. Tanto Herrmann, Joyce e

¹¹⁹ Talvez se pense, por exemplo, *Bondade* como exceção, cujo tema não comportaria um tom irônico. Entretanto, mesmo nessa narrativa é possível destacar uma ironia leve, como ao se contrastar o olhar um tanto quanto cético do narrador com a perspectiva de vida da mulata senhora, a mulher forte na barca.

Freud como o psicanalista que atende no consultório teriam sua escuta *descentrada* para sentidos que emergem, e isto ao escrever, no caso dos escritores, e ao intervir na fala do paciente ou escrever, no caso das psicanálises faladas. É essa propriedade da palavra humana que permite a escuta conotativa, caracterizada pela contemplação de sentidos outros. A empreitada original é tomar essa característica da fala humana e transformá-la em literatura de ficção, no e pelo método interpretativo da Psicanálise, entremeando os campos de literatura e da clínica psicanalítica, entendida toda a produção interpretativa de Psicanálise.

Concluo a análise com a seguinte citação (dita *diurna*, que espreita o *noturno* [2002a], como esta aquela): “(...) o homem, em qualquer forma que o apreendamos, é a tradução infiel de um livro que nunca teve edição original.” (Herrmann, 1998/2006a: 28). Borges, Freud e Benjamin entrelaçados, o *adão* que é por não ser, a personagem e cada homem.

3.v. Ressonâncias no campo da crítica literária

Encontrei apoio principalmente nos artigos de dois autores críticos literários, tanto para as análises das ficções freudianas escolhidas, quanto para a formulação mais específica desta tese. Isto para além das discussões buscadas em Candido (1957/2009) sobre os conceitos já citados de *função*, *estrutura* e *unidade estética* da obra literária. Esses dois autores são Adélia Bezerra de Meneses e Davi Arrigucci Jr.

Com Meneses (2005) encontrei uma perspectiva adjacente à de minha investigação mais ampla. A autora trabalha a partir do campo da literatura de ficção, particularmente do *Grande sertão: Veredas*, e chega ao que classifica como a *função terapêutica* da obra literária, que “age sobre nós, atua no nível psíquico” (p. 123). Ela cita Guimarães Rosa, elucidando sua aproximação de Literatura e Psicanálise pelo *leitmotiv* de Riobaldo: “O senhor me organiza”. A citação é recorrente também no artigo de Meneses, pois ela aproxima *O senhor* enquanto literatura ordenadora – na metáfora de Rosa em que Riobaldo se dirige a um interlocutor que não emite palavra – a *O senhor* enquanto psicanalista que, diz ela, “tem o *suposto saber* encarnado” (p. 126).

Meneses explicita: “Para o Poeta a arte é isso: organizar a experiência, traduzir a vertigem em linguagem.” (p. 124) E ela define poesia: “aquilo que hoje chamamos de Literatura, como uma mimese, uma representação da realidade – construída de maneira tal, que suscita emoções e provoca um efeito: a catarse das emoções que mobiliza.” (p. 123)¹²⁰ Para Meneses, Literatura, assim como Psicanálise, tem função terapêutica – curativa, ordenadora.

É nesse sentido que parece-me possível afirmar que o estudo de Meneses percorre um caminho “inverso” ao da teoria do análogo, inclusive conferindo-lhe certa “verificação esdrúxula”, que é característica dos achados das ciências humanas: Meneses (2005) e Herrmann (2006) chegam a lugares/propostas semelhantes. Isto é, assim como a teoria do

¹²⁰ Essa interpretação foi discutida por Meneses num Encontro da Teoria dos Campos (2003), transformado em livro (2005). A citação é desse livro.

análogo constata que a Psicanálise nasceu pelo circuito análogo da Literatura, Meneses encontra função terapêutica na Literatura. Da Psicanálise para a Literatura no primeiro caso e, no segundo, da Literatura para o cerne da Psicanálise, a função terapêutica de seu método. É nesse sentido que Meneses apresenta uma relação intrínseca entre Psicanálise e Literatura, a meu ver, tal como Herrmann.

Quero lembrar, também, alguns pontos da entrevista de Arrigucci (1998) para o *Jornal de Psicanálise*, 31(57). O autor considera a arte da narrativa e enfatiza certa dificuldade de composição da narrativa, e se lhe impõe a questão: qual seria a justa medida entre narrar detidamente uma cena e sintetizar rapidamente algumas ideias, consideradas importantes? (p. 15)¹²¹ Esta questão é relevante para as *ficções freudianas* de Herrmann: haveria uma justa medida entre a qualidade literária do texto e sua *função* de explorar algum aspecto psicanalítico pela narrativa? Se há uma justa medida, o certo é que ela varia de uma *ficção freudiana* (*Bashô*, por exemplo, que entrecruza poesia e crítica psicanalítica) para outra (por exemplo, *A recompensa merecida* assemelha uma ficção detetivesca).

Arrigucci (1998) considera, noutra altura, a ambiguidade que se instaura na narrativa onisciente, do narrador *olímpico*, que dá sua espécie de testemunho sendo protagonista, pois: “a todo momento pode estar falseando o que narra” (p. 18). Já o *eu* protagonista, como de “A queda da casa de Uscher” de Poe, por outro lado, tem conhecimento da história contada e, até certo ponto, participa dela, mas não é exatamente o centro da história. Na história de Poe – Arrigucci dá um exemplo – a casa literalmente cai, mas o narrador se salva, ou seja, nesse sentido ficou fora da ação.

A ideia é de interesse para se considerar o *monólogo interior* adâmico (Herrmann, 2002a: 77-114), pois o narrador – até então único – é comentado por um outro, na última frase, que constitui o último parágrafo da narrativa, discriminando-se de “Adão”. De quem seria sua

¹²¹ De fato, esse é um problema para toda narrativa, inclusive, o é para uma revisão bibliográfica como esta. Mais que uma revisão bibliográfica, tornou-se esta uma seleção, particularmente no que contribuiu para a interpretação psicanalítica desta pesquisa, de constituírem-se psicanálises como forma literária, em particular, nos exemplos dados, isto é, nas *ficções freudianas* escolhidas e nos meus relatos clínicos, tomados como narrativa.

voz? De um narrador outro, de um *eu* adâmico outro, de uma personagem outra? É semelhante ao(s) narrador(es) de *The judgment* [*O julgamento*] de Kafka (1971b/1912), onde também na última linha aparece um outro a descrever uma cena vivida por Georg, até então narrador-protagonista e único. Até o último momento, os *No Zôo* de *A infância de Adão* haviam sido narrados inteiramente por *fluxo de consciência* adâmica, num contexto análogo ao da situação analítica, mas nessas últimas linhas aparece esta voz outra, misteriosa e inconclusiva.

Mais um aspecto levantado por Arrigucci (1998) é o ponto de vista do ângulo do qual se conta, diferenciando, por exemplo, o narrador balzaquiano, num lado do espectro, das narrativas testemunhais. (pp. 20-21) A opção do foco narrativo tem consequências, explicita Arrigucci. Por exemplo, o narrador em primeira pessoa, protagonista, como Riobaldo, não poderia avançar informações sobre Diadorim. (p. 21) Essa ideia serve para toda narrativa e, é claro, inclusive para as psicanálises narradas. A narrativa adâmica, nesse sentido, apresentaria literariamente o processo analítico enquanto ele ocorre; como no consultório, por exemplo, o resultado a ser obtido – positivo ou negativo – será conhecido apenas com o tempo. Diferente é o caso, por exemplo, de *O escorpião e a tartaruga*, cujo tempo da narrativa alterna presente e passado.

Outro ponto de Arrigucci (1998) que nos diz respeito – particularmente no que se refere à interpretação de *Notícia de Límbia* paralelamente a *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* – é a ideia de não necessariamente os elementos de uma narrativa se sucederem no tempo, conhecida no meio literário por *post hoc, ergo propter hoc* (p. 27), que implica a falácia lógica de imaginar-se uma relação de causalidade entre dois eventos. Esta cai por terra na ficção metafísica, parece-me, considerando que, se a ficção borgiana (*Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*) guarda alguma sucessão de acontecimentos, mesmo que duvidosa e até fantástica, a de Herrmann (*Notícia de Límbia*) a elimina por completo. Essa ficção metafísica descreve, simplesmente, um “lócus ficcional”.

Nesse sentido, não se trata de uma narração, porque “não narra uma ação” (Arrigucci, 1998: 27). Ao mesmo tempo, há um narrador; que não poderia ser o autor, por que nesse

caso não haveria história. Isto é, há de ser o narrador – versão ficcional de seu autor – a produzir as histórias que compõem os capítulos do livro. Nesse sentido trata-se de narrativa. Cortázar (1969/2001) também descreve a questão do tempo e ordenamento cronológico na literatura fantástica:

“(...) o fantástico exige um desenvolvimento temporal ordinário. Sua irrupção altera instantaneamente o presente, mas a porta que dá para o saguão foi e será a mesma no passado e no futuro. Só a alteração momentânea dentro da regularidade delata o fantástico, mas é necessário que o excepcional passe a ser também a regra sem deslocar as estruturas ordinárias entre as quais se inseriu. (...) Na má literatura fantástica, os perfis sobrenaturais costumam ser introduzidos como cunhas instantâneas e efêmeras na sólida massa do habitual. (...) Acrescento que a pior literatura deste gênero é, contudo, a que opta pelo procedimento inverso, isto é, o deslocamento do tempo ordinário por uma espécie de *full-time* do fantástico, invadindo a quase totalidade do cenário com grande espalhamento de espetáculo sobrenatural.” (pp. 79-80 e 81)

Ajudando-me a pensar o primeiro caso clínico que apresento – que está inspirado no gênero literário teatral – Arrigucci (1998) menciona o livro *Metahistory* de Hayden White, que traria diferentes formas de narrar uma mesma história. (p. 34) Um exercício interessante será compará-lo ao meu exercício, tomando ludicamente as formas de narrativa, quando seria mais intuitivo ater-nos ao conteúdo ou sentido da história em si, não à sua forma.

Finalmente, Arrigucci menciona Wayne Booth (1961), explicando o que me parece ser muito similar à ideia de Herrmann de o narrador de seu livro *desdobrar-se* de seu autor, que é ele próprio. Isto é, parece-me ser a ideia que encontro na narrativa de Herrmann semelhante à de Booth, que veio antes. Arrigucci explana: “Mesmo nas narrativas em que aparentemente são as personagens os narradores, há sempre alguém que organiza atrás. E esse que organiza atrás quem é? Não é a pessoa empírica do escritor. Então, é um autor implícito, um *implied autor* (de Booth)” (p. 36). Esse conceito é retomado ao longo da tese, na perspectiva de evitar uma confusão entre a *função* do texto – que concerne o autor, presente no texto a partir do *autor implícito* – e a perspectiva intrínseca da trama, das personagens, do narrador, que não considera essa função ou organização do texto.

Muitas das ideias e explicações de teoria literária de Arrigucci, entre outras, foram retomadas nas minhas análises de *ficções freudianas* e casos clínicos, como já se indicou amplamente. De fato, a ideia de *autor implícito* é central – talvez a mais fundamental – pois desata o que poderia ser um nó para minha investigação: se proponho serem as *ficções freudianas* de Herrmann literaturas de ficção em Psicanálise, como poderia o criador da Teoria dos Campos – enquanto pensador crítico da Psicanálise – revelar tanto de suas teorias na sua ficção literária? Sendo Herrmann autor teórico, além de ficcional literário, ele pode aparecer; mas, imprescindivelmente, *implícito*, ou como *implicado*. (Frayze-Pereira, 2004) É a partir dos nós ocultos (mas *implícitos*) dos bordados literários apresentados no livro de Herrmann (2002a) que se evidencia sua trama. (p. 7-8)

Destaco, portanto, as ideias críticas mais importantes para as minhas análises. Para *Bondade*, foram fundamentais as ideias de *psicanálise implicada* (Frayze-Pereira, 2004) e *Herrmann diurno/Herrmann noturno* – formulada a partir de Japiassú (1976). A psicanálise (com *p* minúsculo porque um particular, não um universal) que constitui *Bondade* estaria *implicada* de teoria, tanto quanto a constituiria. Isto é, fora construída por Herrmann, mas considerando-se tanto uma perspectiva *diurna* dessa ficcionalização (a presença de uma teorização de seu autor, porém não peremptória); quanto *noturna*, expressiva. Para *Notícia de Límbia*, as ideias de *ficção metafísica* de Casares (1940/2010: 14) e *post hoc, ergo propter hoc*, que seria uma falácia lógica (citada por Arrigucci, 1998: 27), foram fundamentais. Já para a análise de *O escorpião e a tartaruga*, fez-se essencial a ideia de uma narrativa *olímpica*, que contemplaria a perspectiva de Nigrius – apesar de não ser ele o narrador – e que “a todo momento pode estar falseando o que narra” (Arrigucci, 1998: 18). *Qual é o foco narrativo?* é uma pergunta que permeia a leitura dessa ficção freudiana: seria a perspectiva de Píter ou de Nigrius? Por fim, *A infância de Adão* contou fundamentalmente com as ideias de *autor implícito* (Booth, 1961/1983) e *fluxo de consciência* (James, 1889/2007), contemplado principalmente a partir de Joyce (1934/1990).

Para o conjunto de análises – assim como as investigações em clínica extensa a partir de minha própria experiência clínica – as ideias de fato fundamentais, que permitiram

trabalhar minha hipótese central, foram as de: *forma* (Mora, 1994/2004: 301-306), requerida na ideia de *forma literária*; *função literária* (Candido, 1988/2004); e *estrutura e unidade estética* (Candido, 1957/2009 e 1961/2006). Foi por estes conceitos – esboçados a partir de Cândido e aliados à *teoria do análogo* de Herrmann (2006b) – que se tornou viável formular minha hipótese, de ser possível considerar psicanálises como forma literária e, portanto, algumas constituírem *unidade estética*. Estas poderiam – num momento outro que não o desta investigação – ser avaliadas como boas ou más, no sentido de desempenharem bem ou mal a sua *função*. Tratar-se-ia então, efetivamente, de uma discussão da perspectiva da crítica literária.

4. Clínica extensa pela narrativa

Parto de terreno conhecido quando digo que todo relato clínico apresenta uma perspectiva, um recorte, uma abordagem. Nesse sentido, nunca, e sempre, é o caso *em si*. Nunca, porque o processo analítico é múltiplo. Sempre, considerando-se cada relato como uma totalidade relativa a si mesma, isto é, construído como relato possível.

Entretanto, se um relato não é o caso *em si*, se o(s) fato(s) clínico(s) não são acessíveis, mas constituem sempre uma transformação do caso pela via interpretativa, por que o analista não assume mais espontaneamente essa especificidade de seu fazer, e narra sua clínica de formas diferentes da *padrão* ou convencionada? Isto é, porque não busca uma estrutura estética que *funcione* melhor que outras – novamente no sentido dado por Candido (1957/2009) – adequando-a assim ao que seria uma espécie de trama clínica?

É evidente que busco resgatar o caráter lúdico da escrita da clínica psicanalítica. Para esse fim, empreendo o exercício aqui proposto com a escrita da clínica, como que “brincando” de anotá-la, mas objetivando não perder de vista a reprodução do efeito terapêutico que caracteriza cada atendimento; caberá ao leitor comentar/discutir/criticar se esta maneira mostrou-se adequada para retratar a clínica, contemplando, por um lado, o exercício da função terapêutica do método psicanalítico nos atendimentos delineados e, por outro, sua forma literária.¹²²

Os trabalhos são foram divididos em três (os subcapítulos), os casos clínicos em quatro (pois duas vinhetas compõem o primeiro trabalho) e os conjuntos são dois (isto é, o 4.i. e o 4.ii./4.iii.). O primeiro conjunto reúne as duas a partir de uma temática, a histeria clássica, e

¹²² Tanto a primeira narrativa clínica resultante desta investigação (4.i.), como a segunda (4.ii.), foram escritas em suas primeiras versões entre os anos de 2005 e 2008, e reescritas diversas vezes depois. Os atendimentos, entretanto, ocorreram antes do início do trabalho da tese. Ao leitor, como a mim, cabe mais outra pergunta: que terreno é este, o da clínica psicanalítica e/ou o da narrativa literária? Uma versão da primeira vinheta clínica, do primeiro caso aqui tratado, foi desenvolvida em coautoria com José Carlos Mohallem, apresentada em Lima, Peru, em 2006, num Congresso da Federação latino-americana de Psicanálise. Versões da segunda narrativa (4.ii.) – a terceira narrativa clínica – foram apresentadas em São Paulo (2009, 2010 e 2012) e Bogotá (2010), em diversos congressos – regionais e brasileiro – e em pequeno grupo, além da já mencionada versão (capítulo 4.iii.), que foi publicada.

os outros dois subcapítulos são maneiras diferentes de contar de experiências obtidas em momentos diferentes, num único atendimento.

Espera-se que estas formas de contar, estas interpretações possíveis de atendimentos psicanalíticos, exemplifiquem a ideia de *literacura* na clínica psicanalítica. Cada conjunto compõe-se de perspectivas singulares dos atendimentos – toda narrativa clínica é singular –, mas ao mesmo tempo retrata algo do dia-a-dia do homem em seu mundo e, dessa perspectiva, talvez cada atendimento possa ser tomado como “prototípico” (assemelhando-se nesse ponto à literatura de ficção). Isto não do humano em seu todo – que seria o humano em seu todo? – mas de alguma perspectiva possível. No primeiro subcapítulo, que reúne as duas vinhetas clínicas, são pinçados alguns aspectos da histeria clássica, como se disse. No segundo e terceiro são feitas considerações da clínica psicanalítica com crianças.

Os casos

O primeiro, digamos “caso clínico” – tomado como conjunto de um relato considerado mais convencional e outro menos convencional – consiste de duas vinhetas curtas, como se disse. Elas tratam clínico-literariamente de dois atendimentos a pacientes históricas, em diferentes contextos: o primeiro dentro de um projeto de pesquisa de certo Hospital Geral universitário que investigava a ideia de *pseudoepilepsia*¹²³ e o segundo numa organização não governamental¹²⁴. Embora o contexto da neurose histórica conversiva aproxime as duas vinhetas teoricamente, concerne-nos – mais do que essa discussão teórico-clínica ou as prototeorias desenvolvidas ao longo desses atendimentos – a questão da *forma* da narrativa, ou seja, do que seria, a partir desse exemplo, a forma literária da clínica psicanalítica.

¹²³ A partir desse projeto, a colega Berta Hoffmann Azevedo publicou, em 2011, sua dissertação de mestrado, defendida na PUC-SP em 2009. O trabalho descreve cuidadosamente a sua experiência de alguns anos nesse grupo de pesquisa. Há uma boa revisão bibliográfica sobre o tema no capítulo intitulado: *As crises pseudoepilépticas* (pp. 42-44). Vale ressaltar que o projeto de pesquisa inicial fora escrito por Lucia, Herrmann et. al. (2003), e intitulava-se: *Avaliação e Intervenção psicanalítica de pacientes com diagnóstico prévio de pseudoepilepsia a partir da Teoria dos Campos: proposta preliminar*. (manuscrito) Como grupo, apresentamos algumas vezes casos clínicos e outras discussões, a partir de nossos resultados clínicos nesse grupo, dos quais destaco *Pseudoepilepsia: avaliação e intervenção psicanalíticas através da Teoria dos Campos*, apresentado em 2005.

¹²⁴ Trata-se da associação sem fins lucrativos CCG Psicologia, que oferece atendimento psicoterápico em bairros periféricos de São Paulo. Fui co-fundadora da ONG em 2007, embora tenhamos iniciado a execução do projeto já em 2004.

Assim, as duas vinhetas foram narradas de formas diferentes: a primeira mais clássica – quase anamnésica – é apresentada no âmbito da clínica psicanalítica e a segunda, menos convencional, se inspira na forma teatral. É em companhia de Leyla Perrone-Moisés (2008) que as proponho. Afinal, para ela interpretar o objeto (dela, Nelson Rodrigues; meu, a histeria clássica de conversão, discutida por Freud desde 1893) “à luz da psicanálise é uma tarefa (...) tão fácil, que nem vale a pena empreendê-la.” (p. 59) Eu acrescentaria que a referência é às teorias psicanalíticas clássicas. Nossa questão – minha e, portanto, de meu leitor – é a *forma* da narrativa.

Na mesma esteira, o segundo “caso clínico” aqui apresentado, o segundo conjunto, nasce do atendimento simultâneo a dois irmãos. Fora publicado mais classicamente em 2011, e encontra-se reproduzido como subcapítulo 4.iii. Na narrativa publicada, o atendimento é exposto, ao que me parece, mais *diurnamente*, isto é, de maneira mais explicativa. Nunca foi um trabalho totalmente clássico – este caso ou sua narrativa – porque tradicionalmente não se atende dois irmãos ao mesmo tempo (e nem há, como se disse, o “totalmente clássico”).

Note-se: optei por manter a ordem não cronológica das versões narradas do atendimento, para manter-se o espírito antisequencial e ensaístico deste exercício, como porque parece-me trazer mais leveza à leitura. Assim, é no subcapítulo 4.ii. que o relato se constrói a partir da experiência já vivida e relatada (como 4.iii.), e cria-se uma forma narrativa outra para transmiti-lo, na melhor das hipóteses *sob-medida* e escancaradamente ficcional. Isto é, a narrativa visa adequar *função* e *estrutura* ou vislumbrar tal adequação.

Como um todo, este capítulo pretende – mais do que explicitar as prototeorias clínicas desenvolvidas nos respectivos atendimentos – problematizar a questão da forma narrativa da clínica psicanalítica, provocando uma discussão sobre esta e, eventualmente, sobre a possibilidade dela produzir unidade estética. Chegaríamos, em última instância, propriamente ao campo da literatura de ficção. Chegada, a meu ver, que foi definida por Oswald de Andrade (1938/2008) – embora provavelmente não fosse essa sua intenção,

considerando-se que falava de sua literatura de ficção, não sendo ele um clínico psicanalítico. Nos diz: “Os andaimes da construção psicológica¹²⁵ não devem aparecer nas páginas do romance [ou ficções curtas, nesse caso]. Nelas, eles se dissimularão atrás da ação, sob os diálogos e as reações dos personagens. Mas, como vos disse no início, não aceito as improvisações da criação literária. Por isso ousei trazer-vos a análise desses dois personagens de *Marco zero*.” (p. 271)” A pretensão destes relatos clínicos é propor como possibilidade, e potencialidade, que a narrativa clínica atinja o campo da literatura de ficção, misturando-se com ele, e nele se transformando.

¹²⁵ Pensando o domínio da Psicanálise como a vida psíquica do homem, tornam-se substituíveis os adjetivos “psicológica” e “psicanalítica”.

4.i. Encontros, desencontros e reencontros com a histeria, via *literacura*

Encontrando a histeria, em 2005 – anamnésico

Atendi Ester na rede pública, em decorrência de um projeto desenvolvido em parceria entre os Departamentos de Psicologia e de Neurologia de certo hospital geral universitário. A perspectiva era oferecer atendimento psicoterápico psicanalítico a pacientes diagnosticados como *pseudoepilépticos* pela clínica neurológica do hospital.

O diagnóstico era feito por vídeo-eletroencefalograma. *Pseudoepilépticos* eram os pacientes que aparentavam ser epiléticos, por produzirem um quadro clínico muito semelhante – ou clinicamente idêntico – ao da convulsão epilética, mas que não possuíam foco epilético no cérebro, isto é, diagnosticável pelo vídeo-EEG. Outros casos eram os considerados “quadros mistos”: pacientes que tinham crises epiléticas, e eram, portanto, epiléticos, mas, adicionalmente, tinham as crises convulsivas *pseudoepilépticas*, isto é, também produziam sintomas que imitavam a crise convulsiva.¹²⁶

Os pacientes eram geralmente mulheres, mas não sempre. Nossa equipe trabalhava com a hipótese de antigos pacientes histéricos – conversivos clássicos: os pacientes freudianos, com os quais a Psicanálise se desenvolveu nos seus primórdios – terem migrado dos consultórios psicanalíticos e psiquiátricos para as clínicas neurológicas. O tratamento que oferecíamos estendia-se pelo período máximo – e a meu ver ingrato – de um ano.

As integrantes do projeto considerávamos esse prazo limitador, pois inviabilizava um trabalho mais amplo. Pairava a dúvida entre nós: o que fazer depois? Uma pergunta semelhante, em *après-coup*, desde outra perspectiva: qual era o *P* – do *Projeto P*. em questão – que o impulsionava?

¹²⁶ Para fins deste trabalho, não entrarei no mérito da discussão acerca das dificuldades diagnósticas enfrentadas pela equipe de Neurologia, considerando-se a tecnologia disponível, a imprecisão do vídeo-EEG e a ideia e forma da indução de crises nos quadros mistos, que implicaria diferenciar as crises epiléticas das não-epiléticas por vídeo-EEG.

Iniciáramos nossa investigação sem essas respostas, e sem formular a segunda pergunta. Além da hipótese de que esse diagnóstico frequentemente abrigasse casos de histeria clássica – perspectiva também aventada, de certa forma, na própria clínica neurológica – considerávamos que nossos pacientes eram atravessados, nesse novo *setting*, por um universo primordialmente médico. Assim, no desenrolar do atendimento de Ester, o discurso, linguagem e tempo da medicina permearam nosso trabalho. Por exemplo, os efeitos da necessidade médica protocolar de corroborar os resultados de outros exames pelo uso da ressonância magnética em máquina pequena, e isto apesar de se tratar, neste caso, de uma paciente histérica e um tanto quanto claustrofóbica.¹²⁷

Para discutir um pouco mais essa ideia de *linguagem médica*, podemos considerar a própria questão do diagnóstico de *pseudoepilepsia*, que nasceu no hospital. Percebi em meus atendimentos, ao longo da participação no projeto – e mesmo depois, a partir de experiências no consultório – que, ao tomar-se o histérico como *pseudoepiléptico*, ficou misturado à nomenclatura uma questão *princeps* da histeria, que é a farsa. Ou seja, na proposta de uma epilepsia *pseudo*, que seria uma epilepsia falsa, entra escancaradamente em questão uma dinâmica que é cerne da histeria: seria o histérico vítima ou farsante? E a proposta toma partido, pois a linguagem veiculada declara o paciente farsante.¹²⁸

Este falso problema, tornado problema de fato, tem origem antiga, no abandono por Freud (1897/2003) da *teoria da sedução* como fato traumático desencadeador do sintoma histérico. Entendida a causa do sintoma como uma criação da fantasia da paciente – seu desejo de ser seduzida – vulgariza-se esse pensamento pela explicação corrente entre os públicos leigo e médico de que sintoma conversivo é uma farsa. É imersa nesse – brevemente delineado – contexto que chega Ester para ser atendida na nossa clínica psicoterápica.

¹²⁷ Acerca do diagnóstico que fiz da dinâmica recorrente em hospitais universitários, que valorizam obsessivamente a eficiência, a tecnologia, a limpeza e a perfeição, negando sentimentos, dor, morte, impotência – até o extremo do possível – e comumente culminando na supressão do próprio paciente: dou alguns exemplos em minha dissertação de mestrado. (Sofio, 2007)

¹²⁸ Stella e Pereira (2003) discutem aprofundadamente a questão do estigma, preconceito e a “conotação no mínimo errônea, quando não abertamente pejorativa” (p. 111) implicados no diagnóstico de *pseudoepilepsia*.

Anotando o atendimento:

A ficha de Ester traz seu diagnóstico do hospital: “epilepsia parcial complexa, distúrbio comportamental, crises neurovegetativas e de ansiedade com rebaixamento cognitivo.” A paciente complementa: “Tenho epilepsia de difícil controle.”

Ela chegou falando confusamente, dizendo haver sido abusada sexualmente, queixando-se ambigualmente, dizendo que sua vizinha a deseja homossexualmente e falando da perda irrecuperável da mãe, que é tudo. Parecendo agressiva e incoerente, me causou perplexidade e desconforto no *campo transferencial* – o que também se devia a minha inexperiência, visto que, afinal, Ester era de minhas primeiras pacientes.

Embarcada na confusão de Ester, eu me afligia. Em certa sessão, do início do atendimento, eu tentava “organizar” o que ela me dizia, provavelmente para apaziguar minha própria angústia. Revelou-se uma tentativa paradoxal, que me afastava do campo emocional que a paciente propunha. Entretanto, já disseram os mais experientes: é errando que se aprende, e acabei por fazer uma descoberta. Havia uma clara contradição no discurso de Ester que pôde se tornar tema de nossa discussão.

Ester considerava que seu primeiro episódio convulsivo teria ocorrido quando ela contava sete anos. Considerava, também, que teria sido causado pelo abuso sexual cometido pelo tio, aos seus onze ou doze anos. Perguntei-lhe: “Como poderiam decorrer do abuso, se começaram antes?” A pergunta surtiu efeito no *campo transferencial*, pois ela já depositara alguma confiança em mim e investigávamos juntas os sentidos produzidos por ela, oriundos de nossas conversas sobre seus sentimentos: Ester não se mostrou perseguida. Por um lado agiu, conforme a descrição de Freud, com *belle indifférence*, consoante ao seu quadro de histérica clássica, tal como vinha se mostrando. Por outro, mesmo que a partir da resistência, percebi em seu olhar que Ester detinha-se para pensar.

(Obs: Ester não deitava no divã. De fato, como boa histérica, ela sequer suportava que eu andasse atrás dela quando a chamava para entrar na sala de atendimento. A ameaça que ela

vivia era sempre a do ataque sexual. Imagine-se a fantasia produzida pela experiência da ressonância magnética.)

Pude perceber que minha intervenção fez Ester reconsiderar sua história em silêncio, sem que para isso se sentisse muito ameaçada por mim. Iniciamos um período de considerações conjuntas, que perdurou o tempo de nosso percurso naquele contexto, às vezes em favor de uma crise das representações, que descongelava sua histeria, outras vezes de maneira mais resistente.

Ao longo do ano de atendimento, Ester foi se mostrando cada vez mais calma. Eu passara a representar um ponto de apoio. Aliás, era com ansiedade que ela vinha ao consultório. Às vezes chegando horas mais cedo, o que implicava ficar me esperando. Desgrudar-se de mim, de nossa sala, era difícil.

Passado o ano contratual de nosso trabalho, continuar o processo analítico em outro consultório mostrou-se ainda mais difícil. Ester tinha medo de, a caminho de um novo endereço, “ter crise”, como ela chamava seus episódios convulsivos. Após alguns meses de tentativas, voltou a procurar atendimento no hospital, depois no posto de saúde e novamente no hospital. Ia dando notícias desencontradas de suas andanças. Conseguia meu e-mail, meu telefone, a partir de fontes variadas. Eu combinava de conversarmos, mas inicialmente ela não apareceu nas entrevistas que fui tentando marcar.

Recentemente pediu que eu voltasse a atendê-la, ao que concedi. Ela veio. Foi com o e-mail cujos excertos reproduzo abaixo, que fez seu pedido:

“(…)estou com muita saudade de vc, qdo passo no **** até me lembro ,de qdo ia lá (...) Quero só uma coisa sua, que possa comunicar com uma outra amiga que adorei,adoro eadorarei sempre (VOCÊ) (...) Só lhe digo uma coisa: ACABAREI VOLTANDO A ME TRATAR COM VC.Senão estiver te perturbando,logo entro em contato com vc novamente. Um abração. ■”

Não há como recusar atendimento a um histórico: ele não permite, nem é ético. Nosso novo acordo teve a intermediação de seu convênio médico.

São Paulo, junho de 2008

(Re)encontrando a histeria em 2006: dor psíquica e teatralidade

Dramatis Personæ (por ordem de aparição)

Técnica (histórica)

Subchefe (“mãe” superegóica)

Chefe (“mãe” acolhedora, transformada em objeto persecutório)

Clodomiro (proativo, representante do universo masculino)

Analista (condensação de projeções/aspirante a *destradutora*)

Cena I (*na sala da chefe, em um abrigo para crianças abandonadas*)

Técnica (*chorando*). Ele me pegou à força. Eu não podia gritar. Tive que beijá-lo!

Subchefe (*gritando*). A culpa é sua! Foi você quem permitiu! A culpa é sua!

Técnica (*prestes a desvanecer, murmurando*). Ele me pegou à força, eu não tive como resistir, ele me pegou à força ...

Chefe (*à subchefe, firme e interrompendo-a, o dedo indicador erguido*). Você está passando dos limites.

Subchefe (*diminui o tom de voz, desarmada*). Ela não poderia...

Chefe (*para subchefe*). Vamos, me ajude.

(*Chefe e Subchefe tomam Técnica pelos braços, sentam-na e lhe oferecem um copo d'água.*)

Técnica (*ainda zonza, mas um pouco recuperada*). Obrigada. (*baixinho*) Não estou sentindo meu braço direito...

Cena II (*no abrigo para crianças abandonadas*)

Clodomiro (*para Técnica*). Bom dia.

Técnica (*assusta-se, vomita, sai de cena muito vulnerável*). Ai, ai, ai. É a voz grossa do meu padrasto... Ai, ai!

Encenação III (*No consultório psicanalítico, passados quase 2 anos. O clima é onírico.*)

Técnica (*deitada*). Faz tanto tempo que aconteceu o episódio com Clodomiro. Ele já foi até mandado embora da instituição, e mesmo assim é tão sofrido... É tão difícil olhar para o

local de trabalho que era meu e dele e não lembrar do que fez comigo... (*Silêncio*) Demorou tanto para minha chefe me dar razão. Ela não podia ter demorado tanto, ela tinha que ter percebido desde o começo que o culpado era ele.

Analista O episódio em si aconteceu há quase dois anos, mas ele continua tocando você muito intimamente, e nesse sentido é bem presente. Pelo que andamos conversando, remete a episódios muito antigos, como quando sua mãe não acreditou que seu padrasto falava que queria “brincar” com você, na ausência dela...

Técnica (*com os olhos cheios de lágrimas*). É mesmo! Foram tantos eventos... Meu pai que falava que queria “brincar” comigo quando eu era pequeníssima, meu padrasto que queria que eu fosse empregada dele, em todos os sentidos. O homem com o facão que me agarrou à força na adolescência...

Analista Com tanto sofrimento embutido que você carrega, não é de estranhar que esteja magoada com sua chefe, assim como com seu marido. Você se queixa de eles custarem demais a acreditar em você. Se eles acreditassem prontamente, talvez isso ficasse um pouquinho mais suportável. Está me pedindo para acreditar no seu sofrimento e te acompanhar na sua angústia. Assim, você também poderá começar a aceitar seu próprio sofrimento, e considerá-lo como legítimo.

(*Silêncio de alguns momentos*)

Técnica. Passa tão rápido o tempo aqui...

blecaute

Anotando, a clínica e a histeria

As duas vinhetas tratam de processos analíticos de pacientes histéricas, ficando evidente seu parentesco com a velha histeria descrita por Freud (1893-1895/2003). No entanto, a forma dos relatos diverge amplamente, sendo o primeiro um relato mais clássico, no âmbito da narrativa clínica psicanalítica. A primeira vinheta é um excerto muito curto que conta, em *tempo longo*¹²⁹, algo sobre o atendimento de Ester. Inclui considerações feitas pelo grupo de pesquisa de que participei, à época, assim como comentários breves sobre o atendimento e o seu desenrolar. O segundo é uma curtíssima peça teatral, também em

¹²⁹ Estou usando a concepção de Herrmann (2001b, 173-174) de tempos na análise – longo, médio e curto – tomados à maneira de tempos do andamento musical.

tempo longo ou quase longo, pois decorrem alguns anos entre as primeiras cenas e a terceira, constituindo-se esta a partir do trabalho clínico que aconteceu nos anos intermediários, não citados explicitamente.

Entretanto, se bem que a “peça” contemple a história – o *tempo longo* – desse atendimento, a forma de narrá-lo está muito próxima do discurso dialógico, das palavras trocadas por Técnica e Analista, o *tempo curto*. Como grande parte dos relatos clínicos narrados mais classicamente, a “peça” adota a configuração *eu disse, ela disse*. Adicionalmente, toma uma liberdade maior ao compor a conversa, misturando sessões e sentidos de diferentes momentos analíticos e, assim, compondo uma nova história. Se são palavras reproduzidas *ipsis litteris* de sessões – que imaginamos terem ocorrido, mas não sabemos – paira a dúvida. Semelhante, nesse sentido, aparentam-se aos diálogos literários já discutidos entre “Borges” e “Bioy” na ficção *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*: seriam factuais?

Mais ou menos fiel ao “original”? Falas específicas, reorganizadas e acopladas ... A ideia é que a Psicanálise, entendida como forma literária, implica narrativas construídas por interpretação. Narrativas orais e escritas, que estão sujeitas ao estilo, preferências, escolhas literárias do analista, não prescritivamente, de dentro do reino análogo. Conto, fábula, poesia. Os gêneros literários, nesse sentido sim, são mais fieis ao caso, porque afirmam eminentemente, sem lugar a dúvida, o lugar da ficção na narrativa clínica. Dessa perspectiva, quanto mais hábil o escritor, melhor a estética da narrativa, e melhor também a composição da *literacura*, do caso clínico. Adão e seu senhor: no papel, com o paciente.

A conclusão é de Herrmann (2002/2008e): “A ficção, apreendendo o estofado psíquico da vida de relações, isola o campo a ser investigado, purifica-o da complexidade infinita de outras intromissões do real e, por fim, recria as condições para nova teorização. Pela ficção, talvez possamos voltar à teoria produtivamente – entendendo por *produtivo* o pensamento que gera saber sobre novo campo da vida anímica.” (p. 287) É essa uma intenção do relato clínico, que eleger uma perspectiva narrativa.

Ester, Técnica, Analista. Personagens de históricos clínicos, encenações psicanalíticas, narrativas, perspectivas. Pinceladas em que pairam encontros e desencontros, no rastro da histeria, de Freud aos nossos dias.

4.ii. Um paciente que são dois (ou mais) – os bilhetes

Preâmbulo

Faz-se necessária uma explicação. Não *a* explicação, porque esta é discutível, e provavelmente não existe, mas alguma. Afinal este relato ainda um caso clínico, são o mais fiel possível – dentro das possibilidades de minha perspectiva clínica, a única a que tenho acesso – à experiência que retrata. Nesse sentido, trata-se de uma perspectiva freudiana, a meu ver, intimamente psicanalítica.

É este um relato de caso clínico com que tenho trabalhado durante alguns anos, tanto no consultório, como fora dele, pois rendeu diversas discussões teórico-clínicas. Por tratar de uma situação difícil e bastante inédita – se bem outros colegas relatem situações algo parecidas, não encontrei bibliografia sobre o tema – rendeu debates ricos. O início do atendimento foi narrado de forma mais clássica e encontra-se publicado, estando aqui reproduzido como subcapítulo 4.iii. Esse relato intercala tempo curto, tempo médio e tempo longo, buscando oferecer uma perspectiva ampla do caso.

Nesta pesquisa a proposta é outra, que produz um relato cuja perspectiva é o período de meados do atendimento. No terceiro ano de nosso trabalho, o que fora encontrado como solução emergencial no início do atendimento – atender simultaneamente dois irmãozinhos que não se desgrudavam – tornara-se uma questão para a clínica: como *desfavorecer a simbiose*? A pergunta, que me contaminou por um tempo, foi sendo transformada e burilada: é possível desfavorecer a simbiose, quando se trata de um paciente que são dois?

A simbiose é uma velha conhecida da clínica psicanalítica, sendo fundamental para o desenrolar de muitos atendimentos, como se viu na relação *Adão/senhor*. De fato, as simbioses são inúmeras. Fazem-se com mãe, pai, irmão, analista... Mas – diz-nos a teoria psicanalítica – trata-se de um meio, não um fim. O fim analítico visa *sempre* à independência, à autonomia, aos recursos internos de cada indivíduo. Em sua conotação patológica, a simbiose foi definida por Bleger (1967).

Entretanto, a ideia de *sempre* é discutível: porque sempre é ou foi assim, será a única maneira? Até que ponto cuidar de uma simbiose simbólica implicaria uma separação efetiva de uma dupla em análise? Os casais, por exemplo, formam simbioses ao se casarem. Nem por isso os separaríamos...

Lamento não oferecer uma solução para esta questão de maneira mais definitiva nesta investigação, que trata – como se sabe – da questão da forma literária da clínica psicanalítica e, quando narrada, da possibilidade de se vislumbrar uma unidade estética. Os bilhetes abaixo dispostos retratam minha interpretação, a partir dos não-ditos do caso – e os não-ouvidos –, do diagnóstico do *campo transferencial*, das resistências. A perspectiva foi transformar em “bilhetes” – entre aspas porque inventados – esses sentidos que povoavam nossas sessões, mas que não podiam, nesse meio do atendimento, ser assimilados com mais desprendimento pelo paciente duplo ou por seus pais.

Minha ideia é que a forma narrativa escolhida de bilhetes traz embutida a ideia do desencontro de sentidos no trabalho com a dupla de irmãos. Nenhum dos bilhetes é respondido, embora se possa lê-los como respostas minhas – minha interpretação – ao que ia acontecendo ao longo desse trabalho. Eu, entretanto, não assino bilhete algum. Clara, digamos, escreve um bilhete para si, reforçando uma ideia de narcisismo. Além dessas considerações, outra favoreceu a escolha da forma que adquiriu esse relato: como os meninos não eram trazidos pelos pais, de fato diversas vezes fez-se necessário recorrer a bilhetes para fazer contato com eles. Os bilhetes (inventados) foram construídos a partir de minha experiência, mas também de minha contratransferência e dos embates teóricos.

Aos desencontros já citados, acrescentem-se outros três: de datas, por atos falhos, de nomes escolhidos para os pacientes-personagens. Quanto às datas, algumas foram suprimidas dos respectivos bilhetes, indicando uma permanência temporal no contexto da última data citada. Já os atos falhos – nada mais que desencontros de sentido – foram incluídos de maneira intencional (penso). E quanto aos nomes – que substituem os dos pacientes que inspiram os pacientes-personagens – usei aqueles publicados no primeiro relato clínico (vide: capítulo 4.iii.), e isto considerando a ideia de *personagens*, a quem não se mudam os

nomes. Entretanto, tomemos o exemplo da peça teatral de Tom Stoppard, que mantém os nomes shakespearianos de Rosencrantz e Guildenstern, embora desenvolva os personagens de uma maneira completamente diferente. De maneira semelhante, o próprio “Adão” é construído a partir do Adão bíblico.

Há, entretanto, certo desencontro de identidades, inclusive ao se compararem os dois relatos, pois estes (pacientes-personagens) não são exatamente aqueles, transcorrido algum tempo. Os “personagens” de meu primeiro relato são retratados de maneira outra no segundo. Seus nomes são mantidos, considerando-se que são *e* não são os mesmos. Apercebi-me que o único a não receber um nome no relato inicial fora o pai, para quem incorporo um nome agora. Qual seria a consequência de considerar pacientes como “personagens” de um relato clínico?

São Paulo, 14 de agosto de 2005

Meu filho Tiago!

Desespera-me sua situação no colégio! Quando eu era pequenina, zombavam de Mim, por muito menos. Eu errava a lição de matemática, e virava motivo de chacota. Que vergonha ser chamada também na sua escola.

Meu filho, por favor, Fale mais em sala de aula! Fale com a professora! Fale com os coleguinhas! Não tenha medo! Você precisa conversar mais com as pessoas, para elas entenderem de uma vez por todas que você não tem limitações intelectuais. Faça-o!

Abraços,

Mãe

P.S. Se você repetir de ano, ou for expulso do colégio, EU Vou Ficar Muito, Mas Muito Zangada Com VOCÊ.

Minha querida esposa,

O Thiaguinho ainda é uma criança. Ele tem tempo para se desenvolver, querida. Irei buscá-lo no colégio, pode ficar tranquila. Jogaremos tênis. Você verá como ele se desenvolverá bem, eu vou ajudá-lo. Ele só precisa ganhar músculo. Agora, Clara, não sei como te dizer, mas você não pode trabalhar desse jeito. Eu e os meninos sentimos sua falta quando você

passa a semana toda no sul, no norte. E também quando passa o fim de semana no quarto, com seu computador, trabalhando. Ou quando fica doente. Eu fico aqui, sozinho, desnorteado, cuidando da reforma da casa. Essa reforma que nunca termina...

Seu marido,

Bentinho

Filho querido! Marquinho! Você é como eu! Esperto, inteligente, divertido! Siga assim e terá sempre sucesso na vida!

Agora estou sem tempo para escrever.

Um afetuoso beijo da Mamãe.

São Paulo, 3 de janeiro de 2007

Cara n'almofada,

Lembro quando marco provocava Ti. Deitava-se aqui, nesta espreguiçadeira, na sala ao lado da sala de crianças, dentro e fora de sua sessão. Tiago ficava sem saber como reagir, seu ego prostrado em espreguiçadeira e ele desorientado. Ia pra debaixo da mesa, ficava de costas, lembra? Hoje os dois brincam, desenham, mostram-se-me por igual.

Exemplos há. Muitos. Como quando Tiago veio até você, requerendo a presença do *Winnie the pooh Caught*, da caminha de bonecas dobrável e do novelo de lã. De lã ou de linha, tanto faz. A mãe pede: Dá! O pai reforça: Forte! Eles são muito exigidos. Mesmo a Fernanda às vezes exige demais, com essa história da teoria da simbiose, mas o desenvolvimento deles é visível pra mim: Marco não reina mais nas sessões analíticas, nem nas brincadeiras. Os dois têm lugar, como par, mas também como indivíduos. Percebo-o claramente, pelo uso lúdico e circense que fazem de mim. Ainda são crianças, os meninos...

AAbraçadeira

Querido Diário,

Meu mirrado marido... Não mais o suporte, ou vejo graça...

O dia está bonito. Claro que o Tiago só podia ter saído desse jeito, com a genética que herdou do pai. Claro que tudo seria mais fácil se ele fosse parecido com o irmão, comigo.

Comigo! Amanhã viajo....

(Estou sendo injusta novamente, fazendo sofrer a todos... Ainda bem que viajo.)

Coloquei o despertador para as 6h00. Melhor tentar dormir um pouco. Vou para Passa e Fica, Rio Grande do Norte, até sexta-feira, e hoje ainda é segunda. O trabalho promete ser duro e estressante... Ainda bem que irei com colegas.

Clara Pinoquiet

08 de dezembro de 2008

Fernanda,

Filho meu nunca precisou de terapia! Essa que é a questão...

Mande saudações aos seus pais. Você pode me mandar os documentos para o seguro médico?

Bento

10 de dezembro de 2008

Olha Fernanda, aconteceu o inimaginável... Clara e eu estamos nos desentendendo.

Sim, Tiago e Marco se juntam mais quando Clara e eu nos desentendemos, consigo observar. E é verdade que eles estão se aproximando da adolescência, e seria importante que ganhassem mais independência. Farei o possível para ajudar você e o seu trabalho com eles, passando a bola e a carta branca pra você. Já esquematizei de buscar os meninos, um dos meninos, quando o outro estiver em sessão com você.

Abraços afetuosos,

Bento

P.S. Nesta semana, como o Marco está gripado, não teremos como levar o Tiago no consultório. Mas os dois pode repor na quarta.

São Paulo, 22 de dezembro de 2008

Tia Fernanda,

Estamos indo passar o Natal com a família da mamãe. A gente queria que você soubesse que entendemos perfeitamente o que você quer da gente. Sabemos que estamos ficando mais velho, precisando ficar mais independente um do outro. A gente já teve essa conversa com o papai e com a mamãe. Até nossa babá veio com esse papo. Mas a gente acha que,

talvez, seja você quem não está entendendo a gente. Fica falando pro nosso pai que somos duas pessoa, que quando um tá doente, o outro não deve ficar em casa, etcetera ... Mas, o que você não está entendendo é que a gente precisa muito um do outro. A gente gosta do outro, e mamãe está viajando. A casa está em reforma, e “é um descanso vir aqui”.

Fernanda, para não perdermos o costume, fizemos um desenho para você. Eu Marco desenhei esse piterodáctilo, que é um homem e uma mulher. A mulher está bordando. Figura combinamos. eu e meu irmão. E você combina com a gente. Lembro que você falou que, quando um piterodáctilo tá doente, o outro fica em casa, como eu e o Tiago. Te respondi que é isso mesmo, porque eles têm duas cabeças, mas um só corpo, um só coração.

2-1=3. Fiz o mesmo desenho duas vezes:



Eu Tiago copieei o desenho do Marco. Mas, se você olhar bem, não copieei igual. Incluí um ninja, que tem o chapéu de chefe. É depois do marco que apareceu um cuidador entre nós. E já estamos ficando adolescentes, como você diz. Quando terminou a sessão, apaguei um pouco do desenho. Não do meu, mas do marcado. Vermelho e vibrante que era, em cima do meu na sua lousa. Passei dois dedos pelo desenho dele. Deixei o meu, menorzinho, mas intacto lá no canto. Você pediu para a gente não se apagar, sabe que geralmente eu me apago, e você se apega. Sei lá o que você quer com os nossos desenhos quando saímos da sua sala... Mas hoje não te apaguei. O desenho do meu irmão você poderá facilmente reconstruir, como a mim. Segue, hoje sim, o meu desenho:



Sentimos saudades,
Paciente-se

Considerações sobre o exercício

“Adão” pode ser pensado como o *everyman* da clínica psicanalítica. Não porque todos digam o mesmo que Adão ou produzam o mesmo *fluxo de consciência*, é claro, mas porque o processo “analítico” a que ele se submete – ou é submetido por seu autor – é análogo ao de qualquer paciente em análise. Dá-se a específica *literacura* de “Adão” por ruptura de campo. No meu caso clínico são os bilhetes inventados que reproduzem (e retratam e constroem) a *literacura* do paciente. O paciente são dois; ou mais, considerando-se Clara, Bento, a babá, os objetos da sala, os sonhos das crianças, as personagens que seus sonhos engendram, os desenhos, eu mesma. O meu é um exercício clínico paralelo ao de Herrmann, considerando especificamente *A infância de Adão*, pois cada análise é a criação de uma história.

É dessa perspectiva que eu não descreveria o *sentido* que surge, e que é tomado em consideração na clínica psicanalítica, como verossímil, mas sim, talvez, como onírico: ele se cria por associação. Assim, a *literacura*, quando psicanálise relatada, é a maneira (particular, literária) como a *ruptura de campo* (universal, psicanalítica) produz uma história, uma *literacura* (unidade estética). É assim que se constrói um caso clínico, na prática da Psicanálise, por e na literatura de ficção. É o particular literário que produz o universal metodológico em cada caso, não o contrário, e inclusive é por isso que teoria

psicanalítica anteriormente construída não pode ser aplicada a um caso. Aliás pode, mas não é daí que se dá o seu sentido.

Perguntei anteriormente: *qual seria a consequência de considerar pacientes como personagens do relato clínico?* Concluo: seria admitir mais efetivamente que o relato clínico é a construção ficcional literária do analista, a partir de sua experiência com o paciente.

* * *

A seguir, reproduzo a primeira experiência de narrar o atendimento com o “paciente que são dois”. O intuito, meramente, é apresentar o contraponto desta...

4.iii. Um paciente que são dois – clínica extensa no consultório¹³⁰

O analisando neste caso é uma dupla de irmãos, um paciente que são dois. Parece estranho, ou no mínimo inabitual, mas o prosseguimento da análise de Tiago, de seis anos, exigiu a presença de seu irmão Marco, de quatro, transformando-se em análise da dupla. Não de um, ou de outro, mas dos dois, em seu relacionamento comigo, como também, necessariamente, entre eles. A entrada do irmão mais novo nas sessões do mais velho foi uma solução encontrada em caráter emergencial, dada a dependência do mais velho para com o caçula. Impôs-se a mim a necessidade de flexibilização da *moldura padrão*, mais conhecida como *setting*, o que resultou em alterações técnicas, pois veremos que a partir da quarta sessão, Tiago recusou-se a continuar entrando sozinho em sala de análise enquanto seu irmão aguardava na sala de espera. O pensamento de Fabio Herrmann foi imprescindível para que eu pudesse considerar esse caso, sessão a sessão, e para o rumo que essa análise tomou.

A transformação da técnica no trabalho analítico, em particular, com crianças, não é inédita. Recuando um pouco e pensando na história da Psicanálise, vemos que a alteração da técnica psicanalítica não é exclusiva da contemporaneidade. De fato, os grandes inovadores técnicos são os clássicos, Melanie Klein (1932/1975) e Sigmund Freud (1909/2003). Klein criou um novo enquadre analítico, ao introduzir a análise de crianças como prática clínica. Freud, se tomarmos seu estudo sobre o pequeno Hans como um relato de caso, também alterou radicalmente a técnica da Psicanálise. Embora nunca tenha estado com o pequeno Hans em situação analítica, conversava com seu pai e o ajudava a tratar do filho, configurando uma forma de atendimento muito longe do “padrão”.

O lugar da Teoria dos Campos é outro. Nela se encontra referencial teórico para dar prosseguimento a um caso que exige distanciamento do padrão, pois permite pensar a função da moldura analítica, ou *setting*: estaria a serviço do método psicanalítico, e não o contrário. Portanto, a questão principal num caso como o dos irmãos é a da extensão da escuta: extensão do que se diz e do que se observa, que não corresponde apenas a uma moldura mais ampla. Isso é para Herrmann a clínica extensa. Parafraseando-o na época de

¹³⁰ Uma versão deste caso clínico foi publicado na revista *Trieb*, X(1-2), em número temático sobre *o infantil*. (Vide Sofio, 2011)

minha qualificação de mestrado: *Clínica extensa não é só uma questão do setting. Aliás, não é em absoluto uma questão do setting. É a superação da questão do setting.* Ou seja, clínica extensa é o desprendimento do padrão.

Nesse sentido, podemos pensar que Freud e Klein fizeram nova técnica, produziram teoria, criaram psicanálises. Herrmann, por sua vez, proporcionou arsenal teórico para se pensar cada feito. Em meu trabalho com os meninos, se verá que encontrei a teoria de Freud e Klein por diversas vezes. Já para considerar o todo do atendimento e o porquê das intervenções, foi em Herrmann que encontrei referencial teórico. Um atendimento nada convencional em que ecoam teorias descobertas/inventadas por três criadores, pelo método psicanalítico, nossos mestres. Veja-se como transcorreu, começando pela primeira entrevista:

A mãe de Tiago, que chamei de Clara, procura-me assustada com o boletim semestral de seu filho. Declara, aflita: “Isto só pode ser timidez! Tiago é inteligente, como podem dizer que não sabe ler ou escrever?” Seu desespero é evidente. Proponho uma primeira entrevista com ela e o filho, e sugiro que esteja presente o pai do menino. No horário marcado, aparecem em meu consultório, Clara, o marido, Tiago e o irmãozinho. Tiago mostra-se, de fato, mais tímido que o irmão menor, este sorridente e sedutor. Meses depois, dou-me conta que o fato de Tiago estar habituado a ver seu irmão mais novo, carismático, seduzir o outro e se sobressair nas atividades que praticam invariavelmente juntos, foi construindo certo padrão de relação de dependência de Tiago para com Marco, evidenciado no campo transferencial desse específico processo analítico de um paciente que são dois, ou seja, em que um irmão se torna imprescindível para o andamento da análise do outro.

Fora do período escolar, me é contado, os irmãos começam uma atividade, como tênis, por exemplo. Pouco tempo depois, Tiago se recusa a continuar e ambos param. Isto também seria o que se renunciava para o prosseguimento do tratamento, quando Tiago e Marco trocam de lugar no meu consultório, Marco adentrando a sala de análise e Tiago ocupando a sala de espera? A desistência dos dois.

Retornemos à entrevista, que toma uma forma muito denunciadora. Clara senta-se a meu lado, quase colada a mim, e fala sem parar. Derramando-se em queixas, só se afasta da possibilidade de compreender a complexidade de sua situação pessoal e familiar. Dá a mim essa função. Pede que eu corrija Tiago cada vez que ele disser algo gramaticalmente incorreto. Parece buscar em mim uma educadora, embora saiba que não sou. E me adverte, se eu não corrigir seu filho: “Ele vai repetir.” Embora omita o complemento, refere-se a repetir o ano escolar, situação na qual ela e eu teremos sido cúmplices do fracasso, sem chance de que se repita a oportunidade de ajudá-lo. Mas a ameaça que as palavras de Clara carregam é muito maior: o sexto ano da vida de Tiago teria sido perdido irremediavelmente.

Ela prossegue, aflita. Tem a ideia de que eu atenda seu filho em português, o que o ajudaria academicamente, embora a família seja de origem estrangeira e eu domine sua língua-mãe. A perspectiva de Clara é que seria maravilhoso se Tiago superasse as dificuldades escolares com o idioma português. Ouço-a com atenção e digo que Tiago ficaria mais à vontade se fizéssemos as sessões em sua língua-mãe, o que é importante para sua análise. Por esse motivo, digo-lhe, não pretendo conduzir a análise em português. Minha resposta mexe no campo habitado por Clara, que pouco a pouco começa a se delinear. Nesse campo, é ela quem determina como devo trabalhar. Se por um lado minha resposta a assusta, por outro a alivia, e lhe traz segurança. Ela se aflige por não saber como lidar com Tiago, e quer confiar que eu a possa ajudar. Não se mostra contrariada. Pelo contrário, afirma que Marco também precisaria de terapia. Ofereço pensar num terapeuta para Marco, como é de praxe. Ela imediatamente responde que não precisa, pois o mais urgente é Tiago, e localiza nele “o problema” da família. Tanto a recusa de um trabalho analítico especificamente com Marco, como o desígnio de Clara, de Tiago ser um “problema”, parece-me, foram prenúncios do percurso pouco clássico que esta análise tomou.

Enquanto Clara despeja lamentos nessa entrevista, os meninos brincam com o pai, num canto da sala. Marco está mais absorto que o irmão na brincadeira, e Tiago se mostra irrequieto, talvez deslocado. Os três escutam o que Clara diz, sentada a meu lado, mas continuam sua brincadeira. Clara compara os irmãos: enquanto Tiago é muito tímido e ela

não compreende por que ele não toma a iniciativa de falar em sala de aula, Marco é como ela, *espontâneo, esperto, rápido*. Reitera a certa altura, seus olhos assustados e ansiosos: “Tiago vai repetir o ano” (grifo meu). Na situação assim criada, é perceptível que para Tiago tudo é apavorante – a escola, o consultório, eu própria –, daí sua dificuldade em entrar mais no jogo de mesa proposto pelo pai, e, é possível, sua dificuldade em falar mais espontaneamente no colégio.

No decorrer da entrevista, pai e filhos permanecem brincando. Clara fala ininterruptamente, tornando difícil a palavra dos outros. Pergunta ao final, aparentemente menos desesperançada quanto à calamidade das circunstâncias, agora que divide sua responsabilidade comigo: “Por que você não vai falar com a diretora? Ela vai te explicar a situação.” O que poderia explicar a diretora, que não Clara? Proponho frequência de duas vezes semanais, o que é aceito pelos pais de Tiago.

Em *après-coup*, dou-me conta que nesse momento, e nessa entrevista, fui violentamente tomada pelo campo transferencial, pela forma impositiva de Clara, identificando-me com ela projetivamente, no sentido kleiniano, com sua angústia de mãe prestes ao fracasso. Também poderíamos pensar, em termos da teoria de Herrmann, que n’algum tempo psíquico entrei de cabeça, para em seguida tomar ar, no campo da angústia proposto por Clara. Coloquialmente falando, a lógica foi esta: “Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay”. Eu sabia que Clara exagerava, mas por via das dúvidas consenti: aceitei sua sugestão de falar com a diretora, contaminada pela preocupação com o fracasso escolar de Tiago, mesmo certa de que Clara exagerava. Também nesse sentido, Clara encontrara em mim a cúmplice que buscava.

Tendo conversado com a diretora, não havia o menor indício de que Tiago pudesse repetir o ano, o que era de se esperar. Clara e eu havíamos compartilhado no campo transferencial o desejo de evitar que se concretizasse o que ela considerava como pior cenário possível – o fracasso escolar. Atravessado por esse fantasma e imerso nesse campo transferencial, em que vigora o desígnio da mãe, Tiago inicia um trabalho comigo. Percebi-o ainda mais claramente depois da experiência de ir à escola.

Em sala de análise, nas duas primeiras sessões, Tiago mostra-se um menino inteligente e criativo. Brinca, criando histórias com os brinquedos da sala e, em parceria comigo, está bastante solto. A partir da terceira sessão, Tiago passa a vir ao consultório acompanhado também por Marco, além da babá. Tiago entra, e a babá e o irmão aguardam na sala de espera. Marco nos olha com seu já característico sorriso sedutor, que ao mesmo tempo revela desolamento, ficando evidente que gostaria de participar. É na quarta sessão que Tiago se recusa a entrar sozinho na sala de análise, tendo indagado: “Se tenho que entrar na sala, por que não o Marco também?” Explico, mas minhas palavras não parecem ressoar – “Porque o espaço é seu. É para você, comigo.” Ele exclama: “Não vou mais entrar!” Segue-se uma enorme e longa gritaria, acompanhada de choro e esperneio por parte do Tiago. Marco nos olha sorridente, vitorioso. Tiago ameaça fugir e foge, Marco olha de relance, inocente. Fora pesado demais para Tiago receber tanta atenção, enquanto seu, por ele considerado, triunfante irmão o esperava na sala de espera. Ao mesmo tempo, não queria ter entregue seu lugar para o irmão, mais uma vez. Tiago descera as escadas do consultório e o ouço chorando ruidosamente no andar de baixo. “Porque vocês não entram juntos?”: é o que consigo perguntar, em meio à confusão. Tiago não aceita, nem mais consegue olhar para mim. Fica no andar de baixo, enfezado. Marco concede gracioso, contente, entra na sala de análise. A babá apenas observa boquiaberta: saia justa.

Creio que Tiago reencenou nesse momento a forma violenta como vivenciou seu destronamento pelo irmão mais novo, que nasceu dois anos depois dele, revivendo-a com ambivalência. Estabelecido um primeiro vínculo comigo, por um lado, exige que o irmão mais novo o acompanhe no processo analítico, questionando seu lugar comigo enquanto o irmão o esperava na sala de espera. Por outro lado, é sofrida a perspectiva de dividir com o irmão o espaço que ocupa comigo. Daí mostrar-se chateado quando convidei os dois a entrarem juntos: por um lado lhe é impossível romper de maneira radical com o padrão de estar sempre acompanhado de Marco, sempre à sua sombra e vendo-o sobressair, mas por outro, a necessidade de estar acompanhado de Marco lhe gera angústia, e é difícil aceitar o irmão mais novo no espaço que começara a conquistar. Isto é, desabitua de ter um espaço exclusivamente para si, Tiago chama o irmão para dentro do enquadre analítico, excluindo-

se, no sentido de repetir o processo de ser-lhe impossível desvencilhar-se da posição de estar à sombra do irmão. Lembro-me da preocupação de Clara com Tiago *repetir*. De fato Tiago repete, não de ano escolar, mas o pavor que sente diante da ausência de Marco e, ao mesmo tempo, o desejo de conquistar um espaço seu, ficando assustado.

Assim se configurou o enquadre de nosso trabalho, pouco classicamente, também me exigindo algum tempo psíquico e de elaboração. Para mim, durante muitas semanas foi difícil pensar nessas sessões como sendo dos dois, não só de Tiago. Não me apropriei imediatamente da ideia de estar diante de uma análise de dupla ou, mais propriamente, de um paciente que são dois, embora o padrão, o nosso, persistisse. Em primeiro lugar, portanto, precisei elaborar essa quebra na moldura analítica: o que começara como estratégia para dar prosseguimento ao trabalho com Tiago tornara-se definitivo nesse trabalho, alterando-se a técnica habitual, tendo em vista a intensa necessidade de Tiago de ter o irmão perto de si. Ser análise de dupla implicou repensar o trabalho: não mais o de Tiago, mas dos dois, em relação entre eles e comigo.

A nova moldura permitiu aparecer a competitividade entre os irmãos, principalmente por minha atenção, requerendo a intervenção *in loco*, e assim trabalhando sua relação. Os pais foram acompanhando esses desenvolvimentos em conversas comigo: ao longo dos meses, por exemplo, a desinibição gradual de Tiago, o desespero de Marco ao sentir o irmão mais independente, a iminência vivida por ambos da possibilidade de perder o espaço comigo, expressada principalmente pela competitividade entre eles.

Outra quebra técnica veio colada a essa. Tiago não sossegou imediatamente, como disse, quando convidei o irmão a entrar na sala de análise com ele. Pelo contrário, permaneceu muito aborrecido, agora sem poder localizar sua angústia, que antes ficara circunscrita à ausência do irmão. Assim, passou várias sessões do lado de fora da sala de análise, na sala de espera, emburrado. Gritava cada vez que o chamava para entrar na sala de atendimento.

A situação exigira de mim ampliar o enquadre da sessão e deixar aberta a porta que dá para a sala de espera, para poder incluir Tiago. Ou seja, as sessões nessa época extrapolaram a

sala de análise, indo para sala de espera, onde também se encontrava a babá. Numa espécie de dança, a princípio desconhecida, transcorria a análise dos irmãos. Eu olhava um pouco o Marco, na sala de análise, depois saía para a sala de espera, depois voltava, me ausentando brevemente, mas estando presente para ambos. É nesse sentido que essa análise implicou uma reformulação técnica. Sem ter tempo de deliberar longamente sobre o que estava em questão – o que, aliás, não é incomum em análise de crianças, tampouco em atendimentos individuais – fui conduzindo o trabalho com os dois, procurando respeitar a raiva e o sofrimento de Tiago. Aos poucos, o mais velho foi ficando menos bravo, talvez menos ressentido.

Nessa época, Marco brincava contente, pedindo que eu passasse mais e mais tempo com ele. Mostrava-se apropriado do espaço que, nesse sentido, fora do irmão. Ao me ver dirigindo-me para a sala de espera, dizia frequentemente algo como: “Tiago não quer entrar. Deixa ele lá!” E queria sentar encostado em minhas pernas. O sentido, quase explícito, era: *Já que ele não quer entrar, brinque comigo. Eu sou o reizinho*. Eu atendia a seu pedido, mas sempre parcialmente, procurando cutucar, mesmo que de leve, a configuração *Marco no palanque/Tiago na sombra*. Tiago passava sessões inteiras chateado na sala de espera, ao lado da babá, e eu inventava estratégias para que permanecesse conosco, para entretê-lo, para que não perdesse o seu lugar.

Uma vez levei para ele um carrinho com que ele brincara nas primeiras sessões. Gostou, quase sorriu, mas não saiu do lado da babá. Chamei-o, convidei-o a entrar, disse que havia muitos outros brinquedos na sala onde estava o irmão. Eu ia e voltava de uma sala para outra. A certa altura dessa sessão, quando o mesmo padrão de isolamento de Tiago se configurava, até mais forte que em sessões recentes, percebi certo jogo de Tiago e optei por uma “maldade”. Entrei mais na brincadeira proposta por Marco e ríamos juntos, demonstrando a Tiago que estava divertido brincar com o caçula. A estratégia funcionou de imediato – Tiago “desistiu de resistir” e veio para a sala de análise, nunca mais voltando a passar sessões inteiras na sala de espera. “Deixa eu ver, deixa eu ver”, e entrou. A moldura analítica foi se reorganizando aos poucos, de acordo com esse momento dos meninos. Primeiro, foi necessário deixar a porta aberta, e Tiago tinha possibilidade de sair da sala de

análise e voltar, conforme lhe fosse necessário, experimentando os dois lugares. Semanas depois, optou pela sala de análise, e a porta pôde ser fechada e trancada. Não mais era imprescindível que a sala de espera fizesse parte da moldura analítica.

Agora é Marco quem fica desconfortável. Passa longos períodos de sessões no banheiro, também fora da sala de análise. Às vezes, sai do banheiro com a calça abaixada para que eu a levante. É evidente que lhe incomoda a atitude mais madura de Tiago, que já consegue brincar na ausência e na presença do irmão, quando este está no banheiro ou na sala de análise. Marco deixara de ser um marco absoluto, o centro de tudo.

Sobre a técnica

Diante desse caso, vemos claramente que a moldura analítica é uma extensão técnica na clínica, que não é fixa ou inalterável. Todos temos uma ideia de como seria uma psicanálise – um paciente (que é um), o enquadre clássico, as quatro sessões por semana (embora essas venham caindo em desuso no trabalho de muitos analistas), o divã. Tiago e Marco nos mostram – ao menos me mostraram – que não precisamos nos sujeitar a essa ideia de psicanálise clássica (em alguns casos, de psicanálise padronizada), quando ela não favorecer o trabalho com o paciente, nem é ela fundamental à análise. O fundamental, no dizer da Teoria dos Campos, é o exercício da função terapêutica do método psicanalítico. (Herrmann, 2005, entre outros e Sofio, 2007: 99-105)

O fato de a análise de Tiago e Marco transbordar para a sala de espera deveu-se às condições do processo analítico que se vinham delineando, diagnosticadas no campo transferencial. Deixando que surgisse essa necessidade de se alterar a moldura padrão, tomou-se em consideração e reinterpretou-se a moldura analítica *sob medida* (Herrmann, 1991b) para esse paciente, que é uma dupla. Ou seja, construiu-se a moldura conforme o decorrer do atendimento o exigiu. Igualmente, aconteceu na inclusão de Marco no processo analítico. Mostrou-se para mim que era esse o paciente que me pedia ajuda, não Tiago ou Marco individualmente. O fato surgiu e pôde ser considerado, produzindo-se um *diagnóstico transferencial*, e isso possibilitou o prosseguimento da análise. Penso que, caso essa flexibilização não fosse permitida, o impacto emocional sobre Tiago seria grande

demais para ele elaborar sozinho, conforme revelara sua enfática afirmação: “Não vou mais entrar!” seguida de choro e gritaria.

Assim, como se disse, *clínica extensa* (Herrmann, 2005) compreende para a Teoria dos Campos a libertação das delimitações impostas pela moldura clássica, em especial quando essas impedem ou prejudicam o processo analítico, ou quando sua modificação beneficiaria o trabalho analítico, e isto tanto dentro como fora do consultório. Clínica extensa, como penso haver ficado claro, independe do local da clínica e trata do redirecionamento da escuta analítica para o sentido humano em qualquer contexto. É uma maneira de considerar a clínica, sem restrição a normas, mas propiciando pensar os sentidos surgidos de cada paciente, independentemente de qual seja o analisando.

Ou seja, clínica extensa implica ser prescindível a psicanálise com “cara” de análise *padrão* (Herrmann, 2005), bem como a viabilização da reinvenção da técnica, sempre e quando necessário for, para favorecer a função terapêutica do método da Psicanálise. Função terapêutica, define Herrmann, entrevistado por Camargo, é o “efeito do ‘quantum’ de psicanálise existente numa análise, numa terapia, numa supervisão” (Herrmann, citado por Camargo, 2004a: 41). É o efeito do *quantum* de psicanálise que está presente em qualquer relação humana. Haveria, então, algo de errado com o *setting* – ou moldura analítica – clássico? Não, claro que não. Sabemos que uma análise mais prolongada, de três ou quatro sessões por semana no divã, pode ser muito fértil e produtiva, contanto que esteja a favor do paciente. Nesse caso, fará parte do âmbito da clínica extensa, deixando de ser análise padrão, pois ela incitará o pensamento à consideração.

No caso de meu paciente, uma dupla, construir a moldura analítica implicou uma interpretação psicanalítica, tomando-se em consideração o campo transferencial. A ideia não é a de que essa configuração seja ou deva ser reaplicável a outro atendimento infantil. Pode ser, como pode não ser. É provável que não seja, visto que serviu a este analisando. Como uma roupa de alta-costura, que pode servir em dois corpos, mas que provavelmente necessitará de ajustes. A alta-costura serve, na obra de Fabio Herrmann, como metáfora para o que ocorre com a técnica, a moldura, a interpretação.

O importante no trabalho analítico, portanto, é estar atento para não traçar um círculo de giz caucasiano, rígido, inalterável, em torno da moldura analítica, da teoria ou da técnica. Preestabelecendo a imobilidade do enquadre, o psicanalista fecha-se para a possibilidade de considerar o melhor enquadre, a melhor roupa sob medida, para cada situação. O padrão abate o pensamento: isto e pronto. A recomendação da Teoria dos Campos é de que se tome em consideração a técnica, sempre diagnosticando se está a favor do paciente ou não. Caso não esteja, a ideia é que se experimente outra coisa.

No trabalho com Tiago e Marco, o enquadre analítico e a técnica foram sofrendo alterações de rumo. Em comparação ao início do trabalho descrito anteriormente, vejamos um recorte de uma sessão recente:

A sessão se inicia com o seguinte diálogo:

Marco (olhando para as tintas guache que pusera na mesa): – Como faço azul-claro?

Tiago: – Misturando azul-escuro e branco. (Fica olhando para o que Marco está fazendo.)

Marco: – Vou fazer o céu. (Começa a desenhar.) Ficou muito claro. Como faço mais escuro?

Tiago: – Põe mais azul-escuro.

Marco: – O branco deixa qualquer cor mais clara. Vou fazer o mar.

Algum tempo depois:

Tiago (para mim): – Vamos jogar Uno?

Fernanda: – Vamos. (Marco continua desenhando.)

É a primeira sessão depois das férias de julho. Chegam alegres, juntos e ao final da sessão saem juntos. Estão em colaboração. Reencontram-me e estão satisfeitos por estarem lá, reestabelecido o ambiente comigo depois das férias. Os irmãos, principalmente Tiago, vêm para uma coisa amigável. A separação das férias não é mais vista como imposição minha, como fora anteriormente.

Tiago mostra-se tranquilo, já ocupando a posição de irmão mais velho. Orienta Marco que, também sossegado, se entretém na atividade que escolheu. É de Marco a iniciativa de começar a fazer algo, enquanto Tiago o observa desenhar. Marco pede ajuda, e Tiago colabora. Não sou eu quem diz como fazer o azul-claro, mas Tiago. Marco mostra aceitar Tiago como seu irmão mais velho, não implicando com ele, nem querendo mandar nele como em sessões passadas. Aprendeu a fazer o azul-claro com o irmão, então faz o mar mais escuro, como quem diz: *Você já me ensinou, mas eu também sei alguma coisa*. Demonstra iniciativa ao experimentar com o azul-escuro. E Tiago, no lugar de irmão mais velho, primeiro vê que o irmão está entretido e depois propõe um jogo comigo. Quando acabamos de jogar, ele quer ver o desenho do irmão. Nenhum dos dois fica de lado nessa sessão.

Parece que é no desenho de Marco que estão as coisas mais penosas, que agora aparecem de forma bastante mais controlada que à época em que ele se fechava no banheiro, por exemplo. No desenho veem-se sua agressividade, a competição entre os irmãos. Marco começara desenhando o céu azul-claro, quando Tiago e eu o assistíamos e o céu, que é base do desenho, denota suavidade. Depois, Tiago e eu fomos jogar e, quando voltamos, Marco desenhara gaivotas pretas – que não existem na natureza – e encoleiradas. Ele, todo preto, segura a coleira. Há um dinossauro vermelho saindo do mar e abocanhando algo no céu. O vermelho e os pretos são marcantes, contrastando com o céu harmônico. Ao contrário das gaivotas e do dinossauro, que estão encoleirados, Marco está solto no desenho, mas ele é preto. Parece que se trata da contenção que ele tem que ter vendo-me brincar com Tiago. Ele gostaria de ter-me inteira para ele, de ser, nesse sentido, sempre “o reizinho” das sessões, mas eu fora brincar com o Tiago. Talvez o vermelho denote que ele está bem vivo ali, querendo ser visto e acolhido por inteiro, enquanto seu irmão e eu jogávamos.

Nesse enquadre flexibilizado, em que o paciente são dois, foi possível trabalhar a relação entre os irmãos. Tiago foi ocupando a posição de irmão mais velho e Marco a de mais novo. Conforme sugere o desenho de Marco, há trabalho pela frente, mas Tiago está menos assustado, menos atravessado pelo fantasma de ser “o problema” da família e, o que parecia incrível, teve notas excelentes no colégio. Marco está sofrendo mais com essa

reestruturação. Gostava de ocupar a posição de quem se sobressaía em relação ao irmão mais velho. O trabalho em clínica extensa favorece o exercício da função terapêutica do método psicanalítico – indica o caso – quando a clínica padrão poderia emperrá-lo.

Pós-data:

Dois anos depois, duas sessões são tomadas como “provas clínicas” da importância do atendimento da dupla – e o desenvolvimento da relação entre os irmãos. Conta-se três anos e meio desde o início de nosso trabalho.

Tiago já faz desenhos próprios, mas até pouco tempo atrás, resignava-se a observar os produzidos pelo irmão. Dois meses antes deste relato, começara timidamente a intervir nos desenhos de Marco, e foi nas últimas sessões que fabricou os primeiros próprios.

Atenho-me a duas sessões que me parecem reveladoras do momento do processo analítico da dupla. Tiago produziu desenhos bastante sofisticados e complexos, que descreverei a seguir e, enquanto isso, Marco produziu desenhos bastante mais simples que de costume, na linha do seu desconforto com o desenvolvimento de Tiago, agora menos violento que antes.

Vale a observação que há duas lousas iguais em meu consultório, uma ao lado da outra. Nos últimos meses, Marco sempre desenhava na que escolhera como “sua”, geralmente produzindo monstros de cor vermelha, os quais se modificaram com o tempo tornando-se menos ameaçadores que de início. Antes de fazer os próprios desenhos, Tiago observava. Ou então, tomava assento frente à lousa ao lado e rabiscava garatujas com caneta preta. Depois apagava, rabiscava mais e apagava de novo, frequentemente cobrindo sua produção de maneira que eu não a visse. Não reagia diretamente às minhas intervenções quanto ao teor de seus desenhos, deixando para mim a função mais clara de observadora, inclusive de observadora do que ele escondia.

Nas sessões, enquanto Marco desenhava monstros relativamente simpáticos, comparados aos que antes fazia, Tiago passou a criar cenários bastante complexos na lousa ao lado, ocupando-a pela primeira vez por inteiro. Criou cenários de guerra, talvez tudo o que ele

pode produzir. Recordaram-me imediatamente as lutas silenciosas que tantas vezes retratara com soldadinhos-bonecos, sem grandes explicações.

As guerras desenhadas por Tiago são disputadas com armas fálicas (vide: desenhos, ao final do ensaio clínico), guerras como que freudianas, pois parecem representar o período de saída da latência. Que potência tem a arma que está no corpo de Tiago, seu pênis? O sentido contido nos desenhos se desvela. Suas armas atiram, matam. Os desenhos de Tiago são coloridos, preponderando o vermelho, o que me parece retratar sua recém-adquirida vivacidade.

Comparo os desenhos de Tiago, das duas semanas subsequentes. No primeiro desenho (vide desenho 1 ao final desta narrativa) está representado o que me parece ser o ápice da ironia. Um homem está posicionado como se estivesse num tanque de guerra, pois sai pelo teto e está armado. Faço essa observação, à qual Tiago replica que não se trata de um tanque de guerra, mas de um carro. Resistência? Porque essa resposta? O homem atira em outro homem, que está a sua frente, e o mata, explica Tiago. Então um helicóptero sobrevoa o carro, e o condutor dispara em sua direção. Vejo que o faz usando uma arma verde, desproporcionalmente grande, e o cano, como que dobrado e flexível, aponta para baixo, embora o homem segure a arma para a frente. Tiago explica que a bala não atinge o homem no carro, mas que dá um rebote no capô e atinge um helicóptero, posicionado atrás do avião. O helicóptero vai cair, me diz, e em seguida desenha outro avião por cima do primeiro e do helicóptero. Então, continua explicando, desce dele alguém para o primeiro avião e o atinge com sua enorme arma vermelha, derrubando-o. Pergunto se o avião vermelho seria o único a não cair, e Tiago me diz que não, pois traz uma bomba (visível no desenho) que ao explodir derrubará também esse avião. Ou seja, o resultado será que todos morrerão.

Na base da folha, Tiago desenha dois ninjas, um maior que o outro. Explica que um deles lança algo em direção ao homem que está ao lado deles, portador de uma grande arma, e o mata, salvando-se. Poderiam ser os ninjas Tiago e Marco, penso eu. Vale notar que todas as

armas representadas no desenho são desproporcionalmente grandes em relação a quem as porta e que os dois ninjas estão desarmados.

É a desproporção das armas em relação aos atiradores que me parece indicar que a guerra em questão é a da saída da latência, conforme dito anteriormente. As grandes armas seriam grandes pênis e representariam a vivência de Tiago de potência/impotência ante o não domínio de sua própria arma, visto que é ainda uma criança de nove anos. Isso parece precisar ser controlado, depositado na lousa, na feitura do desenho.

Também é interessante que todos morram, menos os dois ninjas sem arma de fogo. Os dois, pelo contrário, destroem um homem que porta uma arma potente. Sou chamada a pensar na teoria do Édipo (Freud, 1924/2003: 177-88 e 1905/2003: 185-218), em particular na competição violenta do filho com o pai, que disputa a mãe com o pai, em desigualdade. Segundo Freud, o filho quer ganhar a mãe do pai, mas acaba por desistir da disputa por terror à castração, ou seja, por ter o pai um pênis maior e ser mais forte, podendo cortar o pênis do filho, que está em desvantagem, em retaliação à disputa pela mulher do pai. Assim se soluciona o complexo de Édipo para Freud, por identificação do filho ao pai.

As armas desproporcionalmente grandes no desenho têm, para mim, esse sentido – portadas por figuras humanas simples, infantis, esquemáticas, chamam para si a atenção e tornam-se protagonistas do desenho. A ideia de que algumas armas apontam para baixo reforça o tema da vivência de potência/impotência.

Vale observar que esses elementos são dinâmicos, em processo de serem recolhidos a partir do trabalho com meu paciente duplo, ditando sentidos que permitem ir se construindo, desconstruindo e reconstruindo o interpretante no processo analítico com o paciente, como seria o caso com qualquer paciente. Nessas sessões, as guerras travadas por Tiago me parecem freudianas, e Marco parece estar assumindo uma nova postura em face do desenvolvimento mais maduro do irmão. Veremos como isso se desenvolverá.

Na semana seguinte, Tiago começa desenhando um homem que dirige um carro, e atira numa base militar (desenho 2). Em seguida, esboça meteoritos de gelo, fogo, grama e pedra que vão atingir o cenário, quando Marco se intromete: “Grama?”, pergunta, “Grama não é assustador”, ecoando um comentário meu sobre os monstros de Marco, que não mais eram tão assustadores. Tiago retruca: “São plantas carnívoras”, e Marco se aquieta.

Então, Tiago desenha um homem ao lado da base militar que, ao ver os meteoritos se aproximarem da terra, grita, apavorado: *AAAAAAAAAAAA*. Se algum dos meteoritos esbarrar no planeta Terra, ele cessará de existir, explica Tiago. Conta que é então que uma proteção passa a circunscrever a Terra e os personagens do desenho, que não permitirá que os meteoritos os atinjam. Um homem de pé, em cima do carro, exclama a isso: *Yeeees!* Noto que a arma do que mata tem a cor das plantas carnívoras.

Tomando-se em consideração esses dois desenhos e o caso como um todo, parece que Marco serviu de “escada” para Tiago, como o ator secundário de uma peça de teatro que auxilia o protagonista a levar uma ação a cabo. O protagonista é Tiago, mas ele não se viabiliza sem o irmão caçula. Parece ter passado esses anos todos como que sufocado pela dinâmica familiar; sua mãe o via como “problema”, como se viu, e se identificava com o mais novo que, por sua vez, assumia a posição de “reizinho” etc.

Tal dinâmica pôde ser apaziguada, e Marco está voltando a ocupar o lugar de mais novo, de menininho, e isso se faz notar pela simplicidade de seus novos monstrinhos, quase graciosos. Comigo, os irmãos competem por minha atenção mais em pé de igualdade, diferenciando-se e experimentando-se. Hoje Tiago não fica, nesse sentido, esmagado.

É possível pensar nessas sessões como uma espécie de prova clínica da importância da flexibilização do enquadre nesse caso. A partir dela foi possível trabalhar a vinculação dos irmãos entre si e com a mãe, o que teria sido muito mais difícil, ou impossível, se eu tivesse continuado atendendo apenas Tiago. O trabalho analítico poderia ter ficado inviabilizado, permanecendo assim o padrão de dependência Tiago-Marco, do qual Tiago se defendia forçando situações que punham fim às atividades comuns.

Também vale notar que, como em toda reflexão de um caso clínico trabalhado ao longo dos anos, é no fim que se vai compreender como o paciente chegou à análise, anos antes, visto que é a partir do trabalho com o paciente que se adquire a compreensão do caso. A flexibilização do enquadre permitiu mexer no padrão de Marco mandar em Tiago e, defensivamente, Tiago destruir as conquistas do irmão.

Desenhos 1 e 2 de Tiago:



6. Apanhado final ...

Como este apanhado final faz algumas constatações a partir da discussão maior e das discussões menores desenvolvidas ao longo de minha investigação, é procedente que seja breve. A pesquisa empreendida, teórico-empírica no sentido de concernir à análise de exemplares de Psicanálise específicos, tornou possível considerar psicanálises relatadas como *forma literária*, sendo produzidas no chamado *reino análogo* da Psicanálise (Herrmann, 2006b), a literatura de ficção, caracterizadas por uma particularidade que as diferencia de escritas literárias outras: estão necessariamente estruturadas pelo método psicanalítico, interpretativo por ruptura de campo, descrito por Herrmann (1979) e criado por Freud (1893-1895/2003). Eventualmente, seria possível pensar Psicanálise como forma literária, hipótese à qual minhas investigações apontam.

O ato de perseguir o sentido humano com o sujeito de pesquisa, na clínica com pacientes ou na narrativa ficcional, com supostos pacientes, ou mesmo em aspectos do mundo em que vivemos, dos sentimentos, etc., implicaria a escrita resultante ser: por um lado, investigação psicanalítica, considerando sua estrutura/seu método e, por outro lado, participe do campo literário, haja vista sua *forma*, “aquilo *pelo qual* alguma coisa é o que *é*” (Mora, 1994/2001: 302), identificável como literária. Noutras palavras, construídas por ruptura de campo, perseguindo o novo, seriam produzidas literariamente.

Adicionalmente, nesta pesquisa pôde-se vislumbrar, e constatar interpretativamente, a possibilidade de algumas psicanálises – certamente as quatro *ficções freudianas* (Herrmann, 2002a) estudadas – caracterizarem *unidade estética*, cuja *função e estrutura*, além de sua *qualidade literária*, se harmonizam. Quanto aos relatos construídos no capítulo quarto, sobre a clínica, não afirmaria com certeza essa característica de unidade estética. Não foi uma função desta pesquisa qualificar cada exemplar de Psicanálise, marcando impreterivelmente até que ponto atingiu ou não unidade estética. (Essa tarefa, se retomada, seria mais própria para algum crítico literário que se interesse pelo tema.)

Além de tudo, foi possível especificar a singularidade de, digamos três “categorias” de psicanálises, constituídas como forma literária. São: 1. relatos clínicos psicanalíticos em

geral, como os por mim produzidos, 2. as ficções freudianas de Freud (o que deixa de ser pleonástico uma vez que Herrmann nomeia as suas de, também, freudianas), 3. as chamadas ficções freudianas de Herrmann (2002a), gênero literário e psicanalítico transformado a partir de Freud, dentre as quais destaquei *A infância de Adão* como paradigmática.

A pesquisa aponta, ainda, para a possibilidade da constituição de uma quarta “categoria”, ou seja, ficções freudianas no sentido inaugurado por Herrmann, a partir de Freud, mas eventualmente retomadas por outros autores, que as produziram.

O conceito de unidade estética de Candido foi fundamental para reafirmar a tese de que a Psicanálise pode ser tomada como forma literária. A *unidade estética*, que encontro plenamente nas *ficções freudianas* de Herrmann (2002a), não se encontra necessariamente nos meus relatos clínicos, por exemplo, e por isso os tomo separadamente da literatura de ficção psicanalítica de Herrmann. Aquelas, além de estruturarem-se pelo método psicanalítico, têm uma função particular: contemplam desenvolvimentos teóricos da Teoria dos Campos, construídos por Herrmann ao longo de sua obra. Cada uma delas utiliza estratégias literárias diversas e contempla aspectos psicanalíticos diferentes (na perspectiva discutida no capítulo 2).

Já os meus relatos clínicos também construídos no reino do análogo e fiéis ao campo em que foram engendrados, a intimidade da clínica com pacientes específicos, não entram tão definitivamente no campo da ficção literária.

As quatro “categorias” definem-se como psicanálises por estarem estruturadas pelo método psicanalítico, seu *invariante*, como se disse, e considerando-se sua forma. Como já foi tratado no capítulo 1, a ideia de *invariante* é característica tanto da concepção de *estrutura* em Cândido (1957/2009), como constatável nas psicanálises que se produzem pelo método psicanalítico. Quanto aos meus casos clínicos, para que partilhassem mais propriamente do eventual gênero literário de *ficções freudianas*, por exemplo, far-se-ia necessário tanto aprimorar sua qualidade estética, como contemplar mais amplamente a *função* de discutir

as teorias da Teoria dos Campos, partilhada pelas de Herrmann (2002a), como se disse. Isto sim, é possível afirmar que meus relatos clínicos constituem narrativas ensaísticas, assim partilhando o campo literário.

A discussão quanto aos relatos clínicos, ou outras psicanálises em particular, caracterizarem ou não *unidade estética* é secundária, pois a proposição maior da pesquisa foi pensar se é possível vislumbrar psicanálises – as de Herrmann (2002a) e outras – como forma literária e, a partir disso, engendrar unidade estética. A resposta encontrada é afirmativa. As psicanálises, sendo construídas como forma literária, guardam ainda este parentesco com a literatura de ficção. Assim, para além da ideia desta ser tomada como *reino análogo* (Herrmann, 2006b) daquelas, as psicanálises podem desempenhar bem ou mal sua(s) *função(ões)*. Ou seja, ocorre às psicanálises o mesmo que a quaisquer ficções literárias: há boas, cuja *função* e *estrutura* encontram-se em harmonia, e há más, nas quais essa harmonia não se encontra.

É possível afirmar que os resultados obtidos nesta investigação indiquem o início, não o fim, de um percurso. Nesse sentido, torna-se de interesse considerar mais uma vez o que havia inicialmente sido pensado como subtítulo da pesquisa, “uma interpretação dentro da Teoria dos Campos”, mas que se mostrou excessivamente controverso. Dá-se que minha investigação nasce, inquestionavelmente, da Teoria dos Campos. Contempla clinicoteoricamente, desde seu estágio primeiro, a investigação da *teoria do análogo* (Herrmann, 2006b) e das *ficções freudianas* de Herrmann (2002a). Mas ela não se limita à Teoria dos Campos.

Teoria dos Campos é, de fato, um termo outro para *Psicanálise*. Ela contempla, nas palavras de Herrmann (1999a): “uma espécie de *interpretação*: uma forma de ver a Psicanálise e, conseqüentemente, uma forma de ver a psique.” (p. 21)¹³¹ Pode ser tomada: “como *interpretação da Psicanálise*”. (p. 37) Ou seja, a Teoria dos Campos não se propõe

¹³¹ É esta a citação mais completa: “A Teoria dos Campos não é um comentário da obra de Freud, muito menos um comentário desabonador. Tampouco é uma teoria independente, ou uma escola psicanalítica, mas uma espécie de *interpretação*: uma forma de ver a Psicanálise e, conseqüentemente, uma forma de ver a psique.” (Herrmann, 1999a: 21)

como exclusiva, nem como interpretação correta, o que implica uma contradição dos termos, como vimos. Assim, num certo sentido a minha é uma pesquisa *dentro* da Teoria dos Campos, mas não *apenas*. Ela se propõe como uma pesquisa em Psicanálise.

Assim sendo, outras pesquisas poderiam certamente ancorar-se nesta. Por exemplo, poderia ser de interesse analisar outras psicanálises desta ótica. Por um lado, talvez se pudessem contemplar mais propriamente as *ficções freudianas* de Herrmann como constituindo um gênero literário particular, subgênero das ficções psicanalíticas em geral, tarefa, como dito anteriormente, mais provável para um crítico literário. A ideia é que o terreno casto a ser explorado no campo da pesquisa psicanalítica é muito amplo: há muito por se explorar. Contando pouco mais de cem anos, a “ciência” jovem da Psicanálise empenha-se para se afirmar; embora a grande maioria de seus seguidores escritores – não me parece forçado afirmar – tenha tido produção tímida.

Assim, encontro um paralelo com a tão citada – porque tão prezada – obra prima de Candido (1957/2009). Ele falava da literatura brasileira, de uma perspectiva dos anos 1950. Falo das poucas psicanálises – também brasileiras, mas não só – que puderam ser construídas, discutidas ou não nesta tese, e se incluem como parte compositiva da jovem ciência em construção à qual chamamos Psicanálise. Dissemos que esta alinha-se à literatura de ficção, por tê-la como reino análogo. Dois campos do saber, dos quais depreende-se um sentido semelhante: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime.” (Candido, 1957/2009: 11)

A porta de entrada para a discussão empreendida fica aberta.

7. Referências bibliográficas¹³²

Andrade, M. (2007/2008) A dona ausente. *Literatura e sociedade: Psicanálise*, 10, 272-277. (Trabalho original publicado em 1943).

Andrade, O. (2007/2008) Análise de dois tipos de ficção. *Literatura e sociedade: Psicanálise*, 10, 266-271. (Trabalho original publicado em 1938).

Aristóteles (1961) *The poetics*. In Fergusson, F. *Aristotle's Poetics*. (S.H. Butcher, trad.). New York: Hill & Wang. (Trabalho original de 330 A.C.)

Arrigucci Jr., D. (1995, 03 de abril) Borges ou do conto filosófico. *Caderno especial do Jornal Folha de São Paulo*, pp. 16-19.

Arrigucci Jr., D. (1998) Teoria da narrativa: posições do narrador. *Jornal de Psicanálise*, 31(57), 9-44.

Arrigucci Jr. D. (2007/2008) Entrevista com Davi Arrigucci Jr. *Literatura e sociedade: Psicanálise*, 10, 312-323. (Trabalho original publicado em 2005).

Azevedo, B.H. (2011) *Crise pseudoepiléptica: corpo histeria e dor psíquica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bachelard, G. (1985) *O direito de sonhar*. (J.A.M. Pessanha, J. Raas, M.L.D.C. Monteiro e M.I. Raposo, trans.) São Paulo: Difel. (Trabalho original publicado em 1970)

Bachelard, G. (1977) *Epistemologia: trechos escolhidos por Dominique Lecourt*. (N.C. Caixeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Bastide, R. (1971) *Usos e sentidos do termo "estrutura"*. (M.H.S. Cappellato, trad.) São Paulo: EDUSP.

Benjamin, W. (2008) Experiência e pobreza. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (S.P. Rouanet, trad., Vol. 1, pp. 114-119). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933)

Benjamin, W. (2007) Franz Kafka: on the tenth anniversary of his death. *Illuminations*. (H. Zohn, trans., pp. 111-140). New York: Schocken. (Trabalho original publicado em 1934)

Benjamin, W. (2008) O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (S.P. Rouanet., trad., Vol. 1, pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1936)

¹³² Segui o modelo de referências APA – American Psychological Association.

- Bíblia. (2004) Português. *Bíblia de Jerusalém*. (E.M. Balancin, trad.) São Paulo: Paulus.
- Bíblia. (2009) Português. *Bíblia sagrada*. (Monges Beneditinos e Maresous (Bélgica), trads.) São Paulo: Ave Maria.
- Bion, W. (1967) Notes on memory and desire. *The psychoanalytic forum*, 2(3). New York: Psychiatric research foundation.
- Bleger, J. (1967) *Simbiosis y ambigüedad: estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- Booth, W. (1983) *The rhetoric of fiction*. Chicago: University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1961)
- Borges, J.L. (1974) La duración del infierno. *Discusión*. In *Jorge Luis Borges, obras completas, 1923-1972*. (pp. 235-238) Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1929)
- Borges, J.L. (1974) Avatares de la tortuga. *Discusión*. In *Jorge Luis Borges, obras completas, 1923-1972*. (pp. 254-258) Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1932)
- Borges, J.L. (versão digital) Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. *Revista Sur*, 68, 30-46. Buenos Aires: Fundación Sur. (Trabalho original publicado em 1940)
- Borges, J.L. (2009) Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. (Trabalho original publicado em 1940) *Ficciones*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1944)
- Borges, J.L. (1974) La escritura del Dios. *El Aleph* In *Jorge Luis Borges, obras completas, 1923-1972*. (pp. 596-599) Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1949)
- Borges, J.L. (2010) Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. *Antología de la literatura fantástica*. (Borges, J.L., Casares, A.B. e Ocampo, S., orgs.) Buenos Aires: Desbolsillo, pp. 106-21. (Trabalho original publicado em 1965)
- Budge, E.A.W. (1967) The papyrus of ani. *The Egyptian book of the dead*. New York: Dover. (Trabalho original publicado em 1895)
- Camargo, A.C.C. (2004a) Entrevista a Fabio Herrmann (dezembro de 2004). *Clínica extensa*. Dissertação de mestrado. (pp. 40-54) Departamento de Psicanálise, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Camargo, A.C.C. (2004b) *Clínica extensa*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicanálise. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Campos, H.D. (2008) *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1981)

Candido, A.M.S. (2009) *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. São Paulo: Ouro sobre azul. (Trabalho original publicado em 1957)

Candido, A.M.S. (2006) Estrutura literária e função história. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. (Originalmente publicada em 1961)

Candido, A.M.S. (2002) A literatura e a formação do homem. *Textos de intervenção: seleção*. (V. Dantas, apres. e notas) São Paulo: Duas cidades. (Originalmente conferenciado em 1972)

Candido, A.M.S. (2004) O direito à literatura. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul. (pp. 169-191) (Trabalho original de 1988)

Candido, A.M.S. (1997, setembro) Entrevista. *Revista investigações. Linguística e teoria literária*, 7, 7-39. Pernambuco.

Cariello, G. (1957) Hipertextos para: O escritor argentino e a tradição (fragmentos). (F.S.D. Nardi, trad., pp. 151-162) *Discusión*. In *Jorge Luis Borges, obras completas, 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1929)

Casares, A.B. (2010) Prólogo. (Borges, J.L., Casares, A.B. e Ocampo, S., orgs.) *Antología de La literatura fantástica*. Buenos Aires: Desbolsillo, pp. 7-14. (Trabalho original publicado em 1940).

Cortázar, J. (2001) Del cuento breve y sus alrededores. *Último round: trabajos de estiramiento*. Buenos Aires: Siglo veintiuno. (Trabalho original publicado em 1969)

Cortázar, J. (2006) Do conto breve e seus arredores. *Valise de cronópio*. (D. Arrigucci Jr. e J.A. Barbosa, trads.; H. Campos e D. Arrigucci Jr., orgs.) São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1969)

Cunha, A.G.D. (2010) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon. (Trabalho original publicado em 1982)

Deleuze, G. *Foucault*. (C.S.A. Martins, trad.) São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1986)

Ellmann, R. (1982) *James Joyce. The first revision of the 1959 classic*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press. (Trabalho original publicado em 1959)

Foucault, M. (1994) Que'est-ce qu'un auteur? *Dits et Écrits: 1954-1988*. Paris : Gallimard, pp. 786-821. (Trabalho original publicado em 1969)

Foucault, M. (2010) What is an author? *The Foucault Reader*. New York: Vintage books, pp. 73-104. (Trabalho original publicado em 1969)

Foucault, M. (1997) Nietzsche, Freud, Marx. *Nietzsche, Freud, Marx*. (J. Lima Barreto, trad). São Paulo: Princípio. (Trabalho original publicado em 1975)

Frayze-Pereira, J.A. (2004) Estética, psicanálise implicada e crítica de arte. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2), 443-452.

Frayze-Pereira, J.A. (dezembro, 2007a) Da arte de interpretar o paciente como obra de arte. *Jornal de Psicanálise*, 40(73), 133-144.

Frayze-Pereira, J.A. (2007b) O impensado de Leda Herrmann. Sobre a morte do autor e o nascimento do leitor. *Percurso. Revista de Psicanálise*, 38, 31-8.

Frayze-Pereira, J.A. (2010a) *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê. (Trabalho original publicado em 2006)

Frayze-Pereira, J.A. (2010b) Psicanálise como ciência poética: interpretação e cura. (L. Herrmann et. al, orgs.), *Interpretação e cura. V Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos Por escrito*. (pp. 255-263) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freud, S. (2003) Señorita Elisabeth von R. (Freud). In Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud). *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud*. (Vol. II, pp. 151-194) Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Freud, S. (2003) Carta 69 (21 de setiembre de 1897). *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud*. (Vol. I, pp. 301-302). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1987). A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4 e 5) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2003) Tres ensayos de teoría sexual y otras obras. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud*. (Vol. VII, pp. 185-218). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2003) El delirio y los sueños en la *Gradiva* de W. Jensen. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud*. (Vol. IX, pp. 1-88). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1907)

Freud, S. (2003) Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud*. (Vol. X, pp. 1-118). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909).

Freud, S. (2003) Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descripto autobiográficamente. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XII, pp. 1-76). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (2003) 4ª conferencia: los actos fallidos. (conclusión) *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XV, pp. 53-72). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915a)

Freud, S. (2003) Lo inconsciente. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XIV, pp. 153-214). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915b)

Freud, S. (2003) Puntualizaciones sobre el amor de transferencia (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III) *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XII, pp. 159-174). Buenos Aires, Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915c)

Freud, S. (2003) Lo ominoso. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XVI, pp. 227-237). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (2003) Más allá del principio de placer. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XVIII, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2003) III. El yo y el superyo (ideal del yo). In El yo y el ello. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XIX, pp. 30-40). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (2003) El sepultamiento del complejo de Edipo. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XIX, pp. 177-188). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (2003) Fetichismo. *Sigmund Freud: obras completas. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey, con la colaboración de Anna Freud.* (Vol. XXI, pp. 141-152). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)

Gifford, D. e Seidman, R.J. (2008) *Ulysses Annotated, Notes for Joyce's Ulysses.* London: University of California. (Trabalho original publicado em 1974)

Gullar, F. (2000) Traduzir-se. *Na vertigem do dia*. Rio de Janeiro: Civilização. In *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio. (Trabalho original publicado em 1980)

Hegel, G.W.F. (2010) *O sistema das artes: curso de estética*. (A. Ribeiro, trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1820-1829)

Herrmann, F. (texto não publicado a) *Anotando a china (viagem psicanalítica ao oriente)*.

Herrmann, F. (texto não publicado b) *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*. 188 pp.

Herrmann, F. (texto não publicado c) Quem faz o que é feito? In Terceira meditação: o tempo, o sujeito e a cura. *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*.

Herrmann, F. (texto não publicado d) Segunda meditação: O análogo. *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*.

Herrmann, F. (1979) *Andaimos do real: uma revisão crítica do método da Psicanálise*. São Paulo: E.P.U.

Herrmann, F. (1983, 18 de junho) *Horkos* ou “Pelos charutos de Freud”. *Folha de São Paulo*, Folhetim, pp. 8-9.

Herrmann, F. (1986a) Convergências e divergências entre as várias teorias e práticas psicanalíticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 20(4), 553-565.

Herrmann, F. (1986b) Sobre o ofício da função terapêutica. In *Simpósio de las Américas*. Gualajara, México.

Herrmann, F. (1989) Introdução e interpretação: a invariância do método nas várias teorias a práticas clínicas. *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. (S.A. Figueira, org., pp. 7-34) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1988)

Herrmann, F. (1991a) *Andaimos do real: o método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1979)

Herrmann, F. (1991b) *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.

Herrmann, F. (1994) Mal-estar na cultura e a Psicanálise no fim de século. (Junqueira Filho, L.C.U., coord.) *Perturbador mundo novo: história, psicanálise e sociedade contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Herrmann, F. (1999a) *A psique e o eu*. São Paulo: HePsiquê.

Herrmann, F. (1999b) O momento da Teoria dos Campos na Psicanálise. *O psicanalista hoje e amanhã: o II encontro da Teoria dos Campos por escrito*. (L.M.C. Barone et. al, orgs., pp. 11-24) São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Herrmann, F. (2000a) A cura. *Jornal de Psicanálise*, 33(60/61), 425-444.
- Herrmann, F. (2000b) Entrevista: Fabio Herrmann. *Jornal de Psicanálise*, 33(60/61), 63-88.
- Herrmann, F. (2001a) *Andaimes do real: psicanálise do cotidiano*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Herrmann, F. (2001b) *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2001c) O momento da Psicanálise. *Andaimes do real: psicanálise do cotidiano*. (pp. 12-32) São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Herrmann, F. (2002a) *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2002b) Da clínica extensa à alta teoria: a história da Psicanálise como resistência à Psicanálise. *Percurso Revista de Psicanálise*, 15(29), 15-20.
- Herrmann, F. (2002c) Daqui p'ra frente. *O psicanalista: hoje e amanhã. O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L.M.C. Barone et. al., orgs., pp. 281-291) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2003a) A travessia da incerteza (sobre a clínica extensa no consultório). *Jornal de Psicanálise*, 36(66/67), 167-196.
- Herrmann, F. (2003b) Resenha de *A viagem – da literatura à psicanálise*, de Noemi Moritz Kon. *Ide*, 38, 99-101.
- Herrmann, F. (2004) Pesquisando com o método psicanalítico. *Pesquisando com o método psicanalítico*. (F. Herrmann e T. Lowenkraun, orgs., pp. 43-83) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2005) Clínica extensa. *A Psicanálise e a clínica extensa: III encontro da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Barone et. al., orgs., pp. 17-31) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006a) *Andaimes do real: psicanálise da crença*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1998)
- Herrmann, F. (2006b) O análogo. *Revista Educação. Especial: biblioteca do professor: Freud, 1.*, 74-83.
- Herrmann, F. (2007, junho) Sobre a infância de Adão. *Percurso. Revista de Psicanálise*, 38, ano XIX, 11-22.

- Herrmann, F. (2008a) Freud e o pensamento por ruptura de campo. *Ruptura de campo: crítica e clínica. IV Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Herrmann et al., orgs., pp. 13-16). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2008b) Pensamento por ruptura de campo. *Ruptura de campo: crítica e clínica. IV Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Herrmann et al., orgs., pp. 27-32). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2008c) A interpretação e suas teias. *Ruptura de campo: crítica e clínica. IV Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Herrmann et al., orgs., pp. 209-216). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2008d) A arte da interpretação. *Ruptura de campo: crítica e clínica. IV Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Herrmann et al., orgs., pp. 255-259). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2007/2008e) A ficção freudiana. Nota introdutória. *Literatura e sociedade: Psicanálise, 10*, 278-285. (Trabalho original publicado em 2002)
- Herrmann, F. (2012a) Sobre a verdade como tensão entre invenção e descoberta (I//V//D). *Revista Brasileira de Psicanálise, 46*(3), 65-77.
- Herrmann, F. e Herrmann, L. (2012b) Quem? Hoje, Joyce. *Revista Ide, 34*(53), 109-122.
- Herrmann, L. (2005) Introdução à Teoria dos Campos: conceitos metodológicos. *A Psicanálise e a clínica extensa. III encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Barone, et. al., orgs, pp. 33-39). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, L. (2006) A episteme da Psicanálise: uma contribuição da Teoria dos Campos. *Jornal de Psicanálise, 39*, 81-96.
- Herrmann, L. (2007) *Andaimos do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2004)
- Herrmann, L. (2010) Teoria dos Campos: uma psicanálise brasileira. *Reflexões Psicanalíticas 2009*. (pp. 181-197). São Paulo: Artes Médicas.
- Herrmann, L. (2012, 17-18 de agosto) O par analítico: uma conversa estranha. *Encontro Ítalo-Brasileiro de Psicanálise. Congresso Internacional sobre Corpo em Psicanálise, VII*, Aracaju, SE.
- Hinshelwood, R., Robinson, S. e Zarate, O. (2011) *Melanie Klein: a graphic guide*. London: Icon. (Trabalho original publicado em 1997)
- Hobbes, T. (1985) *Leviathan*. London: Penguin Classics. (Trabalho original publicado em 1651)

James, W. (2007) *The principles of psychology*. (Vol. 1.) New York: Cosimo classics. (Trabalho original publicado em 1889)

Japiassú, H. (1976) *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: F. Alves.

Jones, E. (1989) *A vida e a obra de Sigmund Freud*. (Vol. 2., J.C. Guimarães, trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953)

Joyce, J. (2000) *Dubliners*. New York: Penguin Modern Classics. (Trabalho original publicado em 1914)

Joyce, J. (2003) *A portrait of the artist as a young man*. New York: Penguin Classics. (Trabalho original publicado em 1916)

Joyce, J. (1990) *Ulysses*. New York: The Gabler Edition (Vintage). (Trabalho original publicado em 1934)

Joyce, J. (2012) *Finnegans Wake*. Oxford: Oxford World's Classics. (Trabalho original publicado em 1939)

Kafka, F. (1971a) Description of a struggle. *The complete stories*. (pp. 9-51) New York, Schocken. (Trabalho original publicado em 1908)

Kafka, F. (1971b) The judgment. *The complete stories*. (pp. 77-88) Nova York: Schocken. (Trabalho original publicado em 1912)

Kafka, F. (2008) *Letter to my father*. (H. Coyler, trans.) North Carolina, USA: Lulu. (Trabalho original de 1919)

Kafka, F. (2009) *The trial*. Oxford, Inglaterra: OUP Oxford. (Trabalho original publicado em 1925)

Kafka, F. (1961) *Parables and paradoxes: in German and English*. (C. Greenberg, E. Kaiser et al., trans.) New York: Schocken. (Trabalho original publicado em 1935)

Kafka, F. (1976) *Diaries, 1910-1923*. (J. Kresh, M. Greenberg e H. Arendt, trans.) New York, Schocken. (Trabalho original publicado em 1948)

Klein, M. (versão digital) Notes on some schizoid mechanisms. *The international journal of Psychoanalysis*, 27, 99-109. (Trabalho original publicado em 1946)

Klein, M. (1975) The psycho-analysis of children. *The writings of Melanie Klein*. (A. Strachey, trad.). London: Hogarth. (trabalho original publicado em 1932).

Kon, N.M. (2003a) *A viagem: da literatura à Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2001)

- Kon, N.M. (2003b) Ficções freudianas, ficções herrmannianas. *Ide*, 37, 95-99.
- Kuhn, T.S. (1996) *The structure of scientific revolutions*. (3ª ed.) Chicago: University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1962)
- Laplanche, J. e Pontalis, J.B. (2001) *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Leite, D.M. (1979) *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Nacional/EDUSP.
- Lenin, V.I. (1981) *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Global. (Trabalho original publicado em 1920)
- Lévi-Strauss, C. (1968) *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. (E.P. Coelho, seleção e intro.; M.E.R. Colares, A.R. Rosa e E.P. Coelho, trads.). Lisboa: Portugalia. (Trabalho original publicado em 1963)
- Lucia, M.C.S.D., Herrmann, F. et. al. (manuscrito) *Avaliação e intervenção psicanalítica de pacientes com diagnóstico prévio de pseudoepilepsia a partir da Teoria dos Campos: proposta preliminar*.
- Mannoni, M. (1982) *A teoria como ficção: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan*. (Trad. R.C. Lacerda & W. Dutra). Rio de Janeiro: Campus. (Trabalho original publicado em 1979)
- Marx, K. (2010) *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1857)
- Marx, K. e Engels, F. (2007) *Manifesto of the Communist Party*. (S. Moore, trad.) Virginia, VA: Wilder. (Trabalho original publicado em 1848)
- Maupassant, G.D. (1909) *Le horla: – le voyage du horla – un fou?* Paris: Louis Conard. (Trabalho original publicado em 1887)
- Melsohn, I. (1991) Notas críticas sobre o inconsciente, sentido e significação: a função expressiva e a constituição do sentido. *Ide*, 21, 18-47.
- Meneses, A.B.D. (2005) A literatura e a organização da experiência. *A Psicanálise e a clínica extensa. III encontro psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Barone et al. orgs., pp. 121-136) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Molloy, S. (1999) *Las letras de Borges*. Rosario, Argentina: Beatriz Viterbo.
- Mora, J.F. (2001) *Dicionário de filosofia*. (R.L. Ferreira e A. Cabral, trads.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1994)

Nunes, B. (2002) Literatura e filosofia: (Grande sertão: veredas). *Teoria da literatura em suas fontes* (L. Costa Lima, org., Vol. 1, pp 199-220). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Olmos, A.C. (2005) *Por que ler Borges*. São Paulo: Globo.

Passos, C.R. (1995) *Confluências – crítica literária e psicanálise*. São Paulo: EDUSP.

Pereira, S.M.C.P. et. al. (2005) Pseudoepilepsia: avaliação e intervenção psicanalíticas através da Teoria dos Campos. In *Congresso Interamericano de Psicologia da Saúde: Território e Percursos do Psicólogo Hospitalar*, III, São Paulo.

Perrone-Moisés, L. (2007/2008) A fala esvaziada em Nelson Rodrigues. *Literatura e sociedade: Psicanálise*, 10, 58-69.

Pessoa, F. (1996) A voz de Deus. *Poesias ocultistas*. (J.A. Neves, p. 50) São Paulo: Aquariana.

Pessoa, F. (1984) Duas cartas a Adolfo Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos. In Tabucchi, A. *Pessoana mínima: escritos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda. (Carta original de 1935)

Petot, J.M. (2003) A inveja. *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto: 1932-60*. (P.B. Haber et. al., trans., pp. 155-162) São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1982)

Pontalis, J.B. (1994) A estação da Psicanálise. (M. Marques, trad.) *Jornal de Psicanálise*, 27(52), 95-112.

Pontalis, J.B. (1998) Processo ou travessia? (M. Marques, trad.) *Jornal de Psicanálise*, 31(57), 265-275.

Proust, M. (2005) *A la busca del tiempo perdido*. (M. Armiño, trad. y notas). Madrid: Valdemar. (Trabalho original publicado entre 1913 e 1927)

Rimbaud, A. (1967) Une saison en enfer. *Rimbaud: complete work, selected letters*. (pp. 173-211) Chicago: Chicago University Press. (Trabalho original publicado em 1873)

Rosa, J.G. (2001) *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1967)

Rosenbaum, Y. (2012, dezembro) Literatura e psicanálise: reflexões. *FronteiraZ: revista digital do programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária da PUC-SP*, 9, 225-234.

Sampaio, C.P. (2000) *Ficção literária: terceira margem na clínica psicanalítica*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Sampaio, C.P. (2005) Conjugações entre Psicanálise e literatura. *A Psicanálise e a clínica extensa: III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. (L. Barone et. al. orgs., pp. 163-182) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sarlo, B. (2007) *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1993)

Shakespeare, W. (1957) *The tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*. Baltimore: Penguin Books. (Trabalho original publicado entre 1599 e 1601)

Sofio, F. (2007) *Função terapêutica e hospital: onde há Psicanálise?* Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Sofio, F. (2008) A riqueza da Teoria dos Campos no trabalho clínico e acadêmico: rigor teórico e flexibilidade literária. *Fabio Herrmann – uma viagem psicanalítica*. (pp. 225-234) São Paulo: Pedro e João Editores.

Sofio, F. (2009, dezembro) O conceito de erro necessário levado às últimas circunstâncias: “O escorpião e a tartaruga”. *Percursos. Revista de Psicanálise*, 42(ano XXI), 101-106.

Sofio, F. (2010) *Literacura?* Psicanálise como forma literária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 149-55.

Sofio, F. (2011) Um paciente que são dois – clínica extensa no consultório. *Revista Trieb*, X(1-2), 129-146.

Sofio, F. (2012a) A Psicanálise na UTI. In *Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina*, XXIX, São Paulo.

Sofio, F. (2012b) Description or *storytelling* as production of reality. *Kafka's Description of a struggle*. (manuscrito)

Sofio, F. e Mohallem, J.C. (2006) Pseudo-epilepsia y la histeria. In *Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina*, XXVI, Lima, Peru.

Stella, F. e Pereira, M.E.C. (mar. 2003) Semiologia e características clínicas das crises pseudoepilépticas. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, VI(1), 109-129.

Taffarel, M. (2005) *O método psicanalítico – sua identificação desde a história da Psicanálise e sua relação com o método nas ciências*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Viala, A. (January, 2004) Review: Le littéraire, qu'est-ce que c'est? *French studies: a quarterly review*, 58(1): 149-150.

Waltke, B.K. (2005) The valiant wife (31: 10-31). *The book of proverbs: chapters 15-31. The new international commentary on the Old Testament.* (pp. 510-532) Cambridge, Reino Unido: Eerdmans.

Weiner, J. S. (1980) *The Piltown forgery.* New York: Dover. (Trabalho original publicado em 1965)